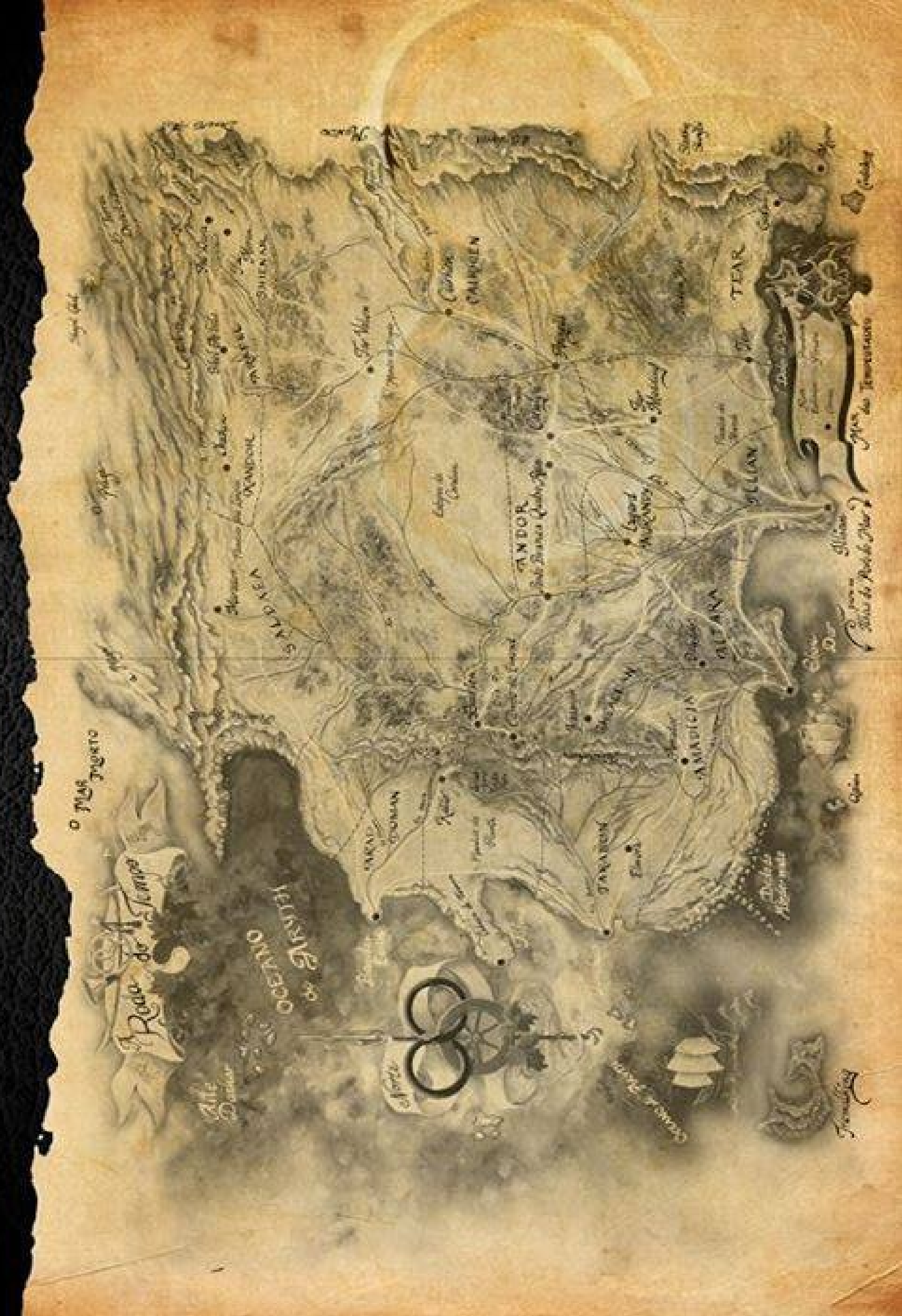




# A RODA DO TEMPO

# O MAPA MÚNDI



# **Nova Primavera**

## **Série A Roda do Tempo**

(Título original: New Spring)

Autor: ROBERT JORDAN

Tradução de Kitty Vilarino

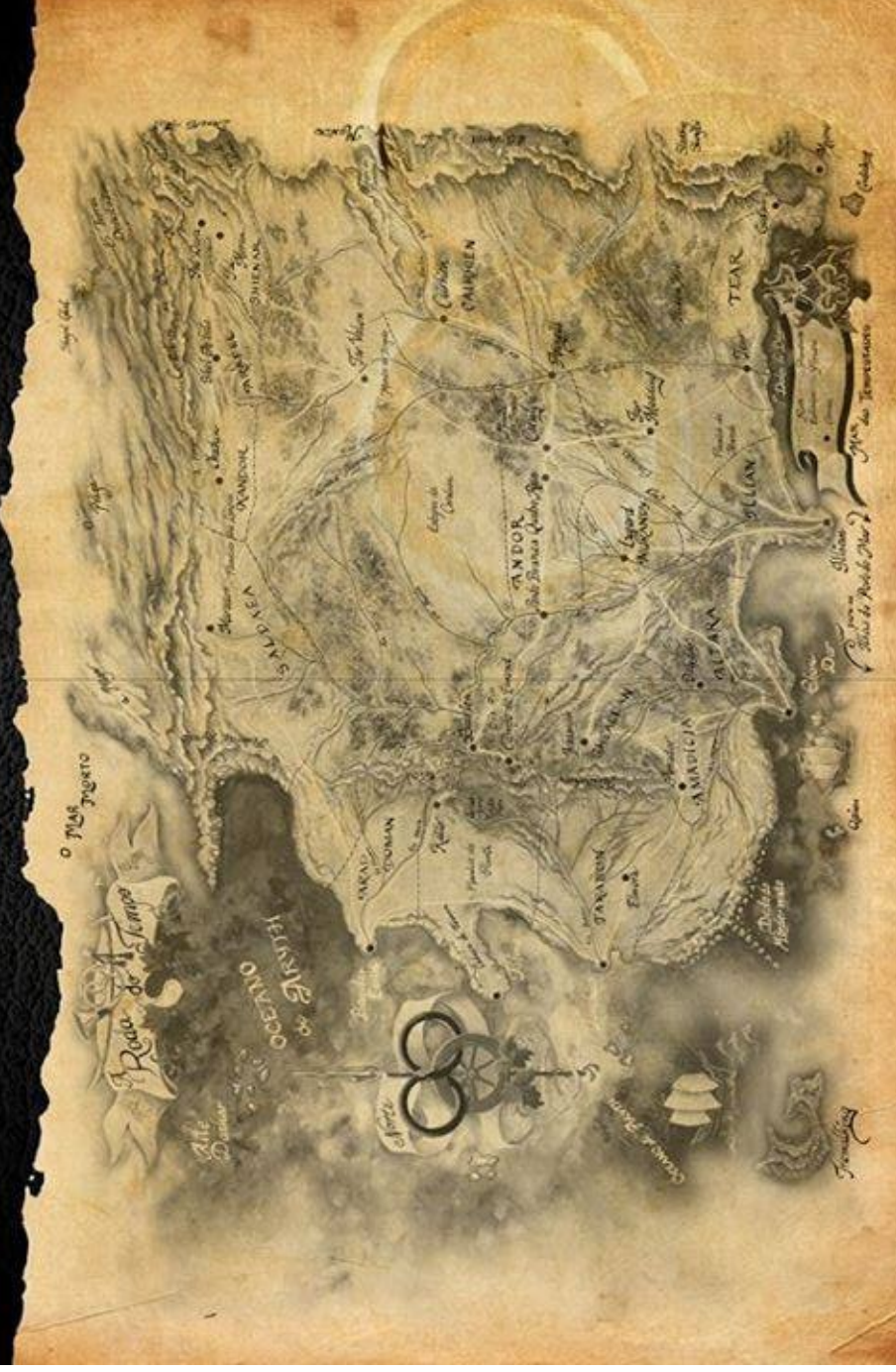
# Índice

[A “Foice”](#)  
[Um Desejo Realizado](#)  
[Ensaio](#)  
[Saída da Torre](#)  
[O Coração Humano](#)  
[Surpresas](#)  
[O Comichão](#)  
[Vestígios de Serenidade](#)  
[O Início](#)  
[O Final](#)  
[Antes do surgir da aurora](#)  
[Chegada ao lar](#)  
[Negócios na cidade](#)  
[Mudanças](#)  
[Em Canluum](#)  
[Ribanceiras](#)  
[Um advento](#)  
[Numa ruela estreita](#)  
[Água do lago](#)  
[Desjejum em Manala](#)  
[Alguns truques com o Poder](#)  
[Respeitar a tradição](#)  
[A Estrela Vespertina](#)  
[Servir-se da invisibilidade](#)  
[Uma resposta](#)  
[Quando render-se](#)  
[EPÍLOGO](#)  
[GLOSSÁRIO](#)



## A RODA DO TEMPO

## O MAPA MÚNDI



# 1

## A “Foice”



Um vento frio soprava à noite, através do campo coberto de neve onde os homens haviam estado trucidando-se durante os últimos três dias. O ar era cortante, embora não tão gélido quanto Lan esperava nesta época do ano. Contudo, a temperatura era baixa o bastante para que a couraça de aço irradiasse o frio através do casaco e para que a respiração se condensasse em vapor diante do rosto do jovem, quando o vento não a levava. O negror do céu começava a minguar e o brilho de milhares de estrelas, qual poeira de diamante polvilhada no firmamento, ia aos poucos empalidecendo. A lua era minguante e sua luz mal permitia distinguir os vultos dos homens que faziam de sentinelas no acampamento instalado num bosque de carvalhos e cedros desfolhados. Não haviam acendido bivaques, pois o fogo teria denunciado sua posição aos Aiel. Lan combatera-os muito antes do início desta guerra, nas Marcas Shienarianas; uma questão de dever para com os amigos. Se já era difícil enfrenta-los à luz do dia, fazê-lo à noite era como apostar a vida num cara ou coroa. É claro, às vezes eram capazes de encontrar alguém mesmo sem os bivaques.

Apoiando a mão metida no guante sobre o punho da espada, envolveu-se na capa e seguiu fazendo a ronda das sentinelas através do manto de neve que lhe chegava aos joelhos. Sua espada era antiga, forjada com o Poder Único antes do Desmembramento do Mundo, durante a Guerra da Sombra, durante a qual a mão do Senhor da Escuridão tocara o mundo por algum tempo. Daquela Era só restavam lendas, com exceção talvez dos conhecimentos das Aes Sedai; ainda

assim, a lâmina de aço era algo real e concreto. Inquebrantável, nunca era preciso afia-la. A empunhadura havia sido substituída incontáveis vezes no decorrer dos séculos, mas nem sequer a ferrugem afetava o brilho da lâmina. Outrora, fôra a espada dos reis de Malkier.

A sentinela seguinte, um sujeito alto e corpulento, que se cobria com um longo e escuro manto, estava apoiada ao tronco de um carvalho de ramas grossas, com a cabeça tombada sobre o peito. Lan tocou o guarda no ombro, e o homem aprumou-se bruscamente, a ponto de deixar cair o curto arco de chifre que carregava nas mãos enluvadas. O capuz escorregou-lhe para trás, deixando à vista um elmo cônico de aço, um instante antes que o homem tornasse a puxá-lo, rapidamente. Ao luar, Lan não distinguia as feições do homem através das barras verticais da viseira, mas sabia quem era. O elmo de Lan era aberto, ao estilo da desaparecida Malkier, com uma pequena viseira em forma de crescente que se projetava sobre a fronte.

- Eu não estava dormindo, Milorde – apressou-se o guarda a dizer – Só estava descansando um momento.

O domani de pele tisonada parecia envergonhado, e com razão; esta não era sua primeira batalha; não era sequer sua primeira guerra.

- Um Aiel o despertaria ao degola-lo ou fincar-lhe uma lança no coração, Basram. – disse Lan, com voz cava. Os homens prestavam mais atenção a um tom calmo que a um grito alto, desde que a calma fosse acompanhada de firmeza e segurança. – Talvez seja melhor afastar-se da tentação desta árvore. – Não acrescentou que, ainda que os Aiel não o matassem, o homem corria o risco de congelar se permanecesse parado no mesmo lugar por muito tempo. Basram já sabia disso. Os Invernos em Arad Doman eram quase tão frios quanto na Fronteira. Murmurando uma desculpa, o domani levou a mão à viseira do elmo, em respeitosa saudação, afastou-se três passos da árvore, muito teso, e esquadrinhou a escuridão. Também moveu ligeiramente os pés, a fim de evitar que os dedos congelassem. Corria o rumor de que havia Aes Sedai próximas ao rio que se ofereciam para Curar as doenças e ferimentos, os quais desapareciam como por encanto; mas, a não ser por isto, a amputação era o tratamento habitual para evitar que um homem perdesse um pé, ou até a perna inteira para a gangrena. Em todo o caso, era melhor evitar qualquer envolvimento com Aes Sedai, a menos que fosse absolutamente necessário. Depois de anos, era possível deparar-se com a desagradável surpresa de que uma delas o houvesse atrapado

de algum modo, para o caso de necessitar. As Aes Sedai pensavam a longo prazo, e raras vezes pareciam importar-se com quem utilizavam, ou como o utilizavam, a fim de atingir seus objetivos. Esta era uma das razões pelas quais Lan as evitava. Quanto tempo duraria o estado de alerta de Basram? Lan desejou saber a resposta, mas não teria sentido chamar novamente a atenção do domani. Todos os homens que comandava estavam exaustos. Assim como todos os homens da Grande Coalizão, como era pomposamente chamada – assim como Grande Aliança, e mais uma dúzia de nomes, alguns bem pouco lisonjeiros e até ofensivos – estavam certamente à beira do esgotamento. Além de fatigante, a batalha fazia-os suar, quer houvesse neve ou não. Os músculos contraíam-se de tensão mesmo durante as pausas nas quais tomavam fôlego, e nos últimos dias mal haviam tido a oportunidade de descansar durante algum tempo.

O acampamento abrigava uns bons trezentos homens, dos quais a quarta parte estava de guarda nesse momento; enfrentando os Aiel, Lan queria ter tantos pares de olhos vigilantes quantos fosse possível. Entretanto, antes que tivesse percorrido duzentos passos, já tivera de despertar mais três sentinelas, uma delas dormindo em pé, sem apoiar-se a nada. Jaim tinha a cabeça erguida e os olhos abertos. Esse era um truque que os soldados aprendiam, sobretudo veteranos como Jaim. Cortando os protestos do homem de barba gris de que não podia estar adormecido mantendo-se em pé e firme, Lan prometeu-lhe que seus amigos saberiam se voltasse a pilhá-lo adormecido.

Jaim ficou-se boquiaberto por um instante; depois, tragou saliva com esforço.

- Não voltará a acontecer, Milorde! Que a Luz me abraze se eu adormecer!

Parecia falar completamente a sério. Alguns homens temiam que seus amigos os surrassem até perder os sentidos por coloca-los em perigo enquanto descansavam; mas, levando em conta as companhias que Jaim freqüentava, o mais provável é que temesse a humilhação por ter-se deixado surpreender dormindo, não por dormir.

Enquanto Lan continuava sua ronda, soltou um risinho silencioso. Raramente ria, e era uma idiotice rir daquilo, mas era melhor rir do que preocupar-se com algo que não podia mudar, como encontrar adormecidos homens que deveriam estar de guarda; ou preocupar-se em morrer. O que não se podia remediar, remediado estava. Deteve-se em seco.

- Bukama, porque está me seguindo às escondidas? – perguntou em voz alta.

Às suas costas soou um grunhido surpreso. Sem dúvida Bukama acreditara que se movia silenciosamente, e a bem da verdade, muito poucas pessoas teriam ouvido o débil ruído das botas do homem na neve, mas tinha de demonstrar-lhe que ele ouvira. Ao fim e ao cabo, Bukama fôra um de seus mestres e uma de suas primeiras lições era que devia estar sempre alerta ao que o rodeava, mesmo enquanto dormia. Uma lição nada fácil para um menino, mas só os mortos podiam dar-se ao luxo de não estar atentos. E na Chaga, além das Fronteiras, quem se distraísse não tardava a engrossar as fileiras dos mortos.

- Estive protegendo sua retaguarda. – respondeu Bukama asperamente, apressando o passo para reunir-se a ele – Levando em conta sua falta de atenção, um desses Aiel velados poderia aproximar-se furtivamente e cortar-lhe a pescoço. Você já esqueceu tudo quanto lhe ensinei? – de caráter rude e franco, Bukama era quase tão alto quanto ele, e mais que a maioria dos homens. Usava um elmo malkieri sem penacho, apesar de ter o direito de ostenta-lo. Estava mais interessado em suas obrigações que em seus direitos, mas ainda que isso fosse correto, Lan preferiria que não desdenhasse destes últimos tão completamente.

Quando o reino de Malkier estava próximo de sucumbir, vinte homens haviam sido encarregados de conduzir à segurança o pequeno Lan Mandragoran. Apenas cinco sobreviveram à fuga para cria-lo desde o berço e treina-lo, e destes Bukama era o único que restava. Seus cabelos eram agora grisalhos, e usava-os cortados pelos ombros, segundo o costume, mas suas costas continuavam eretas e os braços fortes, e seus olhos azuis conservavam a visão clara e aguda. A tradição impelia Bukama. Cingido sobre as rugas que lhe sulcavam a testa, um fino cordão de couro trançado sujeitava-lhe os cabelos para trás. Poucos homens usavam o hadori, atualmente. Lan usava-o. Morreria e seria sepultado com ele, nada menos. Se é que haveria alguém para sepulta-lo quando morresse. Olhou para o Norte, na direção de seu lar distante. Quase toda a gente teria achado estranho que o chamasse assim, mas Lan sentia sua atração como um ímã, desde que viera para o sul.

- Lembrei-me o suficiente para surpreende-lo. – respondeu. Não havia luz suficiente para que pudesse distinguir as feições agudas de Bukama, mas Lan sabia que tinha o cenho franzido. Não se recordava de ver outra expressão em seu amigo e mestre, nem sequer quando lhe fazia um elogio. Bukama era aço revestido de carne. Sua vontade era de ferro, e o dever, sua alma – Você ainda



crê que os Aiel são sequazes do Obscuro?

O outro fez um sinal de proteção contra o mal, como se Lan tivesse pronunciado o verdadeiro nome do Senhor da Escuridão, Shai'tan. Ambos haviam visto as calamidades e infortúnios que ocorriam depois de pronunciar tal nome em voz alta, e Bukama acreditava que só pensar nele já atraía a atenção do Obscuro. “O Obscuro e todos os seus aliados estão confinados em Shayol Ghul,” – recitou Lan para si mesmo, - “encerrados pelo Criador no momento da Criação. Que achemos abrigo ao amparo da Luz, nas mãos do Criador.” Ele próprio não acreditava que bastasse pensar naquele nome, mas era melhor prevenir-se quando se tratava com a Escuridão.

- Se não são, então porque estamos aqui? – disse Bukama, rudemente. Coisa estranha nele. Gostava de resmungar, mas sempre sobre coisas sem importância ou sobre as possibilidades do futuro, nunca sobre o presente.

- Dei minha palavra de que ficaria até o fim. – respondeu Lan, suavemente. Bukama coçou o nariz. Desta vez, seu resmungo soou envergonhado. Era difícil saber. Outra de suas lições era que a palavra de um homem devia valer tanto quanto um juramento prestado pela Luz, ou não valia nada.

Realmente, os Aiel haviam parecido uma horda de Amigos das Trevas ao surgir subitamente detrás da imensa cordilheira conhecida como Espinha do Mundo. Haviam incendiado a cidade de Cairhien, e nos anos transcorridos desde então, haviam levado a guerra a Tear e a Andor, antes de chegar a estes campos de carnificina nos arredores da imensa cidade insular de Tar Valon. Nos anos decorridos desde que as nações atuais haviam-se formado a partir dos fragmentos do império de Arthur Hawkwing, os Aiel jamais haviam abandonado seu deserto, chamado de Ermo. Talvez já houvessem levado a cabo outra invasão antes disso, mas ninguém o sabia com certeza, exceto talvez as Aes Sedai de Tar Valon, e como acontecia freqüentemente, as mulheres da Torre Branca não diziam nada. O que as Aes Sedai sabiam, guardavam sob sete chaves, deixando cair algo, pouco a pouco, se quisessem e quando lhes interessava. Entretanto, fora dos limites de Tar Valon havia homens que afirmavam ver um padrão em tudo aquilo. Haviam-se passado mil anos desde o Desmembramento do Mundo e a Guerra dos Trollocs, assim afirmavam os historiadores. Tais guerras haviam destruído as nações que existiam então, e ninguém duvidava que a mão do Senhor da Escuridão estivesse por trás de tudo, prisioneiro ou não, tão certo como estivera por trás da Guerra da Sombra e do Desmembramento do Mundo, e

do final da Era das Lendas. Outros mil anos desde a Guerra dos Trollocs até que Hawkwing construiu um Império que, após sua morte, foi também destruído pela Guerra dos Cem Anos. Alguns historiadores afirmavam divisar a mão do Obscuro nesta guerra também. E agora, cerca de mil anos depois da destruição do Império de Hawkwing, apareciam os Aiel, incendiando e matando. Tinha de haver um padrão. Certamente o Obscuro devia comanda-los. Lan não teria viajado para o Sul se não acreditasse nisso. Agora, já não acreditava, mas dera sua palavra.

Moveu os dedos dos pés dentro das botas altas, de bordas reviradas. Ainda que não fizesse tanto frio quanto ao que já estava acostumado, seus pés gelariam se ficasse parado na neve durante muito tempo.

- Vamos andar. – disse – Acho que terei de despertar uma dúzia de homens, talvez mais, antes da próxima ronda.

Mas antes que houvessem dado um passo, um ruído os fez deterem-se, alertas; era o som de um cavalo trotando sobre a neve. Lan desviou a mão até o punho da espada, e sacou-a parcialmente da bainha, num gesto quase automático. Um débil ruído de aço indicou-lhe que Bukama fizera outro tanto. Nenhum dos dois temia um ataque; os Aiel só montavam a cavalo em caso de necessidade extrema, e mesmo assim, de má-vontade. Mas um cavaleiro solitário a estas horas tinha de ser um mensageiro, e nesses dias, mensageiros não costumavam trazer boas notícias. Muito menos à noite.

Cavalo e cavaleiro pareceram materializar-se na escuridão seguindo um homem a pé, um dos guardas, a julgar pelo arco que levava. O animal tinha o colo arqueado dos belos puros-sangues tearianos, e saltava à vista que o cavaleiro também era de Tear. Para começar, o perfume de rosas do óleo que brilhava na barba pontiaguda do homem precedia-o, trazido pelo vento, e só os tearianos eram estúpidos o bastante para usar perfumes, como se os Aiel não possuísem olfato. Além disso, ninguém além deles usava esses elmos com uma alta crista no topo e uma borda que fazia sombra ao rosto do homem. Uma única pluma, curta e branca no elmo assinalava-o como um oficial, ainda que de posto menor; uma escolha estranha para um mensageiro. Estava embuçado num manto escuro, encolhido na sela de arção alto. Parecia estar tremendo de frio. Tear situava-se muito ao sul. Na costa de Tear, nunca caíra um só floco de neve. Lan nunca acreditara totalmente nisso, embora tivesse lido, até ver com seus próprios olhos.

- Aqui está, Milorde. – disse o guarda, com voz rouca.

Era um saldeaniano grisalho chamado Rakim, que tinha essa voz há um ano, assim como a cicatriz irregular que gostava de exhibir quando bebia, causada por uma flecha Aiel na garganta. Rakim considerava-se afortunado por estar vivo, e realmente o era. Desgraçadamente, também acreditava que, tendo enganado a morte uma vez, continuaria a engana-la. Arriscava-se demais, e ao beber costumava gabar-se de sua boa sorte, o que era uma estupidez. Não tinha sentido tentar o azar.

- Lorde Mandragoran?

O cavaleiro tirou das rédeas diante de Lan e Bukama. Sem mover-se da sela, fitou-os com incerteza, sem dúvida porque as armaduras que usavam não possuíam adornos e as túnicas e capas, feitas de lã simples, estavam um tanto gastas. Alguns bordados caíam bem, mas os atavios de alguns sulistas mais pareciam tapeçarias. Certamente, o teariano usava, sob o manto, uma couraça dourada e uma túnica de seda adornada com as cores de sua casa. Pelo menos suas botas altas tinham enfeites de pesponto que brilhavam prateados ao luar. De qualquer modo, o homem prosseguiu, mal fazendo uma pausa para respirar:

- Que a Luz abraze minha alma, tinha certeza de que vocês estavam mais próximos, mas já estava começando a pensar que nunca os encontraria! Lorde Emares está seguindo uns quinhentos ou seiscentos Aiel, com seiscentos de seus homens. – meneou levemente a cabeça – Por estranho que pareça, dirigem-se para o leste, afastando-se do rio. Seja como for, a neve os atrasa tanto quanto a nós, e Lorde Emares crê que se vocês puderem empurra-los para essa elevação que chamam de Foice e fazer o papel da bigorna, ele pode atacar pela retaguarda, fazendo as vezes de martelo. Lorde Emares duvida que possam chegar antes do alvorecer.

Lan apertou os lábios. Alguns daqueles sulistas tinham idéias muito estranhas sobre boas maneiras. Sem desmontar antes de começar a falar; sem declarar seu nome. Como convidado, a primeira coisa que deveria ter feito era apresentar-se. Agora, Lan não poderia fazê-lo sem parecer jactancioso. O sujeito sequer transmitira as saudações de seu senhor, e seus bons votos. E parecia pensar que não sabiam que ir para o leste significava afastar-se do rio Erinin. Talvez este último fosse apenas a sua maneira de falar, mas o resto era falta de educação. Ainda que Bukama não se movesse, Lan colocou-lhe a mão sobre o braço com

que empunhava a espada. Seu velho amigo podia ser muito suscetível, em certas ocasiões.

Assentiu com a cabeça, apesar da Foice situar-se a uma légua de distância do acampamento, e a noite estar no fim.

- Diga a Lorde Emares que estarei lá com as primeiras luzes. – disse ao cavaleiro. O nome de Emares não lhe soava familiar, mas num exército tão grande – quase duzentos mil homens, representando mais de uma dúzia de nações, além da Guarda da Torre de Tar Valon e até um contingente de Filhos da Luz – era impossível conhecer mais de um punhado de pessoas. - Bukama, desperte os homens. – acrescentou.

Bukama grunhiu, desta vez ferozmente. Fez um sinal a Rakim para que o seguisse e dirigiu-se ao interior do acampamento.

- Levante-me e encilhem! Vamos cavalgar! Levante-me e encilhem! – clamava em voz alta, enquanto andava.

- Cavalguem depressa. – disse o teariano anônimo. Em sua voz havia um tom ligeiramente autoritário – Lorde Emares lamentaria ter de cavalgar contra esses Aiel sem que a bigorna estivesse posicionada! – parecia dar a entender que Lan lamentaria, caso o tal de Emares tivesse de lamentar.

Lan criou em sua mente a imagem de uma chama, alimentando-a com suas emoções, não apenas a cólera como todas as outras, sem deixar um ápice, até ter a impressão de que flutuava no vazio. Depois de anos de prática, alcançar o ko'di, a unidade, era questão de um segundo. Os pensamentos, seu próprio corpo, pareceram tornar-se distantes, mas neste estado fazia-se uno com o solo que pisava, com a noite, com a espada que não usaria contra este idiota mal-educado.

- Já disse que estarei lá. – disse com voz modulada – E sempre cumpro o que digo.

Já não queria saber o nome daquele indivíduo.

O teariano dedicou-lhe um aceno seco com a cabeça do alto da sela, fez o cavalo voltar-se e esporeou-o para que se pusesse a galope.

Lan manteve o ko'di por mais alguns segundos, até assegurar-se de que tinha suas emoções sob controle. Era uma insensatez entrar num combate encolerizado. A cólera turvava a visão e fazia tomar decisões estúpidas. Como aquele sujeito conseguira continuar vivo por tanto tempo? Nas Fronteiras, teria provocado uma dúzia de duelos por dia. Só quanto teve a certeza de que estava calmo, quase tão impávido como se continuasse envolto na unidade, Lan deu meia volta. Evocar o rosto esmaecido do teariano não lhe provocava raiva. Ótimo.

Ao chegar ao centro do acampamento entre as árvores, qualquer um teria a impressão de estar em um formigueiro pisoteado. Mas para um entendido, era uma atividade ordenada e silenciosa. Nenhum movimento, nenhum alento, era desperdiçado. Não havia tendas que desmontar, posto que animais de carga teriam estorvado na hora da luta. Alguns homens já estavam a cavalo, com as couraças e elmos postos e as lanças, rematadas com um palmo de aço afiado, empunhadas. Quase todos os outros encilhavam os animais ou penduravam as aljavas cheias de flechas e os arcos envoltos em couro atrás do arção das selas. Os lentos haviam morrido durante o primeiro ano de luta contra os Aiel. Agora, a maioria dos homens eram saldeanianos e kandoreses, e o restante, domani. Alguns malkieri haviam acudido ao sul, mas Lan não os comandava, nem mesmo aqui. Bukama cavalgava com ele, mas não o seguia. Quando Bukama reuniu-se a Lan, conduzia as rédeas de Raio de Sol, seu corcel ruão de pelo amarelado. Um jovem imberbe chamado Caniedrin ia atrás, conduzindo cuidadosamente Gato Dançarino, o garanhão zaino de Lan. O animal só estava meio adestrado, mas Caniedrin fazia bem em tomar cuidado. Até um cavalo de batalha meio adestrado era uma arma formidável. Inútil dizer que o kandorês não era tão inexperiente como seu rosto juvenil fazia parecer. Soldado eficiente e experimentado, e arqueiro excepcional, Caniedrin era um lutador entusiasta, que freqüentemente ria enquanto combatia, e matava sem mudar de expressão. Agora, diante da perspectiva da luta iminente, sorria. Gato Dançarino sacudiu a cabeça para cima e para baixo, igualmente impaciente.

Por mais experiência que tivesse o kandorês, Lan inspecionou minuciosamente os arreios do cavalo antes de tomar as rédeas. Um cavalo mal encilhado podia acabar com alguém tão rápido quanto um golpe de lança.

- Já lhes disse o que planejamos fazer pela manhã, – rosnou Bukama depois que Caniedrin afastou-se até sua montaria, – mas com esses Aiel, uma bigorna pode transformar-se num alfineteiro se o martelo tarda em chegar. – nunca

resmungava diante dos homens, só de Lan.

- E o martelo pode transformar-se num alfineteiro se golpear sem que a bigorna esteja a postos. – acrescentou Lan, saltando para a sela. O céu estava cinzento; um cinzento escuro, mas já só se distinguia um punhado de estrelas – Temos de cavalgar depressa, se quisermos chegar à Foice antes que amanheça. – ergueu a voz – Montar!

E cavalgaram depressa, a galope largo durante alguns quilômetros, depois a trote vivo, em seguida a pé, o mais rápido possível, levando os animais pelas rédeas, antes de montar e recomeçar a seqüência. Nas estórias, homens galopavam vinte, quarenta quilômetros seguidos, mas, mesmo se não houvesse neve, depois de manter o galope por seis ou sete quilômetros a metade dos cavalos estaria inutilizada, e os outros exaustos muito antes de chegar à Foice. O silêncio da noite que morria só era quebrado pelo ruído dos cascos e botas sobre a camada de neve ou o ranger do couro das selas, ou ainda, por vezes, pelas pragas abafadas de um homem que machucava o dedo do pé numa pedra oculta. Ninguém desperdiçava o fôlego em protestos ou brincadeiras. Todos já haviam feito a mesma coisa com certa freqüência, e homens e cavalos mantiveram o ritmo fácil com o qual cobriam rapidamente a distância. O terreno que rodeava Tar Valon era uma planície suavemente ondulada em sua maior parte, salpicada de bosques e canhadas muito espalhados, geralmente pequenos, mas todos densos e sombrios. Mas fossem grandes ou pequenos, Lan vigiava-os atentamente ao passar diante deles à frente de seus homens, e mantinha a coluna a uma distância prudente. Os Aiel eram muito hábeis em aproveitar qualquer tipo de cobertura que encontrassem, lugares onde a maioria dos homens tinha a certeza de que nem sequer um cão poderia ocultar-se; também eram muito bons em armar emboscadas. Contudo, nada se moveu. Pelo que via, as tropas que conduzia poderiam ser os únicos seres vivos do mundo. O zurrar de um burro foi o único som que ouviu, além do que eles mesmos produziam.

Quando tiveram à vista a colina baixa chamada A Foice, o céu era de um cinzento muito mais claro ao leste. Com quase dos quilômetros de largura, a elevação alçava-se pouco mais de uma dúzia de metros sobre o terreno circundante, mas qualquer elevação dava certa vantagem aos defensores. Seu nome devia-se à forma como o extremo setentrional curvava-se para o sul, característica que se fez bem perceptível enquanto situava seus homens em uma longa fila no alto da elevação, a ambos os lados dele. A claridade aumentava visivelmente. A leste, pareceu-lhe distinguir a pálida silhueta da Torre Branca,

elevando-se no centro de Tar Valon, a umas três léguas de distância.

A Torre era a construção mais alta do mundo conhecido, mas era eclipsada pela altitude impressionante da única montanha que se alçava na planície além da cidade, ao outro lado do rio. Esta saltava à vista à menor luz, e na noite mais profunda, percebia-se que encobria as estrelas. O Monte do Dragão já teria sido um gigante na Espinha do Mundo, mas ali, na planura, era simplesmente monstruoso; suas encostas atravessavam as nuvens e continuavam acima delas. Com uma altura superior à da maioria das montanhas, seu pico quebrado, que se alçava acima das nuvens, expulsava um filete de fumo. Um símbolo de esperança e de desespero. A montanha das profecias. Bukama fitou o monte e fez outro sinal contra o mal. Ninguém queria que a profecia se cumprisse. Mas acabaria acontecendo, é claro; algum dia.

A partir da elevação, o terreno suavemente ondulado estendia-se uns dois quilômetros a oeste, até um dos maiores bosques, de meia légua de comprimento. Três caminhos entrecruzavam-se através da neve entre a colina e o arvoredo, marcados pelos rastros de inúmeros cavalos ou homens a pé. Sem aproximar-se mais, era impossível saber quem os havia feito, se os Aiel ou os membros da chamada Coalizão; a única coisa certa é que foram feitos em algum momento depois do fim da nevasca, dois dias antes.

Ainda não havia sinal dos Aiel, mas se não haviam mudado de rumo, o que sempre era possível, podiam aparecer a qualquer momento, saindo de entre as árvores. Sem esperar a ordem de Lan, os homens cravaram suas lanças no chão coberto de neve, de onde podiam ser arrancadas fácil e rapidamente, caso fosse necessário. Sacaram de seus estojos de couro os arcos curtos e tiraram as flechas de suas aljavas; encaixaram-nas nas cordas, mas não as puxaram. Só os novatos pensavam que se podia manter um arco distendido por muito tempo. O único que não tinha um arco era Lan. Sua tarefa era comandar a luta, não escolher alvos. O arco era a arma preferida contra os Aiel, ainda que muitos sulistas o desdenhassem. Emares e seus tearianos carregariam diretamente contra os Aiel, com suas lanças e espadas. Às vezes não restava outra escolha, mas era tolice perder homens sem necessidade e antes que fosse inevitável, e tão certo como caroços de pêssego são venenosos, numa luta corpo a corpo contra os Aiel, perdiam-se homens.

Não temia que os Aiel recuassem ao vê-los. Dissessem o que dissessem alguns, não eram lutadores desenfreados; evitavam a batalha quando a desvantagem era

gritante. Mas seiscentos Aiel considerariam suas forças equilibradas; enfrentariam uns quatrocentos homens, ainda que estes estivessem em terreno mais elevado. Lançar-se-iam ao ataque sob uma chuva de flechas. Um bom arco curto podia matar um homem a trezentos passos de distância, ou feri-lo a quatrocentos, se o arqueiro fosse bom. Aquilo representava um longo corredor de aço que os Aiel teriam de cruzar. Desgraçadamente, eles também tinham arcos de chifre e tripa, tão eficientes como seus arcos curtos. O pior seria se os Aiel não avançassem, e comesçassem a devolver os disparos; ambos os lados perderiam muitos homens antes que Emares pudesse acudir. O melhor seria se os Aiel resolvessem diminuir a distância; um homem em plena corrida não poderia disparar com precisão. Mas seria melhor que Emares não se atrasasse. Nesse caso, os Aiel poderiam atacar pelos flancos, sobretudo se sabiam que estavam sendo perseguidos, e isso seria como chutar um vespeiro. Em um caso ou outro, quando Emares os atacasse pela retaguarda, Lan e sua tropa tomariam as lanças e cavalgariam a seu encontro.

Essencialmente, era isto que significava a manobra do martelo e da bigorna. Uma força para conter os Aiel até que a outra caísse sobre eles, e depois ambas de aproximariam. Uma tática simples, mas eficaz; as táticas mais eficazes eram simples. Até os teimosos cairhienianos haviam aprendido a utiliza-la. Muitos altaraneses e murandianos haviam morrido por negarem-se a aprende-la.

O tom cinzento do céu cedeu à claridade. Em pouco tempo, o sol surgiria no horizonte às suas costas, e se alinhariam sobre a colina. O vento soprou e agitou o manto de Lan, mas este imergiu novamente no ko'di, fazendo pouco caso do frio. Ouvia a respiração de Bukama e outros homens próximos a ele. Ao longo da fileira, os cavalos pisoteavam a neve, impacientes. Esquadrinhando das alturas o campo aberto, um falcão caçava ao longo da beirada do bosque.

Subitamente, a ave voltou-se no ar, e uma coluna de Aiel apareceu por entre as árvores a trote rápido. A neve não parecia atrapalha-los muito. Erguendo muito os joelhos, moviam-se tão depressa como a maioria dos homens faria em terreno limpo. Lan tirou um visor de lentes da sacola de couro que levava atada à sela. Era um bom óculo, de fabricação cairhieniana, e quando levou o tubo de bronze ao olho, os Aiel, ainda a quilômetros de distância, aproximaram-se de golpe. Eram homens altos, muitos tão altos quanto ele, e alguns até mais, vestidos com casacos e calças em tons pardos e cinzentos, que se destacavam na neve. Todos usavam um pano envolvendo-lhes a cabeça, e um véu escuro que os cobria quase até os olhos. Alguns podiam ser mulheres – as Aiel combatiam às vezes junto



com os homens – mas a maioria devia ser homens. Cada qual trazia uma lança curta numa das mãos, junto a um broquel de pele de touro e várias outras lanças na outra. Seu ataque podia ser mortífero com aquelas lanças. E com os arcos.

Os Aiel teriam de estar cegos para não ver os cavaleiros que os esperavam, mas prosseguiram sem deter-se, em uma coluna semelhante a uma grossa serpente que saía do bosque em direção à colina. Longe, no oeste, soou um toque de trompa, fraco à distância, seguido de um segundo; para soar tão baixo, deveriam estar próximos ao rio, ou até na margem oposta. Os Aiel continuaram vindo. Soou uma terceira trompa, ao longe, e uma quarta e uma quinta, mais distantes ainda. Entre os Aiel, algumas cabeças voltaram-se para olhar para trás. Eram as trompas que chamavam sua atenção, ou sabiam que Emares os perseguia?

Os Aiel continuavam saindo das árvores. Alguém contara-os mal, ou mais Aiel haviam-se juntado ao primeiro grupo. Havia agora cerca de um milhar fora do bosque, e continuavam saindo. Quinhentos ou mais lá atrás. Lan guardou o visor na sacola.

- Abraço a morte. – murmurou Bukama em um tom que se assemelhava ao ferro frio, e Lan ouviu outros homens da Fronteira repetirem suas palavras. Ele mal pensou nelas; isso lhe bastava. A morte vinha para todos os homens, cedo ou tarde, e raramente quando era esperada. Claro, havia quem morresse na cama, mas desde a infância Lan sabia que esse não seria o seu caso.

Tranqüilamente, olhou à esquerda e à direita, para suas fileiras. Os saldeanianos e kandoreses mantinham-se firmes, obviamente, mas agradou-lhe ver que nenhum dos domani tampouco parecia nervoso. Não esperava o contrário, depois de ter lutado junto deles por dois anos, mas sempre confiava mais nos homens da Fronteira do que em quaisquer outros. Eles sabiam que às vezes haveria escolhas duras. Levavam isso no sangue.

Os últimos Aiel saíram das árvores. Havia facilmente dois mil deles, um número que modificava tudo. E nada. Dois mil Aiel eram suficientes para superar seus homens e ainda lidar com Emares, a menos que tivessem a sorte do Obscuro. Mas a idéia de uma retirada sequer passou-lhe pela cabeça. Se Emares atacasse sem que a bigorna estivesse posicionada, os tearianos seriam massacrados, mas se pudesse agüentar até que Emares chegasse, então tanto o martelo quanto a bigorna poderiam assentar o golpe. Além do mais, dera sua palavra. Entretanto, sua intenção não era morrer ali, sem propósito, e nem levar seus homens a uma

morte sem sentido. Se Emares não houvesse aparecido quando os Aiel estivessem a duzentos passos, faria com que sua tropa desse meia volta na elevação e tentaria contornar os Aiel a galope, para reunir-se aos tearianos. Desembainhou a espada, e empunhou-a. Agora era apenas uma espada, sem nada de peculiar que pudesse chamar a atenção. Nunca voltaria a ser outra coisa senão uma espada. Mas guardava seu passado e seu futuro. As trompas a oeste soavam quase constantemente.

De improviso, um dos Aiel, que ia à frente da coluna, alçou a lança acima da cabeça e susteve-a assim durante três passos. Quando a baixou, a coluna inteira deteve-se. Estavam a uns bons quinhentos passos da elevação, fora do alcance das flechas. Em nome da Luz, por quê? Logo que se detiveram, a metade posterior da coluna voltou-se para observar a direção por onde haviam vindo. Seria uma simples manobra de precaução? Era mais aconselhável e seguro supor que sabiam sobre Emares.

Lan voltou a erguer o visor com a mão esquerda, estudando os Aiel. Os homens da primeira fila cobriam os olhos com a mão na qual seguravam as lanças de reserva, observando os homens na elevação. Não fazia sentido. No melhor dos casos, podiam distinguir silhuetas obscuras recortadas contra a luz do sol nascente, talvez a cimeira de um elmo. Só isso. Parecia que os Aiel confabulavam entre si. Um dos homens que ia à frente levantou subitamente a mão, sustentando a lança, e os outros fizeram o mesmo. Lan baixou o óculo. Agora todos os Aiel olhavam à frente, sustentando a lança no alto. Lan jamais vira nada igual.

As lanças baixaram ao mesmo tempo, e os Aiel gritaram uma única palavra, que ressoou claramente através da distância que os separava, abafando os ruídos das trompas:

- AAN'ALLEIN!

Lan trocou um olhar desconcertado com Bukama. Isto era a antiga língua, a língua falada na Era das Lendas e nos séculos anteriores à Guerra dos Trollocs. A tradução mais próxima que ocorreu a Lan foi “um homem só”. Mas o que significava? Por que os Aiel gritavam algo assim?

- Estão se movendo – murmurou Bukama, e assim era, efetivamente.

Mas não em direção à elevação. Girando para o norte, a coluna de Aiel velados

atingiu uma velocidade ainda maior que antes, e, uma vez que a cabeça da marcha achava-se bem afastada do extremo da elevação, começou a dobrar para o leste novamente. Era enlouquecedor. Aquilo não era uma manobra para atacar os flancos, já que só iam por um lado.

- Talvez estejam voltando ao Ermo. – disse Caniedrin, que parecia desapontado.

Outras vozes zombaram dele. A opinião geral era de que os Aiel não iriam embora até haverem exterminado a todos.

- Seguimo-los? – perguntou quietamente Bukama.

Ao cabo de um momento, Lan sacudiu a cabeça.

- Procuraremos Lorde Emares, e discutiremos sobre martelos e bigornas.

Polidamente, claro, acrescentou para si. Também queria saber a razão dos toques de trompa. O dia começara de maneira estranha e Lan tinha a sensação de que veria mais coisas estranhas antes que acabasse.

## Um Desejo Realizado



Apesar do radiante lume que ardia na chaminé de mármore verde na saleta da Amyrlin, fazia tanto frio que Moiraine tiritava, e se os seus dentes não castanholavam era porque os mantinha bem apertados. Era assim também que evitava bocejar, coisa que não devia fazer, ainda que passasse metade da noite acordada. Sem dúvida, uma camada de geada cobria as coloridas tapeçarias de inverno que pendiam das paredes, retratando alegres cenas primaveris e jardins, e das cornijas adornadas de esculturas deviam pender pingentes de gelo. Para começar, a lareira situava-se no oposto extremo do aposento e seu calor não irradiava muito longe. Em segundo lugar, as altas vidraças das janelas em arco que havia às suas costas e que levavam ao balcão do qual se avistava o jardim particular da Amyrlin, não estavam bem encaixadas e o frio entrava-lhes pelas beiradas. Cada vez que soprava uma lufada de vento lá fora, o ar glacial batia-lhe nas costas, atravessando o pano do vestido. A mesma coisa acontecia com sua melhor amiga, ainda que Siuan jamais permitiria que alguém soubesse que estava morrendo de frio, por mais teariana que fosse. No Palácio do Sol em Cairhien, onde Moiraine crescera, amiúde fazia frio no Inverno, mas lá nunca fôra obrigada a ficar em pé entre as correntes de ar. O frio subia dos ladrilhos de mármore, atravessava o tapete florido de Illian e também as sapatilhas de Moiraine. O anel dourado da Grande Serpente, que usava na mão esquerda, com o ofídio mordendo a própria cauda como símbolo da Eternidade, a continuidade e o vínculo de uma iniciada com a Torre, parecia feito de gelo. Contudo, quando a Amyrlin dizia a uma Aceita que ficasse onde estava e não importunasse, a

Aceita ficava onde a Amyrlin lhe ordenara e tratava de não deixar que esta percebesse que tremia. Na realidade, pior que o frio era o intenso cheiro de fumaça que nem sequer as correntes de ar conseguiam dissipar. Não era fumaça das chaminés, mas das aldeias incendiadas nos arredores de Tar Valon.

Concentrar-se no frio impedia-a de preocupar-se com a fumaça. E com a batalha. Além das vidraças, o céu agora exibia o tom cinzento da madrugada. Sem demora, a luta recomeçaria, se é que já não recomeçara. Ela teria gostado de saber como ia a batalha. De certo modo, tinha o direito de saber, já que seu tio iniciara esta guerra. Não que desculpasse os Aiel pela destruição que haviam provocado em Cairhien, capital e país, mas sabia quem era o primeiro responsável pelo desastre. Desde que os Aiel chegaram, porém, as Aceitas haviam sido confinadas ao recinto da Torre tão rigorosamente como se fossem noviças. O mundo fora daquelas paredes poderia ter deixado de existir. A intervalos regulares, chegavam informes de Azil Mareed, comandante da Guarda da Torre, mas seu conteúdo não era revelado a ninguém, exceto talvez às irmãs; se tanto. Fazendo perguntas sobre os combates às Aes Sedai, a única coisa que se conseguia eram repreensões e avisos para que se concentrasse nos estudos. Como se a batalha mais importante travada desde a época de Arthur Hawkwing, praticamente diante de seus narizes, fosse uma simples distração! Moiraine sabia que não poderia envolver-se de modo significativo – de modo algum, aliás, mas ainda assim desejava fazê-lo, ainda que fosse apenas inteirando-se do que estava acontecendo. Isso podia não ter lógica nenhuma, mas tampouco pensava em juntar-se ao Ajah Branco quando obtivesse o xale.

As duas mulheres vestidas de seda azul e sentadas de lados opostos da pequena escrivaninha não davam mostras de notar o frio ou a fumaça, apesar de acharem-se quase tão longe da lareira quanto Moiraine. Claro, eram Aes Sedai, com seus rostos intemporais, e quanto à fumaça, provavelmente haviam visto os resultados de mais batalhas que qualquer general. Podiam permanecer qual a imagem encarnada da serenidade, ainda que mil aldeias fossem incendiadas diante de seus olhos. Ninguém chegava a Aes Sedai sem aprender a controlar suas emoções, interna e externamente. Tamra e Gitara não pareciam cansadas, ainda que mal houvessem repousado desde que a luta se iniciara. Tal era a razão de conservarem Aceitas como auxiliares durante toda a noite, caso tivessem de mandar algum recado ou quisessem que alguém fosse conduzido à sua presença. Quanto ao frio, nem este nem o calor afetavam as irmãs como acontecia com outras pessoas. Não pareciam importar-se com uma coisa nem com a outra. Moiraine tentara descobrir como o faziam; todas as Aceitas tentavam descobrir,

cedo ou tarde. Fosse lá como fosse, não tinha nada a ver com o Poder Único, senão teria visto as tramas, ou pelo menos sentido-as.

Tamra era algo mais que uma Aes Sedai; era a Amyrlin Sé, a líder de todas as Aes Sedai. Procedia do Ajah Azul, mas, naturalmente, a longa estola que lhe cobria os ombros tinha as cores dos sete Ajahs, para mostrar que a Amyrlin pertencia a todos e a nenhum deles. Ao longo da história da Torre, algumas Amyrlins haviam tomado este fato de modo mais literal que outras. Nas saias de Tamra havia bordados naquelas sete cores, embora isto não fosse uma imposição. Nenhum Ajah poderia sentir-se em vantagem ou desvantagem em relação ela. Fora da Torre, quando Tamra Ospanya falava, reis e rainhas prestavam-lhe atenção, quer mantivessem Aes Sedai como conselheiras, quer odiassem a Torre Branca. Tal era o poder da Amyrlin. Talvez não seguissem seus conselhos nem obedecessem às suas instruções, mas ouviam-na. E com cortesia. Até os Grandes Senhores de Tear ou o Comandante-General dos Filhos da Luz o fariam. Os longos cabelos de Tamra, sulcados de fios brancos e recolhidos em uma rede de prata adornada com pedras preciosas, emolduravam um rosto quadrado, de aspecto resoluto. Quase sempre prevalecia nos confrontos com governantes, mas não encarava este poder com leviandade e nem o usava indiscriminadamente, nem dentro e nem fora da Torre. Tamra era justa e equânime, o que nem sempre queria dizer a mesma coisa, e freqüentemente era gentil. Moiraine a admirava imensamente.

A outra mulher, a Guardiã das Crônicas de Tamra, era totalmente diferente. Talvez a segunda mulher mais poderosa da Torre, e desde logo em posição igual à das Conselheiras no mínimo, Gitara Moroso era sempre justa e geralmente equânime, mas a gentileza não era uma de suas qualidades. Era também afetada e pomposa o bastante para parecer uma Verde ou Amarela. Alta e quase voluptuosa, ostentava uma larga gargantilha de gotas de fogo, brincos de rubi grandes como ovos de pomba, e três anéis além da Grande Serpente. Seu vestido de brocado tinha um tom de azul mais profundo que o de Tamra, e a estola de Guardiã que levava sobre os ombros – azul, já que também procedia desse Ajah – era tão larga que mais parecia um xale. Moiraine ouvira comentar que Gitara continuava considerando-se uma Azul, algo escandaloso demais para ser verdade. Certamente, a largura de sua estola parecia apoiar tais rumores; mas isso era uma questão de escolha pessoal.

Como ocorria com todas as Aes Sedai depois de ter trabalhado com o Poder Único durante um período suficientemente longo, era impossível determinar a

idade pelo rosto de Gitara. À primeira vista, podia-se pensar que não tinha mais que vinte e cinco anos, talvez menos. Depois, um segundo olhar indicaria uns quarenta e cinco ou cinquenta muito bem vividos, pouco menos que belíssimos. À terceira vista mudar-se-ia completamente de parecer. O rosto liso e intemporal era a marca de uma Aes Sedai, para quem soubesse reconhece-la. Para os ignorantes do fato, os cabelos de Gitara só aumentariam a confusão. Presos com varetas de marfim entalhado, eram brancos como a neve. Murmurava-se que ela tinha mais de trezentos anos, uma idade avançada até mesmo para uma Aes Sedai. Falar da idade de uma irmã era considerado uma terrível grosseria. Até mesmo outra irmã seria castigada por fazê-lo; uma noviça ou Aceita receberia a ordem de fazer uma visitinha à Mestra das Noviças, para receber uma surra de vara. Mas imaginar não contava, é claro. E havia outra coisa que fazia de Gitara alguém extraordinário: às vezes tinha a Predição, o Talento de vaticinar – de forma súbita e involuntária – acontecimentos futuros.

Era um Talento incomum, só ocorria raramente, mas os cochichos – e nos aposentos das Aceitas abundava o falatório – indicavam que Gitara fizera mais de uma Predição nos últimos meses. Levando em conta o que afirmavam alguns boatos, se os exércitos que defendiam a cidade já se encontravam a postos quando da chegada dos Aiel, era graças a uma de suas Predições. Entre as Aceitas, ninguém sabia com certeza, obviamente. Na melhor das hipóteses, algumas irmãs; talvez. Ainda que todo o mundo soubesse que Gitara fizera uma Predição, apenas Tamra inteirava-se do conteúdo. Era absurdo alimentar a esperança de estar presente quando Gitara fizesse uma Predição, mas apesar de tudo, Moiraine confiava que acontecesse. Sem embargo, nas quatro horas transcorridas desde que ela e Siuan haviam substituído Temaille e Brendas como assistentes da Amyrlin, Gitara limitara-se a sentar-se para escrever uma carta.

De repente, ocorreu-lhe a idéia de que quatro horas para redigir uma carta era tempo demais. Estava sentada, com a pena suspensa sobre o papel cor de creme. Como se, de algum modo, tivesse adivinhado os pensamentos de Moiraine, Gitara olhou para a pena, soltando uma leve exclamação irritada antes de atirar a ponta de aço em um recipiente vermelho cheio de álcool para limpar a tinta seca, e não era a primeira vez que o fazia. O líquido do recipiente estava tão negro quanto o contido no tinteiro de cristal lapidado e tampa de prata que estava sobre a escrivaninha. Diante de Tamra, achava-se aberta uma pasta de couro com bordas douradas, repleta de documentos; a Amyrlin parecia examinar os papéis atentamente, mas Moiraine não se lembrava de tê-la visto virar uma só página. Ainda que o rosto das duas Aes Sedai fosse de fria calma, era óbvio que ambas

estavam preocupadas, e isso fazia com que ela também se preocupasse. Mordeu o lábio inferior enquanto refletia, mas teve de deixar de fazê-lo quando isso quase lhe provocou um bocejo. Morder o lábio, não pensar. O que as preocupava devia ser algo que acontecera neste mesmo dia. Moiraine avistara Tamra nos corredores no dia anterior, e se já vira alguém perfeitamente seguro, era Tamra. Bem. A luta fôra renhida nos últimos três dias. Se Gitara realmente vaticinara, se fizera outras Predições, sobre o que poderia ter sido?

Conjecturar não levava a parte alguma, mas pensar talvez servisse de algo. Acaso os Aiel haviam cruzado as pontes e invadiam a cidade? Impossível. Em três mil anos, enquanto nações inteiras nasciam e desapareciam, e até o Império de Hawkwing sucumbia ao fogo e ao caos, nenhum exército conseguira abrir uma brecha nas muralhas de Tar Valon nem pôr abaixo seus portões, e isso que no decorrer dos séculos, vários haviam tentado. Acaso a batalha teria se transformado num desastre de alguma outra maneira? Tamra e Gitara eram as duas únicas Aes Sedai presentes na Torre naquele momento, a menos que alguma tivesse regressado aquela noite. Correram rumores sobre o número enorme de feridos que precisavam de todas as irmãs que tivessem um mínimo de habilidade em Cura, embora ninguém dissesse claramente para onde haviam sido enviadas. As Aes Sedai não podiam mentir, mas freqüentemente expressavam-se de modo que, sem faltar com a verdade, suas palavras podiam ser interpretadas de várias formas. As irmãs tampouco podiam utilizar o Poder como arma, a menos que suas vidas, ou de seus Guardiões, corressem perigo. Nenhuma Aes Sedai tomara parte em uma batalha desde a Guerra dos Trollocs, quando enfrentaram Crias da Sombra e exércitos de Amigos das Trevas, mas talvez Gitara tivesse predito a derrota, a menos que as Aes Sedai se juntassem à luta. Mas por que esperar até o terceiro dia? Uma Predição podia ser tão precisa? Talvez, se as irmãs tivessem entrado na batalha antes, isso teria provocado...

Moiraine viu com o canto do olho que Siuan lhe sorria. Tal gesto fazia com que o rostinho atrativo de Siuan se tornasse bonito, e fazia brilhar seus olhos azuis. Quase um palmo mais alta que ela – Moiraine já superara a irritação que lhe produzia outrora o fato de que quase todas as mulheres que a rodeavam eram mais altas que ela, mas não podia deixar de reparar neste detalhe – mais alta e de tez quase tão pálida quanto a sua, Siuan envergava o uniforme formal de Aceita com uma segurança que Moiraine jamais lograra demonstrar. As Aceitas usavam um vestido de gola alta até o queixo e completamente branco, salvo pelas bandas coloridas na barra da saia e das mangas, que imitavam a estola de sete cores da Amyrlin. Moiraine não compreendia como as tantas irmãs do Ajah Branco



podiam suportar vestir-se de branco o tempo todo, como se estivessem sempre de luto. Para ela, o mais duro em ser noviça fôra vestir-se de branco dia após dia. Bem, sem falar em aprender a controlar o seu gênio. Isso ainda a metia em encrencas às vezes, ainda que não tão freqüentemente como em seu primeiro ano de permanência na Torre.

- Saberemos no devido momento. – sussurrou-lhe Siuan, lançando um olhar rápido a Tamra e Gitara. As duas mulheres permaneciam caladas e imóveis. Gitara segurava novamente a pena sobre o papel e a tinta ia secando.

Moiraine correspondeu-lhe o sorriso, sem poder evitar. Siuan tinha este dom de fazê-la sorrir quando queria franzir as sobrancelhas, ou rir quando tinha vontade de chorar. Seu sorriso degenerou num bocejo, e Moiraine olhou rapidamente para a escrivãzinha, para ver se a Amyrlin ou a Guardiã das Crônicas haviam percebido. Ambas continuavam absortas em seus pensamentos. Quando olhou novamente para Siuan, esta tinha a mão sobre a boca e encarava-a com falsa desaprovação. Isso a fez soltar uma risadinha.

A princípio surpreendera-a o fato de que ela e Siuan se tornassem amigas; mas entre as noviças e Aceitas parecia de regra que as amigas fossem muito semelhantes ou completamente diferentes. Siuan e ela tinham algumas semelhanças. Para começar, ambas eram órfãs; haviam perdido a mãe quando pequenas e o pai pouco antes de deixar seu lar. E ambas haviam nascido com a centelha do Dom, coisa que não era comum. Teriam começado a canalizar o Poder tanto se houvessem tentado aprender como se não; e nem todas as mulheres podiam aprendê-lo.

Possuir o Dom era precisamente o que começava a marcar as diferenças entre ambas, mesmo antes de chegarem a Tar Valon, e não só pelo fato de Siuan ter nascido pobre e ela rica. Em Cairhien as Aes Sedai eram respeitadas e no Palácio do Sol celebrara-se um grande baile para festejar sua admissão na Torre. Em Tear a lei proibia canalizar, e as Aes Sedai não eram bem vistas lá. Siuan havia sido metida num barco que navegava rio acima, para Tar Valon, no mesmo dia em que uma irmã descobrira que podia canalizar. As diferenças eram muitas, ainda que nenhuma das duas se importasse. Entre outras coisas, Siuan já chegara à Torre sabendo controlar seu gênio e era um lince para solucionar enigmas, bem ao contrário dela; não suportava cavalos, que ela adorava e aprendia num ritmo espantoso.

Bem, não quanto à aprendizagem de canalizar o Poder Único. Haviam sido inscritas no livro de noviças no mesmo dia e avançaram quase ombro a ombro no uso do Poder, ao ponto de passarem ao grau de Aceitas ao mesmo tempo. No entanto, ela recebera a educação destinada a uma princesa, sendo bem versada em História e na Língua Antiga, que escrevia e falava com fluidez bastante aceitável, suficiente para que a dispensassem de algumas aulas. De seu lado, Siuan, filha de um pescador teariano, chegara sabendo ler com alguma dificuldade e as regras básicas de aritmética, mas absorvera as lições como a areia absorve água. Agora, dava aulas de Língua Antiga às noviças – pelo menos às classes de iniciantes.

Siuan Sanche era apontada como exemplo daquilo a que as noviças deveriam almejar tornar-se. Bem, ambas eram. Apenas uma outra mulher conseguira concluir o treinamento de noviça em três anos: Elaida a'Roihan, uma megera detestável, que também concluía o período de Aceita em três anos, outro recorde. Parecia bem possível que elas o igualassem. Moiraine estava bem consciente de seus próprios pontos fracos, mas tinha a certeza de que Siuan seria uma Aes Sedai perfeita.

Abriu a boca para cochichar que paciência era para as pedras, mas o vento chacoalhou as vidraças e outra lufada de ar gelado a atingiu. Pelo tanto que o vestido a agasalhava, faria pouca diferença se estivesse vestindo apenas a combinação. Ao invés de cochichar, deixou escapar um sonoro arquejo.

Tamra voltou o olhar para as janelas, mas não por causa de Moiraine. O vento trouxera-lhes o soar distante de dezenas de trompas. Não, centenas. Para serem ouvidas no interior da Torre, teriam de ser centenas. E era um soar contínuo, toque atrás de toque. Fosse qual fosse a razão daquilo, devia tratar-se de algo urgente. A Amyrlin fechou a pasta diante de si com um golpe surdo.

- Vá ver se há notícias do campo de batalha, Moiraine. – disse Tamra, quase casualmente, ainda que em sua voz houvesse algo indefinível, brusco – Siuan, prepare um pouco de chá. E depressa, menina.

Moiraine piscou, surpresa. A Amyrlin estava preocupada! Contudo, só lhes restava obedecer.

- Às suas ordens, Madre – disseram as duas mocinhas em uníssono, sem hesitar. Fizeram uma medida e encaminharam-se para a porta situada junto à lareira e

que desembocava na antecâmara. Em uma mesa junto da porta havia um samovar de prata banhada em ouro sobre uma bandeja lavrada, assim como a caixa de chá, um pote de mel, uma pequena jarra de leite e outra grande de água, tudo em prata lavrada. Em outra bandeja havia delicadas xícaras verdes da fina porcelana dos Marinós. Moiraine sentiu um leve arrepio quando Siuan abriu-se à Fonte e abraçou o Saidar, a metade feminina do Poder; um brilho dourado envolveu-a, perceptível somente a outra mulher que capaz de canalizar. Usualmente era proibido canalizar para realizar afazeres comuns, mas a Amyrlin dissera que se apressasse. Siuan tecia um fio finíssimo de Fogo para esquentar a água do chá, e nem Tamra nem Gitara impediram-na.

A antecâmara dos aposentos da Amyrlin não era grande, já que sua única utilidade era receber os poucos visitantes até que fossem anunciados. A Amyrlin recebia embaixadas em um dos salões de audiência ou em seu gabinete, não em seus aposentos particulares. Pelo fato de a lareira estar situada ao outro lado da parede, a antecâmara estava cálida. Só havia uma poltrona, de feitiço simples, mas grande. E, a despeito de seu peso, fôra arrastada para perto de um dos castiçais de pé dourados, a fim de que Elin Warrel, a esbelta noviça que estava de serviço, tivesse mais luz para ler. Com as costas voltadas para a porta da saleta e totalmente absorta no livro encadernado com capas de madeira, não ouviu Moiraine cruzar o tapete rematado com franjas. Elin deveria ter percebido sua presença muito antes que Moiraine se aproximasse o suficiente para espiar sobre o ombro da pequena. Bem, não era exatamente uma menina; noviça há sete anos, entrara na Torre com dezoito, mas para referir-se a uma noviça sempre se utilizava o termo “pequena”, fosse qual fosse a sua idade. Na verdade, as Aes Sedai também tratavam de “pequena” a qualquer Aceita. Moiraine percebera a capacidade de canalizar da pequena pouco depois de entrar no aposento, e certamente Elin deveria ter notado a sua à tão curta distância. Uma mulher capaz de canalizar não conseguia aproximar-se furtivamente de outra, se esta estivesse atenta.

Ao espiar sobre o ombro da noviça, Moiraine identificou o livro no mesmo instante: “Corações Apaixonados”, uma coletânea de novelas românticas. A biblioteca da Torre era a maior do mundo conhecido e possuía exemplares de qualquer livro que já fôra impresso, mas este não era adequado para uma noviça. Às Aceitas era concedido um certo grau de liberdade – então já sabiam que se uma delas tivesse um marido teria de vê-lo envelhecer e morrer, assim como seus filhos, netos e bisnetos, enquanto ela permanecia sempre a mesma – mas com as noviças, tentava-se fazê-las deixar de pensar em homens ou amores, e

que não tivessem nada com eles. Uma noviça podia estar perdida se resolvesse fugir para casar-se, ou pior ainda, se engravidasse. O treinamento das noviças era propositalmente árduo; se alguém fosse desmoronar, melhor que desmoronasse agora do que já sendo uma irmã. Ser Aes Sedai era realmente duro, e somar uma criança às suas responsabilidades só tornaria as coisas piores.

- Você deveria procurar uma leitura mais apropriada, Elin, - disse Moiraine, com voz átona – e prestar mais atenção a seus deveres.

Antes que acabasse de falar, Elin já se erguera de um salto, soltando uma exclamação abafada, deixando cair o livro e girando sobre si mesma. Não era alta para uma andoriana, mas ainda assim Moiraine teve de erguer a cabeça para encara-la. Quando Elin a viu, soltou um leve – muito leve – suspiro de alívio.

Para as noviças, as Aceitas estavam apenas um pequeno degrau abaixo das Aes Sedai. Elin segurou a saia branca ao fazer um apressada medida.

- Ninguém poderia entrar sem que eu visse, Moiraine. Merean Sedai deu-me permissão para ler. – inclinou a cabeça para o lado enquanto brincava com a fita branca que lhe prendia os cabelos. Tudo o que as noviças usavam era branco, inclusive as delicadas sapatilhas de couro – Por que o livro não é apropriado, Moiraine? – embora fosse três anos mais velha, o anel da Grande Serpente e a saia com bandas coloridas significavam uma fonte de conhecimentos aos olhos das noviças. Infelizmente, havia temas sobre os quais Moiraine sentia-se constrangida em falar. E um destes era o decoro. Apanhou o livro e entregou-o à moça.

- As bibliotecárias se zangarão se você lhes devolver o livro em mau estado.

Sentiu certa satisfação com isso. Era o tipo de resposta que daria uma irmã no caso de não querer responder uma pergunta. As Aceitas praticavam a forma de falar das Aes Sedai visando o dia em que obtivessem o xale, mas as únicas com quem podiam treinar eram as noviças. Algumas tentavam com a criadagem durante algum tempo, mas só conseguiam que rissem delas. Os empregados sabiam que aos olhos das Aes Sedai, as Aceitas não estavam a um pequeno degrau abaixo delas, mas a um pequeno degrau acima das noviças.

Conforme esperara, Elin pôs-se a examinar ansiosamente o livro em busca de algum dano, e Moiraine mudou de assunto antes que a outra tivesse tempo de repetir a pergunta embaraçosa.

- Chegaram mensagens do campo de batalha, pequena?

Elin arregalou os olhos, indignada.

- Você sabe que eu teria comunicado imediatamente se chegasse alguma mensagem, Moiraine! Você sabe que sim!

Claro que sabia. E Tamra também. Mas, embora a Guardiã ou uma das Conselheiras pudessem fazer observar que a Amyrlin dera uma ordem tola – ao menos assim acreditava ela – a uma Aceita só restava obedecer. E para dizer a verdade, supunha-se que as noviças não deveriam observar que uma Aceita fizera uma pergunta tola.

- Este é o jeito certo de responder, Elin?

- Não, Moiraine. – disse Elin contrita, fazendo outra mesura – Não chegou nenhuma mensagem enquanto estive aqui. – ladeou a cabeça novamente – Gitara Sedai fez alguma Predição?

- Volte à sua leitura, pequena.

Tão logo as palavras saíram de sua boca, Moiraine percebeu que agia mal, que caía em contradição. Mas já era tarde demais para retirá-las. Voltou-se rapidamente, e, confiando que Elin não notasse o súbito rubor que lhe subia às faces, saiu da sala com a maior dignidade possível. Bem, a Mestra das Noviças dissera à garota que podia ler e as bibliotecárias haviam permitido que levasse o livro, se é que alguma Aceita não lho emprestara. Mas Moiraine detestava fazer papel de boba.

Saía vapor pelo bico da chaleira, e também da jarra d'água quando Moiraine voltou a entrar na sala, fechando a porta. O brilho do Saidar já não envolvia Siuan. A água fervia rapidamente quando se usava o Poder Único; a dificuldade estava em não permitir que se evaporasse de uma vez. Siuan já enchera duas xícaras verdes, e misturava mel a uma delas. A outra continha chá com muito leite. Siuan entregou a Moiraine a xícara que estivera mexendo.

- É a de Gitara. – disse em voz baixa. E acrescentou sussurrando com uma careta enojada: - Ela gosta com tanto mel que fica parecendo xarope. Disse-me que não fosse parcimoniosa!

A porcelana parecia quente demais entre os dedos de Moiraine, mas já estaria no ponto quando cruzasse o aposento até a escrivaninha onde Gitara continuava sentada, agora tamborilando os dedos com ar impaciente. O relógio de ébano colocado sobre o aparador da lareira deu a primeira hora da manhã. As trompas continuavam soando; seus toques pareciam frenéticos, ainda que Moiraine soubesse que isso provavelmente não passava de imaginação sua.

Tamra estava em pé junto das janelas, observando o céu que clareava. Continuou olhando para fora por alguns momentos depois que Siuan fez uma reverência ao oferecer-lhe a xícara. Finalmente voltou-se e avistou Moiraine.

- Quais são as notícias, Moiraine? – perguntou ao apanhar a xícara – O que você está esperando?

Parecia realmente tensa, por assim dizer. Deveria saber que lhe seria comunicado imediatamente se tivessem recebido alguma notícia. Moiraine estava oferecendo a xícara a Gitara; mas, antes que pudesse responder, a Guardiã levantou-se bruscamente, dando um golpe tão forte na mesa que o tinteiro virou, derramando um charco de tinta negra sobre o tampo. Tremendo, permaneceu em pé, com os braços rígidos comprimidos contra os lados do corpo e com o olhar fixo em algum ponto sobre a cabeça de Moiraine, os olhos desorbitados de terror. Terror, puro e simples.

- Ele renasceu! – bradou – Posso sentir! O Dragão vêm ao mundo nas encostas do Monte do Dragão! Está vindo! Está vindo! Que a Luz nos ajude! Que a Luz ajude o mundo! Ele jaz na neve e seu choro é como o trovão! Queima como o sol!

Com a última palavra, soltou um gemido baixo e tombou nos braços de Moiraine. Esta largou a xícara para ampara-la, mas a outra mulher era muito pesada e as duas caíram no tapete. Tudo o que Moiraine pôde fazer foi cair de joelhos sustendo a Guardiã, para depois estende-la no chão.

Tamra estava junto delas num instante, ajoelhada, sem se importar com a tinta que pingava da escrivaninha. O brilho do Saidar envolvia-a, e já tinha preparada a trama de Energia, Ar e Água. Tomou a cabeça de Gitara entre as mãos e deixou que a trama penetrasse na mulher inanimada. Mas o Diagnóstico, usado para examinar o estado de saúde de alguém, não se converteu em Cura. Ao fitar, impotente, os olhos abertos e fixos de Gitara, Moiraine soube a razão. Confiara

em que restasse um minúsculo alento de vida, algo com que Tamra pudesse trabalhar. A Cura sanava qualquer doença, fechava qualquer ferimento, mas não ressuscitava. A poça de tinta espalhara-se, borrando o que quer que a Guardiã houvesse escrito. Era estranho, as coisas em que se reparava em momentos como este.

- Agora não, Gitara... – murmurou Tamra. Parecia desolada. – Agora não! Não quando mais preciso de você!

Lentamente, alçou a vista até que seu olhar encontrou o de Moiraine, que teve um sobressalto e recuou. Dizia-se que o olhar de Tamra podia fazer com que as pedras se movessem, e naquele instante, Moiraine acreditou nisso. A Amyrlin desviou a vista para Siuan, que continuava em pé junto à janela. Sua amiga tinha as mãos apertadas contra a boca e a xícara que antes segurava estava no tapete, a seus pés. Também se sobressaltou sob aquele olhar. Moiraine reparou na xícara que derrubara. “Por sorte não se quebrou,” – pensou. – “A porcelana das Ilhas é muito cara.” Ah, que truques realizava a mente quando não se queria pensar em algo!

- Ambas são inteligentes, - disse Tamra, finalmente – e, felizmente, não são surdas. Sabem o que Gitara acaba de Predizer? – Nesta última frase, o tom inquisitivo fez com que ambas inclinassem a cabeça, dizendo que sim. Tamra suspirou, como se esperasse uma resposta diferente.

Tomando Gitara dos braços de Moiraine, a Amyrlin estendeu-a sobre o tapete, acariciando-lhe os cabelos. Ao cabo de um instante, retirou a estola azul que rodeava os ombros de Gitara, dobrou-a cuidadosamente e cobriu o rosto da Guardiã com ela.

- Com sua permissão, Madre, – a voz de Siuan soava rouca – mandarei Elin buscar a camareira da Guardiã, para que se encarregue do que for necessário.

- Quieta aí! – exclamou Tamra. Aquele olhar acerado esquadrinhou a ambas. – Vocês não contarão isto a ninguém, por razão alguma! Mintam, se for preciso. Inclusive a uma irmã. Gitara morreu sem dizer nada. Entenderam?

Moiraine assentiu com cabeceios bruscos, e percebeu que Siuan fazia outro tanto. Ainda não eram Aes Sedai; podiam mentir - e faziam-no ocasionalmente, apesar de seus esforços por agir como uma irmã – mas nunca haviam esperado que se lhes ordenasse fazê-lo. E muito menos uma Aes Sedai. E jamais que tal

ordem viesse da Amyrlin.

- Bom. – disse Tamra, parecendo esgotada – Digam à... a noviça que está de serviço chama-se Elin? Digam a Elin que entre. Eu lhe direi onde pode encontrar a criada de Gitara. – obviamente queria assegurar-se de que Elin não ouvira nada do outro lado da porta; caso contrário, poderia ter enviado Siuan ou ela – Quando a garota entrar, estarão dispensadas. E lembrem-se! Nenhuma palavra! A ninguém! – tal ênfase só serviu para ressaltar a estranheza da situação. Uma ordem da Amyrlin devia ser obedecida como se fosse um juramento. Não era necessário repeti-la.

“Eu queria ouvir uma Predição,” – pensou Moiraine, fazendo uma reverência antes de sair – “e recebi a previsão do fim do mundo.”

Oxalá tivesse tomado mais cuidado com o que desejava!



### 3

#### Ensaaios



No amplo corredor que conduzia aos aposentos da Amyrlin fazia tanto frio quanto na saleta, e havia várias correntes de ar, algumas tão fortes que faziam balançar as longas e pesadas tapeçarias que pendiam das brancas paredes de mármore e agitavam as chamas dos castiçais de pé dourados colocados entre as tapeçarias, quase fazendo com que se apagassem. As noviças deveriam estar tomando o desjejum a esta hora, e provavelmente também a maioria das Aceitas. No momento, as corredores estavam desertos, com exceção de Siuan e Moiraine. Pisavam no tapete azul que tinha a metade da largura do corredor, a fim de aproveitar a reduzida proteção que oferecia contra o frio dos ladrilhos, os quais formavam um desenho que se repetia, com as cores dos sete Ajahs. Moiraine estava demasiado impressionada para falar, e mal tinha consciência das trompas que continuavam a soar. Dobraram à esquerda num corredor que tinha os ladrilhos brancos e um tapete verde. À sua direita, outro largo corredor adornado com tapeçarias e permeado com castiçais de pé ascendia em uma suave espiral até os alojamentos dos Ajahs; os ladrilhos visíveis do mosaico formavam um desenho em azul e amarelo, enquanto que o tapete era cinzento, castanho e vermelho. No interior do setor destinado a cada Ajah, predominava a cor simbólica do Ajah correspondente, enquanto outras cores podiam estar completamente ausentes, mas nas áreas comuns da Torre, as cores de todos os Ajahs eram usadas na mesma proporção. Seu espírito vagava, em pensamentos irrelevantes. Por que na mesma proporção se alguns Ajahs eram maiores que outros? Será que outrora haviam tido o mesmo número de irmãs? Como se

conseguira tal coisa? Uma Aes Sedai recém ascendida escolhia livremente o seu Ajah. Entretanto, os recintos de todos os Ajahs tinham o mesmo tamanho. Melhor pensar em bobagens do que...

- Você quer comer? – perguntou Siuan.

Moiraine surpreendeu-se. Comer?

- Eu não poderia engolir nada, Siuan.

A outra garota deu de ombros.

- Também não estou com fome. Minha idéia era acompanhá-la, se você quisesse tomar alguma coisa.

- Vou para o meu quarto tentar dormir um pouco, se conseguir me acalmar. Dentro de duas horas tenho uma aula com as noviças. – e certamente teria outras, se as irmãs não voltassem logo. As noviças não podiam perder aulas por causa de coisas tão insignificantes como guerras ou... ela não queria pensar nesse “ou”. Também perderia aulas se as Aes Sedai não regressassem. As Aceitas faziam sozinhas a maior parte de seus estudos, mas Moiraine tinha uma aula com Meilyn Sedai e outra com Larelle Sedai marcadas.

- Dormir seria perder um tempo que não temos. – disse Siuan, firmemente. – Vamos ensaiar para o teste. Talvez ainda tenhamos um mês, mas também poderia ser amanhã.

- Nem sabemos com certeza se vão nos testar logo. Merean só falou que faltava pouco.

Siuan bufou. Com força. Quando ainda era uma noviça, as irmãs haviam-lhe polido a linguagem, na qual havia fortes reminiscências do cais do porto e que às vezes estava cheia de violenta rudeza, mas não haviam conseguido reprimi-la totalmente. Felizmente; aquelas arestas faziam parte de Siuan.

- Quando Merean diz a alguém que falta pouco, o teste acontece dentro de um mês, e você sabe disto muito bem, Moiraine. Vamos praticar.

Moiraine suspirou. De fato, duvidava que fosse conseguir dormir, mas também não acreditava que fosse capaz de concentrar-se.

- Oh, está bem, Siuan.

A segunda surpresa, depois de sua amizade, fôra perceber que entre ambas, a pescadorazinha era a líder, e a princesa, a seguidora. É claro que a posição de alguém no mundo exterior não significava nada na Torre. Filhas de mendigos já haviam sido elevadas à dignidade de Amyrlin, assim como filhas de mercadores, fazendeiros e operários, incluindo três filhas de remendões, mas só uma filha de um governante. Ademais, Moiraine aprendera a julgar as pessoas por suas atitudes muito antes de deixar o lar. Sobretudo no Palácio do Sol, aprendia-se isso logo que se começava a andar. Siuan nascera para o mando. Segui-la onde a conduzisse parecia-lhe algo perfeitamente natural.

- Aposto que você fará parte do Conselho da Torre quando tiver usado o xale por cem anos e que será Amyrlin antes que se passem mais cinqüenta. – comentou, não pela primeira vez. A reação também foi a mesma de sempre.

- Não comece a me agourar desgraças! – respondeu Siuan, de cara feia – Quero ver o mundo. Talvez lugares nunca vistos por nenhuma outra irmã. Eu costumava olhar para os barcos que chegavam a Tear, carregados com seda e marfim de Shara, e perguntava-me se algum tripulante teria coragem de escapular para fora da zona de comércio. Eu o faria. – seu rosto refletia a mesma resolução plasmada no de Tamra – Uma vez, meu pai levou seu barco rio abaixo até o Mar das Tormentas e eu quase não conseguia puxar as redes por ter o olhar fixado no sul, indagando-me o que haveria além do horizonte.

Algum dia, irei lá! E o Oceano Arício? Terras estranhas com costumes exóticos. Pode ser que haja cidades tão grandes quanto Tar Valon, e cordilheiras mais altas que a Espinha do Mundo! Imagine só, Moiraine! Imagine!

Moiraine reprimiu um sorriso. Siuan falava veementemente de suas futuras aventuras, ainda que nunca se referisse assim a elas. Aventuras aconteciam em contos e romances, mas não na vida real, como Siuan bem repararia. Porém, não havia dúvidas de quando obtivesse o xale, sairia em disparada, como uma flecha de um arco. E então, ver-se-iam duas vezes a cada dez anos, se é que não passasse mais tempo. Tal idéia produziu-lhe uma pontada de tristeza, mas Moiraine também não duvidava que suas conjecturas se realizariam; neste caso, precisaria ter o Talento da Predição. Não. Este pensamento enveredara pelo rumo errado.

Ao virar o corredor seguinte e passar por uma estreita escada de mármore que

descia, a cara feia de Siuan desfez-se e começou a lançar olhares furtivos a Moiraine. Os ladrilhos ali eram de cor verde escura, e o tapete, de um amarelo intenso. As paredes brancas não ostentavam enfeites e as lâmpadas não eram douradas nesta parte da Torre, mais percorrida pela criadagem que pelas irmãs.

- Você está tentando mudar de assunto, não é? – indagou bruscamente Siuan.

- Qual assunto? – perguntou Moiraine, tentando rir – O treinamento ou o desjejum?

- Você sabe muito bem do que estou falando, Moiraine! O que você acha disso?

Seu riso a ponto de explodir esfumou-se. Não precisava perguntar o que queria dizer “isso”. Exatamente aquilo em que não queria pensar. “Ele renasceu.” A voz de Gitara ressoava em sua mente. “O Dragão toma seu primeiro alento...” Desta vez, o arrepio que a percorreu não se devia ao frio.

Durante mais de três mil anos o mundo esperara que as Profecias do Dragão se cumprissem, temera que se cumprissem, mesmo sabendo que pressagiavam a única esperança do mundo. E agora, um menino estava prestes a nascer, talvez imediatamente, a julgar pelo que Gitara dissera, para cumprir a Profecia. Veria a luz na encosta do Monte do Dragão, renascendo onde – dizia-se – morrera o homem que fôra outrora. Mais de três mil anos atrás, o Senhor da Escuridão quase penetrara no mundo dos seres humanos e provocara a Guerra da Sombra, que só acabara quando sobreviera o Despedaçamento do Mundo. Tudo fôra destruído, a própria face da Terra mudara, a humanidade reduzira-se a um punhado de miseráveis sobreviventes. Séculos passaram-se antes que a mera luta pela sobrevivência desse novamente lugar à fundação de cidades e nações. O nascimento dessa criança significava que o Obscuro voltaria a libertar-se, já que nascia para enfrentar o Obscuro em Tarmon Gai'don, a Batalha Final. Dele dependia o destino do mundo. As Profecias afirmavam que ele era a única possibilidade de salvação. Mas não diziam se triunfaria. Contudo, pior que a idéia da derrota era talvez o fato de que canalizaria o Saidin, a metade masculina do Poder Único. Isso não lhe provocou um calafrio; fê-la estremecer. O Saidin levava a contaminação do Obscuro. Ocasionalmente apareciam homens que tentavam canalizar e alguns conseguiam até aprender a fazê-lo sozinhos e sobreviver, uma façanha nada desprezível. Entre as mulheres, apenas uma em quatro sobrevivia ao tentar aprender sozinha. Alguns destes homens provocavam guerras, geralmente falsos Dragões, homens que proclamavam ser o Dragão

Renascido, enquanto outros tentavam esconder-se levando uma vida normal; mas, a menos que fossem aprisionados e levados para a Torre para ser domados – afastados do Poder para sempre – todos enlouqueciam. Podia demorar anos ou apenas alguns meses, mas era inevitável. Homens loucos que podiam dominar o Poder que fazia girar a Roda do Tempo e movia o Universo. A história estava cheia de horrores levados a cabo por homens assim. E as Profecias anunciavam que o Dragão Renascido traria um novo Despedaçamento do Mundo. Acaso sua vitória seria melhor que a vitória do Senhor da Escuridão? Sim. Sim, teria de ser! Até o Despedaçamento deixara sobreviventes para reconstruir o mundo, com o tempo. O Obscuro só deixaria um ossuário. De qualquer forma, as Profecias não desapareceriam pelo desejo de uma Aceita. Nem mesmo pelas preces de todos os povos do mundo.

- Parece-me que a Amyrlin ordenou que não falássemos disto. – respondeu. Siuan sacudiu a cabeça.

- O que ela ordenou foi que não contássemos a ninguém. Mas nós duas já sabemos, e podemos falar disto entre nós. – calou-se quando uma criada gorducha, que vestia o uniforme com a Chama de Tar Valon bordada no peito apareceu no corredor diante delas.

Enquanto cruzava por elas, a mulher examinou-as com ar desconfiado. Talvez estivessem com caras de culpadas. Frequentemente os homens de serviço faziam vista grossa às travessuras das Aceitas e até das noviças, talvez porque não quisessem ter nada a ver com Aes Sedai além do que seu trabalho exigia; por outro lado, as criadas estavam sempre atentas e tão vigilantes quanto as próprias irmãs.

- Sempre e desde que tomemos cuidado. – sussurrou Siuan uma vez que a mulher de uniforme se afastasse o suficiente para não ouvi-la. Por mais segura que estivesse de que não fazia mal falar entre elas, pareceu conformar-se em manter silêncio até chegarem aos alojamentos das Aceitas, no lado oeste da Torre. Ali, galerias com balaustradas de pedra rodeavam um pequeno jardim, situado três andares abaixo. O jardim não era mais que um punhado de arbustos perenes que assomavam por entre a neve nesta época do ano. Uma Aceita que causasse muitos problemas poderia ver-se com uma vassoura na mão, limpando a neve do jardim – as irmãs acreditavam firmemente que o trabalho braçal formava o caráter – mas ninguém se metera em encrencas nos últimos tempos. Moiraine apoiou as mãos na balaustrada e ergueu o olhar para o límpido céu de

Inverno, acima de outros seis andares de galerias silenciosas. O vapor de sua respiração condensava-se-lhe diante do rosto. O som das trompas era mais audível ali que nos corredores, e o cheiro de fumaça era mais intenso.

Em volta daquele pátio havia alojamentos para mais de cem Aceitas, assim como no outro pátio. Talvez nunca lhe ocorresse pensar naqueles números a não ser pela Predição de Gitara, mas já pensara nisto em outras ocasiões. Tinha-as gravadas a fogo no espírito. Aposentos para mais de duzentas Aceitas, embora o segundo pátio estivesse fechado há mais tempo do que qualquer Aes Sedai viva recordava, enquanto neste só eram ocupados pouco mais de sessenta quartos. Os aposentos das noviças também rodeavam outros pátios, com dormitórios para mais de quatrocentas meninas, mas um deles estava lacrado há muito tempo também, e o outro abrigava menos de cem. Segundo suas leituras, houvera um tempo em que noviças e Aceitas eram obrigadas a partilhar os quartos, em duplas. Há tempos, metade das garotas inscritas no Livro de Noviças passava pelo teste para obter o anel; menos de vinte noviças poderiam fazê-lo atualmente. A Torre fôra construída para abrigar três mil irmãs, mas nela residiam quatrocentas e vinte e três neste momento, e havia o dobro deste número espalhado pelo mundo. Números que queimavam como o ácido. Nenhuma Aes Sedai diria isto em voz alta, e Moiraine não se atreveria a dizê-lo em um lugar onde uma irmã pudesse ouvi-la, mas a Torre Branca estava decaindo. A Torre estava decaindo e a Batalha Final se aproximava.

- Você se preocupa demais. – comentou afetuosamente Siuan – Meu pai costumava dizer: “Mude o que puder, se for preciso, mas aprenda a aceitar o que você não pode mudar”. Com isso você só vai ganhar uma úlcera no estômago. Esta última parte não é de meu pai, é minha. – bufou novamente, exagerou um estremecimento e envolveu-se com os braços – Podemos entrar agora? Estou congelando. Meu quarto é mais perto, vamos.

Moiraine assentiu com a cabeça. A Torre também ensinava a suas alunas a aceitar o que não pudessem mudar, mas algumas coisas eram suficientemente importantes para que valesse a pena tentar mudá-las, ainda que se soubesse que a tentativa acabaria em fracasso. Esta era outra lição que aprendera quando pequena.

Os aposentos das Aceitas eram todos idênticos, exceto por pequenos detalhes, ligeiramente mais largos no fundo, com painéis lisos de madeira escura nas paredes. Nenhuma peça de mobília era boa, ou pelo menos nada que uma irmã

teria tolerado. No quarto de Siuan havia um pequeno tapete tarabonês quadrado, tecido em um tom de azul desbotado e com franjas verdes, e o lavabo com espelho a um canto tinha uma jarra branca rachada sobre a bacia. As Aceitas tinham de contentar-se com o que houvesse, a menos que algo se quebrasse, e neste caso, era melhor ter uma boa desculpa para o acontecido. A pequena mesa, com três livros encadernados em couro empilhados em cima, e as duas cadeiras de encosto almofadado não teriam destoado na casa de um fazendeiro pobre, embora a cama desfeita, com as cobertas em desordem, fosse ampla como a de uma granja moderadamente próspera. Um pequeno armário completava o mobiliário. Nada tinha entalhes ou enfeites que qualquer tipo. Quando Moiraine mudara-se do pequeno e austero dormitório de noviça, havia-se sentido como se estivesse num palácio, ainda que seu novo quarto tivesse a metade do tamanho de qualquer uma das peças de seus aposentos no Palácio do Sol. Naquele momento, o melhor de tudo era a lareira de pedra gris. Hoje, qualquer quarto com uma lareira pareceria um palácio, se pudesse ficar perto do fogo.

Siuan apressou-se em pôr três achas de lenha sobre as cinzas da lareira – a caixa de lenha estava quase vazia; os criados carregavam a lenha das Aes Sedai, mas as Aceitas tinham de carregar a sua – e resmungou ao perceber de que seus esforços para avivar as brasas da noite anterior eram inúteis. Sem dúvida, na sua pressa em chegar aos aposentos da Amyrlin, não as cobrira com cinzas suficientes para evitar que se apagassem. Surgiu uma ruga em sua testa, e Moiraine tornou a sentir o arrepio quando o brilho do Saidar rodeou brevemente Siuan. Qualquer mulher que canalizasse podia sentir a outra tocando o Poder se estivesse próxima o suficiente, mas o arrepio era incomum. Mulheres que passavam muito tempo juntas durante o aprendizado podiam senti-lo às vezes, mas supunha-se que a sensação desaparecia com o tempo. Com Siuan e ela, nunca desaparecera. Às vezes Moiraine pensava que era um sinal de quão forte era sua amizade. Quando o brilho se apagou, as achas de lenha ardiam alegremente. Moiraine não disse nada, mas Siuan olhou-a de soslaio, como se a tivesse compreendido.

- Eu estava com muito frio para esperar, Moiraine. – disse, defensivamente – E além disso, lembre-se do sermão de Akarrin há duas semanas: “Vocês têm de saber as regras ao pé da letra,” – recitou – “e conviver com elas antes de saber quando podem quebrá-las.” Isso quer dizer que às vezes podemos quebrar as regras.

Akarrin, uma esbelta irmã Marrom de olhar vivo, que percebia imediatamente

quando alguém não a compreendia, dera-lhes uma aula sobre ser Aes Sedai, não sobre ser uma Aceita, mas Moiraine mordeu a língua. Siuan não tinha nenhuma necessidade de aulas para pensar em quebrar regras. Oh, certo, ela nunca violava as principais restrições – nunca tentara fugir, por exemplo, nem faltara com o respeito a uma irmã, e jamais lhe passaria pela cabeça roubar – mas desde o princípio tivera o gosto de fazer travessuras. Bem, ela também. A maioria das Aceitas fazia-o, pelo menos de vez em quando, assim como a maioria das noviças. Fazer brincadeiras era um jeito de aliviar a tensão dos estudos constantes, com muito poucos dias livres. As Aceitas não tinham tarefas a realizar além das necessárias para manter seus quartos arrumados e suas pessoas asseadas, a menos que se metessem em alguma grossa encrenca, mas esperava-se que estudassem com afinco, mais do que as noviças podiam imaginar. Era indispensável ter alguma espécie de desafio, ou acabariam quebrando como um ovo ao cair no chão.

Nem era preciso dizer que nada do que Siuan e ela aprontavam era mal-intencionado. Aquilo de lavar a roupa de baixo de uma certa Aceita odiosa com pó-de-mico não contava. Elaida havia feito de seu primeiro ano como noviças um inferno, estabelecendo-lhes metas que ninguém jamais alcançara, e insistindo para que as alcançassem. No segundo ano, depois que obtivera o xale, tornara-se ainda pior, até que se fôra embora da Torre. Quase todas as suas traquinagens haviam sido muito mais benignas, ainda que até as mais inocentes pudessem acarretar-lhes um castigo, sobretudo quando o alvo era uma Aes Sedai. Encher a maior fonte do Jardim das Águas com gordas carpas, numa noite do verão passado, fôra o seu maior triunfo; em parte pela dificuldade, e em parte porque não haviam sido apanhadas. Algumas irmãs haviam-lhes lançado olhares desconfiados, mas felizmente, nenhuma pudera provar que o haviam feito. Por sorte, ou porque perguntar a uma Aceita se fizera alguma barbaridade era algo que não se fazia, simplesmente. Colocar carpas na fonte possivelmente não teria levado ambas a fazer uma visita ao gabinete da Mestra das Noviças, mas sair do recinto da Torre sem permissão para compra-las – e à noite! – sim. Moiraine esperava que Siuan não estivesse maquinando alguma arte, com toda aquela conversa sobre quebrar as regras. Estava cansada demais; seriam pegas.

- Quem começa, você ou eu? – indagou. Talvez o treinamento conseguisse fazer com que Siuan esquecesse a vontade de meter-se em problemas.

- Você precisa mais. Esta manhã nos concentraremos em você. E à tarde. E à noite.



Moiraine torceu o nariz, mas Siuan tinha razão. O teste para obter o xale consistia em tecer perfeitamente cem tramas, em ordem rigorosa, estando submetida a uma grande tensão. E era preciso demonstrar uma total tranqüilidade, o tempo todo. Elas ignoravam de que espécie de tensão se tratava, salvo que tentariam distraí-las e quebrar sua compostura. Para ensaiar, criavam distrações uma para a outra, e Siuan era muito boa em confundi-la no pior momento, ou deixa-la de mau humor. Irritar-se excessivamente impedia-a de segurar firme o Saidar, mesmo depois de seis anos de prática; precisava ter um mínimo de sossego para canalizar. Raramente conseguia desconcertar Siuan, que sempre mantinha seu gênio sob férreo controle.

Moiraine abraçou a Fonte e deixou que o Saidar a preenchesse. Não tanto quanto podia absorver, apenas o suficiente para praticar. Canalizar era cansativo, e quanto mais Poder se canalizasse, pior. Mesmo uma quantidade tão pequena espalhou-se por todo o seu ser, inundando-a de gozo, de vida e de exultação; algo tão extasiante que era quase uma agonia. Quando abraçara o Saidar pela primeira vez, não soubera se devia rir ou chorar. Imediatamente sentiu a necessidade de absorver mais, e obrigou-se a reprimir tal desejo. Todos os sentidos aguçavam-se ao abraçar o Poder, e teve a impressão de poder ouvir até os batimentos do coração de Siuan. Percebia as correntes de ar roçando-lhe as faces e as mãos, e as cores das bandas do vestido de sua amiga cobraram intensidade, enquanto o branco do pano tornava-se quase deslumbrante. Distinguia fendas minúsculas dos painéis das paredes que, se não estivesse cheia com o Poder, não conseguiria enxergar nem se encostasse o nariz na madeira. Era excitante. Sentia-se... mais viva. Uma parte de si desejava abraçar o Saidar a cada instante, mas tal coisa estava estritamente proibida. Tal desejo podia levar a absorver mais e mais, até que finalmente, absorvia-se tudo o que se poderia manejar. E aí, ou matava ou consumia para sempre a capacidade de canalizar. Perder isso seria bem pior que a morte.

Siuan sentou-se em uma das poltronas e o brilho envolveu-a. Naturalmente, Moiraine não podia enxergar o seu próprio. Siuan teceu uma salvaguarda contra ouvidos indiscretos em volta do quarto, pegada às paredes, o soalho e o teto, amarrando-a para não ter de mantê-la. Segurar duas tramas de uma vez era duas vezes mais difícil que manter apenas uma. Passado este número, o termo “difícil” já não bastava como definição, ainda que não fosse impossível de fazer-se. Fez um gesto a Moiraine para que ficasse de costas. Moiraine obedeceu, com uma leve careta por causa da salvaguarda. Seria fácil evitar a distração se

pudesse ver as tramas que Siuan lhe preparava, mas por que uma salvaguarda contra ouvidos indiscretos? Assim, mesmo que berrasse a plenos pulmões, ninguém, nem que tivesse o ouvido pegado a porta, poderia ouvi-la. Certamente Siuan não faria nada que a obrigasse a gritar. Não. Este deveria ser o primeiro truque para inquieta-la, fazendo com que questionasse seus motivos. Percebeu que Siuan manipulava os fluxos da Terra e Ar, e depois o Fogo, Água e Energia, numa troca contínua. Sem olhar, não lhe era possível saber se a outra garota estava criando uma trama ou se simplesmente era outra tentativa de distração. Respirou profundamente e concentrou-se em um estado de absoluta tranquilidade.

A maior parte das tramas do teste eram tremendamente complicadas, e haviam sido desenvolvidas especialmente para aquele fim. Coisa curiosa, a execução de nenhum deles envolvia gesticular, como requeriam muitas outras tramas. O movimento não fazia parte delas; mas se não fosse por ele, a trama não funcionava. Supunha-se que os gestos determinavam certas trajetórias mentais. A ausência de gestos sugeria a idéia de que talvez fosse necessário o uso das mãos, ao menos durante parte do teste, e isso soava sinistro. Outra estranheza era o fato de que nenhuma daquelas tramas incrivelmente intrincadas fazia realmente algo, e não produziam nada perigoso se as realizasse de forma incorreta. Bem, nada excessivamente perigoso. Esta era uma possibilidade bastante real com várias tramas. Algumas das mais simples poderiam ser desastrosas se mal-executadas. Já haviam morrido mulheres no teste, mas certamente não em consequência de errar uma trama. Mesmo assim, um erro no primeiro produziria um trovão ensurdecedor. Moiraine canalizou finíssimos fluxos de Ar e teceu-os. Aquela era uma trama muito simples, mas por menores que fossem os filamentos, não podia forçar o Saidar. O Poder era como um vasto rio que fluía inexoravelmente; ao tentar forçá-lo, alguém poderia ser arrastado como um ramo à deriva no rio Erinin. Tinha-se de usar sua imensa força para guia-lo conforme se desejasse. Em qualquer caso, não se especificava o tamanho, e algo pequeno era menos trabalhoso. E o barulho não seria tão forte se Siuan conseguisse...

- Moiraine, você acha que as Vermelhas serão capazes de deixá-lo em paz?

Moiraine teve um sobressalto antes mesmo que a trama que estava produzindo se desfizesse, com um ruído semelhante ao toque de uma campainha. Esperava-se que qualquer irmã que topasse com um homem capaz de canalizar se encarregasse dele, mas as Vermelhas empenhavam-se em caçá-los. Siuan referia-

se ao garoto anunciado. Isto explicava a salvaguarda. E aquela referência a romper as regras. Talvez Siuan não estivesse tão segura quanto dava a entender de que Tamra não se importaria se falassem do menino entre si. Moiraine virou a cabeça para trás, dirigindo-lhe um olhar furibundo.

- Não pare. – disse Siuan, tranqüilamente. Continuava canalizando, mas não fazia nada além de manter os fluxos – Você realmente precisa treinar se errou neste.

Agora, a trama produziu um disco azul-prata do tamanho de uma moeda pequena, que caiu na mão de Moiraine. Tampouco se especificava a forma, o que era outra esquisitice, mas os discos e bolas eram mais fáceis de fazer. Estava tecido com Ar, porém era duro como o aço e ligeiramente frio. Soltou a trama e a “moeda” desapareceu, deixando apenas um resíduo de Poder que não tardaria em desaparecer também.

A trama seguinte era uma das mais complexas e inúteis. Utilizava os Cinco Poderes, mas Moiraine respondeu enquanto tecia. Afinal, era capaz de falar e canalizar ao mesmo tempo. Ar e Fogo, e depois Terra. Energia e Ar novamente. Teceu sem parar. Por alguma razão, as tramas não podiam ser mantidas por muito tempo se estavam apenas meio tecidas, ou desfaziam-se para formar algo inteiramente distinto. Energia novamente, e Fogo e Terra juntos.

- Terão vinte anos para fazer isso. Ou quase, na pior das hipóteses. Na melhor, disporão de mais tempo. – ainda que algumas vezes as meninas comesçassem a canalizar com doze ou treze anos se já possuísem a habilidade, os meninos, mesmo com o dom inato, nunca começavam antes dos dezoito ou dezenove, a menos que tentassem aprender a fazê-lo; em alguns homens, a centelha não se manifestava até os trinta. Ar novamente, seguido de Energia e Água, todos precisamente colocados – Afinal, ele será o Dragão Renascido. Até as Vermelhas terão de compreender que não se pode doma-lo até que haja travado a Última Batalha. – Um triste destino, salvar o mundo, caso conseguisse, e como recompensa, ser apartado para sempre desta maravilha. Nas Profecias havia pouca misericórdia, pouco tempo para lamentações. Terra novamente, Fogo e mais Ar. Aquilo começava a adquirir o aspecto do pior emaranhado que já vira.

– Será suficiente? Ouvi dizer que algumas Vermelhas não fazem o menor esforço para capturar vivos esses pobres homens.

Moiraine também ouvira o mesmo, mas era apenas um boato. E uma violação da lei da Torre. Uma irmã poderia receber o castigo da vara por isso, e certamente o exílio numa fazenda afastada, para meditar sobre seu crime por algum tempo. Podia ser considerado um assassinato; mas, levando em conta o que tais homens poderiam fazer se não fossem controlados, Moiraine quase entendia as que não pensavam assim. Pôs mais Energia, com Terra entretecida. Dedos invisíveis pareceram subir-lhe pelas costas até as axilas. Tinha muitas cócegas, como Siuan bem sabia, mas sua amiga teria de esforçar-se mais se quisesse conseguir algo. Moiraine quase nem piscou.

- Como alguém me disse há pouco tempo, temos de aprender a relevar o que não podemos mudar. – comentou enfaticamente – A Roda do Tempo gira segundo seus desígnios, e os Ajahs agem segundo seu arbítrio. – Mais Ar e mais Fogo, e Água e Terra e Energia. Depois os cinco ao mesmo tempo. Luz!, que emaranhado espantoso! E ainda não estava completa.

- Pois eu acho... – começou Siuan.

A porta se abriu de golpe, deixando entrar uma onda de ar gelado que acabou com o calor acumulado na lareira. Cheia de Saidar como estava, Moiraine sentiu-se como se uma capa de gelo a cobrisse da cabeça aos pés. Pela porta entrou também Myrelle Berengari, uma Aceita vinda de Altara e que obtivera o anel no mesmo ano que ela. Morena, linda e quase tão alta quanto Siuan, Myrelle era simpática e caprichosa, com um senso de humor buliçoso e um gênio pior até que o de Moiraine quando desembestava. Quando noviças, ambas haviam-se enfrentado em discussões acaloradas, o que lhes acarretara surras de vara, e de algum modo, fez com que se tornassem amigas. Não tão íntimas como ela e Siuan, mas amigas, único motivo pelo qual não esbofeteou a outra por entrar sem bater. Com a salvaguarda, não teriam ouvido mesmo que esmurrasse a porta, mas isso não importava; o que contava era o modo de agir!

- Quanto vocês acham que falta para a Última Batalha? – perguntou Myrelle enquanto fechava a porta. Então reparou na trama meio acabada diante de Moiraine e na salvaguarda que rodeava o quarto – Ensaiaando para o teste, hein? Você já a fez gritar, Siuan? Posso ajuda-la, se você quiser. Sei um jeito de faze-la berrar como um leitãozinho apanhado na rede.

Moiraine deixou que a trama se dissipasse rapidamente antes que desmoronasse, e trocou um olhar desconcertado com Siuan. Como Myrelle sabia?

- Eu não gritei como... bom, como você falou. – replicou, tentando ganhar tempo. Quase todas as brincadeiras que as Aceitas faziam eram destinadas a outra Aceita, e as de Myrelle eram tantas quanto as de Siuan ou suas próprias. Essa em particular tivera a ver com um pedaço de gelo em pleno verão, quando até mesmo à sombra parecia ser um forno. Mas ela não gritara como um leitãozinho!

- Do que você está falando, Myrelle? – indagou Siuan, cautelosamente.

- Mas, aos Aiel, é claro! De que outra coisa poderia estar falando?

Moiraine trocou outro olhar com Siuan, mortificada desta vez. Algumas irmãs afirmavam que diversas passagens das Profecias do Dragão faziam alusão aos Aiel; outras tantas, negavam tal fato. No princípio da guerra, houvera discussões veementes sobre o assunto. Poderiam ter sido disputas aos gritos, se tais mulheres não fossem Aes Sedai. Mas, com tudo o que sabiam agora, Moiraine esquecera-se completamente disso, assim como Siuan, aparentemente. Manter o segredo iria exigir um alerta constante.

- Vocês duas têm um segredo, não é? – disse Myrelle – Não conheço ninguém que as iguale nisso. Bem, não pensem que vou perguntar o que é, porque não vou fazer isso! – por sua expressão, estava morrendo de vontade de saber.

- Não podemos contar porque não é algo nosso. – respondeu Siuan.

Moiraine ergueu as sobrancelhas antes de ser capaz de controlar a expressão de seu rosto. O que Siuan estava fazendo? Tentando jogar o Da'es Daemar? Moiraine tratara de ensinar-lhe como funcionava o Jogo das Casas. Em Cairhien, até os criados e camponeses sabiam como manobrar a seu favor e desviar outros de seus planos e segredos. Em Cairhien, nobre e plebeus eram guiados pelo Da'es Daemar mais que em nenhum outro lugar, embora o Grande Jogo fosse jogado em toda a parte, até em países onde todos o negavam. Contudo, apesar dos esforços de Moiraine, sua amiga nunca demonstrara muita facilidade com ele. Siuan era simplesmente franca demais.

- Mas você pode ajudar-me com Moiraine. – prosseguiu Siuan, o que era ainda mais surpreendente. As duas sempre ensaiavam sozinhas. – A estas alturas, ela já conhece de sobra os meus truques.

Rindo, Myrelle esfregou alegremente as mãos e sentou-se em outra cadeira, enquanto o brilho do Saidar a envolvia.

Com ar hostil, Moiraine voltou-se de costas novamente e começou a segunda trama.

- Desde o princípio, Moiraine. – disselhe Siuan – Você deveria saber. Você tem de gravar a ordem na mente de maneira tão firme que nada a faça enganar-se.

Suspirando levemente, Moiraine formou novamente o disco azul de Ar, e depois seguiu adiante.

De certo modo Siuan tinha razão ao dizer que já conhecia seus truques. Gostava de fazer-lhe cócegas nos piores momentos, das golpes secos em lugares desagradáveis, fazer carícias embaraçosas e barulhos que soavam junto a seus ouvidos e a assustavam. Isso além de dizer as coisas mais escandalosas que pudesse imaginar; e sua imaginação continuava sempre muito fértil, mesmo depois das irmãs terem corrigido seu linguajar. Entretanto, conhecer os truques da outra garota não a ajudava a conservar totalmente a compostura e nem tornava as coisas mais fáceis. Teve de começar mais duas vezes, por culpa de Siuan. Myrelle era pior. Ela gostava de gelo. Era fácil fazer gelo, questão de usar Água e Fogo para fazê-lo aparecer no ar. Mas Moiraine bem gostaria de saber como Myrelle se arranjava para fazê-lo materializar-se dentro do seu vestido, nos piores lugares possíveis. Myrelle também canalizava fluxos para belisca-la insidiosamente e dar-lhe golpes semelhantes a varadas, e às vezes um contundente no traseiro, como se lhe batesse com uma correia. Beliscões e golpes eram reais, e também as equimoses que deixavam. De uma feita, Myrelle a levantou mais de um palmo no ar com cordas feitas de Ar – Moiraine estava certa de que fôra ela; Siuan nunca fizera nada parecido – e a fez girar lentamente de ponta cabeça, com os pés apontando para o teto de forma que a saia caiu e tapou-lhe a cabeça. Com o coração batendo em disparada e quase frenética, levantou a saia com as mãos. Não era por pudor; tinha de continuar tecendo. Podia-se manter uma trama sem vê-la, mas não tecer, e se este emaranhado de Cinco Poderes viesse abaixo, provocar-lhe-ia uma sacudida dolorosa, como quando se esfregava o pé num tapete e depois tocava-se em um pedaço de ferro, mas três vezes pior. Conseguiu completar a trama com êxito, mas no total, Myrelle rompeu-lhe a concentração quatro vezes. Nada menos!

Sentiu uma irritação crescente, mas consigo mesma, não com Myrelle. Algo em que todas as Aceitas concordavam era que o que quer que as irmãs fizessem durante o teste seria muito pior que qualquer coisa que acontecesse com as amigas. E se fossem realmente amigas, fariam as piores coisas que lhes passassem pela cabeça, salvo o que pudesse causar-lhe um dano real, a fim de ajuda-la a preparar-se para o teste. Luz, se Myrelle e Siuan eram capazes de fazer-la tropeçar seis vezes em tão pouco tempo, que esperanças poderia ter de superar a verdadeira provação? Sem embargo, seguiu em frente com inflexível determinação. Passaria, e na primeira tentativa. Passaria!

Estava novamente em pleno processo de tecer a segunda trama quando a porta voltou a escancarar-se e Moiraine deixou os fluxos desaparecerem. Também soltou o Saidar, de má vontade. Sempre relutava em soltá-lo. Era como se a vida se dissipasse junto com o Poder; o mundo convertia-se em um lugar frio e monótono. De qualquer forma, não teria tido tempo de acabar a trama antes de sua aula com as noviças. Às Aceitas não era permitido ter relógios, pois eram muito caros para que a maioria pudesse pagar por um, e os gongos que batiam as horas nem sempre eram ouvidos dentro da Torre, de forma que era melhor desenvolver uma boa percepção temporal. As Aceitas eram tão proibidas de atrasar-se quanto as noviças.

A moça que abrira a porta desta vez não era uma amiga. Mais alta que Siuan, Tarna Feir vinha do norte de Altara, perto de Andor, mas o cabelo louro prateado não era a única coisa que a distinguia de Myrelle. As Aceitas não podiam ser arrogantes, mas bastava um só olhar àqueles olhos azuis para perceber que ela era. Tampouco possuía senso de humor, e pelo que sabiam, jamais fizera travessuras. Tarna obtivera o anel um ano antes de Moiraine e Siuan, depois de nove anos como noviça, durante os quais mal tivera amigas; assim como agora. Não parecia sentir necessidade disso. Muito diferente de Myrelle.

- Eu deveria ter imaginado que iria encontra-las juntas. – disse friamente. Era como uma montanha de gelo, sem vestígio de paixão – Nem sei porque não se instalam no mesmo quarto, afinal de contas. Você se juntou ao círculo de Siuan, Myrelle? – tudo dito com total naturalidade, mas ainda assim, os olhos de Myrelle lançaram chispas. O brilho do Saidar já não envolvia Siuan, mas Myrelle continuava abraçando o Poder. Moiraine esperava que não se precipitasse em usá-lo.

- Vá embora, Tarna. – disse Siuan com um muxoxo desdenhoso. – Estamos

ocupadas. E feche a porta.  
Tarna não se moveu.

- Tenho de apressar-me para chegar à aula das noviças. – disse Moiraine a Siuan; quanto a Tarna, ignorou-a. – Estão aprendendo a fazer bolas de fogo e se eu não chegar a tempo, certamente tentarão fazer sozinhas. – as noviças eram proibidas de canalizar, e até de abraçar a Fonte sem que houvesse uma irmã ou uma Aceita vigiando-as, mas faziam-no sempre que tinham oportunidade. As meninas mais novas não acreditavam que fosse realmente perigoso, e as mais velhas estavam certas de saber evitar o perigo.

- As noviças terão o dia livre. – informou Tarna. – Hoje não haverá aulas. – o fato de ter sido mandada embora não a desconcertara absolutamente. Nada a desconcertava. Sem dúvida, passaria facilmente no teste para obter o xale, e na primeira tentativa. – As Aceitas foram convocadas ao Salão Oval de Conferências. A Amyrlin quer falar conosco. Há outra coisa que vocês devem saber: Gitara Moroso morreu há poucas horas.

O brilho que rodeava Myrelle apagou-se.

- Então era esse o segredo que vocês guardavam! – exclamou. Em seus olhos surgiu uma centelha ainda mais exacerbada do que quando fitara Tarna.

- Eu disse que não podíamos contar pois não era algo nosso. – replicou Siuan.

Uma resposta de Aes Sedai. Bastou para que Myrelle assentisse com a cabeça, por relutante que fosse o gesto. E como era relutante aquele assentimento! O ardor não diminuiu em seu olhar. Moiraine suspeitou que sem demora, ela e Siuan encontrariam pedaços de gelo nos lugares mais surpreendentes.

Ainda segurando a porta aberta – seria ela imune ao frio, como as irmãs? – Tarna estudou a Moiraine primeiro, e depois a Siuan.

- É mesmo. Vocês duas deviam estar de serviço. O que aconteceu? A única coisa que sabemos é que morreu.

- Eu estava oferecendo-lhe uma xícara de chá quando deu um gemido e caiu morta em meus braços. – respondeu Moiraine. E esta era uma resposta de Aes Sedai ainda melhor que a de Siuan, todas e cada uma das palavras colocadas



precisamente para evitar a verdade completa.

Para sua surpresa, Moiraine percebeu uma expressão de tristeza no rosto de Tarna. Foi fugaz, mas estava lá. Tarna jamais demonstrava emoções. Era como uma estátua de pedra.

- Gitara Sedai era uma grande mulher. – murmurou – Fará muita falta.

- Por que a Amyrlin quer falar conosco? – perguntou Moiraine. Evidentemente, a morte de Gitara já fôra comunicada e, seguindo o costume, seu funeral realizarse ia no dia seguinte, não sendo necessário informar sobre a cerimônia. Era impossível que Tamra decidisse revelar a Predição às Aceitas.

- Não sei. – respondeu Tarna, novamente a frieza em pessoa. – E não posso ficar aqui falando. Todas as outras devem abandonar o desjejum imediatamente. Se corrermos, chegaremos justo antes da Amyrlin.

As Aceitas deviam manter certa compostura e discrição como parte da preparação para quando alcançassem o xale. E supunha-se que não deviam correr, a menos que recebessem ordens para tal. Mas correram, e Tarna tanto quanto as outras, com as saias erguidas até os joelhos e sem ligar para os olhares estupefatos dos criados uniformizados com quem cruzavam pelos corredores. As Aes Sedai não deixavam a Amyrlin esperando. A idéia de que Aceitas pudessem fazer, isso nem lhes passava pela cabeça.

O salão Oval de Conferências, ornamentado com arabescos em volta do teto ligeiramente abobadado e adornado com afrescos representando o céu e nuvens brancas, era raramente usado. Moiraine e as outras foram as últimas Aceitas a entrar, mas ainda assim, só estava ocupada menos da quarta parte de fileiras de bancos de madeira polida. O zunzum de vozes, já que as garotas conjecturavam as razões da Amyrlin resolver reuni-las, parecia ressaltar quão poucas eram, se pensassem no número de pessoas para o qual a sala fôra construída. Moiraine afastou a mente de tudo o que se relacionasse àquelas cifras. Talvez as irmãs... Não. Não ia atormentar-se dando voltas ao tema. Por sorte, o estrado situado ao fundo do salão estava vazio. Siuan e ela encontraram lugar na parte de trás, e Tarna sentou-se a seu lado, mas deixando bem claro que não tinha nada que ver com elas. A moça levava a atitude distante posta como se fosse um manto. Myrelle, ainda emburrada porque não lhe haviam contado sobre Gitara, deu a volta ao banco e sentou-se na outra ponta. Metade das moças que havia na sala

estavam falando, quase todas ao mesmo tempo. Era quase impossível entender o que cada uma dizia, e o pouco que Moiraine conseguiu ouvir era pura sandice. Iam fazer todas o teste para alcançar o xale? Imediatamente? Aledrin devia ter febre cerebral para soltar tal maluquice. E Brendas estava ainda pior. Geralmente sensata, agora afirmava que iam manda-las todas para casa porque, antes de morrer, Gitara Previra o fim da Torre Branca, ou talvez, do mundo. Seguramente, antes do meio-dia, correriam uma dúzia ou mais de histórias sobre Gitara e a Predição – os rumores proliferavam nos aposentos das noviças como rosas numa estufa – mas Moiraine continuava sem querer ouvir nenhuma. Para manter o segredo teria de dar voltas à verdade como uma bateadeira de manteiga, pelo menos durante os próximos dias. Esperava estar à altura das circunstâncias.

- Alguém sabe o que está acontecendo? – perguntou Siuan à Aceita que estava à sua frente, uma moça de pele escura, delgada, com os cabelos negros lisos e longos até a cintura, e várias tatuagens negras nas mãos – Ou tudo isso não passa de bobagem?

Zemaille mirou-a seriamente antes de responder.

- Besteira, creio. – Zemaille sempre encarava tudo calmamente. Na verdade, sempre estava séria e pensativa. Certamente escolheria o Ajah Marrom quando alcançasse o xale. Ou talvez o Branco.

Ela era uma raridade na Torre, uma das mulheres do Povo do Mar, os Atha'an Miere. Só havia quatro Aes Sedai Atha'an Miere, e todas eram Marrons, e duas delas eram quase tão velhas quanto Gitara. As meninas Atha'an Miere nunca eram enviadas à Torre, a menos que possuíssem a centelha ou se arransassem para aprender por si mesmas. Em qualquer dos casos, uma delegação de Marinos deixava a garota e partia o mais rápido possível. Os Atha'an Miere detestavam ficar muito tempo longe da água salgada, e o mar mais próximo de Tar Valon estava a quatrocentas léguas ao sul.

Contudo, Zemaille parecia querer esquecer suas origens. Pelo menos nunca falava dos Marinos, a menos que uma Aes Sedai a pressionasse. E era diligente, aplicada em alcançar o xale desde o primeiro dia, segundo contaram a Moiraine, ainda que não fosse muito rápida em aprender. Não que fosse mais lenta que a maioria, mas simplesmente demorava em aprender. Era Aceita há oito anos, e antes disso, passara mais dez como noviça. Moiraine vira-a tatear desajeitadamente uma trama, uma vez e outra, até que subitamente executava-a

de maneira tão perfeita que todos perguntavam-se por que não fizera antes. Claro, cada uma progredia em seu próprio ritmo, a Torre jamais pressionava alguém para que avançasse num passo mais rápido do que conseguia. Uma Aceita alta estava sentada à sua frente, Aisling Meio-Dia, e voltou-se para elas. Quase se retorcia no banco, tão nervosa estava.

- Eu lhes digo, foi uma Predição. Gitara fez uma antes de morrer e a Amyrlin vai contar-nos o que foi. Vocês estavam de serviço esta manhã, não é? Estavam lá quando ela morreu. O que ela disse?

Siuan ficou rígida e Moiraine abriu a boca para soltar uma mentira, mas Tarna salvou-a.

- Moiraine contou-me que Gitara não fez nenhuma Predição, Aisling. Quando a Amyrlin chegar, saberemos o que quer conosco. – Sua voz era fria como sempre, mas não cortante. Ainda assim, Aisling corou. Ela era outra raridade na Torre, uma dos Thuatha'an, também chamados de Povo Errante, ou ciganos. Os Thuatha'an viviam em carroças pintadas com cores vivas com as quais viajavam de cidade em cidade e, assim como os Marinós, não queriam saber de canalizadoras autodidatas entre eles. Se um bando descobria que a centelha surgira em alguma de suas filhas, a caravana de carroças dava meia-volta e punha-se a caminho de Tar Valon tão depressa quanto os cavalos podiam andar. Verin, uma gorducha Marrom mais baixinha até mesmo que Moiraine, dizia que as meninas ciganas nunca tentavam aprender a canalizar por si mesmas, não queriam canalizar e nem ser Aes Sedai. E devia ser assim mesmo, já que Verin o afirmava, mas Aisling aplicava-se aos estudos com tanta determinação quanto Zemaille, e com maior êxito. Ganhara o anel em cinco anos, na mesma época que Moiraine e Siuan, e Moiraine acreditava que poderia submeter-se ao teste para obter o xale em um ano, talvez menos.

Uma das portas situadas atrás do estrado abriu-se, e Tamra entrou, ainda usando o mesmo vestido azul da noite anterior e com a estola de Amyrlin envolvendo-lhe o pescoço. Moiraine foi uma das primeiras a avista-la, a primeira a levantar-se, mas instantes depois todas estavam de pé e caladas. Era estranho ver a Amyrlin sozinha. Sempre que percorria os corredores, ia acompanhada por várias Aes Sedai, quer irmãs comuns que lhe apresentavam petições, quer membros da Câmara do Conselho da Torre que discutiam algum assunto apresentado a elas. A Moiraine, pareceu-lhe cansada. Ah, sim, mantinha as costas retas e sua expressão dava a entender que atravessaria uma muralha se

encasquetasse com isso, mas algo em seus olhos denunciava a exaustão, que não tinha nada a ver com a falta de sono.

- Num ato de agradecimento por Tar Valon ter conservado sua inviolabilidade, - começou, num tom que chegava a todos os ouvidos sem problemas – decidi que a Torre entregará uma recompensa de cem coroas de ouro a cada mulher da cidade que tenha dado à luz entre o dia em que chegaram os primeiros defensores e o dia em que a ameaça acabar. Isto já está sendo anunciado nas ruas neste momento.

Todas sabiam muito bem que não deviam fazer o menor ruído enquanto a Amyrlin falava, mas as palavras de Tamra levantaram alguns murmúrios, entre eles o de Siuan. Na verdade, o seu foi um grunhido. Jamais vira sequer dez coroas de ouro juntas, quanto mais cem. Com cem coroas podia-se comprar uma fazenda de bom tamanho, e quem sabe quantos barcos de pesca.

- Como algumas dentre vocês já sabem, - prosseguiu Tamra, passando por alto o descumprimento das regras – um exército sempre é acompanhado por seguidores de acampamento, que às vezes são mais numerosos que os soldados. Muitos deles são artesãos que atendem as necessidades do exército, armeiros, flecheiros, ferreiros, tratadores de animais, carroceiros, mas também há as esposas dos soldados e outras mulheres. Já que este exército serviu de escudo a Tar Valon, decidi estender a recompensa a estas mulheres também.

Moiraine percebeu que estava mordendo o lábio inferior, e obrigou-se a deixar de fazê-lo. Era um costume do qual queria livrar-se. Não tinha sentido permitir que qualquer um que a olhasse percebesse que estava espremendo os miolos. Pelo menos agora sabiam o que Tamra estava fazendo. Devia acreditar que o menino nasceria logo, mas em nome da Luz, por que dizer às Aceitas?

- O perigo pode continuar durante algum tempo ainda, – continuou Tamra – mesmo que esta manhã eu tenha recebido a notícia de que os Aiel podem estar se retirando. Contudo, a situação parece bastante segura para que se comece a anotar nomes, pelo menos nos acampamentos mais próximos da cidade. Para ser justas com estas mulheres, temos de começar o mais rápido possível, a fim de evitar que alguma se vá antes. Algumas farão isso, se é mesmo verdade que os Aiel se retiram. Muitos soldados os seguirão, e os seguidores de acampamento não tardarão em ir atrás deles, enquanto outros soldados voltarão para casa. Nenhuma irmã retornou à Torre ainda, de forma que enviarei vocês para que

comecem a anotar os nomes. Já que inevitavelmente algumas mulheres já terão partido antes que as encontrem, não esqueçam de perguntar quem deu à luz e já não está lá. Anotem tudo o que sirva para localiza-las: quem é o pai, de que cidade ou aldeia vêm, de que país... tudo. Cada uma de vocês irá acompanhada de quatro guardas da Torre, a fim de garantir que ninguém as ameace.

Moiraine quase se engasgou por tentar manter o silêncio. Algumas moças não conseguiram e deixaram escapar alguns sons de espanto. Já era bastante difícil que as Aceitas tivessem permissão para sair da cidade, mas, sem a companhia de uma irmã?! Era algo sem precedentes!

Com um sorriso leve e indulgente, Tamra fez uma pausa, para dar tempo de restabelecer-se a ordem. Estava bem ciente de que as deixara atônitas. E aparentemente, ouvira alguma coisa que Moiraine não percebera.

- Se eu ficar sabendo que alguém usou o Poder para defender-se, Alanna, esse alguém vai ter sérias dificuldades para sentar-se depois de visitar a Mestra das Noviças. – disse quando o silêncio retornou.

Algumas Aceitas continuavam nervosas o bastante para deixar escapar risadinhas, e uma ou duas riram com vontade. No fundo, Alanna era tímida, embora fizesse um esforço enorme para demonstrar firmeza. Vivia dizendo a quem quisesse ouvi-la que queria pertencer ao Verde, o Ajah de Batalha, e ter uma dúzia de Guardiões. Só as Verdes vinculavam mais de um Guardião, e nenhuma delas possuía tantos, mas assim era Alanna, sempre exagerada.

Tamra bateu palmas e os risos e risadinhas cessaram de golpe. A indulgência tinha limites.

- Vocês terão muito cuidado, e prestarão atenção aos soldados da escolta. – agora não houve sorrisos. Sua voz era firme. A Amyrlin não tolerava tolices dos reis e rainhas, e certamente não iria permiti-las a algumas Aceitas. – Os Aiel não são o único perigo fora das muralhas de Tar Valon. É possível que alguns acreditem que vocês são Aes Sedai, e podem deixar que pensem, mas não sejam idiotas de afirma-lo. – fez-se o mais profundo silêncio; passar-se por Aes Sedai sem sê-lo violava uma lei da Torre cujo cumprimento era rigidamente imposto até a mulheres que não pertenciam à Torre. – Mas há rufiões que só verão um rosto juvenil e poderiam pensar que vocês seriam presas fáceis se não estivessem escoltadas. E não esqueçam que há Filhos da Luz no exército. Um Manto Branco saberá identificar o vestido de uma Aceita, e se tiver a oportunidade de acertar-

lhe uma flecha nas costas sem correr perigo, isso lhe agradaria quase tanto quanto se fosse uma Aes Sedai.

Parecia impossível que o silêncio no salão pudesse acentuar-se, mas foi o que aconteceu. Moiraine pensou que podia ouvir a respiração das outras, mas parecia que ninguém estava respirando. Quando uma Aes Sedai saía da Torre e desaparecia, como acontecia às vezes, a primeira idéia que lhes vinha à cabeça eram os Mantos Brancos. Os Filhos da Luz chamavam as Aes Sedai de Amigas das Trevas, e diziam que tocar o Poder era uma blasfêmia punida com a morte, uma sentença que estavam mais que dispostos a executar. Ninguém entendia por que tinham vindo defender Tar Valon; pelo menos, ninguém entre as Aceitas.

A Amyrlin percorreu com o olhar as fileiras de bancos. Finalmente, assentiu com a cabeça, satisfeita ao ver que seu aviso havia calado fundo.

- Seus cavalos estão sendo selados nas Quadras do Poente. Vocês levarão comida para o almoço nos alforjes, assim como qualquer coisa que possam necessitar. Agora, voltem para seus quartos, calcem sapatos fortes e apanhem seus mantos. Será um dia longo e frio. Que a Luz as acompanhe. – era uma ordem para que saíssem e as jovens fizeram uma reverência, quase todas ao mesmo tempo; mas, enquanto de dirigiam para a porta, através do corredor, Tamra acrescentou, como se tal coisa acabasse de ocorrer-lhe: - Ah, sim. – duas palavras que fizeram com que as garotas freassem em seco – Quando anotarem o nome de uma mulher, anotem também o do bebê, assim como o sexo e o dia e lugar exatos onde nasceu. Os registros da Torre devem ficar completos. Podem ir. – assim, como se o que deixasse para o fim não fosse justamente o mais importante. Tal era o modo como as Aes Sedai escondiam tudo à plena vista. Havia quem afirmasse que o Jogo das Casas fôra inventado por elas.

Moiraine não pôde evitar a troca de um olhar excitado com Siuan. Sua amiga odiava qualquer coisa que implicasse em trabalho burocrático, mas agora exibia um sorriso de orelha a orelha. Iam ajudar a encontrar o Dragão Renascido. Só seu nome, é claro, mas era a coisa mais próxima de uma grande aventura que uma Aceita poderia esperar.

## Saída da Torre



O quarto de Moiraine mal se distinguia do de Siuan. A pequena mesa quadrada com quatro livros empilhados em cima e as duas cadeiras de respaldo reto sem almofadas poderiam ter vindo da mesma fazenda que as que Siuan possuía. A cama era mais estreita, o tapete illiano redondo e floreado tinha alguns remendos, e a bacia do lavatório recebera uma pancada no passado. O espelho tinha uma rachadura num canto. À parte disso, poderia ser o mesmo quarto. Não se deu ao trabalho de acender a lareira. Cobrira as brasas com mais cuidados que Siuan, mas não daria tempo do lume afugentar sequer o frio do quarto. Do fundo do armário, um pouco maior que o de Siuan, mas igualmente simples, tirou um par de sapatos que a fez torcer o nariz. Eram pavorosos, feitos de um couro mais grosso que as delicadas sapatilhas que usava. O cordão que os amarrava poderia servir para enfeitar uma sela de montaria. No entanto, manteriam seus pés secos na neve, enquanto que as sapatilhas não o fariam. Também tirou um par de meias grossas, de lã. Sentou-se à beira da cama desfeita para calçá-las sobre as que estava usando. Durante um momento pensou em colocar uma muda de roupa de baixo extra. Por mais frio que fizesse dentro da Torre, faria muitíssimo mais lá onde iam. No entanto, não tinha tempo. E além do mais, não queria tirar o vestido com a temperatura que fazia no quarto. Certamente o trabalho de anotar nomes far-se-ia num lugar coberto, com uma fogueira ou um braseiro para aquece-lo. Claro que sim. O mais provável era que o povo dos acampamentos as tomasse por Aes Sedai, tal como Tamra sugerira.

Depois, retirou do armário um cinto estreito de couro lavrado e fio de prata, com uma bainha simples que guardava um estreito punhal de prata cuja lâmina era pouco mais longa que sua mão. Não voltara a usá-lo desde que chegara à Torre, e a princípio sentiu-se estranha com ele à cintura. Usar o Poder para defender-se estaria proibido, mas o punhal serviria de algo, caso houvesse necessidade. Também pendurou no cinturão a escarcela branca que deixara sobre a cama e ficou-se pensativa. O certo é que Tamra dissera que tudo o que precisariam estaria nos alforjes, mas não era prudente depender de outra pessoa, ainda que esta fosse a Amyrlin, para proporcionar-lhe todo o necessário. Guardou o pente de marfim e a escova de cabelo, cujo cabo também era de marfim, em uma sacola de couro. Por mais urgente que fosse anotar os nomes, Moiraine duvidava que qualquer Aceita que tivesse um aspecto desalinhado se livrasse de um sermão, na melhor das hipóteses. A isto seguiu-se o seu melhor par de luvas de montaria, de couro azul-escuro com um delicado bordado negro nas costuras, um pequeno estojo de costura de ébano lavrado, um pequeno rolo de barbante, dois pares de meias para o caso de as que estava usando se molharem, vários lenços e vários outros objetos que poderiam ser úteis, entre os quais uma pequena navalha dobrável para apontar penas, caso precisassem escrever com elas. As irmãs nunca seriam obrigadas a suportar tal inconveniente, mas elas não eram irmãs.

Pendurou a sacola ao ombro, tomou a capa com a barra e a borda do capuz adornados com a banda de cores e saiu apressadamente, justo a tempo de ver Meidani e Brendas saindo, rápidas, pelo arco no final da galeria, com as capas ondulando às suas costas. Siuan a aguardava impaciente, também com uma mochila no ombro, sob a capa e os olhos azuis cintilando de animação. E não era a única contagiada pelo entusiasmo do momento. No outro extremo da galeria, Katherine Alruddin surgiu na porta de seu quarto, exigindo em altos brados que Carlinya lhe devolvesse seu cestinho de costura, e voltou rapidamente para dentro, sem esperar a resposta.

- Alanna, Pritalle, alguma de vocês pode me emprestar um par de meias limpas?
- perguntou alguém lá de baixo.
- Já lhe emprestei uma inda ontem, Edesina! – veio a resposta, lá de cima.

No pátio interno soavam portas batendo, enquanto vozes femininas chamavam aos gritos a Temaile ou Desandre, a Coladara ou Atuan, ou a um punhado de outras Aceitas para que devolvessem ou prestassem um ou outro objeto. Se alguma das irmãs surgisse e presenciasse aquele estardalhaço, metê-las-ia a todas



até o pescoço em um caldeirão de água sobre o fogo.

- Por que você demorou tanto, Moiraine? – perguntou Siuan, ofegante. – Vamos, antes que nos deixem para trás! – e saiu, caminhando rápida, como se os guardas realmente fossem partir sem elas. Isso não aconteceria, naturalmente, mas Moiraine não discutiu. Não demonstraria nenhuma relutância diante da expectativa de sair da cidade. Sobretudo nesta ocasião.

Lá fora, o sol ainda tinha um bom caminho a percorrer para chegar ao zênite. Grandes nuvens cinzentas cobriam o céu. Era possível que nevasse ao longo do dia, e isso não facilitaria seu trabalho. Andar era fácil, já que neve fôra varrida do longo caminho de cascalho que conduzia às Cavalariças Ocidentais; não para comodidade das Aceitas, é claro; a maioria das irmãs guardavam seus cavalos nas Cavalariças do Poente, e os criados limpavam o caminho três vezes por dia, se fosse necessário.

As Cavalariças eram três edificações de pedra cinzenta, maiores que os grandes estábulos do Palácio do Sol, e o amplo pátio pavimentado diante dele estava coalhado de cavaleiros vestidos com roupas grosseiras, cavalos arreados e soldados da Guarda da Torre equipados com elmos e couraças de aço sobre as túnicas quase negras e capas igualmente escuras, blasonadas com a lágrima branca da Chama de Tar Valon. Os tabardos de listras de sete cores acima das armaduras assinalavam os alferes e um único oficial. Brendas e Meidani já estavam subindo à sela, e meia dúzia de outras Aceitas, envoltas em suas capas e com os capuzes erguidos já faziam fila, ladeadas por seus guardas. Moiraine sentiu-se momentaneamente irritada, por deixar que tantas fossem mais rápidas do que elas. Acaso não teriam preparado nada, para aprontarem-se tão rápido? Bem, elas não sabiam o que procuravam. Este pensamento animou-a novamente.

Abrindo caminho a empurrões entre as pessoas, Moiraine encontrou sua egüinha castanha; as rédeas estavam seguras por uma rechonchuda cavaleira de expressão reprovadora. Certamente a carranca devia-se ao fato de uma Aceita ter sua própria montaria. Poucas tinham – a maioria não podia permitir-se manter um animal, e ademais, as oportunidades de cavalgar além dos muros da Torre eram limitadas – mas Moiraine comprara Flecha para celebrar a obtenção do anel. Um ato e ostentação que, segundo suspeitava, estivera a ponto de valer-lhe uma visita ao gabinete de Merean. Mesmo assim, não se arrependia de tê-la comprado. A potranca não era alta, já que Moiraine odiava parecer uma garotinha, o que inevitavelmente acontecia quando montava animais grandes, mas Flecha podia continuar galopando depois que muitos animais maiores já

estivessem esgotados. Uma montaria rápida era bom, mas uma resistente era ainda melhor, e Flecha era ambas as coisas. E conseguia saltar sobre valas que muito poucos cavalos tentariam saltar (comprovar isso rendera-lhe uma visita à Mestra das Noviças. As irmãs não gostavam quando uma das garotas arriscava-se a quebrar o pescoço; não, nem um pouco).

A pequena cavaliça tentou entregar-lhe as rédeas, mas Moiraine pendurou a sacola na sela e abriu as correias dos alforjes. Um deles continha um embrulho envolto em um pano: meio pão preto, frutas secas e um grande pedaço de queijo amarelo. Mais do que conseguiria comer, mas algumas de suas colegas tinham um bom apetite. O outro alforje continha um suporte para escrever, de madeira polida, um grosso bloco de folhas de bom papel e duas plumas com ponta de aço.

“O apontador não faria falta”, pensou contrita, mas tendo o cuidado de manter o semblante sereno. Não estava disposta a deixar que a moça do estábulo a visse vexada. O suporte para escrever também continha um tinteiro bem fechado, de vidro grosso. Para escárnio da jovem cavaliça, que sequer tentou dissimular, verificou se a tampa estava bem fechada. Bem, que sorrisse, se quisesse, sem dar-se sequer ao trabalho de cobrir a boca com a mão, mas ela é que não iria sofrer as conseqüências do desajuste se a tinta vazasse e manchasse tudo. Às vezes Moiraine pensava que era uma lástima que os criados não vissem as Aceitas da mesma forma como as viam as irmãs.

Quando Moiraine finalmente tomou das rédeas, a cavaliça fez-lhe uma reverência zombeteira e inclinou-se com as mãos enlaçadas à guisa de estribo; outro gesto zombeteiro, mas Moiraine desdenhou do oferecimento. Calçou as luvas de montaria e saltou agilmente para a sela. Veriam se a mulher iria sorrir agora! Haviam-na sentado em seu primeiro pônei – bem seguro pelas rédeas, naturalmente - tão logo aprendera a andar sem ajuda, e presentearam-lhe seu primeiro cavalo aos dez anos. Infelizmente, o vestido de Aceita não tinha as saias divididas para montar, e a necessidade de baixa-las numa vã tentativa de cobrir as pernas roubou algo da dignidade do momento. Não era o pudor que a incomodava, mas o frio. Bem, um pouco o pudor também. Reparou que alguns guardas lançavam olhares à suas canelas metidas nas meias e expostas quase até o joelho, e enrubescou até a raiz dos cabelos. Numa tentativa de fazer pouco caso dos homens, procurou Siuan com o olhar.

Quisera presentear um cavalo a Siuan, também como celebração e agora desejou

que sua amiga não a tivesse dissuadido de fazê-lo. Qualquer prática, pouca ou muita, que Siuan pudesse ter adquirido desde então teria vindo a calhar. Içou-se desajeitadamente à montaria, um robusto castrado cinzento, com tanta inaptidão que o pacífico animal volveu a cabeça para olhá-la consternado. Pouco faltou para que caísse ao tentar prender o outro pé no estribo. Conseguindo isto, agarrou as rédeas com tanta gana que os nós dos dedos se lhe marcaram através das luvas cinzentas; tinha uma expressão sombria, como se se preparasse para uma onerosa provação que não conseguiria superar. Para ela, era aquilo mesmo. Siuan sabia montar, mas não gostava nem um pouquinho. Alguns homens olharam para suas pernas também, mas Siuan nem pareceu dar-se conta. E aliás, ainda que tivesse notado, não teria ficado vermelha. Segundo ela, trabalhar em um barco de pesca significava ter de erguer a saia e deixar as pernas nuas bem acima dos joelhos!

Logo que ambas montaram, um jovem e esbelto subtenente, cujo elmo era adornado com uma pluma branca, destacou oito guardas para sua escolta. Era muito bonito por trás das barras da viseira de seu elmo, mas qualquer guarda da Torre sabia que não devia sorrir às Aceitas, e mal olhou para ela e Siuan antes de dar-lhes as costas. Não que Moiraine quisesse que ele lhe sorrisse ou devolver-lhe o sorriso – não era uma noviça imbecil! – mas teria sido agradável olhá-lo mais um pouco.

O comandante de sua escolta não era bonito. O alferes, um homem alto e grisalho, com o cenho permanentemente marcado na testa, e que se apresentou como Steler de maneira cortante e com uma voz grave e profunda, fez com que os soldados formassem um amplo anel em volta das duas e esporeou seu gorducho castrado ruão na direção do Portão do Ocaso sem acrescentar mais nada. Os guardas açularam suas montarias atrás dele, e Siuan e Moiraine não tiveram outra opção senão acompanhá-los. Conduziam-nas como se fossem gado! Com grande esforço, Moiraine forçou-se a manter a calma. Era um bom treino de compostura. Mas Siuan não precisava de treino algum.

- Supõe-se que devemos ir à margem oeste. – disse em voz alta e com um olhar fulminante às costas de Steler, mas este não respondeu. A um triz de despencar da sela no processo, Siuan esporeou os gordos flancos do castrado cinzento e colocou-se ao lado do homem. – Você me ouviu? Temos de ir à margem oeste!

O alferes soltou um suspiro alto e finalmente voltou-se para Siuan.

- Ordenaram-me que as conduzisse à margem ocidental... – fez uma pausa, como para pensar com que título deveria dirigir-se a ela. Eram raras as ocasiões em que os guardas tinham motivo para dirigir-se às Aceitas. Pelo visto, não pensou em nada, pois continuou falando sem usar nenhum tratamento, e além do mais, num tom de voz mais firme: - Bom, se alguma de vocês sofrer nem que seja um arranhão, vão esquentar-me as orelhas, e não quero que as esquentem, então fiquem dentro do círculo, está bem? Certo, volte para o seu lugar agora, ou ficaremos parados aqui até que você faça isso!

Apertando os dentes, Siuan recuou até pôr-se junto de Moiraine. Esta lançou uma rápida olhada em redor, para garantir que nenhum soldado estivesse próximo o suficiente para ouvi-las.

- Não é possível que você pense que seremos nós que o encontraremos, Siuan. – sussurrou. Ela alimentava esta esperança, é certo, mas esta era a vida real, não o conto de um menestrel. – Talvez nem tenha nascido ainda.

- Temos tanta chance quanto quaisquer outras. – murmurou Siuan. – Temos até mais, já que sabemos o que estamos realmente procurando. – continuava olhando para o alferes, carrancuda. – Quando eu vincular um Guardiã, a primeira coisa que farei será garantir que ele faça o que eu mandar.

- Você está pensando em vincular Steler? – perguntou Moiraine em tom inocente. Os olhos de sua amiga assumiram uma expressão de tamanha estupefação e horror que quase soltou uma gargalhada. Mas sua pergunta também fizera com que Siuan quase caísse outra vez, e não devia rir disso.

Uma vez cruzado o Portão do Ocaso, reforçado com bandas de ferro e com os sóis poentes dourados que lhe davam o nome incrustados no alto dor grossos moirões, tornou-se evidente que rumavam para sudoeste através das ruas pavimentadas em direção à Porta de Alindaer. Havia muitos acessos à cidade pelos quais podiam entrar pequenos botes; e obviamente, haviam o Porto do Sul e o Porto do Norte para os grandes barcos fluviais, mas portas ligadas a pontes, só havia seis. A Porta de Alindaer era a mais meridional das três do poente, o que não oferecia muitas possibilidades de aproximar-se do Monte do Dragão, mas Moiraine não achava que Steler consentisse em mudar de rumo. “Aprenda a relevar o que você não pode mudar”, disse para si mesma, amargamente. Siuan devia estar a ponto de começar a roer as unhas.

Entretanto, sua amiga observava em silêncio as costas de Steler. Já não tinha um olhar iracundo; simplesmente examinava-o do mesmo jeito que fazia com os quebra-cabeças de que tanto gostava, aqueles complicados até a exasperação, com peças encaixadas de modo que parecia impossível de separá-las. Só que Siuan sempre conseguia separá-las, no fim. E a mesma coisa acontecia com os crucigramas e enigmas com números. Siuan via os padrões onde ninguém mais conseguia vê-los. Estava tão absorvida no alferes que até cavalgava com certa facilidade, senão com desenvoltura. Pelo menos já não parecia estar a ponto de cair a cada dois passos. Parecia pensar num jeito de fazê-lo mudar de parecer, mas Moiraine preferiu desfrutar do passeio pela cidade. Afinal, não era como se as Aceitas pudessem sair da Torre diariamente, e Tar Valon era a maior e mais esplêndida cidade do mundo conhecido, do mundo inteiro possivelmente. A ilha tinha uns dezesseis quilômetros de extensão, e, exceto pelos parques públicos e jardins privados – e o bosque dos Ogier, naturalmente – a cidade cobria cada metro de sua superfície.

As ruas pelas quais passavam eram largas e a neve fôra retirada delas, e todas pareciam cheias de gente, a maioria a pé, embora também se vissem cadeirinhas de mão e liteiras fechadas que abriam passagem por entre a multidão. Com tanta gente, avançava-se mais depressa a pé que a cavalo, e só os mais orgulhosos ou mais obstinados iam montados, como uma nobre teariana muito tesa em seu vestido de alta gola de rendas e acompanhada por um séqüito de criados e guardas; um grupo de mercadores kandoreses, de expressão séria, com correntes de prata adornando o peito de seus gibões; vários grupos de fúteis peralvilhos murandianos, vestindo jaquetas de cores intensas e exibindo bigodes retorcidos, quando deveriam estar lá fora, lutando. Ou que teriam um longo caminho pela frente, corrigiu-se Moiraine de si para si, fazendo outra tentativa inútil para cobrir as pernas e lançando um olhar emburrado a um saldeaniano de olhos rasgados, um comerciante ou artesão a julgar pelo casaco de pano simples, que estava comendo-a com os olhos, descaradamente. Luz! Os homens pareciam não entender – e nem se importar – quando uma mulher gostaria que a olhassem e quando não. Em todo o caso, Steler e seus soldados abriam caminho para elas com sua mera presença. Ninguém desejava deter a marcha de oito guardas da torre Branca, armados e usando couraças. Devia ser isso que abria passagem por entre o povaréu. Moiraine duvidava que alguém naquela multidão soubesse que um vestido com banda de cores assinalava uma iniciada da Torre Branca. Quem viajava a Tar Valon não se aproximava da Torre a menos que tivesse assuntos a tratar lá. Todas as nações pareciam estar representadas na multidão. “O mundo vai a Tar Valon”, dizia o provérbio. Taraboneses do distante oeste, com o véu

que lhes cobria o rosto até os olhos, mas bastante transparente para deixar ver o espesso bigode, caminhavam junto a marinheiros de pele curtida – descalços apesar do frio – procedentes dos barcos fluviais que singravam o Erinin. Um homem das Fronteiras, vestido com armadura e cota, passou por eles, cavalgando em rumo contrário; um shienariano de semblante pétreo e com o elmo terminado em crista, com a cabeça raspada, exceto por uma mecha no topo. Um mensageiro a caminho da Torre, sem dúvida, e por um instante, Moiraine pensou em detê-lo. Mas não lhe revelaria a mensagem, e ainda teria de abrir-se caminho entre os guardas de Steler. Luz, como detestava não saber o que estava acontecendo! Havia cairhienianos de roupas escuras, fáceis de distinguir, pois eram mais baixos e mais pálidos que quaisquer outros; altaraneses com jaquetas profusamente bordadas; altaranesas, que se aconchegavam nas capas intensamente vermelhas, ou verdes ou amarelas, para proteger o que seus vestidos de decote baixo deixavam exposto ao ar gelado; tearianos com gibões adornados com amplas bandas coloridas ou vestidos enfeitados com rendas; e andorianos vestidos com simplicidade, que caminhavam como se não apenas soubessem perfeitamente bem onde iam, mas também que chegariam lá o quanto antes fosse possível. Os andorianos sempre cuidavam de um assunto de cada vez; eram gente cabeçuda, exageradamente orgulhosa e com pouca imaginação. Meia dúzia de mulheres domani, de pele acobreada e capas de feitiço extravagante – provavelmente mercadoras; a maioria das domani que viajavam para fora de seu país o eram – compravam pastéis de carne de um vendedor ambulante. Perto, um arafelino com um casaco cujas mangas eram bordadas de vermelho e cujo cabelo negro estava arranjado em duas tranças rematadas com campainhas de prata, agitava os braços e discutia com um impassível illiano que parecia mais interessado em abrigar-se em sua capa com riscas de cores intensas. Moiraine avistou até a um sujeito de pele negra como carvão que poderia ser um dos Marinos, bem como alguns tearianos morenos. Tinha as mãos metidas sob a capa gasta enquanto esquivava a multidão, e Moiraine não pôde ver se eram tatuadas.

Com tanta gente, o vozerio era imenso, mas as carroças e carruagens contribuía com o ruído dos varais mal-engraxados, o bater dos cascos dos animais e o barulho das rodas de ferro sobre as pedras do calçamento. Os cocheiros gritavam às pessoas que se afastassem, o que estas faziam de má-vontade, e os vendedores ambulantes apregoavam suas mercadorias, cintos, agulhas ou castanhas tostadas, ou uma dúzia de outras coisas que levavam em carrinhos ou em tabuleiros pendurados no pescoço. Apesar do frio, menestrelis e titereiros executavam seu número em algumas esquinas, homens e mulheres que

havam estendido suas capas no chão para receber moedas, e tocavam flautas, timbales ou harpas e os lojistas, diante de seus estabelecimentos, proclamavam a superioridade de seus produtos sobre quaisquer outros. Os varredores, com suas vassouras, ancinhos e carrinhos iam limpando o que os cavalos deixavam cair à sua passagem e outras sujeiras, enquanto gritavam: “Dêem passagem para manter os sapatos limpos! Dêem passagem para manter os sapatos limpos!”. Tudo tinha um aspecto tão... normal. Ninguém parecia dar-se conta do cheiro de fumaça acre e intenso que flutuava no ar. Uma batalha às portas de Tar Valon não podia alterar o que acontecia dentro das muralhas da cidade. Talvez nem mesmo uma guerra o fizesse. As mesmas coisas poderiam ser vistas em Cairhien, ainda que não em tão grande número e nem com tanta variedade. Era a própria Tar Valon que se fazia diferente de qualquer outra cidade.

A Torre Branca assomava no centro da cidade como uma grossa haste cor de marfim, alçando-se a quase cem spans\* em direção ao céu, e era avistada a quilômetros de distância. Era a primeira coisa que qualquer um que se aproximasse da cidade avistava, muito antes de divisar a cidade em si. O centro de poder das Aes Sedai; só isto bastava para fazer de Tar Valon um lugar especial, mas outras torres menores alçavam-se por toda a cidade. Eram agulhas espiraladas e estriadas, algumas tão próximas entre si que estavam ligadas por pontes a trinta ou sessenta metros do solo, ou até mais. Nem mesmo as Torres Infinitas de Cairhien as igualavam. Cada praça tinha uma fonte ou um monumento no centro, ou uma estátua enorme, algumas delas colocadas sobre pedestais de quinze metros de altura, mas os próprios prédios eram mais magníficos que os monumentos de outras cidades. Em torno das mansões e palacetes dos ricos mercadores e banqueiros, com suas cúpulas, torres e galerias de colunas, apinhavam-se lojas e estalagens, tabernas e estábulos, vivendas e casas comuns, mas até estas eram ornamentadas com entalhes e frisos próprios de palácios. Muitas delas teriam passado por tais. Quase todas as edificações haviam sido erguidas pelos Ogier, e os Ogier construíam beleza. Mais magníficas ainda eram algumas construções espalhadas pela cidade – seis delas visíveis de qualquer das ruas – nas quais os construtores Ogier haviam recebido carta branca. Um banco de três andares sugeria um bando de pássaros de mármore dourado alçando vôo, enquanto a Casa Comunal dos mercadores kandoreses parecia representar cavalos galopando sobre a espuma, ou talvez a espuma convertendo-se em cavalos, e uma grande pousada chamada O Gato Azul representava exatamente isso, um gato dormindo enroscado. O Grande Mercado de Peixe tinha a aparência de um cardume de enormes peixes verdes, vermelhos, azuis e rajados. Outras cidades vangloriavam-se de suas construções

Ogier, mas nenhuma delas comparava-se às de Tar Valon.

Um andaime rodeava um dos prédios construídos pelos Ogier, ocultando sua forma quase única, que se distinguia como sendo de pedra verde e branca e o fato de que tudo pareciam curvas; alguns construtores Ogier moviam-se pelas plataformas de madeira do andaime e outros içavam grandes pedras brancas com um longo guindaste de madeira que se enxergava da rua. Até mesmo uma construção Ogier necessitava de reparos às vezes, e nenhum construtor humano poderia igualar sua habilidade. Inda assim, não eram vistos com freqüência. Um deles estava na rua, ao pé de uma escada que subia na primeira plataforma; vestia um longo casaco escuro, que ultrapassava o cano das botas altas e carregava um grande rolo de pergaminho sob o braço. Projetos, sem dúvida. Com os olhos entrecerrados, quase poder-se-ia toma-lo por humano. Relevando-se, é claro, o fato de que os enormes olhos do Ogier estavam à mesma altura dos de Moiraine quando passou a cavalo diante dele. Isto e as longas orelhas que emergiam do cabelo, um nariz quase tão largo quanto a face, e uma boca que quase dividia o rosto em dois. As sobrancelhas pendiam-lhe sobre as faces, como um bigode. Moiraine dirigiu-lhe uma inclinação de cabeça formal do alto da sela, e ele respondeu-lhe com idêntica seriedade enquanto acariciava a estreita barba, que lhe chegava ao peito. Mas as orelhas agitaram-se e Moiraine acreditou ver o esboço de um sorriso enquanto o Ogier voltava-se e começava a subir pela escada de mão. Qualquer Ogier que visitasse Tar Valon reconheceria o vestido de uma Aceita.

Ruborizada, olhou de revés para ver se Siuan percebera, mas a outra garota continuava observando atentamente Steler. Talvez nem tivesse notado a presença do Ogier. Siuan abstraía-se completamente em seus quebra-cabeças, mas ignorar um Ogier?!

Quase uma hora depois de sair da Torre, chegaram à Porta de Alindaer, que era bastante larga para que cinco ou seis carroças passassem folgadoamente ao mesmo tempo e era flanqueada por altas torres com ameias. Mergulhando as bases no rio, havia torreões ao longo de todo o cinturão de muralhas brancas da cidade, mas nenhum era tão alto e tão forte como os das pontes. Os enormes portões revestidos de bronze estavam abertos de par em par, mas os guardas postados lá no alto vigiavam-nos, prontos a ordenar que se cerrassem, e mais doze, postados ao lado do caminho, armados com lanças, observavam atentamente os poucos passantes. Siuan, Moiraine e sua escolta atraíram seus olhares como um ímã atrai o ferro. Ou melhor, seus vestidos atraíram. Não



obstante, ninguém disse nada ao ver uma Aceita abandonar a cidade, sinal de que outros grupos já haviam passado por ali. Ao contrário das ruas lotadas, o portão não tinha trânsito algum. Todos os que buscaram a segurança das muralhas de Tar Valon já haviam entrado na cidade há muito tempo, e a despeito da aparente normalidade no interior dos muros, ninguém parecia pensar que já era seguro partir. Um dos guardas parados ao lado do caminho, um alferes de ombros largos saudou Steler com um movimento de cabeça, e este respondeu da mesma forma, sem deter-se.

Quando os cascos dos cavalos pisaram na ponte, Moiraine sentiu que ficava sem fôlego. As próprias pontes eram uma maravilha, construídas com a ajuda do Poder: os arcos de pedra, tão finamente esculpidos que se assemelhavam a rendas, estendiam-se um quilômetro e meio além da margem pantanosa do rio, suspensos no ar e bastante altos no centro para que até o maior barco fluvial pudesse passar por baixo. Contudo, não era isso que a emocionava. Estava fora da cidade. As irmãs inculcavam profundamente em todas as noviças a noção de que o simples fato de pisar nas pontes constituía uma tentativa de fuga, que era o pior delito que uma noviça poderia cometer além do homicídio. O mesmo servia para as Aceitas; a única diferença é que elas não tinham necessidade de ser lembradas disso. E agora estava fora da cidade, tão livre como se já usasse o xale. Olhou para os soldados da escolta. Bem, quase tão livre.

No meio da ponte, uns quarenta e cinco metros acima do nível do rio, Steler freou bruscamente sua montaria. Estaria louco, para parar e contemplar o Monte do Dragão que se elevava ao longe, com o cume soltando um fio de fumaça? Em sua euforia, Moiraine esquecera-se até do frio, mas um forte vento que soprava através do Alindrelle Erinin, tão cortante que lhe atravessava a capa, não tardou em recordar-lho. O fedor de madeira queimada no ar parecia particularmente intenso. Percebeu que as trompas haviam deixado de soar. De algum modo, o silêncio pareceu-lhe tão funesto quanto seus toques.

Então avistou um grupo de cavaleiros no final da ponte, nove ou dez, que olhavam fixamente as muralhas da cidade. A razão pela qual as trompas emudeceram já não lhe parecia tão importante. As couraças polidas e os elmos dos cavaleiros reluziam como prata, e todos usavam uma longa capa que se estendia sobre os flancos dos corcéis. Abraçar a Fonte encheu-a de vida e gozo, e o que era mais importante naquele momento, aguçou-lhe a visão. Tal como suspeitara, um sol dourado radiante aparecia bordado à esquerda, no peito das capas. Filhos da Luz. E ousavam cortar o trânsito de uma das pontes de Tar

Valon? Bem, ali só estavam Siuan, os guardas e ela própria, mas o princípio era o mesmo. Na verdade, o fato de que fossem Siuan, seus guardas e ela só piorava as coisas. Tornava-as intoleráveis.

- Alferes Steler! – disse em voz alta – Não se deve permitir que os Mantos Brancos acreditem que podem amedrontar iniciadas da Torre. Ou guardas da Torre. Seguiremos adiante! – o idiota sequer afastou a vista dos Mantos Brancos para fitá-la. Talvez se lhe desse um pequeno empurrão com um fluxo de Ar...

- Moiraine! – o sussurro de Siuan foi baixo, mas cortante.

Olhou surpreendida para sua amiga. Siuan a olhava, severa. Como adivinhara? Nem sequer começara a tecer a trama! Contudo, Siuan tinha razão. Certas coisas não eram permitidas. Sentindo-se culpada, soltou o Saidar e suspirou enquanto a exultação desaparecia. Teve um calafrio e embrulhou-se na capa. Como se adiantasse alguma coisa.

Finalmente os Mantos Brancos deram meia volta e regressaram à aldeia. Alindaer era um povoado grande, praticamente uma cidade, com casas assoalhadas de dois ou três andares e telhados de telhas azuis bem visíveis através da neve, com suas próprias pousadas, lojas e mercados. A capa branca de neve conferia-lhe um aspeto limpo e tranquilo. Durante longos instantes, os Mantos Brancos desapareceram de vista. Só quando reapareceram no espaço entre duas casas em uma das ruas que conduziam ao norte, Steler esporeou seu cavalo para que reiniciasse a marcha. Sua mão enluvada estava pousada no punho da espada e ele não parava de esquadrinhar as ruas diante de si enquanto percorriam o último trecho da ponte. Onde havia um bando de Mantos Brancos, poderia haver mais. Moiraine sentiu-se subitamente muito grata pela presença de Steler e dos outros. Um pequeno punhal não lhe valeria muito contra uma flecha dos Mantos Brancos. Pelo visto, nenhum dos seus preparativos servia para nada. Quando chegaram aos limites da cidade, Siuan voltou a aqular o castrado cinzento para aproximar-se do alferes, ainda tão absorta em seus pensamentos que cavalgava quase com... não com graça, mas pelo menos com estabilidade.

- Alferes Steler. – seu tom combinava firmeza com polidez, bem como uma boa dose de segurança. Era algo muito parecido a uma voz de comando. Steler voltou a cabeça para ela e piscou, surpreendido. – Você sabe porque estamos aqui, naturalmente. – prosseguiu Siuan, mal esperando o gesto de assentimento do homem. – As mulheres que partirão mais depressa, antes de saber da

recompensa, são as que se encontram nos acampamentos mais afastados da cidade.

Visitar esses acampamentos ontem teria acarretado certo perigo, mas a Amyrlin informou-nos que os Aiel estão se retirando. – Luz! Fazia parecer que a Amyrlin compartilhava informações com ela regularmente, nem mais nem menos. – A Amyrlin expressou sua firme vontade de que nenhuma dessas mulheres partisse sem receber a recompensa, alferes, de modo que recomendo que cumpramos seu desejo e comecemos pelos acampamentos mais distantes. – o gesto que fez pareceria vago a qualquer um que não fosse Moiraine, mas com certeza apontava diretamente para o Monte do Dragão. – A Amyrlin gostaria que agíssemos assim.

Moiraine conteve a respiração. Teria Siuan achado a chave?

- Segundo tenho entendido, há Aiel deste lado do Erinin. – respondeu Steler com voz agradável. Mas um instante depois, cortou suas esperanças. – Mas ordenaram-me ir aos acampamentos mais próximos do rio, e é isso que faremos. Também me disseram que se alguém quisesse discutir, deveria levar essa pessoa imediatamente e volta à Torre. Você não está discutindo, não é? Não, é claro, eu já sabia que não.

Detendo sua montaria para que Moiraine a alcançasse, Siuan ficou junto a Flecha. Não franzia o sobreolho, mas o olhar que cravava no alferes era puro gelo. De repente, o brilho do Saidar envolveu-a.

- Não, Siuan. – advertiu Moiraine, em voz baixa.

- Eu só estava tentando enxergar melhor, sabe? Ver se há mais Mantos Brancos.

Moiraine ergueu uma sobrancelha e Siuan enrubesceu, enquanto o brilho do Saidar dissipava-se à sua volta. Não tinha o direito de mostrar-se surpresa. Depois de seis anos praticamente sem se largarem uma da outra, Moiraine sabia com um olhar quando sua amiga preparava uma travessura. Para alguém tão inteligente, Siuan às vezes parecia não enxergar direito.

- Não sei como você agüenta isso. – resmungou a garota mais alta, levantando-se um pouco da sela, apoiada nos estribos. Moiraine teve de segura-la para que não caísse no chão. – Se o acampamento estiver muito longe, precisarei da Cura de

uma irmã.

- Tenho um unguento. – disse Moiraine, dando palmadinhas na sacola pendurada à sela, com alguma satisfação. A navalha para afiar as plumas e o punhal não serviriam para nada, mas pelo menos lembrara-se de pegar a pomada.

- Eu queria que você tivesse uma carruagem guardada aí. – resmungou Siuan, mas Moiraine limitou-se a sorrir.

Alindaer estava deserta e silenciosa. O povoado havia sido incendiado três vezes durante a Guerra dos Trollocs, outra vez quase ao fim da Guerra do Segundo Dragão e mais duas vezes durante os vinte anos de assédio dos exércitos de Arthur Hawkwing a Tar Valon, e aparentemente, agora seus habitantes esperavam que acontecesse novamente a mesma coisa. Aqui, via-se uma cadeira caída no meio da rua coberta de neve; ali, uma mesa, a boneca de uma menina, uma caçarola, tudo abandonado por gente que correria a refugiar-se dentro da cidade, levando tudo quanto pudera carregar. No entanto, todas as janelas tinham sido bem fechadas e todas as portas trancadas, com o que quer que houvesse lá dentro guardado a salvo, até o regresso dos habitantes. Mas o cheiro de fumaça era mais intenso ali do que na ponte e os únicos sons que se ouvia eram o ranger das tabuletas das estalagens movidas pelo vento e o ecoar dos cascos dos cavalos sobre o pavimento coberto de neve. O lugar já não parecia tranquilo; parecia... morto.

Moiraine sentiu um grande alívio quando deixaram o povoado para trás, ainda que cavalgassem para o sul, afastando-se do Monte do Dragão. Supunha que os campos deveriam estar desertos e que o cheiro de fumaça desapareceria à medida que se afastassem. Obviamente, Siuan não estava sossegada. De vez em quando, lançava olhares para trás, em direção ao pico negro do Monte do Dragão – na metade das vezes Moiraine teve de segura-la para que não caísse do cavalo – e em mais de uma ocasião, ouviu-a ranger os dentes. Frequentemente falavam sobre o Ajah ao qual se juntariam e Moiraine decidira-se pelo Azul há muito tempo, mas achava que talvez Siuan se resolvesse em favor do Verde.

O primeiro acampamento ao qual chegaram, uns três quilômetros ao sul de Alindaer, era um agrupamento desordenado de carroças, carretas e tendas de todos os tamanhos e vários estados de conservação, de mistura com abrigos primitivos feitos com ramos de árvores, tudo isso entremeado com fogueiras para cozinhar. Golpes de martelo sobre a bigorna ressoavam em três forjas

diferentes, e crianças pequenas gritavam e corriam pela neve suja e pisada, como se não soubessem que houvera uma grande batalha na qual seus pais poderiam ter morrido. E talvez tivessem morrido mesmo. Talvez essa inconsciência fosse uma bênção para eles. Havia poucos cavalos, e, além dos ferreiros, poucos homens à vista, mas uma longa fila de mulheres, mais de cinqüenta, alinhava-se diante de um pavilhão onde uma Aceita estava sentada à uma mesa com quatro guardas da Torre postados atrás dela, de forma que Steler sequer diminuiu o passo. Moiraine abraçou a Fonte por um momento, e sentiu que Siuan fazia o mesmo. A moça estava distante, e queriam ver quem era, naturalmente. O rosto da Aceita era emoldurado por inúmeras trancinhas, à moda tarabonesa. Sarene era a mais linda jovem nos aposentos das Aceitas, com exceção, talvez, de Ellid; mas ela não parecia dar-se conta disso, enquanto Ellid dava-se sim, e bastante. Não obstante, tinha pouquíssimo tato, levando-se em conta que era filha de um comerciante. Até sua própria mãe devia ter ficado feliz ao ver Sarene e sua língua afiada partindo em direção a Tar Valon.

- Espero que ela não se meta em encrencas desta vez. – murmurou Siuan, como se tivesse ouvido os pensamentos de Moiraine. Ambas conheciam Sarene muito bem. Era sua amiga, mas às vezes tornava-se mais irritante que um pé de urtiga. O que a salvava é que era tão inconsciente de ter dito algo errado quanto o era de sua beleza. Quase cem metros adiante, o brilho que envolvia Siuan desapareceu e Moiraine também soltou o Poder.. Afinal, nenhuma irmã poderia vê-las.

O acampamento seguinte, a menos de um quilômetro de distância ao sul, era maior e ainda mais caótico que o anterior; não havia ninguém anotando nomes. Também era mais barulhento, com seis forjas trabalhando sem parar e o dobro de crianças gritando e correndo para lá e para cá. A relativa ausência de homens era igual, assim como os poucos animais no cercado dos cavalos; mas, surpreendentemente, havia várias carruagens fechadas espalhadas pelo acampamento. Os murandianos eram belicosos, muito melindrosos acerca de detalhes sobre a honra que apenas eles entendiam, sempre envolvidos em duelos. No entanto, quando Steler anunciou o motivo de sua visita, num vozeirão capaz de assustar um touro, ninguém demonstrou o menor desejo de brigar. Em um piscar de olhos, dois garotos gorduchos vestindo jaquetas muito gastas trouxeram uma mesa e dois bancos para Moiraine e Siuan. Instalaram-nas ao relento, mas outro par de garotos trouxe braseiros de três pernas e colocaram-nos ao lado da mesa. Talvez aquilo não fosse tão incômodo, afinal.

\* Espán: unidade de medida equivalente a 1,8 metros.

## O Coração Humano



Logo que Moiraine sentou-se em um dos bancos, com a prancheta de escrever aberta diante de si, mudou de opinião sobre o incômodo. O calor dos braseiros dissipava-se rapidamente no ar, sem nem mesmo atenuar o frio; além disso, o vento lançava-lhe golfadas de fumaça no rosto, fazendo seus olhos arderem e obrigando-a a tossir. Apesar dos sapatos fortes e dos dois pares de meias, seus pés, que já estavam frios durante a cavalgada; plantados agora na neve, pareceram congelar. E o que parecia ser uma multidão de quase cem mulheres, a maioria com bebês nos braços, apinhava-se em torno da mesa, todas elas gritando para que se anotasse seu nome em primeiro lugar. A maioria vestia-se com roupas simples de pano grosseiro, mas meia dúzia delas exibiam vestidos de seda, ou bordados, ou ambas as coisas. E estas gritavam tanto quanto as outras. Nobres gritando tanto quanto plebéias! Aqueles murandianos não sabiam mesmo comportar-se.

Com o elmo apoiado no quadril, Steler gritou até ficar com a cara congestionada para que calassem a boca e fizessem fila, mas ninguém lhe prestou a menor atenção. Dois guardas avançaram como se tivessem a intenção de começar a empurrar as mulheres para trás, mas o alferes fez um gesto brusco e impediu-os, por sorte. Era o tipo de ação que poderia provocar um tumulto. Moiraine levantou-se para tentar organizar as coisas, mas não sabia como. Nunca havia enfrentado algo assim em nenhum de seus domínios; na verdade, duvidava que qualquer de seus administradores já tivesse enfrentado uma situação destas, e

isso que as pessoas eram mais francas com os administradores que com a senhora da propriedade! Mas Siuan adiantou-se e subiu no banco, com ar austero. Agarrou-se às bordas do manto, como se quisesse evitar sacudir-lhes o punho. O brilho do Saidar envolvia-a e teceu Ar e Fogo. Era uma trama simples, que requeria apenas uma quantidade mínima de Poder; mas quando falou, sua voz soou como um trovão.

- Silêncio!

Era uma ordem simples, ainda que dada de modo impressionante, sem ira, mas ainda assim, as mulheres recuaram, subitamente caladas como pedras. Até o repicar dos martelos parou. Todo o acampamento emudeceu, a ponto de Moiraine conseguir escutar o ruído ocasional dos cavalos. Steler dirigiu um olhar aprovador à Siuan – os homens-de-armas apreciavam bons pulmões, segundo a experiência de Moiraine – e outro, fulminante, às mulheres que rodeavam a mesa. Contudo, alguns bebês começaram a chorar estridentemente, e quando Siuan prosseguiu, fê-lo sem a trama, embora em voz alta, firme e sonora.

- Se quiserem ver um cêntimo sequer, coloquem-se em fila e comportem-se direito. A Torre Branca não trata com turbas nem com crianças mal-educadas. Comportem-se como mulheres adultas ou desejarão tê-lo feito! – acenou com a cabeça para dar ênfase às suas palavras e contemplou o bando com expressão austera, para ver se haviam captado suas palavras. E sim, haviam-nas captado muito bem.

Enquanto descia do banco, as mulheres apressaram-se em colocar-se em duas filas diante da mesa, sem muitos encontrões e cotoveladas, que Moiraine percebesse. As mulheres vestidas com as melhores roupas estavam à frente, claro, com aias carregando seus bebês, embora não evitassem tentar passar umas à frente das outras, empurrando-se e trocando olhares hostis. Talvez fossem mercadoras, ainda que Moiraine não conseguisse imaginar o que poderiam comerciar ali. Uma vez, vira mercadores murandianos, de aparência séria e formal, brigarem a socos no meio da rua e acabar com o nariz ensangüentado e estirados na sarjeta. Apesar da hostilidade, ninguém disse uma palavra e as mulheres que carregavam bebês pareceram esforçar-se em mantê-los sossegados. Um grupo de meninhas entre dez ou doze anos agruparam-se a um lado, embrulhadas em suas capas e apontaram para ela e Siuan, cochichando excitadas. Moiraine pensou ouvi-las mencionar as Aes Sedai. Outra garota, três ou quatro anos mais velha, aproximadamente na idade que ela tinha ao ir para

Tar Valon, parara perto e fingia não observar avidamente. Muitas meninas sonhavam em tornar-se Aes Sedai, mas eram poucas as que tinham coragem de dar o primeiro passo para realizar seu sonho. Moiraine atirou a capa para trás sobre o ombro direito, destampou o tinteiro e segurou uma pena. Não tirou as luvas; a camurça fina não a protegia muito do frio, mas era melhor que nada.

- Como se chama, milady? – perguntou. A mulher, sorridente e rechonchuda, usava um traje de amazona de gola alta, que não era da melhor seda, mas era seda afinal de contas, assim como a capa azul orlada de pele e bordada em vermelho e ouro. E usava um anel em cada dedo. Ainda assim, talvez não fosse uma nobre, mas não custava nada agradar às pessoas. – E qual é o nome de seu bebê?

- Sou Lady Meri do Ahlan a'Conlin, descendente direta de Katrine do Catalan a'Coralle, primeira rainha de Murandy. – a mulher rechonchuda continuava sorrindo, mas sua voz tinha um timbre frio e orgulhoso. Falava com o sotaque vivaz dos murandianos, que levava as pessoas a pensar que eram gente pacífica, até que lhes demonstravam seu engano. Com um mão, puxou uma mulherzinha gorda vestida com roupas de pano escuro e com um grosso xale sobre a cabeça, que segurava nos braços um bebê balbuciante, tão agasalhado que só se lhe via o rostinho. – Este é meu filho, Sedrin. Nasceu há exatamente uma semana. Neguei-me a ficar em casa quando meu marido partiu para a guerra, naturalmente. Farei com que as moedas sejam marcadas para que Sedrin sempre se recorde de que foi honrado pela Torre Branca.

Moiraine absteve-se de comentar que Sedrin compartilharia desta honra com centenas de outras crianças, talvez milhares, se em outros acampamentos a situação fosse semelhante à deste. Luz, jamais poderia ter esperado que tantas mulheres tivessem dado à luz! Mantendo a expressão relaxada, observou o pequeno por um instante. Não era uma menina inocente – já havia visto os garanhões fecundarem as éguas e ajudara-as a parir; se alguém não sabia fazer algo, como saberia se os criados estavam fazendo direito? – mas não entendia nada de bebês. Para ela, o menino poderia ter tanto uma semana quanto um mês ou dois. Steler e seus homens vigiavam a pouca distância da mesa, para o caso de haver outra desordem. Enfim, não foi capaz de perguntar. Se lady a'Conlin estava mentindo, então uma irmã teria de resolver o problema. Moiraine olhou de soslaio. A mulher que estava diante de Siuan carregava um bebê ainda mais velho, mas sua amiga anotava-lhes os nomes.



Enquanto molhava a pena, avistou uma mulher que passava com um bebê ao qual dava o seio. Meio oculto pelo manto da mulher, o bebê não parecia mais velho que Sedrin, e no entanto a mãe não entrara na fila, mantendo-se apartada de forma bem significativa.

- Por que aquela mulher não está na fila? Seu bebê é velho demais?

O sorriso de lady a'Conlin desapareceu e a mulher ergueu as sobrancelhas.

- Não costumo conhecer todos os pirralhos que nascem no acampamento. – a frieza em seu tom aumentara consideravelmente. Apontou imperiosamente o papel sobre a mesa; o anel que levava no dedo tinha engastada uma granada grande, mas visivelmente imperfeita. – Anote meu nome. Quero voltar ao calor de minha tenda.

- Anotarei seu nome e todas as informações que pedirmos logo que você me responder ao que perguntei sobre aquela mulher. – contestou Moiraine, tentando dar à sua voz o tom de comando utilizado por Siuan.

Sua tentativa não teve muito sucesso. Meri a'Conlin franziu as sobrancelhas numa carranca e apertou os lábios num gesto beligerante. Parecia a ponto de explodir. Ou de esbofeteá-la. Antes que tivesse tempo de fazer qualquer dessas coisas, a criada de rosto redondo apressou-se a intervir, fazendo um arremedo de mesura a cada duas palavras.

- A menina de Careme tem a mesma idade que Lorde Sedrin, com o seu perdão, milady, e o seu também, Aes Sedai. Mas o sujeito com quem Careme queria casar-se foi-se embora com a idéia de tornar-se um Guardião, e o homem com quem acabou se casando não lhe agrada nem a metade. – sacudiu a cabeça com energia. – Oh, não quer ter nada a ver com a Torre Branca, essa Careme.

- Mesmo assim, receberá o prêmio. – respondeu firmemente Moiraine. Tamra dissera-lhes para anotar todos os nomes. Perguntou-se se o amado de Careme atingira seu intento. Poucos homens tinham a aptidão necessária. Um Guardião não usava simplesmente armas, ele próprio era uma arma, e esse era só o primeiro requisito. – Qual é seu nome completo? E o de seu bebê?

- Ela é Careme Guadañil, Aes Sedai, e a garotinha chama-se Ellya.

Maravilha das maravilhas, lady a'Conlin parecia conformada que a criada respondesse. Não apenas isso; ainda fitava Moiraine com certo receio. Talvez a única coisa que fizesse falta fosse um tom firme. E as pessoas acreditarem que era uma Aes Sedai.

- De que aldeia ou cidade é? – perguntou enquanto escrevia.

- E onde sua filha nasceu exatamente? – ouviu Siuan dizer. Sua amiga tirara as luvas, presente de Moiraine no seu último aniversário, para que não se manchassem de tinta. A impaciente mulher vestida de seda parada diante dela poderia ser considerada uma beldade, a não ser pelo nariz. Era alta, quase um palmo mais que Siuan. – Em um celeiro a um quilômetro e meio a oeste daqui? Não, esse não é lugar onde você desejaria que seu herdeiro tivesse nascido. Bem, conhece alguma mulher que tenha dado à luz nos últimos dezesseis dias e que não esteja aqui? Como é o nome dela? Nada de queixas, milady. Simplesmente responda.

E assim fez a dama, sem mais protestos. Obviamente, a atitude de Siuan não admitia réplicas nem lamentações. Simplesmente era ela quem mandava. Como conseguia?

As idéias de Moiraine sobre a aventura de buscar o Dragão Renascido não tardaram em desaparecer, assim como a emoção de estar do lado de fora das muralhas de Tar Valon. Fazer as mesmas perguntas várias vezes e anotar as respostas, deixando de lado, cuidadosamente, as folhas já preenchidas para que secassem e tornar a recomeçar numa folha nova, tudo isso rapidamente transformou-se em tédio e aborrecimento. As únicas pausas na monótona tarefa eram as que fazia para aquecer as mãos no braseiro que havia ao lado da mesa. Um prazer indescritível, dadas as circunstâncias, com os dedos duros de frio e sem que nada interessante acontecesse. A única surpresa foi o número de mulheres que não eram murandianas. Os soldados que partiam para a guerra, pelo visto, tomavam freqüentemente esposas estrangeiras. As bigornas recomeçaram a repicar ao cabo de algum tempo e alguns homens que consertavam uma carroça começaram também a martelar, ao trocar uma roda. O martelar dava dor de cabeça a Moiraine. Tudo aquilo era deprimente.

Fez um grande esforço para não descarregar seu descontentamento nas mulheres com as quais falava, ainda que um punhado delas lhe desse bons motivos para fazê-lo. Teve de dissuadir algumas nobres de recitarem sua linhagem completa

até os tempos de Arthur Hawkwing ou além, e algumas das mulheres vestidas com simplicidade recusaram-se a dizer o nome do pai ou dizer de onde vinham, e franziam as sobrancelhas com desconfiança, como se suspeitassem de algum truque para negar-lhes o dinheiro, mesmo que só precisasse de um olhar gélido para acabar com a resistência da maioria. Nem mesmo as murandianas queriam contrariar mulheres que pensavam ser Aes Sedai, uma idéia que se espalhava rapidamente. Isso fazia com que as filas avançassem com certa fluidez, ainda que não rapidamente.

Moiraine não deixava de observar as mulheres que passavam por ali em estado avançado de gestação. Algumas chegavam a parar para olhar para a mesa, como se pensassem em colocar-se também na fila. Uma delas poderia ser a futura mãe do Dragão Renascido, pelo menos se, por alguma razão, decidisse ir ao Monte do Dragão para dar à luz. Os únicos nascimentos havidos hoje, após a Predição de Gitara, eram de meninas, e, como todos os outros bebês, tinham vindo ao mundo num raio de um quilômetro em volta do acampamento. Alguma outra Aceita toparia com o garoto sem saber o que encontrara. Certamente, ela não saberia nada sobre ele durante vários anos. Luz, isso não era justo! Ela sabia, e o fato não significava nada.

Próximo ao meio-dia, Moiraine alçou a vista para uma jovem delgada, vestida com roupas de pano escuro e que sustinha um bebê na dobra do braço.

- Susa Wynn, Aes Sedai. – disse timidamente. – É meu nome. E este é meu Cyril. – acrescentou, acariciando a cabeça do menino.

Moiraine não tinha experiência com bebês, mas podia distinguir uma criança de seis ou sete meses de um recém-nascido. Já estava abrindo a boca para dizer à mulher que não a tomasse por uma idiota, quando Siuan roçou-lhe o braço por um instante. Apenas isso – nem mesmo deixou de perguntar o nome da mulher diante dela – mas o mero gesto bastou para que Moiraine lançasse outro olhar à moça. Susa Wynn não estava magra, mas depauperada, quase consumida, com olheiras e ar desesperado. O vestido e a capa estavam gastos e remendados. Caprichosamente remendados, mas em alguns lugares parecia haver mais remendos que o pano original do vestido.

- O nome do pai? – indagou Moiraine para ganhar tempo e tomar uma decisão. O menino ultrapassava, e muito, a idade requerida. Contudo...

- Jac, Aes Sedai, Jac Wynn. Ele... - os olhos fundos encheram-se de lágrimas. – Jac morreu antes que a luta começasse. Escorregou na neve e quebrou a cabeça em uma pedra. Não me parece justo viajar até aqui e morrer por escorregar na neve.

O menino começou a tossir; o som da tosse demonstrava que tinha o peito congestionado. Susa inclinou-se sobre ele, com expressão ansiosa.

Moiraine não soube com certeza se foi a tosse do garoto, ou as lágrimas, ou o marido morto, mas anotou cuidadosamente os dados da mulher. A Torre podia dar-se ao luxo entregar cem coroas de ouro a uma mulher e uma criança que poderiam morrer à míngua se não recebessem alguma espécie de ajuda. O pequeno podia estar bem nutrido, mas era óbvio que Susa estava morrendo de fome. E Meri a'Conlin pensava em marcar as moedas. Teve de fazer um esforço para não perguntar sob as ordens de quem Jac Wynn servira. Quem quer que fosse, não deveria permitir que as coisas chegassem a este ponto! A nobreza acarretava tantas responsabilidades quanto direitos! Até mais, segundo lhe haviam ensinado. Além disso, onde estavam as amigas da mulher? Murandianos!

- Que a Luz a abençoe, Aes Sedai. – Susa tentou engolir as lágrimas, mas falhou. Não soluçou; simplesmente as lágrimas correram-lhe pelas faces – Que a ilumine sempre.

- Sim, sim. – disse Moiraine, suavemente – Há uma Leitora neste acampamento? – não, não, os murandianos chamavam de outra forma as mulheres que entendiam de ervas e remédios. Como era? Verin Sedai dera-lhes uma aula sobre o tema no seu primeiro ano de Aceitas. – Uma Zahorí. Uma Mulher Sábia. – quando Susa assentiu com a cabeça, Moiraine tirou uma moeda de prata de sua bolsa e colocou o dinheiro na mão da mulher. – Leve o menino a ela para ser examinado.

Aquilo provocou mais choro, mas palavras de agradecimento e uma tentativa de beijar-lhe a mão que Moiraine evitou por pouco. Luz, Susa não era sua vassala. Aquilo não era decente.

- Com a recompensa que ela vai receber, - sussurrou-lhe Siuan quando Susa se foi – a Mulher Sábia teria lhe dado crédito. – não afastou os olhos do que estava escrevendo com sua letra caprichada, mas Moiraine percebeu que seu rosto expressava desaprovação. Siuan era muito cuidadosa com o pouco dinheiro que

possuía. Moiraine suspirou – o que estava feito, feito estava – e tornou a suspirar quando percebeu os murmúrios através da fileira de mulheres. O rumor de que uma das “Aes Sedai” aceitara o filho de Susa Wynn espalhou-se como fogo na palha seca e não demorou para que Moiraine avistasse mulheres que se apressavam em entrar na fila, uma delas até levando um menino pela mão.

- Meu Danil têm estado pálido ultimamente, Aes Sedai. – afirmou uma mulher gorducha à sua frente, com um sorriso esperançoso. O bebê que levava nos braços gorjeou alegremente. – Oxalá pudesse dar-me ao luxo de leva-lo à Mulher Sábia. – o vestido de pano cinzento da mulher era quase novo.

O mau gênio de Moiraine explodiu, e desta vez não fez o menor esforço para conte-lo.

- Eu mesma poderia Cura-lo. – disse friamente. – Claro, ele é muito pequeno. Talvez não sobrevivesse. É quase certo que não. – naquela idade, certamente não suportaria o rigor da Cura, e além disso, esta era uma das poucas tramas que as Aceitas eram proibidas de realizar sem que uma irmã supervisionasse o processo. Um erro na Cura poderia ferir seriamente, e não somente a curandeira. Mas a mulher não sabia disso e quando Moiraine estendeu a mão enluvada, afastou-se bruscamente para trás, abraçando o bebê num gesto protetor, enquanto seus olhos quase saíam das órbitas de terror.

- Não, Aes Sedai. Agradeço-lhe muito, mas não. Conseguirei... o dinheiro de algum modo. Conseguirei.

O mau gênio dissipou-se – nunca durava muito – e por um instante Moiraine sentiu-se envergonhada. Só por um instante. A Torre podia permitir-se ser generosa, mas não podia deixar que tomassem as Aes Sedai por idiotas. Grande parte do poder da Torre residia na crença de que as irmãs eram justamente o contrário de idiotas, em todos os sentidos. Os sussurros percorreram novamente a fila e a mulher que levava a criança pela mão foi embora ainda mais depressa do que viera. Pelo menos não teria de lidar com aquilo. Já fôra impossível evitar dizer palavras duras a alguém que acreditava que a Torre podia ser facilmente enganada.

- Muito bem. – disse Siuan, enquanto sua pluma deslizava sobre o papel – Muito bem feito.

- Danil. – disse Moiraine, anotando o nome. – E você, como se chama?

Seu sorriso era pelo cumprimento de Siuan, mas a mãe de Danil devia ter

interpretado o gesto como sinal de perdão e respondeu às suas perguntas com voz aliviada. Moiraine ficou feliz por isso. Muita gente temia a Torre Branca, às vezes com razão (a Torre podia mostrar-se severa quando era necessário), mas o medo era uma má ferramenta, que sempre acabava cortando quem a utilizava. Essa era uma lição que aprendera antes mesmo de entrar para a Torre.

Quando o sol atingiu o zênite, Siuan e ela foram pegar a comida guardada nos alforjes. Certamente não tinha sentido pedir que um dos homens de Steler fizesse isso. Já estavam todos agachados, almoçando carne seca e pão de viagem, próximos de seus cavalos atados ao cercado. Nenhum deles parecia disposto a mover um dedo, a menos que as atacassem. Mas Steler inclinou a cabeça em direção a ela e Siuan quando voltavam, e, ainda que ligeiríssima, pareceu-lhe aprovadora. Decididamente, os homens eram... estranhos.

Tendo anotado menos de metade dos nomes das mulheres, esperava no mínimo resmungos, mas as que restavam na fila dispersaram-se para buscar sua própria refeição sem o menor protesto. Uma mulher morena, com sotaque teariano levou à mesa uma chaleira de estanho amassada, cheia de chá quente até a borda e um par de xícaras verdes lascadas, e uma anciã grisalha e magra levou-lhes duas canecas de madeira fumegantes que cheiravam a vinho quente com especiarias. Tinha um rosto enrugado, no qual parecia nunca ter brilhado um sorriso.

- Susa Wynn é orgulhosa demais para aceitar algo além de um pouco de comida de alguém, exceto para seu bebê. – disse, com uma voz profunda para uma mulher, enquanto largava as canecas. – Vocês o fizeram de forma gentil e bem-educada. – depois de assentir com a cabeça, deu meia volta e afastou-se através da neve, com as costas tão retas como um guarda num desfile. Esta sim era uma maneira peculiar de tratar Aes Sedai!

- Ela sabe o que somos realmente. – comentou Siuan, baixinho, tomando a caneca com as duas mãos, para aquecê-las. Moiraine fez a mesma coisa, apesar das luvas. A pobre Siuan devia ter os dedos gelados.

- Não dirá nada. – respondeu Moiraine ao cabo de um momento, e Siuan assentiu em silêncio. Não que a verdade fosse causar problemas sérios, sobretudo com Steler e seus homens presentes, mas era melhor evitar o fiasco. Quem diria que uma mulher de uma aldeia distante seria capaz de distinguir um rosto de Aes Sedai ou um vestido de Aceita. Ou ambas as coisas. – Creio que estive na Torre, quando jovem. – as mulheres que não podiam ser ensinadas a canalizar eram

enviadas de volta para casa, mas quem quer que estivesse estado lá reconheceria Aes Sedai e Aceitas.

Siuan mirou-a de soslaio, como se tivesse dito algo evidente. Às vezes era irritante que Siuan sempre deduzisse as coisas antes dela.

Falaram pouco, enquanto comiam o pão, o queijo e as frutas. Esperava-se que as noviças mantivessem silêncio durante as refeições, e que as Aceitas mantivessem certa dignidade, de modo que haviam-se acostumado a comer quase sem falar. Mal tocaram no vinho – as Aceitas tomavam vinho com as refeições, mas aguado, e seria terrível se alguma delas ficasse tonta – mas Moiraine surpreendeu-se ao ver que devorara até a última migalha o que julgara ser demais. Talvez ficar ao relento tivesse aumentado seu apetite.

Estava dobrando os guardanapos nos quais a comida viera embrulhada e desejando ter mais algumas passas, quando uma exclamação abafada de Siuan sobressaltou-a.

- Oh, não!

Moiraine alçou o olhar e a alma caiu-lhe aos pés.

Duas irmãs entravam a cavalo no acampamento, abrindo cuidadosamente passagem entre as tendas e carroças. Tal como estavam as coisas nestes dias, duas mulheres trajando sedas e cavalgando pelo campo aberto sem um séquito, tinham de ser irmãs, e aquelas duas só estavam acompanhadas por um homem, um sujeito vestido com um manto de cores cambiantes que se confundia com o ambiente, de forma que parte de seu corpo e parte de seu cavalo negro pareciam invisíveis. Os olhos do homem não se detinham muito tempo em um lugar; ele fazia com que os guardas da Torre parecessem cãezinhos de estimação adormecidos comparados a um leopardo alerta. A visão do manto de um Guardiã era desconcertante, e alçaram-se murmúrios no acampamento, enquanto as pessoas apontavam-lhe o dedo e soltavam exclamações. Os ferreiros deixaram novamente de martelar.

Não era a aparição de uma irmã qualquer que fez com que o estômago de Moiraine se contraísse. Reconhecera os rostos emoldurados pelos capuzes. Meilyn Arganya, de cabelos cinza-prateados e queixo pronunciado, era uma das mulheres mais respeitadas da Torre. Dizia-se que ninguém tinha uma única

palavra má a dizer sobre Meilyn. Se fosse só ela Moiraine não teria nada a dizer. A outra, no entanto, era Elaida a'Roihan. Luz, o que estava fazendo ali? Elaida fôra nomeada conselheira da rainha de Andor há quase três anos. Regressava à Torre ocasionalmente, para conferenciar com a Amyrlin sobre acontecimentos em Andor, mas Siuan e Moiraine sempre se inteiravam de sua presença; para seu pesar.

Fizeram uma reverência tão logo as irmãs aproximaram-se.

- Temos permissão para estar aqui. – apressou-se em dizer Siuan. Até Meilyn se aborreceria se comesse a repreende-las e depois ficasse sabendo que não tinha motivos para fazê-lo. Elaida ficaria possessa; odiava passar por tola. – A Amyrlin nos ordenou...

- Nós sabemos. – interrompeu-a Meilyn, gentilmente. – Pela rapidez com que a notícia está se espalhando, acho que até os gatos de Seleisin sabem, a esta altura.

A julgar pelo tom, era impossível saber se concordava com a decisão de Tamra. O rosto sereno de Meilyn jamais demonstrava o menor sinal de emoção. Seus surpreendentes olhos azuis entranhavam serenidade do mesmo modo que um copo continha água. Com a mão enluvada puxou cuidadosamente um dos lados da saia de montaria, tão profusamente bordada de branco que parecia ser dessa cor. Era uma das relativamente poucas Brancas que possuía um Guardião; envoltas em suas idéias, racionalidade e filosofia, a maioria não achava necessário ter um. Moiraine desejou que desmontasse. O cavalo malhado da Branca era grande, e sua amazona, tão alta quanto a maioria dos homens. Pelo menos a maioria dos homens cairhienianos. Ter de olhar para ela sobre a sela fazia o pescoço de Moiraine doer.

- Surpresas por ver-me? – disse Elaida, mirando-as do alto de sua égua castanha de tornozelos finos. Seu vestido de brocado não era de um tom de vermelho tênue ou discreto, mas intenso, como se proclamasse ao mundo seu Ajah. A capa, orlada de pele negra, era exatamente da mesma cor. Um tom mais adequado para a carroça de um cigano, pensou Moiraine. Elaida sorria, mas o gesto não bastava para dissipar a severidade de seu rosto. Se não fosse por ela, teria sido belíssima. Tudo nela irradiava severidade. – Cheguei a Tar Valon exatamente antes dos Aiel e estive ocupada desde então, mas não se preocupem, visitarei vocês duas.



Moiraine acreditara que não poderia sentir-se mais abatida do que já estava, mas enganava-se. Fez um esforço para não gemer de desespero. Meilyn suspirou.

- Você dá muita atenção a estas pequenas, Elaida. Acabarão estragadas se chegarem a pensar que são suas meninas mimadas. Talvez até já estejam.

Moiraine trocou um olhar estupefato com Siuan. Meninas mimadas? Cabritas amarradas numa estaca para servir de pasto aos leões talvez, mas meninas mimadas, nunca!

Desde que recebera o xale, Elaida nunca cedera a ninguém que não fosse a Amyrlin ou uma Conselheira, que Moiraine soubesse. Agora, porém, inclinou a cabeça, murmurando:

- Como quiser, Meilyn. Mas é possível que enfrentem o teste antes do fim do ano. E espero que passem facilmente. Não aceitarei nenhum outro resultado de nenhuma das duas. – Até estas palavras careciam de sua intensidade habitual. Geralmente Elaida era tão impetuosa e tenaz como um touro. Normalmente, intimidaria qualquer um que ousasse contrariá-la.

A irmã Branca deu levemente de ombros, como se não se importasse suficientemente com o assunto para acrescentar algo mais.

- Vocês têm tudo de que precisam, meninas? Devo dizer que algumas de vocês vieram muito mal preparadas. Quantos nomes faltam anotar por aqui?

- Uns cinqüenta, Meilyn Sedai. – respondeu Siuan. – Talvez pouco mais.

Meilyn alçou a vista para o sol, que já andara um bom trecho em direção ao poente. As pesadas nuvens escuras carregadas de neve moviam-se para o sul, deixando atrás de si um céu limpo.

- Neste caso, façam isto depressa. Vocês devem estar de volta à Torre antes que escureça, sabem disso.

- Todos os acampamentos são iguais a este? – perguntou Moiraine. – Eu pensava que os homens que partem para uma guerra tinham a mente concentrada nela e não em... – deixou a frase incompleta e corou.

- Desovar como cações. – completou Siuan, entre dentes. Só Moiraine a ouviu, e seu rubor aumentou. Por que tivera de perguntar aquilo?

- Cairhienianos! – exclamou Meilyn. Seu tom parecia quase... divertido! Contudo, respondeu com seriedade: - Quando um homem crê que pode morrer, quer deixar algo de si mesmo que perdure. Quando uma mulher crê que seu homem pode morrer, deseja desesperadamente conservar uma parte dele. É por isso que nascem tantas crianças em tempos de guerra. É ilógico, levando em conta as dificuldades que sobrevêm se o homem chega a morrer; ou a mulher. Mas o coração humano raramente age com lógica.

Isso era francamente explicativo e fez com que Moiraine receasse que seu rosto pegasse fogo. Havia coisas podiam ser feitas ou ditas em público e coisas que se faziam em particular e das quais não se falava. Exercitou-se mentalmente para recuperar o controle. Ela era um rio, contido pelas margens; era a margem que continha o rio. Era um botão de rosa que se abria ao sol. O fato de Elaida estar observando Siuan e ela como um escultor com o martelo e o cinzel na mão observa um pedaço de mármore, decidindo que pedaço de pedra arrancará para obter a forma desejada, não ajudava nada.

- Sim, sim, Andro. – disse Meilyn, inesperadamente. – Iremos dentro de um instante. – Nem sequer se voltara para fitar o Guardiã, mas este assentiu como se Meilyn tivesse respondido a algo que dissera em voz alta. Magro e tão alto quanto a Aes Sedai, parecia jovem. Até que se fixasse em seus olhos. Moiraine ficou boquiaberta, esquecendo o cansaço, e não devido ao olhar impassível de Andro. Uma irmã e seu Guardiã percebiam as emoções um do outro e suas condições físicas e ambos sabiam exatamente onde o outro estava se estivessem perto o bastante, ou pelo menos em que direção estavam se a distância fosse muito grande, mas aquilo mais parecia telepatia. Alguns diziam que as irmãs podiam fazer isto. Havia várias coisas que não eram ensinadas até que se obtivesse o xale, afinal. Por exemplo, a trama para vincular um Guardiã. Meilyn fitou-a diretamente nos olhos.

- Não. – disse baixo – Não posso ler os pensamentos dele. – Moiraine sentiu picadas no couro cabeludo, como se seus cabelos fossem ficar em pé. Devia ser verdade, se Meilyn afirmava; mesmo assim... – Quando você tiver um Guardiã por muito tempo, saberá o que ele está pensando, e vive-versa. É uma questão de interpretação.

Elaida soltou uma exclamação desdenhosa, ainda que baixa. Entre os Ajahs, o único que jamais vinculava Guardiões era o Vermelho. A maioria das Vermelhas parecia desgostar de homens em geral.

- Logicamente, - prosseguiu Meilyn, cujo olhar sereno desviou-se para a outra irmã – as Vermelhas precisariam mais de um Guardião que qualquer outro Ajah, exceto talvez o Verde; e talvez mais. Mas, tanto faz. Cada Ajah age segundo seu arbítrio. – Puxou as rédeas. – Vamos, Elaida? Temos de ir ver tantas pequenas quantas for possível. Algumas sem dúvida se esquecerão da hora e se atrasarão se não lhes refrescarmos a memória. Lembrem-se, meninas: antes do anoitecer.

Moiraine esperava alguma espécie de explosão por parte de Elaida, ou pelo menos um brilho colérico em seus olhos. O comentário sobre os Guardiões beirava a violação dos códigos de cortesia e conduta que regiam a vida de uma irmã, todas as regras do que uma Aes Sedai podia dizer e perguntar a outra e o que não podia. Não eram leis, mas antes costumes tão arraigados que tinham mais peso do que uma lei, e todas as Aceitas deviam aprendê-los de memória. Mas Elaida limitou-se a fazer sua montaria dar meia-volta para seguir a outra irmã. Seguindo com o olhar as duas mulheres que abandonavam o acampamento com Andro em seu encalço, Siuan soltou um suspiro de alívio.

- Tive medo de que ficasse para supervisionar-nos. – disse.

- Sim. – concordou Moiraine. Siuan não precisava dizer a quem se referia. Agir assim condizia com o caráter de Elaida. Nada que fizessem evitava que continuasse a exigir-lhes a perfeição absoluta. – Mas, por que não fez isso?

Siuan ignorava a razão, e de qualquer jeito, não tinham tempo para discuti-la. Como fosse óbvio que Siuan e Moiraine haviam acabado de comer, as mulheres voltaram a ocupar seus lugares na fila. E depois da visita de Meilyn e Elaida, já não pareciam tão convencidas que as duas fossem Aes Sedai. Agora, um olhar impassível e uma voz firme já não punham fim às discussões. Siuan começou a recorrer aos gritos quando era necessário, coisa que ocorria freqüentemente, e ajeitava o cabelo num gesto de frustração. Moiraine teve de ameaçar três vezes com deixar de anotar nomes para conseguir que se afastasse da fila uma mulher que carregava uma criança que ultrapassava claramente a idade exigida. Talvez se deixasse convencer se alguma delas estivesse na mesma situação que Susa, mas todas estavam bem alimentadas e saltava à vista que não eram mais pobres que as outras, mas simplesmente mais avarentas.

Para completar, quando não havia mais que doze mulheres diante da mesa, Steler apareceu com o elmo na cabeça e montado em seu cavalo. Os outros soldados seguiam-no a pouca distância, dois deles conduzindo pelas rédeas Flecha e o cavalo de Siuan.

- É hora de ir. – anunciou Steler, com voz grave. – Já tolerarei todo o atraso possível, mas se demormos mais, nos veremos em apuros para chegar à Torre antes do pôr-do-sol.

- Ei! – protestou uma das mulheres. – Vocês têm de anotar nossos nomes! Dentre as demais, alçaram-se murmúrios furiosos.

- Olhe para o sol, homem! – disse Siuan, que parecia tensa e incomodada. Ela própria ergueu os olhos para o astro. Tinha algumas mechas de cabelo em pé, por passar constantemente a mão por eles. – Há tempo de sobra!

Moiraine olhou para o sol, que estava baixo no horizonte, e não teve tanta certeza. Havia uns bons dez quilômetros a percorrer até a Torre, e os últimos através de ruas que estariam apinhadas ao entardecer, assim como estiveram pela manhã. E nenhum tipo de desculpa lhes valeria.

Com o cenho franzido, Steler abriu a boca, mas a mulher de rosto enrugado que lhes tinha oferecido vinho quente plantou-se prontamente diante dele; outras seis ou sete, todas grisalhas ou de cabelos brancos acompanhavam-na, e agruparam-se na frente dele, obrigando-o a recuar.

- Deixe as meninas em paz! – gritou a mulher magra – Ouviu?

Mais mulheres chegaram correndo de todas as direções, até que Steler e seus guardas viram-se diante de uma frente unida. A metade das mulheres gritava ou sacudia os punhos, enquanto as outras encaravam-nos carrancudas e segurando o punho das adagas que levavam à cintura. As forjas emudeceram novamente; os ferreiros observavam o agrupamento de mulheres, sopesando seus martelos. Os jovens, garotos na verdade, começaram a juntar-se, todos com olhos irados e aspecto raivoso. Alguns haviam sacado as facas das cintas. Luz, ia estourar uma revolta!

- Escreva! – ordenou-lhe Siuan. – Não o segurarão por muito tempo. Seu nome? – perguntou à mulher que tinha diante de si.

Moiraine escreveu. As mulheres que esperavam para dizer seus nomes pareciam concordar com Siuan. Não houve mais discussões. Já sabiam todas as perguntas e respondiam-nas assim que chegavam à sua frente, algumas tão rapidamente que tinha de pedir-lhes para repetirem o que haviam dito. Quando Steler e seus homens finalmente conseguiram abrir caminho por entre as mulheres que os cercavam, sem fazer nada que pudesse provocar os homens e garotos que restavam no acampamento, Moiraine soprava o último nome para que a tinta secasse e Siuan penteava apressadamente o cabelo com o pente de ébano. Por trás das barras da viseira, podia-se ver a expressão feroz no rosto do alferes.

- Agora vamos precisar de um pouco de sorte. – foi tudo quanto disse, porém.

Conduziu-as para fora do acampamento a galope, de modo que os cascos dos cavalos levantavam pedaços de neve, e Siuan pulava na sela tão violentamente que o alferes designou dois homens para ficar a cada lado dela e evitar que caísse. Agarrada desesperadamente à sela, Siuan olhou-os com cara feia, e exigiu que se afastassem. Moiraine percebeu então que sua amiga não lhe pedira o remédio; iria precisar dele mais do que nunca. Depois de haverem percorrido quase um quilômetro, Steler reduziu a marcha, mas apenas durante o próximo quilômetro, e então retomou o galope. Siuan só se manteve na sela graças aos dois guardas. Moiraine quis protestar, mas um olhar ao semblante resoluto de sua amiga – e outro ao sol – a fez mudar de idéia. Siuan levaria dias para perdoá-la por chamar a atenção sobre seu péssimo jeito de montar, e talvez não perdoasse jamais a si mesma se por causa disso fossem mandadas para o gabinete de Merean, por ter chegado tarde. Steler manteve aquele ritmo durante todo o caminho de regresso à cidade, a galope e a passo alternadamente, e Moiraine desconfiou que teria feito isso até o final se as ruas não estivessem abarrotadas. O mais rápido que puderam avançar por entre a multidão foi a passo largo. O sol era uma esfera baixa de cor alaranjada, que se metia atrás das muralhas que encerravam o recinto da Torre quando penetraram no pátio das Quadras do Poente. Os cavaleiros saíram para cuidar de Flecha e do cavalo de Siuan, assim como um jovem subtenente de rosto emburrado que olhou com hostilidade para Steler enquanto devolvia a saudação do alferes.

- Vocês são os últimos. – grunhiu, de um jeito que fazia pensar que só queria uma desculpa para esmurrar alguém. – Elas causaram problemas?

Moiraine, que ajudava uma Siuan gemebunda a desmontar, conteve a respiração.

- Não mais que dois cordeirinhos. – respondeu Steler, e Moiraine soltou o ar que estava prendendo. O alferes desmontou e voltou-se para seus homens. – Quero os cavalos escovados e os arreios engraxados antes que qualquer um de vocês sequer pense em jantar. E já sabe por que estou olhando você, Malvin.

Moiraine perguntou ao jovem oficial o que deviam fazer com as pranchetas de escrever. O subtenente lançou-lhe um olhar agressivo antes de responder:

- Deixe-os onde estão. Alguém virá apanha-los. – E afastou-se tão depressa que a capa ondulou atrás dele.

- Por que está tão aborrecido? – indagou-se Moiraine em voz alta.

Steler lançou um olhar aos guardas que conduziam os animais para a quadra.

- Queria ir lutar contra os Aiel. – respondeu, num tom bastante baixo para que não o ouvissem.

- Não estou nem aí se esse imbecil queria ser um herói! – disse Siuan, bruscamente. Estava apoiada em Moiraine, que suspeitava que só o braço que tinha passado à sua cintura a mantinha em pé. – E nem para o jantar! Só quero um banho quente e a minha cama.

- Isso soa maravilhosamente bem. – concordou Moiraine. Exceto a parte do jantar, claro. Sentia-se capaz de devorar uma ovelha inteira!

Siuan conseguiu caminhar sem auxílio, embora mancasse e apertasse os dentes para conter os gemidos. Mas recusou-se a deixar que Moiraine levasse sua mochila. Nunca se rendia à dor. Nunca se rendia a nada. Quando chegaram à galeria onde tinham seus quartos na ala das Aceitas, todas as idéias sobre água quente evaporaram-se. Katherine estava à sua espera.

- Já estava na hora! – disse, envolvendo-se na capa. – Achei que fosse congelar antes que vocês voltassem. – De rosto fino e uma longa cabeleira negra e ondulada que lhe chegava à cintura, Katherine tinha uma língua afiada. Isto é, com as noviças e outras Aceitas. Com as Aes Sedai, era mais suave que leite agüado e toda sorrisos obsequiosos. – Meream quer vê-la em seu gabinete, Moiraine.

- Por que ela quer ver-nos? – perguntou Siuan. – O sol ainda não se pôs!

- Oh, Merean sempre me conta os motivos que tem para fazer o que faz, Siuan. E desta vez é só Moiraine. Bom, já dei o recado e quero jantar e deitar-me. Teremos de voltar ao mesmo trabalho espantoso amanhã pela manhã. Quem diria que eu preferiria ficar aqui estudando em vez de sair para um passeio a cavalo pelo campo?

Siuan ficou olhando carrancuda as costas da outra garota enquanto esta se afastava.

- Qualquer dia ela vai se cortar com aquela língua. Quer que eu vá com você, Moiraine?

Nada teria agradado mais a Moiraine. Não havia se metido em encrencas ultimamente, mas mesmo assim, uma convocação ao gabinete de Merean nunca significava boa coisa. Muitas noviças e Aceitas visitavam o gabinete para chorar no ombro de Merean quando as saudades de casa ou a pressão dos estudos tornava-se muito forte. Uma convocação era algo completamente diferente. No entanto, sacudiu a cabeça e entregou a capa e a sacola a Siuan.

- O pote de ungüento está aí dentro. É muito bom para a dor.

- Eu poderia ir com você, de qualquer jeito. – respondeu Siuan, cujo rosto se iluminara. – Também não preciso de ungüento.

- Você quase não consegue caminhar. Ande, vá. Seja o que for que Merean quiser, estou certa de que não me reterá por muito tempo. – Luz, esperava que Merean não houvesse descoberto certa brincadeira que acreditava ter ocultado bem. Neste caso, pelo menos Siuan escaparia ao castigo. Em seu estado atual, não teria condições de suporta-lo.

O gabinete da Mestra das Noviças situava-se do outro lado da Torre, próximo aos aposentos das noviças e um piso abaixo do gabinete da Amyrlin, em um largo corredor cujos ladrilhos eram vermelhos e verdes, com um tapete azul. Moiraine respirou fundo diante da porta lisa, ladeada por duas tapeçarias de cores vivas, e ajeitou o cabelo, desejando ter perdido um instante para usar a escova. Depois, bateu duas vezes com os nós dos dedos, firmemente. Merean já lhes dissera a todas que não se anunciassem feito ratos arranhando o

revestimento das paredes.

- Entre. – disse uma voz, lá de dentro.  
Respirando profundamente, Moiraine entrou.

Diferente do gabinete da Amyrlin, o de Merean era pequeno e muito simples, com as paredes revestidas de madeira escura e os móveis sólidos e sem enfeite algum, na sua maior parte. Moiraine suspeitava que mulheres que haviam sido Aceitas há cem anos passados ainda reconheceriam tudo quanto havia naquele quarto. Ou talvez há duzentos anos atrás. Talvez a estreita mesa de chá que estava junto da porta, com ligeiros e estranhos entalhes nas pernas, fosse ainda mais antiga. Em uma das paredes, pendia um espelho com vestígios esmaecidos de ouro na moldura. Na parede da frente havia um armário estreito que Moiraine evitou olhar. Lá dentro eram guardadas a correia e a vara, assim como uma chinela que, de certa forma, era pior.

Para sua surpresa, Merean estava em pé em vez de sentada à escrivaninha. Era alta – a cabeça de Moiraine só chegava ao queixo gorducho de Merean – com o cabelo, no qual abundavam os fios cinzentos, recolhido em um coque baixo, e um ar maternal que quase prevalecia sobre as feições atemporais de seu rosto. Esta era uma das razões pelas quais a maioria das jovens em período de treinamento sentia-se à vontade para desabafar com Merean, apesar dela mesma tê-las feito derramar lágrimas freqüentemente. Merean também era afetuosa, meiga e compreensiva. Desde que não se quebrassem as regras. E possuía um talento inacreditável para descobrir as coisas que mais tentavam esconder-lhe.

- Sente-se, pequena. – disse, muito séria.

Moiraine sentou-se cautelosamente diante da escrivaninha. Tinham de ser más notícias de algum tipo. Mas o quê?

- Não há jeito de deixar isto fácil, pequena. O rei Laman foi morto ontem, junto com seus dois irmãos. Lembre-se que somos todos fios na Trama e que a Roda gira segundo seus desígnios.

- Que a Luz ilumine suas almas e a mão do Criador os ampare até que renasçam.  
– disse Moiraine, solenemente.

Merean ergueu um pouco as sobrancelhas, sem dúvida surpresa de que não



tivesse desatado a chorar ao saber que perdera três tios no mesmo dia. Claro que Merean não conhecia Laman Damodred, um homem distante e consumido por uma ambição avassaladora, a única paixão que vicejava nele. Na opinião de Moiraine, a única razão pela qual não se casara era que nem mesmo a possibilidade de ser rainha de Cairhien bastara para convencer qualquer mulher a desposa-lo. Moressin e Aldecain haviam sido piores, ambos com uma veia de violência incontida, que exteriorizavam em ataques de cólera e crueldade. E em desprezo para com o pai de Moiraine, por seu um erudito e ter tomado uma erudita como segunda esposa, em vez de fazer um casamento que trouxesse terras ou influência para a Casa Damodred. Rezaria por suas almas, mas lamentava mais a morte de Jac Wynn que as de seus três tios juntos.

- Você está impressionada, em choque, – murmurou Merean – mas isso passará. Quando acontecer, venha até aqui, pequena. E não é mais preciso que você saia amanhã. Informarei à Amyrlin. – A Mestra das Noviças tinha a última palavra no tocante a noviças e Aceitas. Merean devia ter encarado mal que Tamra as tivesse enviado para fora da cidade sem consulta-la.

- Obrigada por sua amabilidade, mas prefiro ir. – apressou-se em dizer Moiraine. – Ter algo que fazer, ficar entre amigas, me servirá de consolo. Se eu ficar aqui amanhã, estarei sozinha.

Merean pareceu ficar em dúvida, mas depois de dizer-lhe algumas palavras mais para aliviar a dor que, acreditava ela, Moiraine sentia, deixou-a voltar para o seu quarto, onde encontrou as lamparinas acesas e o fogo dançando na lareira. Obra de Siuan, sem dúvida. Pensou em ir ao quarto de sua amiga, mas certamente Siuan estaria dormindo profundamente, àquelas alturas. O jantar estaria disponível no refeitório por pelo menos uma hora ainda, mas desistiu da idéia de comer e dedicou esse tempo a rezar ajoelhada pela alma de seus tios, como penitência. Não tinha a intenção de ser uma daquelas irmãs que se impunham penitências a cada passo – chamavam a isso “manter o equilíbrio em suas vidas”, ainda que a ela parecesse necessidade de ostentação – mas a morte de parentes próximos, por piores que fossem, deveria ter despertado alguma emoção nela. Não sentir nada não era bom. Só quando teve a certeza de que os refeitórios estariam vazios, com as criadas esfregando o chão, levantou-se e despiu-se para lavar-se. Usou um filamento de Fogo para aquecer a água, claro. Água fria teria sido outra penitência, mas tudo tinha um limite.

Apagou as lamparinas, teceu uma salvaguarda para evitar que seus sonhos

interferissem com os de alguma outra pessoa – coisa que podia acontecer com canalizadores, e as mulheres que dormiam próximas poderiam ver-se compartilhando sonhos – escorregou para baixo dos cobertores. Estava realmente cansada, e o sono não tardou a apoderar-se dela. Infelizmente, também vieram os pesadelos. Não sobre seus tios ou sobre Jac Wynn, mas sobre um bebê estendido sobre a neve nas encostas do Monte do Dragão. Os relâmpagos sulcavam um céu tão negro quanto a boca de um lobo, e o choro do menino era o trovão. Sonhos sobre um jovem sem rosto. Também nestes havia relâmpagos, e o jovem invocava esses raios e as cidades ardiam. Nações inteiras ardiam. O Dragão renascera.

Despertou soluçando. O lume reduzira-se a brasas. Ao invés de colocar mais lenha na lareira, usou o atiçador da chaminé para cobrir as brasas com cinzas e em lugar de meter-se novamente na cama, lançou uma manta sobre os ombros e saiu. Não tinha certeza de poder conciliar o sono novamente, mas de uma coisa estava certa: não queria dormir sozinha. Convencida de que Siuan estaria dormindo, deslizou para o quarto de sua amiga e cerrou rapidamente a porta atrás de si. Teve um surpresa.

- Moiraine? – sussurrou Siuan.

Na pequena lareira ainda dançavam algumas línguas de fogo, que davam luz suficiente para ver que sua amiga afastava as cobertas para um lado. Sem perder um segundo, Moiraine deitou-se sob elas.

- Você também teve pesadelos? – perguntou.

- Sim. O que elas poderão fazer, Moiraine? Mesmo que o encontrem, o que poderão fazer?

- Podem trazê-lo para a Torre. – respondeu, dando à sua voz uma segurança que não sentia. – Aqui estaria protegido. – Oxalá fosse assim. Além das Vermelhas, outras poderiam querer vê-lo morto ou domado, não importa o que dissessem as Profecias. – E ele seria educado. – O Dragão Renascido deveria ser um homem culto. Deveria entender de política tanto quanto qualquer rainha, e de guerra tanto quanto qualquer general. E de História tanto quanto qualquer erudito. Verin Sedai costumava dizer que a maioria dos erros cometidos pelos governantes deviam-se ao fato de não conhecerem História; agiam ignorando os erros cometidos por outros antes deles. – Poderá ser aconselhado. – Isso seria o mais

importante de tudo, guia-lo para ter a certeza de que tomaria as decisões acertadas.

- A Torre não pode ensina-lo a canalizar, Moiraine.

Isto era verdade. O que os homens faziam com o Poder era... diferente. Tão diferente quanto eram homens e mulheres, segundo Verin. Um pássaro não podia ensinar um peixe a voar. Teria de aprender sozinho. As Profecias não diziam se conseguiria, ou se evitaria a loucura antes da Batalha Final, apenas que deveria estar no Tarmon Gai'don se quisessem ter esperança de vitória, mas ainda assim devia acreditar. Devia ter fé!

- Você acha que Tamra está tendo pesadelos esta noite, Siuan?

Sua amiga bufou.

- As Aes Sedai não têm pesadelos.

Mas elas ainda não eram Aes Sedai. Na conseguiram dormir durante o resto da noite. Moiraine ignorava o que Siuan via, deitada ali, com o olhar fixo no teto – foi incapaz de perguntar-lhe – mas ela via uma criança soluçando na neve no Monte do Dragão, e um homem sem rosto invocando raios. Estar acordada não a protegia de tais pesadelos.

## 6

### Surpresas



A suave batida na porta de Siuan soou pouco antes do amanhecer. Era uma esquiwa noviça chamada Setsuko, uma garota gorda e ainda mais baixa que Moiraine. Disselhes que a Amyrlin ordenara que todas as Aceitas estivessem nas Quadras do Poente antes do terceiro hora, preparadas para reiniciar sua tarefa. À luz da lanterna que carregava, os olhos claros de Setsuko estavam toldados de inveja. A garota arafelina já sabia que sua estada na Torre acabaria dentro de alguns meses.

Setsuko falara abertamente em fugir até que uma visita ao gabinete de Merean ensinara-lhe discrição, senão sensatez. Por amarga que fosse a verdade, nunca alcançaria o xale, mas deveria ficar até que as irmãs tivessem a certeza de que poderia canalizar sem causar mal a si mesma e a outros. A despeito disso, ainda podia deixar a imaginação voar solta. Noviças fugiam às vezes, assim como uma ou outra Aceita que se assustava diante do que a esperava, mas no fim sempre eram capturadas, e seu regresso à Torre costumava ser dolorosamente desagradável, no melhor dos casos. Era muito melhor para todos evitar que isso acontecesse. Em qualquer outra ocasião, por mais cansada que estivesse, Moiraine lhe teria dirigido algumas palavras animadoras. Ou uma advertência. Esta manhã, porém, o sinal da Primeira Alvorada já soara e só restava meia hora para a Segunda Alvorada. Poderiam comer rapidamente alguma coisa e chegar ao estábulo antes da Terceira Alvorada, mas com o tempo bastante apertado. Moiraine bocejou, deu outro abraço em Siuan e saiu correndo pelo corredor

escuro envolta na manta antes que Setsuko chegasse à porta seguinte e batesse para despertar Sheriam. Teria de bater com mais força, porque Sheriam dormia como uma pedra.

Seis outras noviças batiam às outras portas; as lâmpadas que carregavam conferiam-lhes um aspecto fantasmagórico. Diante de seu quarto, Moiraine encontrou uma garota muito alta, com os cabelos dourados soltos, que lhe dedicou uma desabrida reverência quando a despediu com um gesto da mão. Lisandre teria a opção de realizar o teste para Aceita tão logo conseguisse dominar seu gênio azedo. E provavelmente o faria. Quando a Torre detectava um defeito qualquer em alguma de suas pupilas, acabava dando-lhe jeito, de uma forma ou de outra.

Lavou-se e vestiu-se apressadamente, sem gastar muito tempo escovando os dentes com sal e bicarbonato, e passou um pente no cabelo, quase negligentemente; mas quando saiu ao corredor, com a sacola pendurada sob a capa, a escuridão dera lugar a uma luz acinzentada. Siuan já estava lá fora, com a capa posta, falando com a ruiva Sheriam, que estava visivelmente irritada. Outras Aceitas dirigiam-se rapidamente a tomar o desjejum.

- Sheriam disse que é verdade que os Aiel estão se retirando, Moiraine. – contou-lhe Siuan com ar excitado, pendurando a bolsa no ombro. – E que todos já estão a léguas da orla oriental do rio.

Sheriam assentiu com a cabeça e começou a seguir as outras, mas Moiraine segurou-lhe a borda da capa.

- Tem certeza? – pouco faltou para que Moiraine se encolhesse. Se não estivesse tão cansada, teria mais cuidado em escolher as palavras; não se conseguia informação irritando quem a pudesse dar. Por sorte, a esbelta Aceita não tinha o gênio que seus cabelos de fogo e seus olhos verdes rasgados sugeriam. Limitou-se a suspirar e fitou anelante a porta da galeria.

- O primeiro que me contou foi um guarda, que ouviu de um soldado shienariano, um mensageiro, mas depois Serafelle, Ryma e Jennet disseram-me. Uma irmã poderia enganar-se, mas quando três afirmam a mesma coisa, pode ter certeza de que estão certas. – ela era uma companheira agradável para passar uma noite, mas tinha um jeito de fazer comentários triviais que parecia estar dando uma aula. – Por que estão sorrindo feito bobas? – soltou de repente.

- Eu não percebi que estava sorrindo. – respondeu Siuan, compondo a expressão. Sheriam ainda parecia ansiosa, quase nas pontas dos pés, para sair correndo a qualquer momento.

- Será que a oportunidade de sair a cavalgar pelo campo não merece um sorriso? – perguntou Moiraine. Na melhor das hipóteses, poderiam convencer sua escolta a conduzi-las aos acampamentos mais próximos do Monte do Dragão. Não sabia com certeza quando adotara o ponto de vista de Siuan, mas agora era o seu. Encontrá-lo-iam antes que ninguém. Fariam isto de alguma forma. Sorrir? Poderia começar a dar gargalhadas e dançar!

- Vocês duas são estranhas, às vezes. – disse Sheriam. – O que sei é que estou quase doente por causa da sela de montaria. Enfim, podem ficar aqui conversando se quiserem, mas eu quero comer. – mas quando dava meia volta, disposta a ir-se, deteve-se em seco e soltou uma exclamação abafada de susto.

Merean entrara na galeria em meio à escuridão que minguava, com o xale adornado com trepadeiras entrelaçadas pendendo dos braços de forma que as franjas azuis quase roçavam o chão. Atraiu muitos olhares das Aceitas. As irmãs raramente usavam o xale dentro da Torre, exceto em acontecimentos oficiais. A aparição ali da Mestra das Noviças usando o xale significava que alguém estava em sérios apuros. Ou que essa pessoa seria chamada a enfrentar o teste. Várias moças demoraram-se na galeria, esperançosas, enquanto que outras trataram de sair o mais rápido possível sem correr, certamente por não ter a consciência limpa. Não deveriam ter agido assim; a única coisa que conseguiram foi que Merean reparasse nelas, e sem dúvida escavaria até descobrir por que se sentiam culpadas. Em Cairhien até o garotinho mais ingênuo saberia disso. Mas Merean não lhes prestou atenção naquele momento e seguiu avançando serenamente galeria afora; as Aceitas com as quais cruzava e deixava para trás incorporavam-se da mesura com a decepção estampada nos rostos. Sheriam foi uma das que se agitou, e foi diante dela, de Siuan e de Moiraine que Merean se deteve. O coração de Moiraine disparou, e tentou respirar normalmente enquanto fazia sua reverência. Ou melhor, tentou respirar, simplesmente. Talvez Siuan tivesse razão. Bem, na verdade era ela quem tinha razão. Quando Merean dizia a uma Aceita que o teste estava próximo, isso sempre acontecia dentro de um mês, ao mais tardar. Mas ainda não estava pronta! Nem é preciso dizer que a cara de Siuan irradiava ansiedade e seus olhos brilhava. Sheriam tinha os lábios entreabertos e uma expressão expectante e esperançosa. Luz, todas e cada uma das Aceitas deviam sentir-se mais preparadas do que se sentia Moiraine Damodred.

- Você se atrasará se não se apressar, menina. – disse a irmã Azul a Sheriam, contundente. O que era por si só uma surpresa. Merean nunca era contundente, nem quando havia um castigo em perspectiva. Quando repreendia alguém por uma falta, administrando a vara ou a correia, ou aquela detestável chinela, sua voz soava meramente firme.

Enquanto a mocinha ruiva afastava-se em disparada, a Mestra das Noviças concentrou sua atenção em Siuan e Moiraine. Esta pensou que seu coração acabaria saindo pelas costelas se continuasse a bater tão forte. Ainda não! Luz, por favor, ainda não!

- Falei com a Amyrlin, Moiraine, e ela concordou comigo que você deve estar dominada pela tristeza e pela comoção. As outras Aceitas terão de arranjar-se sem você hoje. – os lábios da Mestra das Noviças apertaram-se um instante antes que a serenidade voltasse a seu rosto. Mas sua voz continuou incisiva como uma agulha: - Por mim, vocês teriam permanecido todas na Torre, mas o povo colaborará melhor com iniciadas do que com escreventes, ainda que estes sejam da Torre Branca, e as irmãs poriam os céus abaixo se lhes pedissem para encarregar-se de semelhante tarefa. A Madre tem razão, pelo menos nisto.

Luz! Ela devia de ter discutido com Tamra, ou não estaria tão aborrecida para dizer tudo isso a Aceitas. Não era de estranhar que se mostrasse tão cortante. O alívio inundou Moiraine porque não a estavam levando a toda pressa a enfrentar o teste para obter o xale, mas o pior era a desilusão. Justamente no dia em que poderiam ir aos acampamentos próximos do Monte do Dragão! Claro que poderiam!

A irmã levantou um dedo. Era uma advertência para que não discutisse, e por mais doce e gentil que Merean geralmente fosse, nunca fazia uma segunda advertência. Moiraine apressou-se em fechar a boca.

- Você não terá tempo para ruminar e dar voltas à cabeça, ociosa. – prosseguiu Merean. Fosse sua expressão calma ou não, a maneira como ajeitou o xale sobre os ombros demonstrava irritação – A letra de algumas meninas parece pegadas de aranha. – Estava irritada, sim, ah! se estava! Geralmente, quando tinha de fazer uma crítica, fazia-a diretamente ao alvo, e a ninguém mais. – A Madre concordou que você passe a limpo as listas que estão quase ilegíveis. Você tem uma caligrafia clara. Um pouco floreada, mas clara.

Moiraine tentou desesperadamente atinar com algo que dizer que a irmã não interpretasse como objeção, mas não lhe ocorreu nada. Como iria safar-se desta?

- É uma ótima idéia, Moiraine. – disse Siuan, o Moiraine encarou sua amiga, pasmada. Bela amiga! Mas Siuan prosseguiu alegremente com a traição: - Ela mal dormiu ontem à noite, Merean Sedai. Bem, pouco mais de uma hora. Não acho que seja seguro que saia a cavalgar. Desmaiaria antes dos primeiros dois quilômetros. – E Siuan ousava dizer isso!

- Alegro-me que você esteja de acordo com minha decisão, Siuan. – disse Merean, secamente. Moiraine teria enrubescido se fosse com ela, mas Siuan era feita de um material diferente e enfrentou as sobrancelhas franzidas da irmã com um sorriso completamente inocente. – Ela também não deve ficar sozinha, então você poderá ficar para ajuda-la. Você também tem boa letra. – o sorriso congelou-se nos lábios de Siuan, mas Merean fingiu não perceber. – Sigam-me. Andem, mexam-se. Tenho mais o que fazer hoje, além de ficar levando-as para lá e para cá!

Deslizando diante delas como um gorducho cisne rio abaixo – um cisne bem veloz – conduziu-as a um pequeno aposento sem janelas, um pouco abaixo dos aposentos da Amyrlin, e do outro lado do corredor. Uma escrivaninha ricamente entalhada com duas cadeiras de espaldar reto atrás, continha uma caixa de plumas, grandes tinteiros de cristal, recipientes de areia para secar a tinta, resmas de bom papel branco e um monte de páginas escritas, empilhadas desordenadamente. Moiraine pendurou a capa em um suporte, deixou a sacola no chão junto à escrivaninha e olhou para aquele montão de folhas com o mesmo desânimo que Siuan. Pelo menos havia uma lareira e um fogo aceso. A sala estava quente, comparada aos corredores – e muito mais que uma cavalgada na neve. Oh, a quem queria convencer?

- Quando terminarem de desjejuar, voltem para cá e comecem a trabalhar. – disse Merean. – Deixem as cópias na ante-sala do gabinete da Amyrlin.

- Luz, Siuan, o que fez você pensar que isto era uma boa idéia? – desabafou Moiraine energicamente, quando a irmã as deixou.

- Porque assim você veria... – Siuan fez uma careta atormentada – Assim veremos mais nomes. Talvez todos, se Tamra quiser que continuemos o trabalho. Poderíamos ser as primeiras a descobrir quem é ele. Duvido muito que haja dois



meninos nascidos no Monte do Dragão. Pensei que só ficaria você, e não nós duas. – soltou um suspiro triste e fitou a amiga, muito perplexa: - Por que elas acham que você deveria estar sofrendo um trauma emocional?

Revelar suas preocupações na noite anterior teria parecido deslocado, uma insignificância perto do que aguardava o mundo, mas Moiraine não hesitou em contar agora. Antes mesmo que terminasse, Siuan estreitou-a num abraço apertado e confortador. Já haviam desabafado uma com a outra mais vezes do que haviam usado Merean como pano de lágrimas. Moiraine jamais sentira-se tão unida a alguém como a Siuan. Nem amara tanto alguém.

- Você já sabe que eu tenho seis tios que são homens admiráveis. – sussurrou Siuan. – E um deles morreu demonstrando quão bom homem ele era. O que você não sabe é que tenho outros dois, que meu pai nem deixaria entrar em casa, um deles seu próprio irmão. Meu pai nem sequer os cumprimentava. São ladrões arruaceiros, rixentos e bêbados e quando beberam cerveja suficiente, ou brandy, caso tenham roubado o bastante para compra-lo, atracam-se com qualquer um que os olhe atravessado. Geralmente lançam-se ambos sobre o mesmo infeliz e o moem a socos e pontapés, ou batem-lhe com o que quer que tenham à mão. Algum dia hão de enforca-los por assassinato, se é que já não o fizeram. Quando isto acontecer, não chorarei por eles. Há gente que não merece nem uma lágrima.

Moiraine abraçou-a também.

- Você sempre sabe dizer o mais apropriado. Mas rezarei pelos meus tios.

- Também rezarei por aqueles dois pilantras quando morrerem. Mas não me fazem mossa, nem vivos, nem mortos. Venha. Vamos desjejuar. Vai ser um longo dia e nem sequer desfrutaremos de um maravilhoso passeio a cavalo como exercício.

Devia estar brincando, mas não havia nem um vestígio de graça em seus olhos azuis. Claro que também odiava qualquer trabalho burocrático. Ninguém gostava daquilo, na verdade.

O refeitório utilizado pelas Aceitas situava-se no andar mais baixo da Torre, e era uma grande salão com paredes brancas e o chão de ladrilhos da mesma cor, cheio de mesas longas e polidas, e bancos onde cabiam duas mulheres, ou mesmo três um pouco espremidas. As outras Aceitas comiam depressa, por vezes com indecorosa rapidez. Sheriam limpou uma nódoa de aveia do vestido e

saiu em disparada do refeitório, proclamando em voz alta que tinha tempo para trocar de roupa. Ia quase correndo. Todas se apressavam. Até Katerine saiu quase correndo, engolindo ainda um pedaço de pão tostado e sacudindo as migalhas do vestido. Vendo-a, não parecia que a oportunidade de sair da cidade fosse tão maravilhosa como afirmara. Siuan comeu parcimoniosamente o mingau de aveia, misturado com maçãs assadas, e Moiraine acompanhou-a enquanto tomava uma xícara de chá bem forte, com uma gota de mel. Afinal, a probabilidade de que o nome do garoto já estivesse nas listas que as esperavam no escritório eram mínimas.

Pouco depois, estavam sozinhas nas mesas, e uma das cozinheiras saiu e mirou-as, hostil, com as mãos nas cadeiras. Cheia de corpo, com o longo e imaculado avental branco, Laras era madura e bastante bonita, mas ainda assim, capaz de rachar uma pedra com seu olhar mal-humorado. Nenhuma Aceita era tola de tratar Laras com soberba; ou nunca uma segunda vez. Até Siuan cedeu diante daquele olhar firme e acabou rapidamente com os últimos bocados de maçã que lhe restavam no prato. Laras começou a chamar as faxineiras para que viessem com seus esfregões antes mesmo que Siuan e Moiraine chegassem à porta.

Moiraine esperava que o trabalho fosse desagradável, e era mesmo, ainda que não tanto quanto imaginara antes. Nem tão mau. Começaram por encontrar suas próprias listas na pilha, e juntaram-lhes as que estavam em letra legível, o que já reduziu o monte à metade. Mas apenas à metade. Se alguém chegasse à Torre analfabeta, aprendia a escrever quando noviça, e com uma caligrafia decente, mas as que já entravam escrevendo mal freqüentemente tardavam anos a fazê-lo decentemente, se é que conseguiam. Algumas irmãs utilizavam escreventes para qualquer anotação que desejavam que alguém além delas entendesse.

A maior parte das listas parecia mais curta que a de Siuan e a sua; ainda assim, mesmo levando em conta a explicação de Meilyn, um número inacreditável de mulheres dera à luz. E isso só nos acampamentos próximos do rio! Ao ver que Siuan repassava cada página antes de coloca-la de lado, Moiraine começou a fazer o mesmo. Sem muita esperança, mesmo que uma possibilidade remota não fosse o mesmo que algo impossível. Apenas quanto mais lia, mais desanimava.

Muitas das anotações eram completamente imprecisas. Nascido à vista as muralhas de Tar Valon? As muralhas divisavam-se a léguas de distância, desde as ladeiras do Monte do Dragão. Este bebê em particular era uma garotinha, de pai teariano e mãe cairhieniana, mas a anotação não augurava nada de bom para

localizar o bebê que buscavam. Havia muitas do mesmo estilo.

Ou “à vista da Torre Branca”. Luz, a Torre podia ser avistada à uma distância quase tão longa quando o Monte do Dragão! Certo, a muitos quilômetros, pelo menos. Outros registros eram tristes. Salia Pomfrey dera à luz um menino e partira para voltar à sua aldeia, em Andor, depois que seu marido morrera, no segundo dia de combate. Havia uma nota abaixo do nome, na letra fluida de Myrelle: “As mulheres do acampamento tentaram dissuadi-la, mas dizem que estava meio louca de dor. Que a Luz a proteja”. Triste a ponto de fazê-la chorar. E, encarando com mais frieza, tão perturbador quanto os registros imprecisos. O nome da aldeia fôra omitido, e Andor era uma das maiores nações entre a Espinha do Mundo e o Oceano Arício. Como iriam encontrá-la? O garoto de Salia nascera na margem errada do Erinin, e seis dias antes do limite do prazo; mas, se acontecesse a mesma coisa à mãe do Dragão Renascido, como iriam encontrá-lo? As páginas estavam coalhadas de nomes assim, ainda que geralmente parecessem ser mulheres que ouviram falar de outras, e portanto era possível que estivessem registradas com os dados corretos em algum outro lugar. Ou talvez não. Quando Tamra falara, parecera algo tão simples...

“Que a Luz nos proteja”, pensou Moiraine. “Que a Luz proteja o mundo”.

Juntando as cabeças às vezes, para decifrar uma letra que parecia realmente pegadas de aranha, escreveram num ritmo regular e fizeram uma pausa ao meio dia, quando desceram ao refeitório para comer pão e sopa de lentilhas, e depois voltaram a suas plumas. Elaida, ataviada com um vestido de gola alta de um vermelho ainda mais intenso que o que usara no dia anterior, passou por ali e, dando a volta à escrivania, olhou em silêncio sobre o ombro de Siuan primeiro e depois o de Moiraine, como que inspecionando seu trabalho. O xale de franjas vermelhas tinha um rico bordado de trepadeiras desabrochadas. Desabrochadas, e o mais adequado a ela, dotadas de longos espinhos. Não encontrando nada para criticar, saiu tão rapidamente quanto entrara, e o suspiro de alívio de Moiraine fez eco ao de Siuan. De resto, deixaram-nas em paz. Quando Moiraine espalhou a areia fina na última página e sacudiu-a na caixa de madeira colocada no chão entre seus dois assentos, já era hora do jantar. Vários meninos haviam nascido no dia anterior – o nascimento devia acontecer depois da Previsão de Gitara – mas não parecia existir a mais remota possibilidade de que algum fosse aquele que procuravam.

Depois de uma noite de sonhos agitados e pouco descanso, não precisou que

Siuan a instasse a voltar para seu quarto em lugar de reunir-se com as outras Aceitas que se dirigiam apressadamente aos estábulos. Naquele dia algumas já não iam tão depressa. Pelo visto, até um passeio fora da cidade tornava-se aborrecido quando a única coisa a fazer era sentar-se e escrever nomes o dia inteiro. Moiraine desejava poder anotar nomes. Afinal, ninguém lhes dissera o contrário. Despertara com o barulho que as outras faziam ao preparar-se, e não com uma noviça trazendo a ordem de que saíssem como todo o mundo. Como Siuan dizia amiúde, era mais fácil desculpar-se do que pedir permissão. E isso que a Torre era pouco afeita a perdoar Aceitas.

Os registros do dia anterior esperavam-nas sobre a escrivaninha; formavam um montão desordenado, tão alto quanto fôra o primeiro. Enquanto separavam as listas legíveis, dois escreventes entraram, e detiveram-se surpreendidos. Um deles era uma mulher robusta, com a Chama de Tar Valon bordada em uma das mangas escuras e o cabelo grisalho recolhido num birote; o outro era um homem jovem e forte, que parecia mais feito para usar uma armadura que a simples jaqueta de pano cinzento que vestia. Tinha lindos olhos castanhos. E um sorriso encantador.

- Não gosto de receber uma tarefa e encontrar alguém já executando-a. – disse a mulher, aborrecida. Ao reparar no sorriso do jovem escrevente, lançou-lhe um olhar frio. Sua voz tornou-se gelo. – Tome cuidado, Martan, caso queira conservar seu emprego. Venha comigo.

Com o sorriso borrado pela preocupação e o rosto corado, Martan saiu do aposento atrás dela. Moiraine olhou para Siuan, apreensiva, mas sua amiga continuou separando as listas como se nada tivesse acontecido.

- Continue trabalhando. – disse. – Se dermos a impressão de estarmos muito ocupadas... – não concluiu a frase. Se haviam entregado o trabalho a escreventes, então não podiam abrigar muitas esperanças, mas era a única coisa que lhes restava.

Daí a minutos, já estavam copiando nomes e assim encontrou-as a própria Tamra quando entrou no escritório. Naquele dia, usava um vestido de seda azul liso e era a própria personificação da calma Aes Sedai. Ninguém poderia dizer que sua amiga morrera diante dela há dois dias, e que buscava o nome de um homem que poderia salvar o mundo. Atrás da Amyrlin, vinha a escrevente de cabelos grisalhos, em cujo rosto a satisfação brilhava como um carmim, seguida pelo

jovem Martan, que sorria para Siuan e Moiraine sobre o ombro da mulher. Realmente, acabaria perdendo o emprego se fizesse isso com frequência.

Moiraine levantou-se e fez uma medida com tal precipitação que esqueceu-se da pena que ainda segurava. Mas em seguida notou como esta pingava, e encolheu-se ao ver a mancha de tinta que deixava, uma mancha negra que se espalhou pelo vestido branco até ficar do tamanho de uma moeda. Siuan moveu-se com igual rapidez, embora bem mais tranquila. Lembrou-se de pousar a pena na bandeja antes de segurar as saias. “Calma.” – pensou Moiraine. – “Devo ficar calma”. Repassar os exercícios mentais não lhe adiantou grande coisa.

A Amyrlin observou-as intensamente. E quando o olhar perscrutador de Tamra prendia-se a alguém, até o mais insensível e calejado sentia-se medido e pesado em gramas. O máximo que Moiraine conseguiu foi não se agitar nervosamente. Sem dúvida aquele olhar perceberia o que planejavam. Se é que podia chamar-se de “plano”.

- Minha intenção era que você tivesse o dia livre para ler ou estudar como quisesse. – disse Tamra lentamente, sem deixar de observá-las. – Ou talvez praticar para o teste. – acrescentou com um sorriso que não diminuiu um ápice a intensidade do escrutínio. Fez uma longa pausa e depois assentiu levemente, para si. – Você continua alterada pela morte de seus tios, pequena?

- Ontem à noite tive pesadelos novamente, Madre. – era verdade, mas novamente haviam sido sobre um bebê chorando na neve e de um jovem sem rosto que destruía o mundo ao mesmo tempo que o salvava. A firmeza de sua voz assombrou-a. Jamais pensara ser capaz de dar uma resposta de Aes Sedai à Amyrlin. Tamra assentiu novamente.

- Está bem, se você acha que necessita ocupar-se, podem continuar. Quando se cansarem de ficar copiando nomes o dia inteiro, deixem um bilhete junto com o trabalho já feito e encarregarei alguém de substituí-las. – já dava meia volta quando se deteve: - É muito difícil tirar manchas de tinta, sobretudo de pano branco. Nem vou dizer que você canalize para limpá-la; você já sabe. – deu outro sorriso, e segurando a escrevente do birote grisalho pelo braço, conduziu-a à porta. – Não é preciso ficar tão indignada, Sra. Wellin. – disse em tom apaziguador. Só os tolos enfureciam os escreventes; seus erros, acidentais ou propositais, podiam causar um dano enorme. – Sem dúvida, a senhora tem algo muito mais importante para cuidar... – sua voz reduziu-se a um murmúrio ao

afastar-se pelo corredor. Moiraine levantou a saia para ver a mancha. Expandira-se e tinha o tamanho de uma moeda grande. Normalmente, para limpá-la, seriam necessárias horas a esfregar cuidadosamente o pano com lixívia irritante para as mãos, e o êxito não era garantido.

- Ela me disse que usasse o Poder para limpar o vestido! – disse maravilhada.

Siuan ergue as sobrancelhas de tal modo que parecia que iam sair-lhe fora da testa.

- Não fale besteiras. Ouvi suas palavras tão bem quanto você e ela não disse nada disso.

- Você não tem de prestar atenção apenas ao que as pessoas dizem, mas também à intenção em suas palavras, Siuan.

Interpretar o que os outros queriam dizer realmente era essencial no Jogo das Casas, e juntando tudo – o sorriso de Tamra, seu olhar e as palavras que escolhera para expressar-se – era quase tão válido quando uma permissão escrita. Abraçou o Poder e teceu Ar, Água e Terra nesta ordem, e aplicou a trama sobre a mancha. Que as Aceitas fossem proibidas de canalizar para realizar seus afazeres não significava que não lhes ensinassem como fazê-lo; para as irmãs, tal proibição não existia, já que seguidamente viajavam sem uma criada. A mancha negra adquiriu um brilho úmido e começou a diminuir, enquanto emergia da superfície do tecido. Continuou minguando até que só restasse uma gota cor de azeviche de tinta seca, que caiu na palma de sua mão.

- Talvez eu a guarde como lembrança. – comentou, largando a bolinha negra na beira do tampo da escrivaninha. Uma lembrança de que Siuan tinha razão quando dizia que algumas regras podem ser quebradas.

- E se uma irmã entrasse? – indagou sua amiga, mordaz. – Você teria tentado explicar-lhe que era tudo parte do Jogo das Casas?

Moiraine corou e soltou a Fonte.

- Eu teria dito... Eu diria... Temos de falar disso agora? Deve haver tantos nomes como ontem e eu gostaria de terminar antes que a hora do jantar tenha passado.

Siuan desatou a rir. O rubor de Moiraine tornou-se tão forte que poderia ser

confundido com a maquilagem de um bufão.

Estavam escrevendo há mais de uma hora quando Moiraine chegou a um registro que lhe deu o que pensar. “Nascido à vista do Monte do Dragão”, dizia, o que era tão ridículo como dizer “à vista da Torre”. Mas Willa Mandair dera à luz um varão, a oeste do rio e no dia da Predição de Gitara. Copiou cuidadosamente a anotação. Ao terminar, levantou a pena, mas não a molhou no tinteiro nem olhou o nome seguinte, escrito com a letra angulosa de Ellid. Seu olhar dirigiu-se à bolinha de tinta. Era uma Aceita, não uma irmã. Mas seria submetida ao teste em breve. A mãe de Bili Mandair teria tido à vista o Monte do Dragão ainda que o garoto tivesse nascido à margem do rio. Nada do que Ellid anotara indicava a distância que estava da montanha o acampamento em que estivera. Nem sequer se era longe ou perto. Nas anotações anteriores, escrevera “nascido no acampamento de Lorde Ellisar, fora de Tar Valon”.

A página que tinha diante de si estava preenchida somente até a metade, mas pegou outra folha em branco da resma e copiou a informação referente a Bili Mandair. Um nome humilde, se fosse o menino que procuravam. Entretanto, havia mais possibilidade de que o Dragão Renascido fosse filho de um simples soldado que de um nobre. Prontamente, percebeu que Siuan escrevia em uma caderneta encadernada em couro, pequena o bastante para caber em sua bolsa, enquanto vigiava a porta.

- Temos de estar preparadas. – comentou sua amiga.

Moiraine assentiu e passou a folha com a única informação a Siuan, que copiou cuidadosamente os dados na caderneta. Moiraine arranjaria uma para si no dia seguinte.

O dia de trabalho revelou vários nomes de meninos nascidos “à vista do Monte do Dragão”, ou até “próximo do Monte do Dragão”, vários deles na margem oriental do Erinin. Moiraine sabia que deveria ter imaginado. A montanha era o ponto de referência mais facilmente identificável num raio de léguas, afinal. Mas esta era apenas a lista do segundo dia, e acrescentaram outros nove nomes de meninos à lista de Siuan. Luz, quantos nomes reuniriam até que aquilo acabasse?

Houve outras surpresas. Pouco depois do meio da manhã, Jarna Malari entrou no escritório, elegante no seu vestido de seda cinza-escuro, as mechas brancas nas têmporas completando sua presença imponente e safiras na negra e longa

cabeleira, assim como em torno da garganta. As sedosas franjas do xale eram tão longas que quase roçavam o chão, apesar de usá-lo sobre os ombros. Jarna era uma Conselheira do Ajah Cinzento. As Conselheiras raramente reparavam nas Aceitas, mas chamou Moiraine com um gesto.

- Caminhe comigo um pouco, pequena.

No corredor, Jarna andou em silêncio por algum tempo, e Moiraine alegrou-se com isso. Luz, o que uma Conselheira poderia querer com ela? Se se tratasse de uma tarefa ou de levar uma mensagem, ter-lhe-ia dito de imediato. De qualquer forma, nenhuma Aceita jamais se atreveria a apressar qualquer irmã. Seria como se uma Conselheira tentasse fazer isso com a Amyrlin. As correntes de ar que faziam tremular as chamas nas lâmpadas não incomodavam Jarna, é claro, mas Moiraine começou a desejar ter vestido a capa.

- Fiquei sabendo que você está muito triste pela morte de seus tios. – disse finalmente a Conselheira. – É compreensível.

Moiraine respondeu com um som impreciso, confiante que Jarna o interpretasse como assentimento. Respostas de Aes Sedai eram boas, mas queria evitar uma mentira descarada, se fosse possível. Tentou não esticar-se para parecer o mais alta possível, mas o topo de sua cabeça mal chegava ao ombro da mulher. Que queria ela?

- Receio que os assuntos de Estado não levem a dor em consideração, Moiraine. Diga-me, pequena, da Casa Damodred, quem você acha que subirá ao Trono do Sol agora que Laman e seus irmãos morreram?

Moiraine tropeçou nos próprios pés e teria caído se Jarna não a segurasse. Uma Conselheira pedindo sua opinião em política? Certo, tratava-se de seu próprio país, mas as Conselheiras entendiam mais de política que os próprios governantes. Os límpidos olhos castanhos de Jarna observavam-na, sossegada, pacientemente. Esperando.

- Não pensei nisto, Aes Sedai. – respondeu Moiraine sinceramente. – Creio que talvez o Trono do Sol passe a outra Casa, mas não saberia dizer qual.

- Talvez. – murmurou Jarna, entrecerrando as pálpebras enquanto pronunciava a palavra. – A família Damodred adquiriu uma má reputação que Laman só fez piorar.



Moiraine franziu as sobrancelhas antes de poder controlar-se, e apressou-se em disfarçar, na esperança de que Jarna não houvesse notado. Estava certa. Seu pai fôra o único de sua geração que não tivera um gênio feroz, homens e mulheres igualmente. As gerações precedentes tinham sido quase igualmente perversas, quando não piores, e as ações dos Damodred haviam sujado seu nome. Ainda assim, não gostava de ouvir outros dizendo isso.

- Seu meio-irmão Taringail foi excluído da sucessão, devido ao seu casamento com a rainha de Andor. – continuou Jarna. – Uma lei ridícula, mas ele não pode muda-la a menos que seja o rei, e não pode ser o rei até que a tenha mudado. E quanto às suas irmãs mais velhas? Não se têm uma boa opinião delas? O... estigma... parece ter saltado boa parte da sua geração.

- São queridas e bem consideradas, mas não para o trono. – respondeu Moiraine. – Anvaere só se interessa por cavalos e pelos esportes. – E ninguém podia fiar-se em seu temperamento, muito pior que o de Moiraine, para ocupar o Trono do Sol. – E se Innloine subisse ao trono, todos sabem que deixaria os assuntos de Estado em segundo plano, na melhor das hipóteses, para dedicar-se a seus filhos. – Era o mais provável, pois, ao distrair-se com as crianças, esqueceria completamente os assuntos de Estado. Innloine era uma mãe carinhosa e terna, mas certamente não se destacava por sua inteligência e sim por sua teimosia. Uma combinação perigosa em um governante. – Ninguém apoiará nenhuma das duas para ocupar o trono, Aes Sedai, nem entre os membros da Casa Damodred.

Jarna encarou-a longamente, o que lhe trouxe a incômoda lembrança de Meilyn afirmando que não podia ler pensamentos. Mas não havia nada a fazer a não ser sustentar aquele olhar com paciência e aparente franqueza. E esperar ardentemente que Meilyn não tivesse dado um jeito de driblar os Três Juramentos.

- Compreendo. – disse Jarna, por fim. – Pode voltar ao trabalho, pequena.

- O que ela queria? – perguntou-lhe Siuan quando regressou ao escritório.

- Não tenho certeza. – respondeu lentamente, apanhando a pena. Esta era a primeira mentira que dizia a Siuan desde que se conheceram. Sabia exatamente o que Jarna queria, e isso a deixava apavorada.

Quando deixaram as cópias concluídas na escrivaninha adornada com rosas que pertencera a Gitara, na ante-sala do gabinete da Amyrlin, outras seis

Conselheiras já haviam ido ao escritório para que Moiraine andasse com elas pelo corredor. Uma de cada Ajah, e todas com a mesma pergunta. Tsutama Rath, lindíssima e com um olhar tão duro que fez com que Moiraine se encolhesse, não se deteve em rodeios.

- Você nunca pensou em ser rainha de Cairhien? – perguntou como se não ligasse importância, enquanto brincava com as franjas vermelhas do xale.

E foi assim que aos pesadelos com um bebê chorando na neve, juntou-se outro. Estava sentada no Trono do Sol, com o xale de Aes Sedai sobre os ombros, enquanto lá fora, a turba destruía a cidade. Há mais de um milênio nenhuma Aes Sedai era coroada rainha, e mesmo antes, as poucas que admitiram sê-lo haviam acabado mal, muito mal. Mas se este era o objetivo da Torre, como ela poderia impedir? Só se abandonasse a Torre tão logo obtivesse o xale, e se mantivesse afastada até que as coisas se resolvessem em Cairhien. Passou a maior parte da noite insone, rezando para que a submetessem logo ao teste. Nem mesmo o dia seguinte parecia-lhe cedo o bastante. Luz, não estava pronta, mas tinha de escapar. De algum jeito.

## O Comichão



No dia seguinte, encontraram mais nomes, e em maior número, que encaixavam com a pauta, todos com uma vaga referência ao Monte do Dragão como lugar de nascimento. Moiraine compreendeu que Siuan e ela não veriam nenhum nome com a indicação “nascido nas encostas do Monte do Dragão”. Muita gente conhecia as Profecias, ainda que de forma errada, sobretudo entre os aldeões, mas a conexão com a montanha estava presente até nas versões mais disparatadas. Nenhuma mulher admitiria que dera à luz um menino que um dia poderia canalizar o Poder, com tudo o que isto implicava: a criatura de suas entranhas condenada à loucura e ao terror. Sendo assim, como admitiria ter dado à luz o Dragão Renascido? Não podia omitir completamente o Monte do Dragão ou seus conhecidos podiam corrigi-la, mas “perto da montanha” ou “à vista de” não representava muito risco. O menino que procuravam possivelmente estaria oculto por trás dessas meias-verdades. Seria necessário que alguém visitasse essas mulheres para fazer-lhes perguntas mais precisas, prudentemente esboçadas e expressadas com cuidado. Enumerou mentalmente tais perguntas, um método delicado de extrair informações sem nada revelar. Despertar as suspeitas da mãe faria com que esta tornasse a mentir. E certamente a fugir, tão logo a pessoa que a interrogasse tivesse dado meia-volta. Seria como jogar o Da’es Daemar tendo o mundo por prêmio. A idéia não a entusiasmava muito, mas como evitar imagina-la?

Durante a manhã, Tamra fez-lhes uma visita. A Amyrlin entrou de repente, justo

quando Moiraine guardava na bolsa a caderneta onde acabava de anotar outro nome. Tratou de dissimular o movimento fazendo-o parte da reverência, um gesto desgracioso provocado pela surpresa. Acreditou ter feito bem, mas conteve a respiração enquanto a Amyrlin observava-a. Teria visto a caderneta? Subitamente a idéia de que pedir perdão era melhor que pedir permissão pareceu-lhe muito irrelevante. Se as apanhassem, uma coisa seria tão inútil quanto a outra. Certamente ser descobertas lhes acarretaria a expulsão temporária, o trabalho em uma fazenda afastada desde o amanhecer até o pôr-do-sol, proibidas de canalizar. Para noviças e Aceitas, este era o penúltimo castigo, uma última oportunidade para aprender a comportar-se corretamente antes de ser expulsas, em caso de reincidência. Muito pior que as mãos cheias de bolhas, entretanto, seria afasta-las definitivamente da busca pelo menino.

- Pensei que o dia de ontem havia saciado seu apetite por tédio. – disse Tamra finalmente, e Moiraine respirou novamente. – Principalmente o seu, Siuan.

Siuan raramente enrubescia, mas corou ao ouvir aquilo. Todo o mundo conhecia seu desagrado por tarefas burocráticas; fazer cópias era o castigo que mais temia.

- As listas ajudam-me a evitar idéias desagradáveis, Madre. – disse Moiraine. Quando alguém começava a dar respostas enganosas, estas saíam cada vez mais facilmente, ainda que se tratasse da Amyrlin. Na verdade, aquelas idéias ainda lhe passavam pela cabeça quando menos esperava, trabalhando com as listas ou não. Idéias sobre um menino abandonado na neve e um homem sem rosto. E, igualmente tenebrosa, a do Trono do Sol. Queria suplicar a Tamra que pusesse um fim àquele plano, mas sabia que suplicar não lhe adiantaria de nada. A Torre não era menos implacável em seus desígnios que a Roda do Tempo com os seus. Em ambos os casos, os fios que teciam eram vidas humanas e a trama que urdiam era muito mais importante que qualquer fio individual.

- Está bem, pequena. Desde e sempre que seus estudos não sejam prejudicados. – Tamra estendeu-lhe um papel dobrado e selado com um selo de cera verde no qual Moiraine não reparara até aquele momento. – Leve isto a Kerene Nagashi. Deve estar em seus aposentos. Não o dê a nenhuma outra pessoa.

Como se ela fosse capaz de fazer algo assim! Algumas Aceitas queixavam-se, baixinho e em segredo, de ter de subir os longos corredores que ascendiam em espiral pela Torre; mas, ainda que tendo de escalar metade da altura total, Moiraine apreciava qualquer encargo que a levasse aos setores dos Ajahs. Podia-

se descobrir muitas coisas vendo as pessoas em seus próprios aposentos. Até as Aes Sedai baixavam a guarda em semelhantes circunstâncias. Pelo menos baixavam um pouco, o suficiente para alguém que soubesse escutar e observar.

Os setores dos Ajahs eram idênticos quanto ao número de aposentos e a forma como estavam dispostos, mas os detalhes diferiam muito. A imagem de uma espada em tamanho real aparecia em cada uma das enormes lajes brancas do setor do Ajah Verde, armas de uma dúzia de países distintos, de um só fio e de fio duplo, de lâmina curva e reta. Todas as portas que havia ao longo dos corredores tinham uma espada com a ponta para cima entalhada, revestida de ouro nos aposentos das Conselheiras e de prata ou laqueadas nos demais. As tapeçarias – pendendo entre altas lâmpadas de pé douradas e com as bases forjadas no formato de lanças em bandeiras – retratavam cenas bélicas de cavaleiros em carga, escaramuças e batalhas famosas, que se alternavam com antigos estandartes de guerra de nações desaparecidas há muito, muitos deles rasgados e manchados, e todos conservados ao longo dos séculos com tramas de Poder Único. Nenhuma Aes Sedai participava de uma batalha desde a Guerra dos Trollocs; mas quando chegasse o Tarmon Gai'don, o Ajah de Batalha cavalgaria na primeira linha. Até que tal momento chegasse, as Verdes lutavam por justiça, em lugares onde freqüentemente esta só podia ser obtida por meio das espadas de seus Guardiões, mas isso era a única coisa que faziam enquanto esperavam pela Batalha Final.

Outra diferença ali era o número de homens, ainda que não fossem homens comuns, é claro. Eram Guardiões. Altos ou baixos, robustos ou esbeltos, e até corpulentos em alguns casos, moviam-se com a graça de leões ou leopardos. Nenhum usava a capa distintiva no interior da Torre, mas tal peça era apenas um ornamento para um olho perspicaz. Podia-se ver Guardiões no setor de qualquer Ajah, exceto o Vermelho, mas a maioria possuía aposentos nos quartéis da Guarda, ou até mesmo na cidade. Mas os Guardiões das Verdes amiúde viviam nos mesmos aposentos das irmãs!

Um Guardião de olhos verdes, que compensava sua pouca altura com uma ampla compleição, olhou-a enquanto passava por ela a bom passo, como se fosse cumprir alguma missão. Outros três, que estavam juntos, calaram-se ao vê-la aproximar-se, reiniciando a conversação em voz baixa assim que se afastou. Um usava campainhas de prata nas escuras tranças arafelinas, outro exibia um grande bigode tarabonês, e o terceiro, de tez mais morena, talvez fosse teariano ou altaranês do sul. Contudo, além da graça de seus movimentos, havia algo mais

que compartilhavam entre si, e com o homem corpulento e com qualquer outro homem ali. Certa vez em que Moiraine saía em uma caçada com falcões junto de seus primos, havia encarado uma águia encapuzada, com o colar de plumas negras rodeando-lhe a cabeça. Encontrar o olhar de um Guardião era algo semelhante. Não feroz, mas cheio de conhecimento de si mesmo, absolutamente consciente de suas aptidões e de sua capacidade para a violência.

E ainda assim, era uma violência contida, disciplinada pela vontade própria e por seu vínculo com uma Aes Sedai. Ali, simplesmente cuidavam dos assuntos de sua vida cotidiana. Um homem magro, com a cabeça inteiramente raspada com exceção do rabicho shienariano, descansava apoiado na parede com uma perna dobrada e um pé apoiado à balaustrada, afinando um violino, sem fazer caso das zombarias de outro Guardião que dizia que soava como um gato escaldado metido dentro de um saco. Outros dois, em mangas de camisa, praticavam com espadas de madeira em um largo corredor lateral; os paus amarrados que substituíam as lâminas de aço ressoavam com cada golpe feroz. Rina Hafden, gordinha e ao mesmo tempo elegante e graciosa, e que de algum modo conseguia que seu rosto quadrado parecesse encantador, animava-os, exibindo um grande sorriso.

- Belo golpe, Waylin! Oh, estupendo esse ataque, Elyas!

Por sua constituição poderiam ser gêmeos, embora um tivesse a pele morena e estivesse completamente barbeado, enquanto o outro, de tez clara, usasse uma barba curta. Sorridentes, continuaram a mover-se cada vez mais depressa. As camisas úmidas de suor colavam-se-lhes aos ombros largos e nas costas, embora ambos parecessem frescos e descansados.

Ao passar diante de uma porta aberta, Moiraine viu um Guardião de rosto redondo que tocava uma solene melodia à flauta, enquanto a grisalha Jala Bandevin, uma mulher imponente apesar de ser quase uma mão mais baixa que Moiraine, tentava ensinar a seu novo Guardião os passos de uma dança de corte. Tinha de ser muito jovem, aquele garoto ruborizado de cabelos louros, era óbvio que não tinha mais que vinte anos; mas, apesar da juventude, nenhum homem obteria o vínculo a menos que possuísse todas as habilidades exigidas. Além de saber dançar, claro.

A porta de Kerene, com uma espada laqueada em vermelho, dourado e negro, também estava aberta e do interior saía uma música alegre. Moiraine ignorava o

significado do laqueado ou das cores, e suspeitava que jamais saberia, a não ser que escolhesse o Ajah Verde. Isto não aconteceria, mas incomodava-a não saber algo; a ignorância transformava-se numa espécie de comichão entre as omoplatas, justamente onde não se consegue alcançar para coçar. Não pela primeira vez, arquivou num canto de sua mente as espadas, junto a muitas outras coisas avistadas nos alojamentos dos Ajahs. A ânsia desapareceu, mas ela sabia que voltaria na próxima vez que visse aquelas portas.

As poucas tapeçarias que havia na sala de Kerene representavam cenas de guerra ou caçadas, mas a maior parte das paredes estava ocupada por estantes esculpidas em diferentes estilos de meia dúzia de países. Além de vários livros, continham um crânio de leão, outro maior ainda, de urso, taças vidradas, vasos de formato estranho, punhais adornados com ouro e pedras preciosas e punhais com simples empunhaduras de madeira, um deles apenas com um pedaço da lâmina quebrada. O martelo de um ferreiro, com a cabeça partida em dois, estava junto de uma tigela de madeira rachada na qual havia uma grande granátea, tão bela que poderia adornar uma coroa. Um relógio dourado de cilindro, com os ponteiros parados pouco antes do meio-dia ou da meia-noite, estava ao lado de umas manoplas reforçadas com aço e com manchas escuras que sem dúvida nenhuma, eram de sangue. Aqueles objetos e todos os outros eram lembranças de mais de cem anos usando o xale. As recordações de antes do xale eram poucas. Só uma fileira de pequenos retratos colocados sobre a cornija da lareira, que representavam um homem de ar digno, vestido com simplicidade; uma mulher sorridente e rechonchuda; e cinco crianças, três delas meninas. Era a família de Kerene; todos já haviam morrido há muito tempo, e sido enterrados, assim como suas sobrinhas e sobrinhos, e seus filhos, e seus netos. Esta era a carga que uma Aes Sedai devia carregar; a família morta, tudo o que se conhecia desaparecido. Exceto a Torre. A Torre Branca sempre perdurava.

Dois dos Guardiões de Kerene estavam com ela. O imenso Karile, a quem o cabelo e barba davam o aspecto de um leão de juba dourada, lia um livro junto da lareira, com os pés apoiados na grade de latão ornada; um fiozinho de fumaça saía de seu cachimbo de bocal largo. Stepin, que mais parecia um escrevente que um Guardião devido a seus ombros estreitos e melancólicos olhos castanhos, estava sentado em um banco, tocando uma alegre melodia numa viola de doze cordas; os dedos do Guardião moviam-se com a destreza de qualquer músico profissional. Nenhum dos dois homens interrompeu o que estava fazendo pela chegada de uma Aceita.

A própria Kerene bordava num bastidor de pé. Era sempre desconcertante ver uma Verde fazendo trabalhos de agulha; principalmente se, como agora, o motivo era um campo de flores silvestres. Como isso se combinaria com a violência e morte que decoravam as paredes? Alta e esbelta, Kerene aparentava ser exatamente o que era: o rosto intemporal, firme e bonito, os olhos quase negros, cheios de serenidade. Mesmo ali, vestia um traje de amazona, com a saia dividida, adornada com bordados de um intenso tom de esmeralda; usava o cabelo escuro com ligeiros toques de branco ainda mais curto que Karile ou Stepin, acima dos ombros e contido por uma fita larga. Com aquele comprimento, certamente era-lhe mais fácil conserva-lo arranjado quando viajava. Kerene raramente permanecia muito tempo na Torre antes de partir novamente. Deixou a agulha sobre o bastidor, tomou a carta e rompeu o selo de cera verde com o polegar. Tamra sempre selava as mensagens que enviava às irmãs com lacre da cor do Ajah da destinatária. Pertencia a todos os Ajahs e a nenhum.

O que quer que Tamra tivesse escrito, Kerene leu rapidamente e sua expressão não mudou nada; mas antes que a irmã Verde tivesse acabado a leitura, Stepin deixou a viola apoiada contra uma mesinha e começou a abotoar a jaqueta. Karile colocou o livro na estante, esvaziou o cachimbo batendo-o na chaminé, e guardou-o no bolso. Isso foi tudo, mas saltava à vista que estavam prontos e à espera. A despeito de seus olhos tristes, Stepin já não tinha aparência de escrevente. Ambos eram como leopardos, esperando a ordem para sair à caça.

- Há alguma resposta, Aes Sedai? – perguntou Moiraine.

- Eu mesma a levarei, pequena. – respondeu Kerene, encaminhando-se para a porta com um passo vivo que fez ranger suas saias de seda. – Tamra mandou chamar-me urgentemente, mas não explicou por quê. – disse aos Guardiões, que lhe saíam nos calcanhares como dois sabujos.

Moiraine permitiu-se esboçar um sorriso furtivo. Como acontecia com os criados, as irmãs freqüentemente esqueciam que as Aceitas tinham ouvidos. Às vezes o melhor meio de saber das coisas era calar-se e escutar.

Descia pelo corredor em espiral repleto de correntes de ar, pensando no que ouvira e tentando não ligar para o frio, quando Siuan alcançou-a correndo. Não havia irmãs por perto, mas ainda assim...

- Outra mensagem. – explicou Siuan. - para Aisha Raveneos. E ela começou a



resmungar algo sobre a urgência em tom arrogante. Aposto que era a mesma que você levou a Kerene. O que você acha que Tamra quer com o Verde e o Cinzento juntos?

O Ajah Cinzento ocupava-se de assuntos de diplomacia e justiça, mais concernentes ao uso das leis que das espadas, e Aisha tinha a fama de aplicar a lei ao pé da letra, colocando-a acima de seus próprios sentimentos, fossem de desprezo ou piedade. Era uma característica que compartilhava com Kerene. E ambas já usavam o xale há muito tempo, embora isso pudesse não ter importância. Talvez Moiraine não fosse tão hábil quanto Siuan em enigmas e quebra-cabeças, mas aquele assunto era realmente como o Jogo das Casas.

Olhou em volta, cautelosamente, lançando até um olhar às suas costas. Uma criada aparava as mechas das lâmpadas à frente, e dois homens uniformizados, um no alto de uma escada de mão, faziam alguma coisa numa tapeçaria. Ainda não havia nenhuma irmã à vista, mas Moiraine baixou a voz mesmo assim.

- Tamra quer... rastreadoras que procurem o menino. Oh, isso muda tudo. Eu estava enganada Siuan, e você tinha razão.

- Enganada em relação a quê, e porquê? O que a faz pensar que ela está recrutando rastreadoras?

Como Siuan, tão hábil em resolver charadas, não via um padrão naquilo?

- Agora mesmo, que assunto poderia ser mais importante para Tamra que o menino, Siuan? – inquiriu impaciente. – Ou tão secreto que nem mesmo ousa escrever a razão da urgência? Esta atitude reservada indica que não pode confiar nas Vermelhas. É nisso que você tinha razão. E mais, quantas irmãs gostariam de negar, pelo menos a princípio, que o menino é realmente o predestinado? Acima de tudo, que não seja encontrado até que se torne um homem e comece a canalizar. Não, ela pretende encarregar irmãs que tem certeza que sairão à sua procura. Mas enganei-me pensando que seria trazido à Torre. Isto o colocaria ao alcance das Vermelhas e de outras que talvez não sejam confiáveis. Uma vez encontrado, Tamra fará com que o levem a algum lugar seguro e o escondam. Sua educação estará nas mãos daquelas que o encontrarem, as mulheres em quem ela mais confia.

Siuan levou uma mão à testa.

- Acho que minha cabeça vai explodir. – murmurou. – Você concluiu tudo isto

partindo de duas mensagens que sequer sabe o que diziam.

- Sei uma coisa que diziam, e outra que não. É só uma questão de enxergar um padrão e encaixar as peças, Siuan. Na verdade, isso deveria ser muito fácil para você!

- É mesmo? Ellid deu-me um quebra-cabeças de ferro na semana passada. Disse que se cansou dele, mas acho que consigo resolve-lo. Você quer tentar?

- Não, obrigada. – respondeu cortesmente Moiraine. E, depois de verificar novamente se não havia nenhuma irmã por perto, pôs a língua para a amiga.

No dia seguinte, Tamra enviou outras três mensagens. A primeira foi para Meilyn Arganya; a segunda, para Valera Gorovni, uma Marrom pequenina e cheinha, sempre sorridente e que parecia agitada mesmo estando quieta, e a terceira foi para Ludice Daneen, uma Amarela ossuda cujo rosto largo e severo era emoldurado pelas trancinhas tarabonesas rematadas por contas coloridas, que lhe chegavam à cintura. Nenhuma delas deixou entrever o menor indício do conteúdo da mensagem, mas todas três usavam o xale há mais de cem anos e partilhavam a reputação de cumprir rigorosamente a lei. Moiraine interpretou isso como uma confirmação, e Siuan começou a crer em sua teoria. Cinco pareciam muito poucas para empreender a busca ao menino; dia após dia, anotavam mais nomes em suas cadernetas e enchiam páginas e mais páginas, mas Tamra não enviou mais mensagens; pelo menos não o fez através delas. Aeldra Najaf fôra nomeada Guardiã das Crônicas, em substituição de Gitara, e era possível que ela as tivesse levado, ou mais provavelmente, enviado uma noviça. Cumprindo turnos para ficar perto da porta, Moiraine e Siuan tentaram manter uma discreta vigilância sobre a Amyrlin e seus aposentos durante certo tempo, mas as visitas a Tamra sucediam-se em ritmo regular, embora não constante. As Conselheiras podiam ser descartadas, já que raramente se afastavam da cidade enquanto tivessem um assento no Conselho da Torre, mas qualquer das outras poderia ser uma rastreadora. Ou não. Para Moiraine, isso era frustrante ao extremo; como uma comichão entre as omoplatas, exatamente onde não alcançava. Em pouco tempo, desistiram de suas tentativas de espionagem. Para começar, parecia não fazer sentido. Em segundo lugar, se apenas uma delas copiava o registro dos nomes, o trabalho tornava-se muito mais lento. E Aeldra, retornando do gabinete da Amyrlin, apanhou Moiraine espiando da porta.

O cabelo branco era a única semelhança entre Aeldra e Gitara. O de Aeldra era

perfeitamente liso, e usava-o cortado tão curto como o de Kerene. A nova Guardiã era magra, com a pele azeitonada curtida como couro por passar muito tempo exposta ao ar e ao sol, e ninguém a descreveria como uma beldade, com aquela mandíbula muito estreita e o nariz afilado. A única jóia que usava era o anel da Grande Serpente, seus vestidos eram de pano azul, um bom pano, mas de corte simples, e a estola azul-profundo, lançada sobre os ombros, tinha pouco mais de dois palmos de largura. Uma mulher muito diferente de Gitara.

- O que você está olhando, pequena? – perguntou suavemente.

- Apenas as irmãs que entram e saem do gabinete da Amyrlin, Aes Sedai. – respondeu Moiraine. Cada uma de suas palavras era verdadeira.

- Sonhando com o xale? – Aeldra sorriu. – Talvez você empregasse melhor o seu tempo treinando e estudando.

- Encontramos tempo para fazer ambas as coisas, Aes Sedai, e este trabalho também me ocupa o pensamento. – outra coisa absolutamente verdadeira. A busca pelo garoto ocupava cada pedacinho de seus pensamentos que não estivesse preenchido por idéias nas quais preferia nem pensar.

Uma leve ruga desenhou-se na testa de Aeldra, que pôs uma das mãos na face de Moiraine, como se verificando se estava febril.

- Os pesadelos seguem atormentando-a? Algumas irmãs Marrons sabem bastante sobre ervas medicinais. Tenho certeza que alguma delas lhe dará algo para dormir, caso seja necessário.

- Verin Sedai já fez isso. – a infusão tinha um gosto pavoroso, mas ajudava-a a conciliar o sono. Pena que não a ajudasse a evitar os pesadelos que surgiam quando dormia. – Os sonhos já não são tão ruins. – às vezes não havia jeito de usar evasivas.

- Muito bem, então. – Aeldra recobrou o sorriso, mas sacudiu o indicador diante do nariz de Moiraine, num gesto de admoestação. – Mas sonhar acordada, assomada à porta não é correto para uma Aceita, pequena. Se eu voltar a vê-la assim, terei de tomar providências. Entendeu?

- Sim, Aes Sedai.

Acabara-se o jogo de espiões. Moiraine começou a pensar que o comichão acabaria por fazê-la gritar.

## Vestígios de Serenidade



Tampouco puderam evitar as aulas particulares com as irmãs. Não que Moiraine ou Siuan desejassem evita-las, mas as horas que passavam sentadas a escrever deixavam-nas terrivelmente cansadas, além de só disporem de tempo livre à noite, depois do jantar. As Aceitas que continuavam a sair diariamente até o pôr-do-sol faziam o mesmo, ainda que muitas reclamassem; quando não havia Aes Sedai por perto para escuta-las, bem entendido. Ou melhor, tinham aulas quando estas eram oferecidas. Algumas irmãs recusavam-se, alegando que voltariam a ensinar as Aceitas quando não tivessem de ministrar às noviças as aulas que deveriam ser ministradas pelas Aceitas. Várias Aes Sedai não gostavam daquela situação. Segundo os rumores, petições haviam sido dirigidas à Amyrlin, requerendo a volta à rotina, mas Tamra as rechaçara. Os rostos das Aes Sedai continuavam sendo máscaras de serenidade, mas até no olhar das mais amáveis surgia às vezes um lampejo de irritação que sobressaltava as noviças e fazia as Aceitas andarem na linha. Em pleno frio de Inverno, a Torre parecia febril. Siuan nunca falava de suas experiências, mas Moiraine percebeu sem demora que ela atraía olhares particularmente exasperados de quase todas as Aes Sedai com quem se encontrava, e entendia a razão. Ao contrário das outras, Siuan e ela poderiam ter dado aulas às noviças e assistido às suas em horários mais razoáveis. Várias irmãs que ensinavam outras Aceitas à noite diziam estar muito ocupadas sempre que uma das duas tentava repassar uma lição. Em certos

aspectos, as Aes Sedai eram tão mesquinhas quanto qualquer pessoa, ainda que nenhuma Aceita ousasse dizer isto em voz alta. Moiraine confiava que essas pequenas inimizades desaparecessem logo. Às vezes, aborrecimentos mesquinhos azedavam e acabavam transformando-se em rivalidades para toda a vida. Mas, o que poderia ela fazer para evitar? Desculpar-se humildemente com aquelas que parecessem mais irritadas, suplicar sua indulgência e confiar. Não renunciaria às listas.

Nem todas as irmãs eram tão hostis. Kerene reuniu-se com ela para discutir os fatos conhecidos pelos historiadores sobre Arthur Hawkwing e seu Império, que na verdade eram relativamente poucos; Meilyn aplicou-lhe uma prova referente ao antigo escritor Willim de Manaches e sua influência na obra da filósofa saldeaniana Shivena Kayenzi; e Aisha tomou-lhe exaustivamente as lições sobre a diferença na estrutura das leis em Shienar e Amadicia. Este era o tipo de aulas que tinha agora. O que podiam ensinar-lhe sobre o Poder, o que conseguiria aprender – não era sempre a mesma coisa – já acabara há meses. Se se atrevesse, ter-lhes-ia perguntado por que continuavam na Torre. Por que não estavam rastreando os nomes das listas? Por quê?

E no entanto, sabia a resposta; ou o que devia ser a resposta, já que nada mais se encaixava. Certamente não tinham pressa. Separar uma criança da mãe imediatamente seria cruel, e talvez pensassem que disporiam de anos para encontra-lo; neste caso é porque não haviam visto as listas, com tantos registros carentes até do nome de uma aldeia. Na melhor das hipóteses, esperavam que estivessem completas. Moiraine esperava que existissem outras rastreadoras, já que Siuan informara-a que Valera e Ludice continuavam na Torre.

Nem um pinga de urgência! Moiraine estava consumida pela impaciência. Corria o rumor de que a luta continuava ao sul, mas apenas como escaramuças ocasionais, ainda que algumas fossem ferozes. Aparentemente, nenhum dos comandantes da Coalizão queria pressionar demais um inimigo tão perigoso que afinal, estava se retirando. Dizia-se que muitos murandianos e altaraneses já haviam recolhido suas coisas e dirigiam-se para o sul, de volta para casa, e amadicianos e gheldanos planejavam fazer isso logo. O mesmo rumor falava de problemas ao largo da Chaga; assim, as tropas da Fronteira tomariam o caminho do Norte dentro em pouco. Pelo visto, as Aes Sedai não se importavam com boatos. Moiraine tentou conversar sobre o tema com elas, mas...

- Os rumores são irracionais e não têm lugar aqui, pequena. – disselhe Meylin

firmemente, com o olhar sereno encarando-a sobre a xícara de chá que segurava com as pontas dos dedos. – Bem, quando Shivena afirma que a realidade é uma ilusão, até que ponto tira esta idéia dos textos de Willim, ou é uma concepção própria?

- Se você quer falar de rumores, que seja sobre Arthur Hawkwing. – disse Kerene, cortante. Sempre brincava com um de seus punhais quando dava uma lição, usando-o como um bastão. Naquela noite, era o punhal de um homem pobre, tão antigo que o cabo de madeira estava rachado e côncavo. – Sabe a Luz que metade do que sabemos sobre ele são boatos!

Aisha suspirou e apontou-lhe o indicador gorducho enquanto seus doces olhos castanhos tornavam-se subitamente duros. Com um rosto tão comum que poderia passar por uma camponesa, usava uma fortuna em jóias – brincos de granáteas, longos colares de esmeraldas e rubis - , mas nos dedos só trazia o anel da Grande Serpente.

- Se você não pode concentrar-se apenas no assunto que estamos estudando, talvez conviesse fazer uma visita a Merean. Sim, achei que você diria isso.

Era impossível fazer-las compreender a urgência daquele tema! A única coisa que podia fazer era esperar. E treinar, sem ranger os dentes. Luz, tomara que a submetessem logo ao teste! Com o xale nos ombros, sairia da Torre como uma flecha voando do arco e procuraria o menino. E imediatamente, não quando obtivesse todos os nomes. Oh, que dilema terrível!

Os alojamentos das Aceitas buliam com mais falatórios que de costume, ainda que não apenas a respeito de quem brigara com quem, ou qual irmã Verde estava tendo um comportamento escandaloso com um Guardiã. Os outros rumores procediam de guardas, soldados, de homens e mulheres dos acampamentos e referiam-se à guerra, a homens que morreram heroicamente e àqueles que se tornaram heróis e continuavam vivos. Desses falava-se mais; alguém assim poderia ter as qualidades de um Guardiã, um tópico muito discutido entre as Aceitas, com exceção das poucas que já se haviam decidido entrar no Ajah Vermelho. Falava-se de acampamentos sendo levantados, ainda que ninguém soubesse se seus ocupantes dirigiam-se para o leste, acompanhando o exército, ou se voltavam para casa; e também sobre pequenos grupos que ficavam a fim de que os nomes das mulheres fossem anotados na lista de recompensas da Torre. Pelo menos isso reduzia o perigo de que a mulher que procuravam

partisse sem que soubessem nada dela; mas, se já estava incluída nas listas e partira, estaria entre as que seriam facilmente localizadas? Moiraine queria gritar de frustração.

Ellid Abareim tinha uma estória procedente de uma Aes Sedai, que, insistia ela, não era mero boato.

- Ouvi Adelorna dizer a Shemaen. – comentou sorrindo. Ellid sempre sorria ao mirar-se em um espelho, e sempre que sorria, dava a impressão de estar mirando-se em um. Uma lufada de vento soprou do pátio interno e agitou as ondas de cabelos louros que emolduravam seu rosto perfeito. Seus olhos eram como safiras, a pele cremosa. O único defeito que Moiraine poderia atribuir a seu aspecto era um busto demasiado opulento. E era alta, quase tanto quanto a maioria dos homens. Estes sorriam para Ellid, quando não lhe lançavam olhares lascivos. As noviças andavam atrás dela, e algumas tolas entre as Aceitas invejavam-na.

- Adelorna disse que Gitara teve uma Predição de que o Tarmon Gai'don acontecerá durante a vida das irmãs que existem agora. – continuou Ellid. – Estou morrendo de ansiedade. Pretendo escolher o Verde, sabiam? – todas as Aceitas sabiam. – Quero ter seis Guardiões quando cavalgar para a Batalha Final. – Todas as Aceitas sabiam disso também. Ellid tinha o hábito de contar repetidamente as coisas que pretendia realizar. Na maioria das vezes, realizava-as. Era injusto!

- Bem, - sussurrou Moiraine quando Ellid reuniu-se com as outras Aceitas, que iam jantar. – então Gitara teve outras Predições. Pelo menos uma, e bem poderia haver mais.

- Nós já sabíamos que a Batalha Final se aproximava. – Siuan tinha as sobrancelhas franzidas. Calou-se quando Katerine e Sarene passaram a seu lado, comentando com voz exausta que estavam cansadas demais para jantar, e prosseguiu quando se afastaram o bastante para não ouvi-la: - Que importa se Gitara teve uma dúzia de Predições, ou centenas?

- Siuan, você não se perguntou como Tamra pode estar tão certa de que o momento é agora, que o menino nasceria agora? Eu diria que é bastante provável que alguma dessas Predições falasse dele. Alguma coisa que, junto ao que ouvimos dizer, indicou a Tamra que chegou a hora. – foi a vez de Moiraine



franzir as sobrancelhas: - Você sabe como funcionava a Predição com Gitara? – dependendo da mulher, acontecia de forma diferente, incluindo a maneira como formulavam a Predição. – Pelo jeito como falou, o garoto poderia estar nascendo naquele instante. Talvez tenha sido a impressão o que a matou.

- A Roda gira segundo seus desígnios. – pronunciou Siuan, pesarosa, e estremeceu: - Luz!, vamos jantar! Você ainda precisa praticar.

Também haviam retomado o treinamento, pelo menos à noite, e Myrelle continuava ajudando-as, quando não se sentia tão cansada que ia direto para a cama depois do jantar. O treinamento não ia bem para Moiraine, sobretudo no princípio. Na primeira noite, Elaida entrou inesperadamente em seu quarto, enquanto suportava as torturas de Siuan e de Myrelle sobre o tapete florido. Mesmo com o fogo tão alto quanto era possível na pequena lareira, o frio mal diminuía. Pelo menos já não estavam geladas.

- Alegra-me ver que você não usou seu trabalho como desculpa para evitar o treino. – disse a irmã Vermelha. Seu tom revelava o contrário, e pronunciou a palavra “trabalho” com desdém. Novamente, seu vestido era de um vermelho intenso, e usava o xale como se estivesse cumprindo uma missão oficial. Deslocou-se para um lugar onde podia ver Moiraine de frente e cruzou os braços. – Continue. Quero observa-la.

Não havia nada a fazer senão obedecer. Talvez empolgadas pela presença de Elaida, Siuan e Myrelle recorreram a seus piores truques para atormentá-la com açoites e beliscões, estampidos junto aos ouvidos e golpes nas pernas que pareciam varadas. E sempre que precisava estar mais concentrada, Moiraine tentava não olhar para Elaida, mas a irmã colocara-se justamente onde era impossível não vê-la. O olhar crítico de Elaida deixava-a nervosa, ainda que talvez também a inspirasse. Ou a instigasse. Centrada em si mesma, concentrando-se com todas as forças, conseguiu completar sessenta e uma tramas antes que a sexagésima segunda desmoronasse em um redemoinho de Terra, Ar, Água e Energia que lhe deixou a pele pegajosa até dissipar-se. Não era um desempenho maravilhoso, mas tampouco era horrível. Em várias ocasiões estivera próxima de completar as cem, mas só conseguira duas vezes, uma delas por pouco.

- Lamentável. – disse Elaida, com voz gelada. – Assim você jamais passará. E eu quero que você passe, pequena. Você passará ou farei com que sua pele se

desprenda e você fique com os ossos expostos, antes de ser mandada embora. Vocês duas são amigas lamentáveis se é assim que a ajudam. Quando eu era Aceita sim, sabíamos como praticar. – fez com que Siuan e Myrelle se movessem para o lugar onde estava e ocupou seu lugar à mesa. – Isto as ensinará a fazer direito. Comece, pequena.

Moiraine umedeceu os lábios e voltou-se. Myrelle dirigiu-lhe um sorriso animador, e Siuan assentiu com segurança, mas a preocupação de ambas era evidente. Logo que abraçou o Poder, centelhas de luz começaram a explodir diante de seus olhos, deixando-lhe manchas negras e prateadas gravadas na retina. Estalos e silvos penetrantes fizeram com que seus ouvidos comessem a zumbir. Golpes como que dados por correias e varas caíram sobre ela, sem cessar. Tudo aquilo era constante, seu pausa até que completasse uma trama, e mesmo então, a pausa durava apenas um instante, até que comesse a tecer novamente.

E durante todo o tempo, Elaida falava-lhe em tom frio e impassível:

- Mais depressa, pequena. Você deve tecer mais depressa. A trama deve surgir quase completa, num instante. Mais rápido. Mais rápido.

Aferrando-se à serenidade com unhas e dentes, Moiraine chegou somente à duodécima trama antes de perder a concentração. Piscou, tentando livrar-se das manchas que lhe ofuscavam a vista. E, com mais êxito, conter as lágrimas. A dor a cobria desde os ombros até os tornozelos, as equimoses ardiam, os vergões latejavam e coçavam com o suor. Os ouvidos continuavam repicando.

- Obrigada, Aes Sedai. – apressou-se Siuan a dizer. – Agora entendemos o que devemos fazer.

Myrelle segurava as saias com as mãos crispadas; tinha o rosto pálido e os olhos arregalados de terror.

- Outra vez! – ordenou Elaida.

Moiraine teve de recorrer a toda a sua força de vontade para voltar-se de costas novamente. A única diferença foi que nesta ocasião, só concluiu nove tramas.

- Outra vez! – repetiu Elaida.

Na terceira tentativa só completou seis tramas, e na quarta, apenas três. O suor escorria-lhe pela face. A esta altura, as luzes brilhantes e o ruído ensurdecedor quase não a incomodavam. Apenas os golpes incessantes importavam. Só a surra interminável e aquela dor escorchante. Na quinta tentativa, caiu de joelhos, soluçando, sob a primeira chuva de golpes. Estes cessaram prontamente, mas Moiraine, encolhida sobre si mesma, continuou chorando como se não fosse mais parar. Oh, Luz!, nunca sentira tanta dor! Nunca!

Nem sequer percebeu que Siuan ajoelhara-se a seu lado até que sua amiga falou-lhe suavemente:

- Você consegue levantar-se, Moiraine?

Erguendo a cabeça do tapete, fitou o rosto de Siuan, cheio de preocupação. Fazendo um esforço do qual não se acreditava capaz, conseguiu controlar o choro a duras penas e assentiu com a cabeça antes de levantar-se trabalhosamente. Os músculos machucados mal a sustentavam. Cada movimento fazia com que as roupas lhe roçassem os vergões irritados pelo suor, e uma dor abrasadora assaltava-a.

- Ela sobreviverá. – disse Elaida, secamente. – Um pouco de dor esta noite fará com que aprenda a lição. Tem de ser rápida! Voltarei amanhã para Cura-la. Agora você, Siuan. Ajude-a a meter-se na cama e comece.

Siuan empalideceu, mas quando uma Aes Sedai dava uma ordem...

Moiraine não queria assistir àquilo, mas Siuan fôra forçada a presencia-lo, portanto obrigou-se a manter os olhos bem abertos. Ver aquilo fê-la sentir vontade de chorar novamente. Frequentemente, quando praticavam, Siuan conseguia completar até a última trama, a despeito de qualquer coisa que Moiraine fizesse. Nunca falhava a menos de dois terços da totalidade. Esta noite, sob a rígida tutela de Elaida, conseguiu chegar a vinte da primeira vez. Na segunda, a dezessete, e a catorze na terceira. Tinha o rosto pálido e gotejando suor. Respirava com irregularidade. Mas não derramava uma só lágrima. E quando uma trama falhava, começava do princípio, sem um instante de pausa. Na quarta tentativa, acabou doze. E doze na quinta e na sexta. Obstinadamente, começou a tecer mais uma vez.

- Já basta por esta noite. – disse Elaida. Sua voz não tinha nenhum vestígio de compaixão. Lenta, dolorosamente, Siuan voltou-se, enquanto o brilho do Saidar

dissipava-se. Seu rosto estava completamente inexpressivo. Elaida prosseguiu sossegadamente, enquanto ajeitava o xale: - Ainda que vocês conseguissem terminar, tal como estão, irão falhar no teste. Não há uma fibra de serenidade em vocês. – cravou um olhar severo primeiro em Siuan, depois em Moiraine. – Lembrem-se: têm de permanecer serenas, aconteça o que acontecer. E devem ser rápidas. Se forem lentas, irão fracassar tanto quanto se forem dominadas pelo pânico ou pelo medo. Amanhã à noite veremos se conseguirão fazer melhor.

Siuan esperou até que a porta se fechasse atrás da Aes Sedai e atirou a cabeça para trás.

- Oh, Luz! – gemeu. Caiu de joelhos com um ruído surdo, e as lágrimas, que até então contivera, brotaram como uma torrente.

Moiraine saiu da cama, rápida e correu para Siuan. Ou pelo menos tentou fazê-lo. Aquilo foi mais um capengar doloroso, e Myrelle chegou primeiro. As três deixaram-se ficar ali, abraçadas umas às outras e chorando, Myrelle tão fortemente quanto Siuan. Finalmente, fungando e enxugando as lágrimas com os dedos, Myrelle afastou-se.

- Não saiam daqui. – disse, como se estivessem em condições de ir a algum lugar, e saiu correndo do quarto. Voltou pouco depois, com um pote de barro vidrado e acompanhada por Sheriam e Ellid para ajuda-la a despir Siuan e Moiraine e aplicar-lhes o unguento do pote.

- Isso não é direito! – disse Ellid, revoltada, abrindo o pote, logo que as duas ficaram nuas e cessaram de gemer pelo roçar das roupas nos hematomas e vergões. Sheriam e Myrelle, concordaram com a cabeça. – A lei proíbe usar o Poder para disciplinar uma iniciada!

- É? – resmungou Siuan. – E nunca uma irmã lhe deu um tapa na orelha ou uma chicotada no traseiro com o Poder? – soltou um gemido abafado. – Não é preciso esfregar até chegar ao osso, não é?

- Desculpe. – disse Ellid, em tom contrito. – Tentarei ser mais cuidadosa. – a vaidade era um grande defeito, mas era o único que possuía. O único. Era muito difícil não gostar de Ellid. – Vocês deviam informar isso. Poderíamos ir todas contar a Merean.

- Não. – disse Moiraine, com voz rouca. A princípio, o unguento ardia mais que

os ferimentos; depois, a coisa melhorava. Um pouco. – Acho que Elaida quer realmente ajudar-nos. Ela disse que queria que passássemos no teste.

Siuan encarou-a espantada, como se tivesse criado penas.

- Não me lembro de ouvi-la dizer tal coisa. O que eu penso é que quer que fracássemos!

- E depois, - acrescentou Moiraine – vocês já ouviram falar de alguma Aceita que... Ai! – Sheriam murmurou uma desculpa, mas o unguento continuou ardendo – Vocês já ouviram falar de alguma Aceita que tenha reclamado sem pagar por isso?

Em resposta, as três negaram com a cabeça. Tinham de dar-lhe razão, mesmo que de má vontade. As noviças que protestavam recebiam uma afável mas firme explicação sobre como as coisas eram como eram. Quanto às Aceitas, esperava-se que não cometessem tal erro. Exigia-se-lhes que aprendessem a agüentar, tanto como aprender a manejar o Poder.

- Talvez ela resolva deixa-las em paz. – comentou Sheriam, mas seu tom indicava que estava convencida do contrário.

Quando finalmente foram embora, Myrelle deixou-lhes o pote de unguento. Só graças à horrível infusão de Verin conseguiram dormir, abraçadas sob os cobertores na cama de Moiraine. E a lúgubre lembrança do pote sobre o console da chaminé impedia-as de dormir tanto quanto os vergões e hematomas. Elaida não falava por falar, e apareceu antes do amanhecer para utilizar a Cura nelas. E usou-a, sem oferece-la. Quando o complicado tecido de Energia, Ar e Água tocou-a, Moiraine arquejou e teve uma convulsão. Por um instante sentiu-se como se estivesse totalmente submersa em água gelada, mas quando a trama desvaneceu-se, as marcas haviam desaparecido. Desgraçadamente, Elaida tratou de fazer-lhes outras naquela mesma noite; e outras na seguinte. Moiraine suportou sete tentativas na segunda noite e dez na terceira, antes que a dor e as lágrimas a derrubassem. Siuan chegou a dez na segunda vez e doze na terceira. E nunca chorou até que Elaida as deixasse; nem uma única lágrima.

Sheriam, Myrelle e Ellid deviam estar vigilantes, pois a cada noite, depois que Elaida saía, apareciam para oferecer-lhes solidariedade, enquanto ajudavam-nas a despir-se e passar o unguento sobre os ferimentos. Ellid tentou até fazer piadas para anima-las, mas ninguém tinha vontade de rir. Moiraine começou a indagar-

se se haveria unguento suficiente no pote. Será que estava enganada? Estaria Siuan certa quando dizia que Elaida queria que falhassem? Um frio terror instalou-se em seu estômago como uma bola de gelo. Temia que da próxima vez, pudesse suplicar a Elaida que parasse. Mas Elaida não pararia; sabia disso, e a idéia dava-lhe vontade de chorar.

Ma manhã seguinte à terceira visita de Elaida, porém, foi Merean quem as despertou na cama de Siuan e realizou a Cura.

- Ela não vai incomodá-las desse jeito nunca mais. – garantiu a maternal Aes Sedai logo que as marcas desapareceram.

- Como a senhora soube? – indagou Moiraine, vestindo rapidamente a roupa de baixo. Dormindo como pedras graças à infusão de Verin, haviam deixado que o fogo se apagasse e só restassem cinzas, o que deixava o quarto gelado, embora já não tanto quanto a dias atrás. Mas o chão ainda estava muito frio. Moiraine apanhou as meias, que deixara sobre o respaldo de uma cadeira.

- Tenho meus métodos, como vocês já deviam saber. – respondeu vagamente Merean. Moiraine suspeitava que Myrelle ou Sheriam ou Ellid, ou talvez as três juntas lhe houvessem contado, mas Merean era uma Aes Sedai, o que significava que jamais haveria uma resposta clara quando uma ambígua bastava e talvez fosse mais conveniente. – Em todo o caso, suas ações quase lhe valeram um castigo e informei-a de que pediria à Amyrlin a Mortificação da Carne. E recordei-lhe de que o que administro a uma irmã é bem mais severo do que o que dou a noviças e Aceitas. Creio que ela captou bem a idéia.

- E por que não vai receber um castigo pelo que nos fez? – perguntou Siuan, colocando as mãos para trás a fim de fechar o vestido. A Mestra das Noviças ergueu uma sobrancelha ao ouvir o tom empregado por Siuan, que beirava a exigência; mas possivelmente pensou que mereciam um pouco de condescendência depois de enfrentar Elaida.

- Se tivesse usado o Saidar para coagi-las ou castiga-las, eu trataria de fazer com que a amarrassem ao triângulo para ser açoitada, mas ela não quebrou nenhuma lei da Torre pelo que fez. – de repente os olhos de Merean brilharam e seus lábios curvaram-se em um leve sorriso. – Talvez eu não devesse contar-lhes, mas contarei. Seu castigo seria por ajuda-las a trapacear na prova para o xale. O que a salvou foi a dúvida se realmente se tratava de trapacear. Confio que vocês duas

aceitarão sua ajuda, pela intenção com que a ofereceu. Afinal, ela já pagou o preço da humilhação quando a confrontei.

- Farei isso, Aes Sedai, acredite. – respondeu Siuan com voz átona. O sentido de suas palavras era óbvio. Merean suspirou e sacudiu a cabeça, mas não disse mais nada. A bola de gelo que se desfizera no estômago de Moiraine ao saber que não haveria mais lições com Elaida reapareceu e desta vez com o dobro do tamanho. Ajudara-as a trapacear? Então ela lhes dera uma amostra do que seria o teste para obter o xale? Luz, se a prova fosse ser golpeada o tempo inteiro...! Oh, Luz, como iria supera-la? Entretanto, fosse o que fosse a tal prova, todas as mulheres que usavam o xale haviam passado por ela e haviam agüentado. Ela também agüentaria. Fosse como fosse! Pressionou Myrelle e Siuan para que fossem mais duras com ela, mas ainda que às vezes a fizessem chorar, ambas negaram-se a repetir o que Elaida fizera. Mesmo assim, fracassou duas vezes em completar os cem tecidos. A bola de gelo aumentava dia após dia.

Não viram Elaida durante dois dias; no terceiro encontraram-na dirigindo-se ao refeitório ao meio-dia. A irmã Vermelha deteve-se junto a uma lâmpada de pé ao vê-las e não disse uma palavra quando fizeram-lhe uma reverência. Seu rosto era uma máscara de severa dignidade, mas seus olhos ardiam. Lançou-lhes um olhar que deveria ter-lhes chamuscado o pano dos vestidos.

A alma de Moiraine caiu-lhe aos pés. Obviamente, Elaida pensava que tinham ido pessoalmente queixar-se à Mestra das Noviças. E ela havia “pagado um preço de humilhação”.

Moiraine podia pensar em vários jeitos de usar uma ameaça de penitência para conseguir que Elaida parasse, e todos teriam feito com que se contorcesse de vergonha. A pergunta era: até que ponto Merean a tinha pressionado? Certamente com muita força; Merean considerava noviças e Aceitas como grupos de sua competência exclusiva. Oh!, isso não era uma pequena inimizade que o tempo pudesse curar! O que se lia no olhar de Elaida era animosidade em toda a extensão da palavra. Haviām conseguido uma inimiga para toda a vida.

Quando comentou isso com Siuan, a outra garota soltou um grunhido amargo.

- Bem, você não iria querer tê-la por amiga, não é? Juro que quando eu tiver obtido o xale, se tentar machucar-me novamente, ela me paga!

- Oh, Siuan! – Moiraine começou a rir. – As Aes Sedai não andam por aí

machucando-se umas às outras! – Mas sua amiga não se acalmou.

Uma semana depois da Predição de Gitara, a temperatura elevou-se subitamente. O sol alçou-se num céu límpido que parecia o de um dia fresco de Primavera, e antes que se pusesse novamente, grande parte da neve derreteria-se. Em torno do Monte do Dragão desaparecera totalmente, exceto no pico. O terreno em volta da montanha tinha seu próprio calor e a neve derretia-se ali primeiro. O limite estabelecera-se. Era um menino nascido naqueles dez dias que procuravam. Dois dias depois, o número dos que se encaixavam nos seus critérios começou a diminuir radicalmente, e ao fim de uma semana haviam-se passado cinco dias sem que anotassem um só nome em suas cadernetas. Só podiam esperar que não encontrassem mais nenhum.

Nove dias depois do degelo, quando Siuan e Moiraine saíam de seus quartos para tomar o desjejum, Merean surgiu na galeria tenuemente iluminada pela luz do alvorecer. Usava o xale sobre os ombros.

- Moiraine Damodred, - disse ela, formalmente, - você está sendo convocada para a prova para alcançar o xale de Aes Sedai. Que a Luz a proteja e a conserve sã e salva.



## 9

### O Início



Merean mal deu tempo a Moiraine para abraçar Siuan antes de leva-la, e a cada passo o frio no estômago de Moiraine aumentava. Não estava preparada! Em todos os treinos, só conseguira completar as tramas duas vezes e nunca sob uma pressão que parecesse sequer de longe com o que Elaida lhes impusera. Ia falhar. Essas palavras ressoavam em sua mente como um tambor que marcasse a marcha para o cadafalso. Ia falhar.

Enquanto seguia Merean por uma estreita escada em espiral que descia às profundezas da Torre, ocorreu-lhe uma idéia. Mesmo de falhasse, ainda poderia canalizar, pelo menos enquanto agisse com discrição. A Torre não apreciava a ostentação em mulheres que mandara embora e quando a Torre não gostava de alguma coisa, só os tolos não levavam isso em conta. As irmãs diziam que as mulheres rechaçadas quase renunciavam a tocar o Saidar por medo de ultrapassar os limites estabelecidos, mas renunciar àquele êxtase estava completamente além da compreensão de Moiraine. Sabia que jamais o faria, que continuaria sendo Moiraine Damodred, a descendente de uma Casa poderosa, ainda que desacreditada. Seus domínios certamente levariam anos para recuperar-se dos danos causados pelos Aiel, mas ainda lhe proporcionariam rendas invejáveis.

Ocorreu-lhe uma terceira idéia e tudo se encaixou, tão claramente que forçosamente teria de ter pensado naquilo desde o princípio, mesmo que a um

nível mais profundo de consciência. Ainda possuía sua caderneta com centenas de nomes guardados na escarcela. Mesmo que falhasse, poderia procurar o garotinho. Isso implicava em riscos, é claro. A Torre ressentia-se extremamente de estranhos que se intrometessem em seus assuntos, e ela seria uma estranha caso falhasse. Se até reis já haviam lamentado amargamente por ter-se envolvido nos planos da Torre, que não se diria de uma jovem rechaçada, ainda que pertencesse a uma família poderosa. Mas não importava. O que tivesse de ser, seria.

- A Roda gira segundo seus desígnios. – murmurou, o que lhe valeu um olhar intenso de Merean. O ritual estava muito distante de ser complicado, mas tinha de ser cumprido à risca. O fato de ter-se esquecido de que, uma vez sob o nível do térreo, deveria permanecer calada até que lhe perguntassem algo não indicava nada favorável a respeito de suas possibilidades de sair-se bem.

Era muito estranho. Desejava ser Aes Sedai mais do que qualquer coisa na vida, mas a certeza de que, acontecesse o que acontecesse, poderia começar a empreender sua busca, a certeza de que faria isso acalmava-lhe o martelar nas têmporas. Fazia até mesmo a bola de gelo no estômago diminuir... um pouco. De um jeito ou de outro, dentro de poucos dias iniciaria sua própria busca. A Luz quisesse que fosse como Aes Sedai!

As altas passagens pelas quais Merean a conduziu, escavadas na própria rocha da ilha e tão longas quanto qualquer dos corredores da Torre, estavam iluminados por lâmpadas em suportes de ferro, fixados bem altos nas paredes brancas, embora muitos túneis laterais estivessem mergulhados na escuridão ou iluminados unicamente por lâmpadas muito separadas umas das outras, que criavam apenas pequenos e afastados focos de luz. O chão de pedra liso não tinha uma única partícula de pó. Haviam preparado o caminho para ambas. O ar era seco e frio, e além do cavo ruído de seus passos, silencioso. Exceto os depósitos dos níveis mais altos, esses subterrâneos raramente eram utilizados e tudo era simples e sem adornos. Portas de madeira escura pontilhavam os corredores, todas fechadas e, conforme mais penetravam, trancadas à chave. Havia muitas coisas guardadas ali embaixo, a salvo de olhares indiscretos. Tampouco o que se fazia ali embaixo destinava-se a olhos estranhos.

No nível mais baixo, Merean deteve-se diante de uma passagem de portas duplas maiores do que todas que haviam deixado para trás, tão altas e fortes quanto as de uma fortaleza, só que estavam polidas a ponto de cintilar e não tinham reforços de ferro. A Aes Sedai canalizou e fluxos de Ar abriram-nas

silenciosamente ao girar sobre gonzos bem lubrificadas. Moiraine respirou fundo e seguiu-a até uma câmara grande, redonda e abobadada, rodeada por lâmpadas de pé. A luz, refletindo-se nas paredes brancas, era quase ofuscante, comparada à dos sombrios corredores. Ofuscados, seus olhos divisaram o objeto situado no centro da sala, diretamente sob a cúpula, um objeto oval que se estreitava embaixo e no topo, montado numa armação pouco mais larga que seu braço. Com pouco menos de dois metros de altura e uns noventa centímetros de largura na parte central, cintilava á luz das lâmpadas, ora prateado ora dourado, ou verde ou azul, ou um redemoinho de todos, sem permanecer da mesma cor mais que um instante e – coisa que parecia impossível – mantinha-se de pé sem apoios. Era um ter'angreal, um artefato construído para usar o Poder Único na remota Era das Lendas. Em seu interior fazia-se o teste. Ela não fracassaria. Não fracassaria!

- Vinde. – disse formalmente Merean. As outras Aes Sedai que se encontravam no recinto, uma de cada Ajah, com os xales de franjas colocados sobre os ombros, aproximaram-se, formando um círculo em torno de ambas. Uma delas era Elaida e o coração de Moiraine palpitou, inquieto. – Você chega na ignorância, Moiraine Damodred. Como irá partir?

Luz, como haviam permitido que Elaida tomasse parte nisso? Ansiava por perguntar, mas as palavras eram sacramentais.

- Com o conhecimento de mim mesma. – surpreendeu-se de que a voz lhe soasse tão firme.

- Por que você foi convocada até aqui? – oficiou Merean.

- Para pôr-me à prova. – A calma era importantíssima, mas ainda que sua voz soasse tranqüila, estava fremente por dentro. Não conseguia tirar Elaida da cabeça.

- E por que deveríamos testa-la?

- Para que eu descubra se sou digna. – Todas as irmãs tentariam fazê-la falhar (afinal, tratava-se de uma prova!), mas Elaida poderia colocar maior empenho em conseguir. Oh, Luz, o que podia fazer?

- Digna de quê?

- De usar o xale.

Depois de dizer isso começou a despir-se. Segundo o antigo costume, deveria passar pelo teste “vestida de Luz”, como símbolo de que confiava apenas na proteção da Luz. Ao tirar o cinto, lembrou-se da caderneta guardada na escarcela. E se a descobrissem...? Mas hesitar agora equivalia a falhar. Deixou o cinto e a escarcela no chão, junto a seus pés e levou as mãos às costas para abrir o vestido.

- Neste caso, dar-lhe-ei instruções. – prosseguiu Merean. – Você verá este símbolo no chão. – canalizou, e com o dedo, desenhou uma estrela de seis pontas no ar, dois triângulos invertidos traçados a fogo durante um momento. Moiraine percebeu que uma das irmãs que se encontrava atrás dela abraçou o Saidar, e uma trama tocou-lhe a parte de trás da cabeça.

- Lembre-se do que deve ser lembrado. – murmurou a irmã. Era Anaiya, do Ajah Azul. Mas isso não fazia parte do que lhe haviam ensinado. O que significava? Fez com que seus dedos continuassem puxando os atacadores do vestido. Já começara, e devia agir com absoluta calma.

- Quando você avistar este símbolo, irá imediatamente até ele, sem se apressar ou vacilar, e só então poderá abraçar o Poder. A trama requerida deve começar imediatamente e você não se afastará deste símbolo até completá-la.

- Lembre-se do que deve ser lembrado. – tornou a murmurar Anaiya.

- Quando a trama for completada, - continuou Merean – você voltará a ver este símbolo apontando o caminho a ser seguido, sempre em passo firme, sem hesitação.

- Lembre-se do que deve ser lembrado.

- Cem vezes você tecerá, na ordem estabelecida e com absoluta serenidade.

- Lembre-se do que deve ser lembrado. – sussurrou Anaiya pela última vez, e Moiraine sentiu a trama penetrar em seu interior da mesma forma que a Cura.

Todas as irmãs com exceção de Merean afastaram-se e formaram um círculo em volta do ter'angreal. Ajoelhando-se no chão de pedra, abraçaram o Saidar. Envoltas no brilho do Poder, canalizaram e as cores cambiantes do aro oval aumentaram sua velocidade até cintilar como um caleidoscópio aderido à roda

de um moinho. Teceram os Cinco Poderes, com uma complexidade quase tão grande quanto qualquer coisa exigida no teste, cada irmã concentrada em sua tarefa. Não. Isso não era verdade. Elaida desviou o olhar e sua expressão era severa e abrasadora quando pousou em Moiraine, um agulhão em brasa que poderia trespassar-lhe o crânio.

Moiraine desejou umedecer os lábios, mas “absoluta serenidade” significava exatamente isso. Com a proteção da Luz ou não, ficar nua diante de tantas mulheres não era fácil, mas a maioria das irmãs concentrava-se exclusivamente no ter’angreal. Só Merean fitava-a agora, atenta a qualquer vacilação, a qualquer brecha em sua aparente serenidade. Já começara, e desmoronar agora significava fracassar. No entanto, sua serenidade era apenas aparente, uma máscara que não chegava além da pele.

Continuou despindo-se e dobrou cuidadosamente cada peça de roupa; colocou-as numa pilha bem arrumada sobre o cinto e a escarcela. Isso teria de bastar. Todas as irmãs com exceção de Merean estariam bem ocupadas até que a prova estivesse concluída – ou assim parecia, pelo menos – e era pouco provável que a Mestra das Noviças remexesse em suas coisas. Em todo o caso, não havia nada que pudesse fazer. Tirou o anel da Grande Serpente em último lugar; deixar o aro de ouro sobre as outras coisas provocou-lhe um aperto no coração. Desde que o conseguira, não o tirava nem mesmo quando se banhava. O coração palpitava-lhe desabridamente, tão fortemente que tinha certeza absoluta que Merean deveria ouvi-lo. Ai, Luz, Elaida! Tinha de ser muito prudente. Aquela mulher sabia o que fazer para que desmoronasse. Tinha de estar vigilante e preparada.

Depois, só lhe restou esperar ali, em pé. Sua pele arrepiou-se em contato com o ar frio e desejou mover os pés descalços sobre o chão de pedra gelado. Absoluta serenidade. Permaneceu imóvel, com espinha reta e as mãos nas costas, respirando regularmente. Que a Luz a ajudasse. Negava-se a fracassar só por culpa de Elaida. Negava-se! Mas a bola de gelo em seu estômago irradiava sua frialdade até os ossos. Não deixou que transparecesse. Uma máscara de absoluta serenidade.

Subitamente, o ar na abertura do aro tornou-se uma superfície branca. Parecia, de algum modo, mais branca que o pano de suas saias, mais que a neve ou o papel mais fino, mas ao invés de refletir a luz das lâmpadas, parecia absorver parte dela, fazendo com que o aposento se tornasse pouco a pouco mais escuro. Então, o aro começou a girar lentamente sobre sua base sem fazer o menor ruído,

nem o mais leve roçar da pedra contra o material de que era feito, fosse este o que fosse.

Ninguém falou. Não era necessário. Sabia o que tinha de fazer. Resoluta, pelo menos exteriormente, andou com passo firme até o anel giratório, sem apressar-se nem hesitar. Passaria pela prova, fizesse o que fizesse Elaida. Passaria! Penetrou na superfície branca, ultrapassou-a, e...

Perguntou-se onde diabos estava e como chegara até ali. Estava parada em um corredor de pedra, reto e pontilhado por castiçais de pé. Havia uma única porta, situada no fundo e aberta para deixar passar a luz do sol. Era, com efeito, a única saída. Às suas costas, só havia uma parede lisa. Que estranho. Tinha a certeza de nunca ter estado neste lugar. E por que estava ali... nua? Só a convicção de que deveria manter uma perfeita calma impediu-a de cobrir-se com os braços. Qualquer um poderia entrar por aquela porta, afinal. De repente, reparou em um vestido sobre uma mesa estreita, no meio do corredor. Sabia com certeza que nem a mesa nem o vestido estavam ali um momento antes, mas as coisas não se materializavam assim, como por encanto. Acreditava ter certeza disso, pelo menos. Lutando para não se apressar, dirigiu-se à mesa, sobre a qual havia um jogo completo de vestimentas. Os sapatos eram de veludo negro bordado; a branca roupa de baixo e as meias, da mais fina seda; o vestido, de um pano ligeiramente mais pesado e de cor verde-escura, bem cortado e confeccionado com esmero. Bandas em vermelho, verde e branco, com cinco centímetros cada uma, formavam uma franja de cores na parte dianteira do vestido, desde a gola alta até os joelhos. Como podia haver ali um vestido com as cores de sua própria Casa? Não se lembrava da última vez que usara um vestido assim, o que era muito estranho, pois seguramente saíra de moda um ano antes. Parecia estar sofrendo de alguns lapsos de memória. Lapsos? Lacunas inteiras! Mesmo assim, voltou a cabeça para trás para fechar o vestido, mirando-se em um espelho de corpo inteiro... de onde surgira? Não; era melhor não se preocupar com o que não tinha explicação. As roupas caíam-lhe tão bem como se sua própria modista lhe tivesse tomado as medidas. Uma vez vestida, começou a sentir-se novamente Lady Moiraine Damodred até a última fibra de seu ser. Somente ter o cabelo penteado em completas tranças erguidas sobre a cabeça teria incrementado a sensação. Quando começara a usar o cabelo solto? Não importava. Em Cairhien, apenas um punhado de pessoas podia mandar em Moiraine Damodred. A maioria obedecia às suas ordens. Não tinha dúvidas de que seria capaz de manter a serenidade, se era isso que devia fazer. Nada mais.

A porta no fundo do corredor conduzia a um grande pátio circular, rodeado de altas arcadas que sustentavam uma galeria de colunatas. Torres e abóbadas douradas sugeriam um palácio, mas não se via ninguém ali. Tudo estava silencioso sob um claro céu primaveril, ou talvez de um dia mais fresco de verão. Nem sequer conseguia lembrar-se em que época do ano estavam! Mas lembrava-se de quem era, Lady Moiraine, nascida, criada e educada no Palácio do Sol, e isso bastava. Deteve-se apenas o tempo suficiente para localizar a estrela de seis pontas, uma figura de latão polido incrustada nas lajes do centro do pátio; segurou a barra da saia e saiu para o exterior. Movia-se como alguém nascida em um palácio, com a cabeça erguida, sem se apressar. Ao dar o segundo passo, o vestido desapareceu, deixando-a somente com a roupa de baixo. Impossível! Apelando à força de vontade, continuou seu régio avanço. Serena. Segura. Dois passos mais e a roupa de baixo sumiu. Quando as meias de seda e as ligas desapareceram, a meio caminho da estrela de latão, aquilo pareceu-lhe uma grave perda. Não tinha sentido, mas pelo menos ainda vestia alguma coisa! A passo regular. Serena e segura.

Três homens saíram de uma das arcadas; eram sujeitos corpulentos, com a barba por fazer, vestidos com jaquetas de pano grosseiro, dos que passavam o dia bebendo nas tabernas ou no salão das estalagens. Obviamente não eram o tipo de gente que se deixaria andar por um palácio. Suas faces enrubesceram antes mesmo que reparassem nela e comesçassem a olha-la com lascívia e a piscar-lhe o olho. A raiva invadiu-a, mas reprimiu-a. Serenidade. Mover-se com passos firmes, nem apressando-se, nem hesitando. Assim tinha de ser.

Um dos homens correu os dedos pelo cabelo oleoso como para alisa-lo, mas o resultado foi pior. Outro ajeitou a jaqueta andrajosa. Começaram a vir em sua direção, com sorrisinhos idiotas na cara. Não lhe davam medo, simplesmente tinha a ardente percepção de que aqueles... aqueles... vilões a estavam vendo sem um centímetro de roupa no corpo – nua em pêlo! – mas não ousou canalizar até chegar à estrela. Absoluta serenidade, e passos firmes. A raiva, profundamente enterrada, retorcia-se e lutava por eclodir, mas refreou-a.

Ao tocar na estrela de latão com o pé, Moiraine poderia ter deixado escapar um suspiro de alívio. Ao invés disso, voltou o rosto para os três rufiões, abraçou o Saidar e canalizou Ar na trama requerida. Um sólido muro de arde três passos de altura surgiu repentinamente em torno dos homens, e Moiraine atou-o. Isso era permitido. O muro ressoou como aço quando um deles o golpeou.

Havia uma estrela de seis pontas to topo da mesma arcada da qual os homens haviam saído. Estava certa de que não se encontrava ali antes, mas agora sim. Caminhar com passos firmes ao passar junto ao muro de Ar não foi nada fácil, e Moiraine alegrou-se por ainda segurar o Poder. Pelas maldições e pelos gritos que ouvia em seu interior, os homens estavam tentando subir pela borda trepando uns sobre os ombros dos outros. Mais uma vez, não eram eles a causa de sua perturbação, mas o receio de que a vissem nua novamente. O rubor voltou a tingir-lhe as faces. Custava-lhe não apertar o passo, mas concentrou-se nisso, em manter o semblante imutável e sereno, por mais ruborizada que estivesse.

Cruzou a arcada e voltou-se, para o caso dos homens...

Luz!, onde estava?! E porque estava... nua?! Por que segurava o Saidar? Soltou o Poder, com inquietação e relutância. Sabia que lá fora, no pátio vazio, completara a primeira das cem tramas que devia tecer. Sabia disso e nada mais. A não ser que devia seguir adiante.

Felizmente, havia uma muda de roupas no chão, exatamente ao lado do arco. Eram roupas de pano grosseiro e áspero, as meias pinicavam, mas caíam-lhe como se tivessem sido feitas sob medida. Até os pesados sapatos de couro. Achou-os horríveis, mas calçou-os.

Era muito estranho, já que o que havia lá atrás parecia o pátio de um palácio, mas o corredor que começou a percorrer era de pedra toscamente lavrada, não tinha portas e era iluminado por archotes em suportes de ferro situados a grande altura nas paredes. Mais apropriado para uma fortaleza que para um palácio. Sem falar que não havia nenhuma porta; isso era impossível. Ela tinha de seguir adiante, o que significava que o corredor devia conduzir a algum lugar. E mais estranho ainda que o próprio corredor foi o que entreviu quando uma única porta, ao fundo, abriu-se.

Diante de Moiraine erguia-se uma aldeia com uma dúzia de casas com telhados de palha e celeiros desmantelados. As portas desencaixadas balançavam nos gonzos ao sopro do vento que levantava poeira na única rua, de terra batida, sob o implacável sol do meio-dia. O calor golpeou-a com a força de um malho e inundou-a de suor antes que pudesse dar dez passos. Alegrou-se por estar usando sapatos resistentes; o solo era rochoso e possivelmente a teria queimado através da sola se usasse sapatinhos. Havia um poço de pedra no centro do que tempos atrás poderia ter sido a praça da aldeia, um local de terra ressecada, com arbustos



secos. Nas lajes esverdeadas e rachadas que rodeavam o poço, alguém desenhara uma estrela de seis pontas com tinta vermelha, agora descascada e esmaecida.

Logo que pisou na estrela, Moiraine começou a canalizar. Ar, Fogo e depois Terra. Até onde sua vista alcançava, só avistava os campos devastados e as árvores retorcidas, com os ramos nus. Nada na paisagem se movia. Como chegara ali? Fosse como fosse, só queria deixar para trás aquele lugar morto. Subitamente, viu-se presa entre os ramos de arbustos espinhosos, cujos escuros espinhos de mais de dois centímetros de comprimento enganchavam-se-lhe nas roupas e picavam-lhe as faces e o couro cabeludo. Não perdeu tempo pensando que era impossível. Seu único desejo era sair dali. Cada picada ardia, e sentia que de alguns arranhões, brotava sangue. Calma. Tinha de demonstrar uma calma absoluta. Incapaz de mover a cabeça, procurou pelo menos afastar alguns galhos do rosto e por pouco não deu um salto quando os espinhos se lhe enterraram na pele. O sangue escorria-lhe pelos braços. Calma. Podia tecer tramas diferentes das requeridas, mas como livrar-se daqueles malditos espinhos? O Fogo não servia; os arbustos pareciam estar secos como pederneira, e se os queimasse as chamas iriam envolvê-la também. Seguiu tecendo enquanto pensava no que fazer. Energia, e depois Ar. Energia seguida de Terra e Ar juntos. Ar, Energia e Água.

Algo moveu-se em um dos galhos, uma forma pequena e escura, com oito patas. A lembrança surgiu-lhe de alguma parte da mente e fez com que Moiraine perdesse o fôlego, a despeito de si mesma. Teve de empregar todo o seu controle para manter a expressão calma. Uma aranha caveira vinda do deserto dos Aiel. Como sabia disso? Tal nome não se devia apenas à mancha cinzenta no dorso, que se assemelhava a uma caveira humana. Uma picada podia fazer um homem forte adoecer durante dias; duas poderiam mata-lo.

Ainda fiando o emaranhado inútil de Cinco Poderes – por que raios estava tecendo algo assim? – tocou a aranha com um fino mas intrincadíssimo tecido de Fogo. A aranha incinerou-se com tal rapidez que sequer chamuscou o ramo em que estivera. E isso que não precisava muito para prender fogo aos arbustos! No entanto, antes que Moiraine tivesse tempo de sentir-se aliviada, avistou outra aranha, matando-a com a mesma trama de fogo. E depois outra, e mais outra. Luz, quantas havia? Os olhos de Moiraine, a única parte do corpo que podia mover-se, buscaram freneticamente e quase em todos os lugares que pousavam havia uma aranha caminhando em sua direção. Matou todas que viu; mas, havendo tantas em seu ângulo de visão, não podia deixar de perguntar-se quantas

haveriam fora do alcance de sua vista. E por trás? Calma!

Enquanto incinerava aranhas tão depressa quanto podia, pôs-se a tecer cada vez mais rápido aquele grande emaranhado inútil. Em vários lugares começaram a sair fios de fumaça dos pontos enegrecidos nos ramos. Mantendo a expressão petrificada numa máscara de tranqüilidade, teceu mais e mais depressa. Morreram dúzias mais de aranhas e ergueram-se mais fios de fumo, alguns mais grossos. Se algum pegasse fogo, este se alastraria como o vento. Mais depressa! Mais depressa!

Os últimos fios encaixaram-se em seu lugar na trama inútil, e assim que Moiraine deixou de tecer, os arbustos espinhosos desapareceram. Simplesmente sumiram! As picadas dos espinhos não, mas Moiraine não se preocupava com elas naquele momento. Queria tirar a roupa e sacudi-la a fundo. Usar fluxos de Ar. As aranhas dos arbustos haviam desaparecido com eles, mas e se tivesse ficado alguma em seu vestido? Ou dentro dele? Não obstante, Moiraine procurou outra estrela de seis pontas, e encontrou-a sobre a porta de uma das casas com telhado de feno. Calma absoluta. Penetrou em uma escuridão tão negra como a boca de um lobo.

...e surpreendeu-se perguntando-se onde estava e como diabos chegara ali. Por que estava vestida como uma camponesa, arranhada e sangrando como se tivesse rolado sobre um espinheiro? Sabia que completara duas das cem tramas que devia tecer, nada mais. Nem sequer sabia onde realizara a primeira. Nada, salvo que o caminho que devia seguir passava através daquela casa. Não se voltou para contemplar a paisagem inóspita às suas costas.

A única coisa que conseguia divisar era uma fraca luminosidade ao outro lado da habitação. Era estranho; tinha certeza de que todas as janelas estavam fechadas. Talvez aquela luz indicasse uma saída, uma rachadura junto a uma porta, talvez. Poderia ter criado uma luz, mas sabia que não devia abraçar o Poder ainda. A escuridão não a amedrontava, mas andava cuidadosamente, para não tropeçar em nada. Contudo, não encontrou nenhum obstáculo. Caminhou durante quase um quarto de hora, enquanto a luminosidade aumentava gradualmente, até dar-se conta de que ainda não encontrara nenhuma saída. Um quarto de hora em uma casa que poderia cruzar duas vezes em um quarto desse tempo. Lugarzinho esquisito, aquele. Poderia pensar que tudo aquilo era um sonho, mas tinha a certeza de que não era.

Demorou quase o dobro do tempo para chegar a uma porta, que se abria para

uma cena tão estranha quanto a longa caminhada. Um muro compacto de enormes pedras de cinco passos de altura e trinta de lado rodeava um espaço quadrado com o chão pavimentado, mas não via nada atrás dele, nem uma edificação, nem uma árvore. Tampouco havia portões ou portas; a que utilizara para chegar até ali desaparecera quando voltou-se para trás. Um olhar despreocupado, com a máscara de calma no rosto, como se fosse esculpida. O ar era úmido e primaveril, o céu estava radiante e limpo, exceto por algumas poucas nuvens que o cruzavam, mas tais detalhes não interferiam no ar aziago daquele lugar.

Uma estrela de seis pontas, com uns dois metros de diâmetro estava entalhada no centro do pátio, e Moiraine caminhou para lá o mais depressa que se atreveu. Justo quando chegava lá, um vulto imenso, coberto com uma cota de malha da qual sobressaíam-se espigões de ferro, subiu no muro e saltou para dentro. A criatura era tão alta quanto um Ogier, e não podia confundir-se com um homem, embora a forma do corpo fosse humana. Mandíbulas lupinas e orelhas que se moviam transformavam em algo espantoso uma face que, a não ser por isso, teria sido humana. Moiraine já vira figuras de trollocs, mas jamais avistara um em carne e osso. Criaturas da Escuridão, criados na guerra que pudera fim à Era das Lendas e servos do Obscuro, os trollocs habitavam a Chaga, as terras corrompidas pela Escuridão, além das Fronteiras. Será que estava na Chaga? A mera idéia fez com que o sangue se lhe gelasse nas veias. Às suas costas, ouviu o golpe seco de botas a aterrissar pesadamente, assim como o ruído de cascos. Nem todos os trollocs tinham pés humanos. A criatura com focinho de lobo desembainhou uma enorme espada de lâmina encurvada como uma gadanha que levava à cintura e começou a avançar para ela. Luz, como a coisa era rápida! Ouviu mais pés correndo, e também cascos. Outros trollocs saltaram o muro à sua frente, de rostos deformados com bicos de águias e focinhos de javali, dos quais sobressaíam as presas.

Deu outro passo e pisou na estrela. Imediatamente, abraçou o Saidar e começou a tecer. Primeiro, a trama requerida; mas tão logo os primeiros filamentos de Ar, Terra e Energia foram colocados em seus lugares, dividiu os fluxos e criou uma segunda trama e uma terceira, de Fogo. Havia várias formas diferentes de criar-se bolas de fogo, e Moiraine escolheu a mais simples. Movendo as mãos, arrojou-as aos trollocs que estavam mais próximos, e girou sobre si mesma enquanto continuava tecendo Fogo. Tinha de deter-se na trama mais importante, mas enquanto fosse o bastante... Luz, havia dezenas de trollocs no pátio e outros mais saltando sobre o muro! Mirando os mais próximos, a apenas alguns passos

de distância, lançou bolas de fogo tão depressa quanto podia, e onde estas batiam, explodiam; uma decapitou uma criatura com focinho de carneiro e cornos; a outra despedaçou uma com cara e chifres de bode; outras deceparam pernas e patas. Moiraine não tinha compaixão. Trollocs costumavam capturar seres humanos para devora-los.

Completo a volta e chegou justamente a tempo de segurar a trama principal quando estava a ponto de desmanchar-se. Justo a tempo de lançar bolas de fogo que decapitaram uma cabeça com bico de águia, a poucos passos de distância e metade do torso de um trolloc com focinho de lobo, que cambaleou sobre as bordas da estrela antes de cair morto. Não iria funcionar. Havia muitos e continuavam vindo sobre o muro. Ademais, não podia negligenciar a trama mais importante enquanto girava o mais rápido possível. Não fracassaria! Tinha de haver um modo. De algum modo, a idéia de que os trollocs a matariam e devorariam não lhe passou pela cabeça em momento algum. Não fracassaria; isso era o essencial.

Inesperadamente, teve uma idéia, e sorriu enquanto começava a dar os passos da dança de corte mais rápida que conhecia. Talvez fosse esse o jeito; pelo menos era uma maneira. Os passos rápidos levavam-na em torno da borda da estrela, sem que perdesse de vista a trama principal que tinha de completar; e afinal, por mais rápido que movesse os pés, o que poderia haver e mais sereno que uma dança de salão, com o semblante adequadamente sossegado, como se dançasse no Palácio do Sol? Teceu os Cinco Poderes o mais rápido que pôde, mais rápido do que jamais fizera antes, com certeza. De certa forma, a dança ajudou-a, e a intrincada trama principiou a tomar forma, como a mais exótica renda de Mardina. Teceu e dançou, lançou bolas de fogo com ambas mãos, destruiu as Crias da Escuridão com ambas as mãos. Às vezes aproximavam-se tanto que o sangue salpicava-lhe o rosto ao mata-los, tanto que tinha de desviar-se deles quando caíam, tanto que tinha de esquivar-se dançando de suas espadas curvas, mas fez caso omisso do sangue e continuou tecendo.

O último filamento ocupou seu lugar e Moiraine deixou que a trama completada de esvaecesse, mas continuava havendo trollocs no pátio. Um passo rápido levou-a ao centro da estrela, onde dançou costas contra costas com um par imaginário. Fiar três tramas diferentes de uma vez a deixara exausta, mas encontrou forças para tecer três novamente. Dançando, arrojou fogo e invocou raios do céu, encheu o pátio com explosões.

Finalmente, só restou ela movendo-se. Deu três voltas mais antes de deter-se. Cantarolando. Agora havia um portal em forma de arco no muro, uma passagem envolta em sombras com a estrela de seis pontas cinzelada no alto. Seu coração parou de bater. Uma passagem que levava ao local de onde haviam surgido os trollocs. Só loucos entravam na Chaga por vontade própria. Recolheu a saia grosseira e obrigou-se a cruzar o ossuário no qual o pátio se transformara em direção à porta. Era o caminho que devia seguir.

## O Final



Noventa e nove tramas. Encontrara a estrela de seis pontas traçada com seixos arredondados do fundo do rio, em meio às imensas dunas de um deserto onde o calor a aturdiu e absorvia a umidade de sua pele antes que o suor pudesse brotar. Encontrara-a desenhada na neve nas encostas de uma montanha onde fortes ventos a faziam andar aos tombos e raios caíam à sua volta, e em uma grande cidade de torres imensas, onde as pessoas diziam-lhe coisas que não compreendia. Encontrara-a em um bosque noturno, em um pântano de águas negras, em uma planície repleta de um capim alto que feria como punhais, em fazendas e ermos, em choupanas e castelos. Às vezes encontrava-a estando vestida, mas suas roupas desapareciam freqüentemente, e amiúde estava nua. Às vezes estava presa com cordas ou cadeias, dobrada em posturas forçadas que lhe faziam doer as articulações, ou pendurada pelos pulsos ou tornozelos. Enfrentara serpentes venenosas e lagartos d'água com cinco metros de comprimento e as mandíbulas cheias de dentes, javalis lançados à carga, leões e leopardos famintos e manadas de gado selvagem em fuga. Fôra picada por vespas e insetos que não conhecia. Hordas armadas de archotes queriam prende-la e queima-la; Mantos Brancos tentaram enforca-la; ladrões queriam apunhala-la; assaltantes tentaram estrangula-la. E todas as vezes esquecia o que acontecera, perguntando-se como se cortara na face, ou o que parecia ser o corte de uma lâmina nas costelas, ou três profundos sulcos nas costas, que pareciam ser marcas de garras e outros ferimentos, marcas e golpes que sangravam a faziam claudicar. E estava esgotada. Terrivelmente exausta. Muito mais do que a execução de noventa e

nove tramas justificaria. Talvez fosse por causa dos ferimentos. Noventa e nove tramas.

Segurando a saia de pano grosseiro, dirigiu-se, coxeando, para a estrela de seis pontas formada por pedras vermelhas junto a uma fonte de mármore em um pequeno jardim rodeado por um átrio de finas e estriadas colunas. Mal conseguia manter-se em pé e manter a expressão calma requeria o máximo de esforço. Seu corpo inteiro doía. Não; arder descrevia melhor o que sentia. Mas este era o último. Uma vez acabado aquilo, fosse o que fosse, estaria terminado e poderia pedir a Cura. Se é que encontraria alguma Aes Sedai. Senão, uma Curandeira serviria. Esta era outra trama inútil, que só produzia uma chuva de faíscas brilhantes se corretamente executada. Se fosse feita de forma errada, queimar-lhe-ia a pele de forma dolorosa, como se se tivesse queimado ao sol. Começou cuidadosamente. Seu pai saiu do átrio à sua frente; usava uma jaqueta longa, de um estilo que já passara de moda à pelo menos um ano, com as listras nas cores da Casa Damodred desde a garganta até abaixo dos joelhos. Era muito alto para um cairhieniano, só dois centímetros menos que um metro e oitenta, e seu cabelo, mais grisalho que da cor original, estava amarrado à nuca. Andava sempre tão ereto quanto a lâmina de uma espada, exceto quando se inclinava para ela para toma-la nos braços em menina, mas agora tinha os ombros encurvados. Moiraine não compreendia porque, ao vê-lo, sentia uma vontade súbita de chorar.

- Moiraine, - disse seu pai, cuja expressão preocupada acentuava as rugas em seu rosto bondoso, - você precisa vir comigo imediatamente. É sua mãe, menina. Está morrendo. Você chegará a tempo se for agora.

Aquilo era demais. Moiraine queria pôr-se a chorar. Queria segui-lo, correndo. Mas não fez nem uma coisa e nem a outra. A trama pareceu completar-se por si mesma em um espesso redemoinho, e sobre eles começaram a chover faíscas brilhantes. Aquele desfecho pareceu-lhe terrivelmente amargo. Moiraine abriu a boca para perguntar onde estava sua mãe e então avistou uma segunda estrela atrás dele, formada por um mosaico vermelho sobre as colunas, exatamente de onde viera seu pai. Avançou para ela com passos firmes, sem vacilar.

- Eu amo você, papai. – disse tranqüilamente. Luz, como podia estar tranqüila? Mas sabia que precisava estar – Por favor, diga a mamãe que a amo com todo o meu coração. – passou junto dele e claudicou até a estrela. Pareceu-lhe ouvi-lo chamando-a, correndo atrás dela, puxando-a pela manga, mas tinha a mente embotada pelo esforço de caminhar com dignidade e manter a expressão calma.

Na realidade, caminhava aos tropeços, mas não hesitou nem se apressou. Passou pelas colunas estriadas sob a estrela, e...

Penetrou cambaleando numa ampla câmara circular de paredes brancas; o reflexo das luzes cegou-a. A memória voltou-lhe de golpe e a impressão quase fez com que seus joelhos vergassem. Incapaz de pensar enquanto a torrente de lembranças invadia sua mente, conseguiu dar três passos antes de parar, tropeçando. Lembrava-se de tudo, cada execução, cada queda, onde sofrera cada ferimento. Todos os seus tropeços, seus esforços alucinados para conservar uma aparente serenidade.

- Acabou-se. – disse Merean, batendo palmas uma vez, fortemente. – Que ninguém fale do que se passou aqui. Que fique entre nós para compartilhar em silêncio com aquela que o experimentou. Acabou-se. – bateu palmas mais uma vez e as franjas do seu xale mexeram-se. – Moiraine Damodred, você passará a noite em oração e contemplação pelas obrigações que terá a partir de amanhã, quando colocará o xale de Aes Sedai. Está consumado. – bateu palmas pela terceira vez. Depois, a Mestra das Noviças recolheu as saias e dirigiu-se para a porta, enquanto as outras irmãs cercavam Moiraine. Todas exceto Elaida, notou Moiraine. Envolta em seu xale como se sentisse frio, a Vermelha saiu atrás de Merean.

- Você quer a Cura, pequena? – indagou Anaiya. Uma mão mais alta que Moiraine, suas feições pouco atraentes quase prevaleciam sobre a intemporalidade de seu rosto e faziam-na parecer mais uma camponesa que uma Aes Sedai, apesar do vestido de fino pano azul, de excelente corte e complexos bordados nas mangas. – Não sei porque estou perguntando. Você não está em tão mau estado quanto outras que já vi, mas já é o bastante.

- Eu... consegui? – perguntou Moiraine, espantada.

- Se enrubescer contasse como perda da dignidade, ninguém alcançaria o xale, nunca. – respondeu Anaiya, ajustando o xale e rindo.

Luz, elas tinham visto tudo! Claro! Tinham de ter visto, mas Moiraine lembrou-se de um homem incrivelmente belo que a tinha tomado em seus braços e beijado, justamente quando iniciava a quadragésima terceira trama, e ficou vermelha. Tinham visto aquilo!



- Você deveria Curar a menina antes que ela desmorone, Anaiya. – disse Verin. Baixinha e rechonchuda, com um olhar distraído, usava um vestido de fino pano castanho avermelhado e o xale com franjas marrons. Moiraine gostava de Verin, mas teve um calafrio ao ver suas roupas nas mãos da irmã Marrom.

- Sim, acho que sim. – concordou Anaiya, tomando a cabeça de Moiraine entre as mãos e canalizando.

Os ferimentos e machucaduras eram muito piores que os infligidos por Elaida, e desta vez Moiraine sentiu-se como se estivesse coberta de gelo ao invés de submersa em água gelada. Contudo, quando a sensação passou, todos os cortes e sulcos haviam sumido. O cansaço, pelo contrário, não apenas não desaparecera como estava ainda pior. E estava morrendo de fome. Quanto tempo passara ali embaixo? Seu senso temporal, tão cuidadosamente adquirido, estava completamente transtornado.

Tocou ligeiramente a escarcela e comprovou que a caderneta continuava lá dentro, mas não podia fazer nada diante das irmãs. E além do mais, queria tornar a vestir-se. Mas havia uma pergunta que queria que lhe respondessem. Os desafios enfrentados durante o teste não haviam sido pura casualidade ou simples produto do ter'angreal. Os ataques contínuos à sua modéstia não deixavam lugar a dúvidas.

- A última parte do teste foi muito cruel. – disse. Sustendo o vestido para mete-lo pala cabeça, fez uma pausa, para observar os rostos das outras mulheres.

- Não podemos falar disso, por mais cruel que tenha sido. – disse Anaiya com firmeza. - Nunca, com ninguém.

Mas Yuan, uma esbelta Amarela, olhou de soslaio para a porta; em seus olhos cinzentos havia uma expressão de desaprovação. A-há! Merean não tomara parte no teste. Elaida tentara fazê-la fracassar, e com mais empenho que qualquer das outras, caso contrário a irmã arafelina não teria demonstrado tal desagrado. Vá lá!

As outras irmãs dispersaram-se, mas Anaiya e Verin escoltaram-na de volta ao nível superior, ainda que por um caminho diferente do que Moiraine usara para descer. Quando se foram, dirigiu-se ao quarto em que ela e Siuan haviam passado tantos dias copiando nomes e encontrou dois escreventes fazendo o trabalho, duas mulheres de ar fatigado que não acharam graça na interrupção ou

em suas perguntas sobre uma Aceita sobre a qual nada sabiam.

Dirigiu-se apressadamente aos aposentos das Aceitas, quase correndo – pelo que recebeu três reprimendas das irmãs; ainda continuava sendo uma Aceita até o dia seguinte – e encontrou seu quarto e o de Siuan vazios. Agora, algumas das expedições para anotar nomes já haviam cessado, e o meio-dia já passara há muito tempo, assim procurou pelos quartos até encontrar Sheriam e Myrelle sentadas diante da lareira, no quarto desta, onde o pequeno tapete tinha uma borla vermelha e a jarra e a bacia eram azuis.

- Merean veio buscar Siuan agora há pouco, - informou Myrelle, excitada - para o teste.

- Você... você passou? – perguntou Sheriam.

- Sim. – respondeu, e sentiu certa tristeza diante do súbito retraimento refletido em seus rostos. Ambas chegaram a levantar-se e segurar as saias, prestes a fazer uma medida. Entre ela e suas amigas, abriu-se um abismo. Continuaria sendo uma Aceita até o dia seguinte, mas sua amizade chegara ao fim, até que elas também conquistassem o xale. Não a mandaram embora, mas também não lhe pediram que ficasse, e pareceram aliviadas quando disse que se retiraria para seu quarto para esperar o regresso de Siuan.

Uma vez em seu quarto, examinou a caderneta da escarcela, mas não viu nada que indicasse que a tinham tocado, nem páginas amarrotadas porque alguém as tivesse folheado descuidadamente. O que não significava que ninguém o fizera. Claro que ninguém saberia o que exatamente estava escrito ali, a não ser Siuan e ela. E as rastreadoras de Tamra. Elevou uma prece muda de agradecimento porque nenhuma delas estivera entre as irmãs que lhe haviam aplicado a prova. Que ela soubesse. Uma criada, ou talvez uma noviça, acendera o fogo na lareira e deixara uma bandeja sobre a mesa. Ao retirar o guardanapo branco que a cobria, deparou-se com a refeição mais abundante que já comera em toda a sua vida: carne de vitela assada, nabos com molho cremoso, queijo de cabra que desmanchava na boca, repolho com pinhões. Havia um pão preto recém-assado e uma grande chaleira cheia. A bandeja devia ter sido deixada ali há pouco, pois tudo ainda estava quente. A Torre sabia sincronizar as coisas com a maior precisão. Aquilo parecia-lhe demais, mas devorou tudo até a última migalha, inclusive o pão. Inteiro. Seu corpo implorava pelo sono, mas não podia adormecer. Se Siuan fracassasse e sobrevivesse ao fracasso – Luz, que ao menos

saísse com vida! – acompanhá-la-iam até o quarto e só teria tempo de recolher suas coisas e despedir-se. Moiraine não queria arriscar-se. Quando caiu sobre a cama, enroscada, encontrou um livro encadernado em couro. “Corações Apaixonados” não era nada adequado para uma noviça, mas era um de seus preferidos. E de Siuan. Ficou vários minutos fitando a primeira página antes de perceber que não estava lendo nada. Levantou-se para andar por algum tempo antes de tornar a apanhar o livro, bocejando, mas continuou incapaz de ler uma única linha. Siuan regressaria. Não a expulsariam da Torre. Mas havia tantas formas de dar um passo em falso, tantos modos de fracassar! Não! Siuan passaria. Tinha de passar. Não seria justo se ela alcançasse o xale e Siuan não. Sabia que sua amiga seria uma Aes Sedai melhor do que ela jamais conseguiria.

Ao longo da tarde, ouviu o ruído que as outras Aceitas faziam ao regressar a seus quartos, algumas rindo, outras protestando, todas conversando umas com as outras. Contudo, o ruído não demorava em dar lugar ao silêncio quando se espalhava a notícia de que ela passara pelo teste para obter o xale e estava em seu quarto. Amanhã seria elevada a Aes Sedai, mas as outras agiam como se já fosse, e moviam-se silenciosamente para não incomodá-la. A hora do jantar chegou e passou. Moiraine pensou que gostaria de comer algo, apesar no enorme e tardio almoço, mas não desceu ao refeitório. Para começar, não achava que seria capaz de suportar os olhares das outras, ou pior, as miradas furtivas. E depois, Siuan podia voltar enquanto estivesse ausente.

Estava na cama, tentando novamente ler entre um bocejo e outro, quando Siuan entrou. Sua expressão era indecifrável.

- Você... ? – começou Moiraine, mas foi incapaz de concluir a frase.

- Foi tão fácil como pular do barco... no meio de um cardume de tubarões. – respondeu Siuan. – Meu coração quase saiu pela boca quando me lembrei disso aqui... – deu vários tapinhas na escarcela, onde também guardava uma caderneta com nomes. – Mas depois tudo foi bem. – de repente ficou vermelha até a raiz dos cabelos. Conseguiu sorrir. – Receberemos o xale ao mesmo tempo, Moiraine.

Moiraine levantou-se de um salto, e, rindo, dançaram abraçadas, de pura felicidade. Queria perguntar o que sua amiga passara na prova, mas... Para compartilhar em silêncio, e ainda assim, somente com as mulheres que a tinham testado. Há quanto tempo ambas compartilhavam tudo? Até nisto o xale

ocasionava separações.

- Você deve estar morta de fome. – disse Moiraine, parando de dançar. Estava tão cansada que cambaleou, e Siuan não estava muito mais firme das pernas. – Deve haver uma bandeja esperando por você no seu quarto. – apontou a que continuava sobre a sua mesa. Haviam-na trazido por tratar-se de uma ocasião especial, mas ela mesma teria de leva-la embora com os pratos sujos. E dar-se por feliz se não tivesse de lavá-los, por ter demorado tanto.

- Eu poderia comer um remo, mas há algo muito melhor no meu quarto. – disse Siuan. De repente, deu um sorriso pícaro. – Tenho seis ratos, que um dos cavaleiros me arranjou hoje de manhã.

- Somos praticamente irmãs. – protestou Moiraine. – Não podemos mais pôr ratos na cama de ninguém. E afinal, além de ser impróprio, tampouco seria justo. Quase todo o mundo passou o dia inteiro fora e devem estar tão cansadas quanto você.

- Ser “praticamente” uma irmã não é a mesma coisa que ser, Moiraine. Pense. Esta é nossa última chance. Não será correto quando tivermos recebido o xale. – o sorriso de Siuan deu lugar a uma expressão séria. – E Elaida não saiu da Torre, que eu saiba. Os ratos são uma pequena paga pelas surras, Moiraine. Ela está nos devendo! Nos devendo!

Moiraine suspirou. Sem Elaida, talvez nunca tivesse treinado para tecer mais depressa e talvez tivesse falhado. Mas suspeitava que seu pai não tivesse sido a única contribuição especial de Elaida. Com demasiada frequência, suas fraquezas haviam sido exploradas por alguém que as conhecia muito bem. Aquela mulher tentara fazê-la fracassar.

- Está bem, mas depois que você tiver jantado. – respondeu.

## Antes do surgir da aurora



Esforçando-se para reprimir os bocejos, Moiraine vestiu-se cuidadosamente à luz de uma lamparina e do que restava do fogo da lareira. E foi um grande esforço. Uma noite de contemplação significava uma noite de vigília; sentia-se como se seus olhos estivessem cheios de areia, e seus membros estavam pesados. Bem, de qualquer forma, teria sido impossível dormir, só de pensar no que a esperava naquela manhã. Oh! Por que não convencera Siuan a desistir de levar a cabo aquela temeridade? Era uma pergunta que se fizera várias vezes ao longo da noite, e parecia-lhe tão absurda na primeira vez quanto agora. Raramente vencia uma discussão contra Siuan. Oxalá sua amiga estivesse ali agora! Meditar sobre as obrigações e os deveres de uma Aes Sedai levava-a invariavelmente a pesar na tarefa que se propunham a empreender, e a enormidade da busca aumentara progressivamente no decorrer da noite, até alçar-se diante dela tão inacessível quanto o próprio Monte do Dragão. Ter companhia teria ajudado, mas o ritual era explícito. Tinham de estar a sós quando fossem busca-las. Agora as falhas não comportavam outro castigo senão a vergonha e uma reputação de frívolas e estúpidas da qual talvez nunca conseguissem livrar-se – claro, talvez já tivessem adquirido tal reputação – mas ainda assim era melhor tratar de fazer o possível para não dar motivo a reprovação.

Depois de vestir-se, pôs seus poucos pertences sobre a cama; mas, com exceção

de uma muda de roupa de baixo e um par de meias. Deixou as outras roupas no armário. Seriam lavadas e guardadas para que alguma noviça as recebesse, quando ganhasse o anel. Nenhuma das que se vestiam de branco agora poderia usá-las, a menos sem que se fizessem ajustes, mas não importava; a Torre Branca sabia esperar com paciência. Colocara a caderneta na escarcela, que era o lugar mais seguro que lhe ocorrera. Acabava de deixar sobre a cama a caixinha de pau-rosa na qual guardava as poucas jóias que levava consigo para a Torre, quando soou uma batida à porta; três golpes firmes. Teve um sobressalto e seu coração disparou. Subitamente, sentiu-se quase tão nervosa quanto antes da prova. Teve de fazer um grande esforço para não ir correndo atender. Em vez disso, mirou-se no espelho para ver em que estado tinha o cabelo e alisou com a escova algumas mechas que estavam realmente precisando; depois, deixou a escova sobre a cama e dirigiu-se à porta.

Sete irmãs, com os rostos quais máscaras intemporais e todas usando o xale bordado com sarmentos sobre os vestidos de seda ou pano fino, esperavam-na na escuridão da noite, cada qual de um Ajah. Assim ditava o ritual. Elaida era a representante do Vermelho, mas Moiraine conseguiu enfrentar seu olhar severo com ar impassível e rosto sereno. Bom, tão sereno quanto era possível. Dentro de uma hora, pouco mais ou menos, seriam iguais, pelo menos em grau. Elaida nunca mais poderia aterrorizá-la.

Sem dizer uma palavra, Moiraine saiu ao corredor e fechou a porta atrás de si pela última vez. Também em silêncio, as sete mulheres formaram um círculo à sua volta e escoltaram-na ao longo do corredor escuro até a porta do quarto de Siuan. O silêncio era regulamentar. Jeane, uma domani de pele acobreada, bateu três vezes e as franjas verdes de seu xale moveram-se. Siuan abriu a porta tão prontamente que via-se que devia de estar esperando ansiosa pela terceira chamada. O círculo de irmãs abriu-se para dar-lhe passagem; um fugaz franzir de cenho apareceu na testa de Siuan ao avistar Elaida, mas ao menos não fez uma careta, graças à Luz! Moiraine apertou os dentes para evitar um bocejo. Tudo correria de acordo.

O ruído suave de seus sapatos sobre os mosaicos do chão acompanhou-as ao longo das galerias da Torre, onde nada se movia salvo elas e as chamas que ardiam nas lâmpadas de pé. Moiraine surpreendeu-se ao não ver nenhum criado. Grande parte de seu trabalho realizava-se nas horas anteriores ao despertar das irmãs, ou logo depois de seu recolher. Desceram silenciosamente aos níveis subterrâneos da Torre, seguiram ao longo de corredores bem iluminados e

passaram diante de outros imersos em sombras. As portas da câmara onde ela e Siuan haviam passado pelo teste estavam abertas, mas todas detiveram-se no corredor e o círculo de Aes Sedai rompeu-se para formar uma fila atrás de ambas, enquanto voltavam-se para as portas abertas.

- Quem vem lá? – soou a voz de Tamra, do interior.

- Moiraine Damodred. – respondeu com voz clara, e ainda que seu rosto mantivesse a serenidade, o coração palpitava-lhe loucamente. Desta vez, de alegria. Siuan declarou seu nome por sua vez, com um tom ligeiramente desafiador. Insistira que Elaida ainda encontraria um jeito de priva-las do xale, se pudesse.

Suas mestras jamais haviam-lhes falado sobre a questão da precedência – talvez não esperassem que ambas chegassem até aquele ponto ao mesmo tempo, ombro a ombro – mas Moiraine ouviu alguém conter a respiração atrás dela. E quando Tamra tornou a falar, fê-lo depois de uma pausa tão breve que só poderia ser obra da sua imaginação.

- E porque vêm?

- Para prestar os Três Juramentos e receber o xale de Aes Sedai. – responderam em uníssono. Rompendo as regras ou não, queriam fazer tudo juntas, na medida que fosse possível.

- Com que direito pedem esta carga?

- Com o direito de haver superado as provas, submetendo-me à vontade da Torre Branca.

- Pois entrem, se se atrevem, e vinculem-se à Torre Branca.

Entraram de mãos dadas. Juntas. A expressão sossegada e o passo firme, nem precipitado nem hesitante. A encarnação da vontade da Torre esperava-as.

Tamra, ataviada com um vestido de brocado azul e com a estola de Amyrlin em torno do pescoço, estava em pé diante do ter'angreal oval cujas cores cambiavam lentamente de prata a ouro, de azul a verde. Aeldra estava a seu lado, com um vestido de um tom de azul mais escuro, segurando uma almofada de veludo negro com ambas as mãos. Ao longo das paredes circulares postavam-se as Conselheiras da Câmara do Conselho da Torre, todas usando seus xales e

agrupadas por Ajahs, e diante de cada grupo de três Conselheiras havia outras duas irmãs do mesmo Ajah, também com o xale sobre os ombros e outro dobrado sobre um braço. Seus olhos inexpressivos seguiram Moiraine e Siuan enquanto estas penetravam na sala.

O ter'angreal representava o primeiro obstáculo ao seu plano. O alto aro ovalado era demasiado estreito para que passassem juntas sem espremer-se uma contra a outra, coisa que não condizia com a dignidade do momento. Aquela fôra uma discussão que Moiraine vencera.. Siuan lançou-lhe um olhar – parecia impossível que aqueles olhos azuis pudessem tornar-se incisivos sem que a expressão do rosto de alterasse, mas foi o que aconteceu – e, arrepanhando as saias, cruzou-o, seguida por Moiraine. Ajoelharam-se juntas diante da Amyrlin.

Da almofada de veludo que Aeldra segurava, Tamra tomou o Bastão Juratório , um cilindro suave, cor de marfim, de uns trinta centímetros de comprimento e um pouco mais largo que o pulso de Moiraine. O Bastão Juratório era um ter'angreal que as vincularia aos Três Juramentos, e através destes, à Torre.

Tamra vacilou um momento como se não soubesse a qual delas vincular primeiro, mas foi apenas por um instante. Moiraine alçou as mãos com as palmas para cima e Tamra colocou o Bastão nelas. Esse fôra o favor pedido por Siuan, a condição posta para aceitar que Moiraine lhe cedesse o passo através do oval. Nem havia que dizer que só revelara qual seria o “favor” depois que Moiraine aceitara. Converter-se-ia em Aes Sedai antes, por poucos minutos. Não era justo!

Mas não era hora de pensar que deveria ter imaginado o que Siuan queria quando acedera tão facilmente em cruzar primeiro. O brilho do Saidar rodeou Tamra e esta tocou o Bastão Juratório com um fino fluxo de Energia.

Moiraine cerrou a mão em torno do Bastão. Era como cristal ao tato, mas de certa forma, mais suave.

- Pela Luz e pela minha esperança de salvação e renascimento, juro não pronunciar uma única palavra que não seja verdade. – o Juramento instalou-se dentro dela e subitamente o ar pareceu pressionar sua pele com mais força. “O vermelho é branco”, pensou. “Acima é embaixo”. Ainda poderia pensar uma mentira, mas sua língua não conseguiria mais pronunciá-la. – Pela Luz e pela minha esperança de salvação e renascimento, juro não criar armas para que um homem mate o outro. – a pressão aumentou bruscamente; era como se tivesse vestido uma roupa invisível, ajustada demais, que a cobrisse desde o topo da



cabeça até as solas dos pés. Para grande desgosto de Moiraine, o suor brotou-lhe da testa, mas manteve a expressão serena. – Pela Luz e pela minha esperança de salvação e renascimento, juro não utilizar o Poder Único como arma, exceto contra Criaturas da Escuridão ou como último recurso em defesa de minha vida, da vida de meu Guardião ou de outra irmã.

A pressão aumentou ainda mais, e Moiraine respirou com dificuldade pelo nariz, enquanto apertava os dentes para não arquejar. Invisível e totalmente flexível, mas tão apertada! A sensação de pressão no corpo desapareceria, mas demoraria cerca de um ano até esvaecer-se por completo. Luz! Perguntou a si mesma como Elaida se sentira ao fazer aquela menção a um Guardião. Os Três Juramentos eram sempre os mesmos, inalteráveis, fosse qual fosse o Ajah escolhido. Pensar naquilo consolou-a – um pouquinho.

- Está meio consumado. – entoou a Amyrlin – A Torre Branca fica gravada em seus ossos.

Mas não concluiu a cerimônia; tomou o Bastão Juratório e colocou-o nas mãos de Siuan. Moiraine reprimiu um sorriso. Teria podido beijar Tamra. Siuan não suou, nem ofegou. Prestou os Juramentos com voz clara e firme, sem nem piscar quando cada um dos três instalou-se nela. Nenhum tormento físico podia perturbar Siuan, que sequer chorara até que Elaida partisse, que jamais derramara uma única lágrima até retirar-se do gabinete de Merean. Siuan, que tinha o coração de uma leoa.

- Está meio consumado e a Torre Branca fica gravada em seus ossos. – disse Tamra, voltando a depositar o Bastão Juratório sobre a almofada que Aeldra segurava. – Levantem-se agora, Aes Sedai e escolham seu Ajah e ficará consumado tudo o que se consome através da Luz.

Por mais equanimidade que Siuan tivesse demonstrado ao prestar os Três Juramentos, moveu-se tão rápido quanto Moiraine ao levantar-se, e, inclinado-se para beijar o anel da Grande Serpente, fizeram uma reverência formal a Tamra. Dirigiram-se juntas às irmãs Azuis. Lentamente, com tanta empáfia quanto foram capazes de demonstrar; e sem largarem-se as mãos. Isto teria sido inadmissível naquele momento. Como quaisquer Aceitas, haviam debatido freqüentemente sobre qual Ajah escolheriam, os pós e os contras de cada um (como se soubessem algo além de superficialidades) haviam sido pesados, mas durante o último ano tais discussões haviam-se limitado simplesmente a afirmar

uma decisão já tomada. O Ajah Azul dedicava-se às causas justas, o que nem sempre era o mesmo que buscar justiça, como faziam o Verde ou o Cinzento. As “Rastreadoras de Causas”, chamava Verin às Azuis, a as maiúsculas ficavam evidentes pelo seu tom de voz. Moiraine sequer conseguia imaginar-se pertencendo a outro. Siuan estava sorrindo, coisa que não deveria fazer. Mas é claro, ela também estava sorrindo, percebeu Moiraine, incapaz de deixar de fazê-lo.

Uma vez que a direção que tomavam ficou evidente, as irmãs dos outros Ajahs começaram a fazer medidas para a Amyrlin e retiraram-se, primeiro as Amarelas, depois as Verdes, que dirigiram-se à porta como se deslizassem, com suas Conselheiras à frente, tal qual um cortejo real. Depois, saíram as Marrons, seguidas das Brancas. Moiraine ignorava o porquê dessa ordem; mas uma vez que as Vermelhas, as últimas, retiraram-se, Tamra abandonou a sala atrás delas. O que se passaria ali só dizia respeito ao Ajah Azul. Aeldra ficou para observar.

As três Conselheiras agruparam-se em um círculo enquanto Leanne, de tez acobreada, esbelta e quase tão alta como a maioria dos homens, inclinava-se para colocar o xale de franjas azuis sobre os ombros de Moiraine, enquanto Rafaela, delgada, bonita e de tez morena fazia outro tanto com Siuan. Nenhuma das duas tinha ainda o rosto intemporal, mas a dignidade de sua postura envolvia-as como um manto. As Conselheiras eram a encarnação da dignidade.

A robusta Eadyth, com os cabelos brancos e longos até a cintura, beijou ligeiramente Siuan em ambas as faces, e depois a Moiraine, enquanto repetia a uma e outra:

- Bem-vinda, irmã. Esperamos há muito tempo a sua chegada.

Anlee, de rosto grave e cabelos grisalhos, com um vestido bordado de azul e quase tantos anéis e colares quantos Gitara costumava usar, repetiu os beijos e as boas-vindas, e em seguida foi a vez de Lelaine, cuja expressão solene deu lugar a um sorriso enquanto falava. A beleza de Lelaine tornava-se extraordinária quando sorria.

- Bem-vinda ao lar, irmã. – disse Leanne, inclinando-se novamente para beijar Moiraine - Esperamos há muito tempo a sua chegada.

Aeldra também beijou-lhes as faces, dizendo-lhes a frase de boas-vindas, mas

depois, inesperadamente, acrescentou algo:

- As duas devem-me um empadão feito com suas próprias mãos. É costume entre nós presentear desse modo a sexta irmã que dá o beijo de boas-vindas.

Moiraine piscou e trocou um olhar com Siuan. A cerimônia acabaria de forma tão brusca? Um empadão. Duvidava muito que Aeldra conseguisse engolir algo preparado por ela; nunca cozinhou nada em toda a sua vida.

Eadyth estalou a língua e ajustou o xale sobre os braços.

- Muito bem, Aeldra. Só porque estas duas resolveram ultrapassar os limites em tantos sentidos, não é razão para que você esqueça sua dignidade. – disse firmemente. – Continuemos. – as longas franjas azuis balançaram quando ergueu os braços. – Peço-lhe, Leanne Sharif, que você escolte Moiraine Damodred para que a Torre Branca saiba que uma irmã do Azul chegou ao lar. Peço-lhe, Rafaela Cindal, que você escolte Siuan Sanche para que a Torre Branca saiba que uma irmã do Azul chegou ao lar.

Eadyth reuniu-se a Aeldra e conduziu as outras Conselheiras para fora da câmara, mas aparentemente as outras não haviam acabado ainda.

- A tradição é algo importante demais para deixarmos que se perca, - disse Rafaela, fitando Siuan e Moiraine. – Vocês irão até o setor do Ajah Azul vestidas somente com a Luz, como dita o antigo costume? – Siuan apertou o xale contra o corpo como se tivesse a intenção de não tira-lo nunca mais, e Rafaela apressou-se a acrescentar: - E com o xale, claro. Para demonstrar que não necessitam de outra proteção além da Luz e do xale de uma Aes Sedai.

Moiraine deu-se conta de que segurava o xale do mesmo jeito e obrigou-se a afrouxar as mãos para acariciar suavemente a seda. Os Três Juramentos haviam-na tornado uma Aes Sedai, mas não se sentira uma até ter o xale sobre os ombros. Mas se tivesse de andar em público sem nada além dele...! Oh, Luz, as faces ardiavam-lhe! Nunca vira uma Aes Sedai ruborizada.

- Oh, já chega, Rafaela! – interveio Leanne com um rápido e tranquilizador sorriso para Moiraine e Siuan. Durante algum tempo fôra Aceita junto com elas, e pelo calor de seu sorriso, dir-se-ia que era uma amizade pronta a ser retomada do ponto onde fôra deixada. – Há mil anos as mulheres vinham ser elevadas a

Aes Sedai vestidas de Luz e saíam do mesmo jeito, e assim estavam também todas as que participavam da cerimônia, mas a única coisa que restou desse costume é que os corredores permanecem vazios até que cheguem ao setor do seu Ajah. – explicou rapidamente. Leanne fazia tudo com rapidez e energia. – Exceto algumas Marrons, duvido que alguém sequer se lembre desse costume. Rafaela está feito doida para recuperar algumas tradições em desuso. Não negue, Rafaela! Você se lembra do florescimento das macieiras? Nem as Verdes se lembravam qual o nome da batalha que se supõe que devemos comemorar nessa época...

Coisa estranha, ainda que Rafaela tivesse alcançado o xale um ano antes de Leanne, limitou-se a suspirar.

- As tradições não deveriam ser esquecidas... – disse, mas sem energia. Leanne sacudiu a cabeça.

- Venham. Sei que querem desjejuar, mas isso terá de esperar por outras coisas, entre elas este passeio. No qual não estarão incluídos todos os corredores de uso comum. – acrescentou lançando um olhar a Rafaela, com uma sobrancelha franzida – Nem nos deteremos diante dos setores de cada Ajah, chamando para que venham ver uma nova irmã do Azul. – sacudiu a cabeça e conduziu-as ao corredor; canalizou brevemente para fechar as duas imensas portas. – Nunca passei tanta vergonha em toda a minha vida. E você deveria corar também, Rafaela. Verin disselhe que tinha uma voz tão doce que devia dedicar-se ao canto. Uma Irmã do Vermelho saiu para dizer-nos que deixássemos de uivar e chispássemos dali... E as Verdes! Algumas Verdes têm um senso de humor... rude. – quer Rafaela tivesse corado na ocasião ou não, agora um débil rubor tingiu-lhe as faces.

Moiraine perguntou-se quão rude poderia ser o humor das Verdes. Pelo menos o rubor de Rafaela serviu para que parasse de preocupar-se pelo seu. Obviamente, as irmãs exibiam entre elas uma imagem diferente da que mostravam diante de quem não usava o xale. Que agora, ela própria usava. Aquilo a fazia sentir-se vários centímetros mais alta, ainda que Leanne lhe tirasse uma cabeça e ombros. A outra encurtara suas passadas, mas ainda assim, Moiraine tinha de apressar-se para não ficar para trás enquanto subiam dos subterrâneos aos corredores da Torre, vazios a não ser por elas. Os corredores raramente estavam cheios, mas a ausência absoluta de movimento fazia-os parecer cavernosos. Imaginar que a Torre estava completamente deserta era estranho. Mas estaria mesmo, um dia, se

as coisas continuassem tal como estavam.

- A cerimônia termina com este passeio? – perguntou. – Refiro-me à parte do Ajah Azul. Posso fazer perguntas? – supunha que esta era a primeira coisa que devia ter dito, mas esperava que o som de vozes afugentasse seus pensamentos desagradáveis.

- Não termina totalmente, - respondeu Leanne – mas você perguntar o que quiser. Algumas coisas, porém, não serão respondidas até que você conheça a Grande Seletora, a cabeça de nosso Ajah.

- Você jamais deve revelar esse título. – interveio prontamente Rafaela.

Moiraine assentiu; já sabia disso. As Aceitas aprendiam que cada Ajah possuía seus segredos, como Rafaela devia saber. Mais de uma irmã já dissera a Moiraine que quando obtivesse o xale, teria de aprender quase tantas coisas como antes. Sua intenção era agir com muito cuidado, até saber mais.

- Tenho uma pergunta. – disse Siuan, com as sobrancelhas franzidas. – Há muitos costumes como o do empadão? Sei cozinhar, mas era minha irmã mais velha quem lidava com o forno.

- Oh, sim! – respondeu animadamente Rafaela, lançando-se a enumerar velhos costumes enquanto caminhavam pelo primeiro nível da Torre, alguns tão absurdos como usar meias azuis ao ausentar-se de Tar Valon, e outros tão sensatos como não contrair matrimônio. As Aes Sedai casavam-se raramente, mas Moiraine não via como tais relacionamentos pudessem acabar de outra forma que não fosse mal. A torrente de informações continuou enquanto subiam um dos corredores em espiral, e só parou quando chegaram diante das portas simples e polidas que conduziam à ala do Ajah Azul.

- Vocês ouvirão o resto depois. – disse Rafaela, deixando que o xale lhe deslizasse pelos braços. – Certifiquem-se de aprender tudo rápido. Alguns devem ser cumpridos tão estritamente quanto as leis da Torre. Creio que assim deveria ser com todos, mas pelo menos alguns se cumprem.

- Já chega, Rafaela. – interrompeu-a Leanne, e ela e a irmã morena seguraram uma puxador de latão cada uma e abriram as portas.

Não canalizaram. Talvez fosse outro costume. Seria incômodo cavalgar durante

alguns dias, e Moiraine pretendia empregar o tempo em memorizar tais costumes até que pudesse partir da cidade; pelo menos os que eram de cumprimento obrigatório. Não estava disposta a permitir que o início da sua busca fosse retardado por algo tão idiota como não vestir-se completamente de azul no primeiro dia de cada mês. Luz, certamente isso não seria obrigatório! Contudo, era melhor ter certeza. Siuan e ela cruzaram o umbral e detiveram-se, surpreendidas. O Azul era o segundo Ajah menos numeroso, logo depois do Branco; mas todas as irmãs do Azul que se encontravam em Tar Valon naquele momento estavam alinhadas no corredor, e, com exceção de Aeldra, envoltas formalmente no xale.

## Chegada ao lar



Anaiya foi a primeira a adiantar-se e beija-las nas faces. sauacrefing

- Bem-vinda ao lar, irmã. Esperamos há muito tempo a sua chegada. – dou. – Aeldra já me contou como roubou-me os meus empadões. – scentou, dando um puxão ao xale com ar irritado que obviamente era puro imento, traído pelo sorriso. – Não foi justo que tirasse proveito de sua posição como Guardiã!

- Ou talvez fossem meus, se tivesse sido mais rápida. – comentou Kairen, depois de recebe-las com a saudação formal. Belíssima e não muito alta, seu sorriso desmentia a fria serenidade refletida em seus olhos azuis. – Podemos pelo menos ter a esperança de que não sejam muito habilidosas na cozinha? Aeldra gosta de travessuras, quase tanto quanto vocês duas e seria agradável vê-la receber a devida recompensa.

Moiraine desatou a rir e abraçou Siuan. Não pôde evitar. Realmente, havia chegado em casa. Ambas estavam em casa.

O setor do Ajah Azul não tinha nada do luxo ostensivo do Verde ou do Amarelo, ainda que não fosse tão simples quanto o do Marrom ou do Branco. As tapeçarias de Inverno que pendiam das paredes representavam cenas de jardins primaveris e campos de flores silvestres, riachos que corriam entre pedras e

pássaros voando. Os castiçais de pé colocados junto das paredes claras eram dourados, mas de desenho singelo. Só os mosaicos do chão, em todos os tons de azul, desde o pálido de um céu matinal até o violeta intenso do ocaso, davam um toque de esplendor. Avançando lentamente ao longo deles, Siuan e ela receberam o beijo de boas-vindas outras trinta e nove vezes, antes de chegar até Eadyth e às outras duas Conselheiras.

- Preparamos aposentos para ambas, - disse a gorducha irmã, - assim como roupas adequadas e algo para o desjejum, mas mudem de roupa e comam depressa. Há coisas que devo dizer-lhes, coisas que devem saber antes que sair do nosso setor implique em risco para vocês. Ou, para dizer a verdade, entrar nele também, ainda que a maioria seja tolerante para com uma nova irmã. Cabriana, você poderia acompanhá-las, por favor?

Uma irmã de olhos claros e cabelos louros que lhe chegavam quase até a cintura, estendeu a saia bordada de azul em uma ligeira mesura. Nem todas as irmãs davam aulas, e Moiraine não a reconheceu. Em seu olhar havia uma franqueza brusca, mais condizente com uma irmã do Verde, mas ao falar, sua voz soou bastante submissa.

- Como quiser, Eadyth. – voltou-se para Siuan e Moiraine e falou-lhes com suavidade quase idêntica: - Querem acompanhar-me, por favor?

Era tão estranha aquela mescla de franqueza e... bom “docilidade” seria a palavra mais adequada à sua atitude.

- Ela é a Grande Seletora? – perguntou cautelosamente Moiraine logo que se afastaram o suficiente para que Eadyth não as ouvisse. Nem nenhuma outra, esperava. As irmãs que se haviam reunido para recebê-las já se dispersavam, sozinhas ou aos pares, enquanto tiravam os xales.

- Oh, sim! – respondeu Anaiya, que, juntamente com Kairen, juntara-se a elas. Cabriana já tinha aberto a boca para responder-lhe, mas fechou-a sem o menor protesto por ter sido interrompida. – É incomum que a Grande Seletora seja também uma Conselheira, - prosseguiu Anaiya, - mas, ao contrário de alguns outros, o Ajah Azul gosta de tirar o máximo partido das aptidões de cada uma de nós.

Kairen assentiu com a cabeça, dobrando o xale e colocando-o sobre um braço.



- Eadyth é talvez a Azul mais competente dos últimos cem anos; mas se pertencesse ao Marrom ou Branco, deixá-la-iam passar o dia cuidando de detalhes.

- Oh, sim! – concordou Cabriana, estalando a língua. – Algumas Conselheiras Marrons são terríveis... para ser Conselheiras, pelo menos. Mas as Marrons sempre deixam a mente divagar. De qualquer forma, podem ter certeza de que seja qual for o talento que vocês duas possuem, será devidamente utilizado.

Moiraine não gostou nada do tom daquilo tudo, e trocou um olhar cauteloso com Siuan. Bem, nenhuma das duas tinha qualquer habilidade especial. Mas sobre quais riscos Eadyth queria pô-las de sobreaviso? Riscos inclusive ali. Gostaria de perguntar às três irmãs que as acompanhavam, mas estava convencida que a informação teria de vir de Eadyth; e em particular, pois caso contrário, ter-se-ia limitado a falar-lhes ali mesmo, diante das outras. Luz! Seu novo lar possivelmente tivesse tantas correntes subjacentes quanto o Palácio do Sol. Certamente era o momento de agir com cautela; ouvir, observar e falar pouco.

Os aposentos escolhidos para ela e Siuan eram adjacentes, um pouco afastados do corredor principal, e cada qual compunha-se de um espaçoso dormitório, uma ampla sala de estar, um quarto de vestir e um gabinete, com lareiras esculpidas em mármore, onde um fogo animado já aquecera o ambiente. Os painéis polidos das paredes estavam nus, mas sobre ao assoalho de mosaicos azuis havia tapetes com desenhos, alguns com franjas, procedentes de uma dúzia de países. Os móveis também eram díspares: aqui uma mesa marchetada de madrepérola de um estilo usado em Cairhien há cem anos atrás; ali uma cadeira com as pernas esculpidas em forma de trepadeiras vinda só a Luz sabia de onde, e os castiçais e espelhos eram de procedência tão variada quantos castiçais e espelhos havia. Mas nada tinha defeitos nem gretas, e cada peça de madeira ou de metal fôra polida até brilhar. As coisas que haviam deixado em seus quatinhos de Aceitas já estavam ali: a escova de cabelo e o pente de Moiraine estavam sobre a penteadeira; a pasta de ébano, sobre a escrivaninha do gabinete; seu porta-jóias, sobre o criado-mudo. Seus aposentos já tinham seu toque pessoal.

- Imaginamos que você gostaria de tê-los por perto. – comentou Anaiya, quando acabaram, na saleta de Moiraine.

Kairen e Cabriana ladeavam-na sobre o tapete com desenhos de arabescos e

fitavam-na tão freqüentemente quanto Siuan e Moiraine. Falavam entre si com a cômoda desenvoltura conferida por uma longa amizade, mas saltava à vista que Kairen e Cabriana se deixavam conduzir por Anaiya. Era algo muito sutil, mas bastante óbvio para olhos treinados no Palácio do Sol. Não que significasse algo especial – em qualquer grupo sempre havia alguém que assumia a liderança – mas Moiraine guardou a informação na memória.

- Podem escolher outros aposentos, se quiserem. – acrescentou Kairen. – Temos muitos desocupados, mas receio que alguns estejam tão empoeirados quanto o pior depósito no porão. – logo partiria de Tar Valon; já comentara que tinha assuntos que tratar em Tear. Seria uma das rastreadoras de Tamra? Era impossível saber. Na Torre sempre havia Aes Sedai partindo e outras regressando.

- Se quiserem trocar, posso mandar que os limpem. – ofereceu-se Cabriana, recolhendo as saias como se fosse fazer isso naquele mesmo instante. Parecia ansiosa! Por que se comportava de maneira tão estranha? Saltava à vista que era a inferior das três mulheres, mas agia do mesmo modo em relação a ela e Siuan.

- Não, obrigada. – tocando o crochê que rematava a almofada de uma poltrona, Moiraine tentou dizer que os aposentos eram muito bonitos (as três irmãs haviam-se ocupado de prepara-los, ainda que as tapeçarias e os móveis fossem presentes da Torre), mas sua língua negou-se a pronunciar a mentira, de forma que buscou uma frase de compromisso: - Estes são mais que adequados.

Todas as almofadas tinham montes de rendas e crochês franzidos, assim como as colchas das camas e as barras dos travesseiros. Algumas das rendas pareciam ter outras rendas arrematando-as! Os aposentos seriam muito mais adequados a seu gosto quando se livrasse de todas aquelas rendas. Siuan sorria ao vê-las em sua cama, como se fosse gostar de dormir em um mar de rendas franzidas. A idéia fez com que Moiraine estremecesse.

Ofereceu chá ou vinho quente e temperado, antes de perceber que não tinha nem idéia de como obter um ou outro, mas Anaiya respondeu que deviam estar ansiosas por trocar de roupa e desjejuar; as outras duas assentiram com a cabeça, concordando. As três recolheram as saias ao mesmo tempo e retiraram-se.

- O desjejum pode esperar. – disse Siuan logo que a porta fechou-se atrás das três irmãs. – Primeiro vem Eadyth. Você tem alguma idéia do que vai dizer-nos? A

mim, isso parece-me o seu Jogo das Casas.

- Eadyth primeiro, desjejum depois. – anuiu Moiraine, ainda que o cheiro do mingau quente e das frutas assadas que saía de uma bandeja coberta sobre a mesa lhe dessa água na boca. – Mas não tenho nem a mais leve idéia, Siuan. Nada. – contudo, era verdade que aquilo lhe recordava o Da'es Daemar.

No quarto de vestir haviam quatro vestidos de fino pano azul, simples mas elegantes, dois deles com as saias divididas para montar a cavalo, e Moiraine vestiu um com as saias normais e deixou o vestido branco com faixas coloridas de Aceita dobrado sobre o cesto de roupas sujas. A caderneta de anotações, transferiu-a da escarcela do cinturão branco, que também levariam embora, para uma escarcela azul que encontrou no grande armário. Mesmo ali – especialmente ali – continuava pensando que o lugar mais seguro para guarda-la era consigo. Não se surpreendeu ao ver que o vestido servia-lhe perfeitamente; era voz corrente que a Torre sabia mais sobre suas iniciadas que todas as suas costureiras e cabeleireiras juntas. Não que ela tivesse uma costureira ou cabeleireira há algum tempo, é claro, mas isso era algo que pretendia remediar o quanto antes. Pelo menos no tocante à costureira. Acostumara-se a usar o cabelo solto, mas precisaria de no mínimo mais quatro vestidos antes de partir de Tar Valon, e de um tecido melhor que o pano. Seda não era barata, mas caía-lhe maravilhosamente bem.

Do porta-jóias, tirou sua peça favorita: uma kesiera. Lamentara não poder usá-la ali, mas mesmo depois de seis anos suas mãos ainda recordavam como entretecer a fina corrente de ouro nos cabelos para que a pequena safira pendesse no centro de sua testa. Olhou-se no espelho de parede emoldurado com madeira esculpida e sorriu. Ainda não possuía o semblante intemporal, mas agora parecia-se com Lady Moiraine Damodred, e Lady Moiraine Damodred navegara desde criança no Palácio do Sol, através de correntes subterrâneas que poderiam afogar alguém até de quinze ou dezesseis anos. Agora estava pronta para navegar pelas correntes daqui. Depois de colocar sobre os ombros seu xale de franjas azuis, foi buscar Siuan e encontrou-a no corredor, também com o xale e caminhando em sua direção.

A primeira irmã que avistaram, Nastasia, uma delgada saldeaniana de olhos rasgados e escuros e pômulos altos, que havia sido uma mestra indulgente, indicou-lhes a direção dos aposentos de Eadyth com uma expressão de desgosto nos lábios polpudos. Moiraine perguntou-se de Nastasia estaria

aborrecida com Eadyth, ainda que demonstrar isso fosse estranho, mas a própria Eadyth imitou aquela expressão quase exatamente quando as fez entrar e conduziu-as a cadeirões diante da lareira da sala de estar, onde um agradável fogo dançava alegremente. Ficou em pé esquentando as mãos, como se não quisesse falar. Não lhes ofereceu chá ou vinho, nem lhes deu qualquer espécie de boas-vindas. Siuan remexeu-se impientemente na beira da cadeira, mas Moiraine obrigou-se a permanecer imóvel, embora com dificuldade. A pressão dos Três Juramentos era especialmente incômoda quando se sentava.

Guardar silêncio, ouvir e observar.

A saleta de Eadyth era maior que as suas, com a cornija esculpida em forma de ondas e duas tapeçarias com flores e pássaros nas paredes, ainda que os castiçais de pé fossem igualmente simples. O maciço mobiliário era de madeira escura, com incrustações em marfim e turquesa, exceto uma delicada mesinha que parecia entalhada em marfim ou osso. Eadyth dera aos aposentos seu toque pessoal, como uma jarra alta de brilhante porcelana amarela do Povo do Mar, uma larga fruteira de prata cinzelada e um par de estatuetas de cristal – um homem e uma mulher estendendo-se as mãos – sobre o aparador da chaminé. Tudo aquilo não lhe revelava nada, a não ser que a mulher de cabelos brancos possuía bom gosto e compostura. Calar-se, ouvir e observar.

Siuan remexia-se na cadeira e parecia a ponto de levantar-se quando finalmente Eadyth voltou-se para elas. Cruzou os braços e respirou fundo.

- Durante seis anos, vocês aprenderam que a segunda maior grosseria é referir-se à força de alguém ao manejar o Poder Único. – novamente, seus lábios franziram-se levemente. – Para ser franca, é difícil para mim falar disso, por mais necessário que seja. Durante seis anos vocês foram firmemente desencorajadas a pensar em sua própria força ao manejar o Poder, ou a de qualquer outra. Agora terão de aprender a comparar seu poder com o de cada irmã que encontrarem. Com o tempo, isso se tornará um ato reflexo e farão isso sem pensar, mas devem ter muito cuidado até chegar a este ponto. Se outra irmã for mais forte que vocês no Poder, seja do Ajah que for, devem ceder diante dela. Quanto mais alto se encontrar, maior deverá ser sua deferência para com ela. Não fazer isso é a terceira maior grosseria, e só é a terceira por um fio. A razão mais freqüente para que uma nova irmã seja castigada é um passo em falso neste sentido; e como a penitência é ditada pela irmã ofendida, raras vezes é leve. Um mês ou dois de Trabalhos Domésticos ou Privação é o menos que podem esperar.

A Mortificação do Espírito ou a Mortificação da Carne não estão fora de questão.

Moiraine assentiu lentamente com a cabeça. É claro. Isto explicava o respeito de Elaida para com Meilyn, e que Rafaela sempre cedesse a Leane. E Cabriana; Cabriana não era muito forte. Aquela idéia era muito difícil de aceitar. Quando a Torre Branca queria pôr freio a algo, punha-o de forma contundente e absoluta. Luz, a Torre despojava-as de algo e depois obrigava-as a usar aquela mesma coisa para estabelecer uma hierarquia. Que confusão. Pelo menos Siuan e ela eram quase iguais em poder e certamente continuariam sendo quando alcançassem seu potencial pleno. Até agora haviam avançado ombro a ombro. Não lhe pareceria natural se Siuan tivesse que submeter-se a ela.

- Temos de obedecer-lhes? – indagou Siuan, que finalmente não agüentara mais ficar sentada e pudera-se de pé. Eadyth suspirou sonoramente.

- Pensei que tinha sido clara, Siuan. Quanto mais acima de você estiver uma Aes Sedai, maior deve ser o seu respeito. Não gosto de falar disto, então não me faça ficar repetindo as coisas. Funciona igual no outro sentido, naturalmente, mas devem lembrar-se que a regra não se aplica se a Torre ou o Ajah coloca alguém acima de vocês. Se forem incluídas numa embaixada, por exemplo, devem obedecer à embaixadora da Torre como obedeceriam a mim, ainda que o poder da mulher mal chegue para que seja submetida ao teste para Aceita. Bom. Isto ficou claro? Ótimo, porque pelo menos no que me diz respeito, estou sentindo a necessidade urgente de acabar a toalete. – e as fez sair de seus aposentos como se fosse realmente esfrega-las com sal e bicarbonato.

- Fiquei terrivelmente amedrontada, – confessou Siuan quando chegaram ao corredor, - mas isso não está nada mal. Pensei que teríamos de começar de baixo, mas vejo que não estamos muito longe do nível superior. Dentro de cinco anos, estaremos mais perto ainda. – pensassem nisto ou não, todas sabiam quando chegavam ao máximo de seu poder; o tempo podia variar de uma mulher para outra, mas era sempre uma suave e reta linha ascendente.

- Também fiquei assustada, - admitiu Moiraine suspirando, - mas a coisa não é tão simples como pode parecer, segundo você. Em que ponto a deferência se transforma em obediência? Ainda que ela não tenha falado nestes termos, é disso que se trata. Temos de observar cuidadosamente as outras irmãs, e até estarmos seguras, mais vale pecar por prudência. Dentro de um mês, pretendo estar a

léguas de Tar Valon, não suando em uma fazenda no outro lado do rio.

Siuan bufou.

- Então, agiremos com cuidado. Afinal, o que mais temos feito durante os últimos seis anos? Poderia ser pior. O que você acha de eu levar a minha bandeja ao seu quarto para desjejuarmos juntas?

Contudo, antes de chegarem à altura de seus aposentos, foram interceptadas por outra Aes Sedai, uma mulher alta, de rosto quadrado e cabelos cinzentos tecidos em uma infinidade de trancinhas rematadas por contas azuis, que lhe chegavam à cintura. Usava um vestido azul celeste. Moiraine dava por certo que todas as irmãs do Azul haviam estado presentes à sua cerimônia de boas-vindas, mas não se recordava desta. Obrigou-se a verificar o poder da mulher, sua força, e viu que era quase tão grande quanto seria a sua e de Siuan quando chegassem ao nível máximo. Certamente, este era um caso em que seria preciso mais que respeito. Deviam fazer uma reverência? Decidiu esperar numa atitude cortês, com as mãos entrelaçadas à cintura.

- Sou Cetalia Delarme. – apresentou-se a irmã, com um forte sotaque tarabonês, enquanto examinava Moiraine de alto a baixo. – Pela descrição que me fizeram, de uma “linda bonequinha de porcelana”, você deve ser Moiraine.

Moiraine ficou tensa. Uma linda... bonequinha de porcelana? Só mediante um grande esforço foi capaz de conservar a expressão serena e não cerrar os punhos. A idéia da fazenda de trabalho ajudou-a a evitar isso. Contudo, Cetalia já desviara a atenção dela.

- O que significa que você é Siuan, não é? Disseram-me que você é muito hábil em decifrar charadas e enigmas. O que acha deste pequeno quebra-cabeças? – perguntou, estendendo-lhe algumas folhas de papel.

Siuan franziu o cenho à medida que lia, assim como Moiraine, que se inclinara sobre o ombro da amiga e lia também. Siuan virava as páginas rápido demais, e Moiraine não conseguia ler tudo, mas tinha a impressão de que eram apenas nomes de naipes de não tinham relação alguma entre si. Ao Rei de Copas seguia-se o Cavaleiro de Ventos; ao Rei de Fogos, a Dama de Cetros; ao Cinco de Moedas, o quatro de Copas. Charada? Uma grande estupidez, isso sim!

- Não tenho certeza. – disse Siuan afinal, devolvendo os papéis. Isso resolvia o assunto. Se fosse uma charada, ela teria encontrado a solução.

- Não? – o monossílabo estava carregado de desapontamento, mas ao cabo de um instante, Cetalia prosseguiu, inclinado a cabeça num gesto pensativo que fez tilintar suavemente as contas de seu penteado: – Você não disse que não sabia, o que significa que captou algum padrão. Do que não tem certeza?

- Há um jogo sobre o qual li alguma coisa. – respondeu lentamente Siuan. – Um jogo com o qual as damas abastadas se distraem, chamado Cadeias. Têm-se de colocar os naipes em ordem decrescente, formando uma série de pautas, mas só algumas cartas do baralho podem ser colocadas sobre as outras. Creio que alguém anotou nestes papéis como jogou cada naipe. E venceu a partida.

- E você sabe tudo isto apenas por ter lido sobre o jogo? – Cetalia tinha uma sobrancelha erguida.

- A filha de um pescador não pode dar-se ao luxo de jogar cartas. – respondeu Siuan, secamente.

Uma expressão perigosa assomou aos olhos de Cetalia, e Moiraine pensou que iria prescrever-lhes uma penitência.

- Aposto que Moiraine já jogou Cadeias. – limitou-se a dizer a irmã tarabonesa, no entanto. – E, apesar disso, suspeito que ela diria que se tratava apenas de uma lista incoerente de naipes ou algo do gênero. A maioria das pessoas pensaria assim. Mas você, que apenas leu sobre o jogo, deduziu a resposta correta. Venha comigo. Tenho mais alguns enigmas com os quais quero testar sua capacidade.

- Ainda não comi nada! – protestou Siuan.

- Você já vai desjejuar. Venha. – certamente, Cetalia pensava que lhe deviam algo mais que simples deferência.

Moiraine seguiu-a com os olhos enquanto Siuan ia atrás de Cetalia, de má-vontade, lançando-lhe pelas costas desta última um olhar agastado. Aquele comportamento beirava o desacato. Pelo visto, havia gradações. Certo, também no Palácio do Sol havia matizes para tudo. Mas só teriam de agüentar aquilo por pouco tempo. Dentro de uma semana teriam partido, e no que lhe dizia respeito,

não pretendia regressar até ter atingido o ponto máximo de sua capacidade. Exceto para informar a Tamra onde estava o menino, é claro. Seria maravilhoso se fossem elas a encontra-lo.

O mingau de aveia do desjejum ainda estava quente o bastante para ser comido, e Moiraine acomodou-se cuidadosamente em uma poltrona diante da mesa; mas antes que tivesse engolido dois bocados, entrou Anaiya, que era quase tão poderosa quanto Cetalia, de modo que Moiraine largou a colher de prata e levantou-se.

- Eu lhe diria que continuasse sentada e comesse, - começou a mulher de aspecto maternal, - mas Tamra enviou uma noviça para busca-la. Eu disse à menina que lhe daria o recado, porque queria oferecer-lhe a Cura. Às vezes isso ajuda com a pressão dos Três Juramentos.

Moiraine enrubesceu. Todas sabiam o quão incômoda se sentia, é claro. Luz!

- Obrigada. – agradeceu depois, tanto pela Cura quanto pela pista: se não tinha de levantar-se na presença de Anaiya, tampouco teria de obedecer-lhe. A menos que Anaiya estivesse apenas sendo gentil. Pouco faltou para que Moiraine suspirasse. Precisava observar mais fundo para ter certeza.

Saiu do setor do Ajah Azul com o xale firmemente cingido aos ombros – não estava disposta a andar sem ele, ainda; para começar, protegia-a do frio – perguntando-se o que Tamra queria dela. Só lhe ocorria uma possibilidade. Agora que ela e Siuan eram irmãs de fato, talvez Tamra se propusesse a incluí-las entre as rastreadoras. Afinal, já sabiam de tudo. Nada mais teria sentido. Embalada por tal desejo, apressou o passo.

**M**as eu não quero um trabalho! – protestou Siuan, com o estômago roncando de fome. Sentia-se oprimida depois de passar horas nos aposentos de Cetalia, tão atulhados de livros e papéis que mais pareciam os de uma Marrom. E pelo visto, aquela mulher nunca ouvira falar de cadeiras acolchoadas. As suas eram duras como pedra!

- Não seja ridícula. – disse displicentemente a irmã de cabelos grisalhos, cruzando as pernas. Folheou despreocupadamente as últimas páginas que



entregara a Siuan, sobre uma mesinha já cheia delas. – Você não se saiu nada mal, para uma principiante. Preciso de você aqui e fim de história. Espero-a aqui amanhã pela manhã, à segunda hora. Agora, vá comer alguma coisa. Você já é uma Aes Sedai, não pode andar por aí soando como um tubo rachado.

Não tinha sentido reclamar novamente. A maldita mulher deixara bem claro que, do seu ponto de vista, os protestos beiravam a falta de educação. Maldita, maldita mulher! Não deixou que a raiva se refletisse em seu rosto, uma lição que aprendera bem antes de chegar a Tar Valon. Nos molhes dos pescadores, demonstrar ira ou medo podia provocar problemas. Ou às vezes, fazia com que se levasse uma punhalada pelas costas.

- Às ordens, Cetalia. – murmurou, com o que ganhou outro olhar crítico, e conseguiu sair dos aposentos da mulher sem demonstrar indignação, por um triz. Já no corredor, começou a andar batendo os pés; e que o Obscuro carregasse qualquer um que não gostasse!

Que a espetassem por ser tão burra a ponto de deixar-se apanhar por aquela mulher! Moiraine aconselhara-a a agir com cautela, e ao invés disso, tentara riscar de um golpe a dúvida da maldita voz da maldita Cetalia, pensando como Moiraine. Manejar o timão de forma incompetente fazia o barco balançar, quando não virar de vez. Seu manejo incompetente do leme significava que não sairia da Torre por muito tempo. Durante anos, talvez. Só até que fosse poderosa o suficiente para dizer a Cetalia onde podia enfiar o seu trabalho! Pelo menos aquela mulher não havia lançado o anzol a Moiraine. Com a sua mente, teria sido uma assistente maravilhosa para Cetalia.

Apesar de estar morta de fome, preferiu ir buscar Moiraine antes de comer; queria avisá-la de que teria de começar a busca sozinha. Estar com Moiraine sempre a fazia sorrir. Numa coisa, Cetalia se enganara: não era uma linda bonequinha de porcelana; era uma belíssima bonequinha de porcelana. Ao menos por fora. Por dentro, que era onde contava, era outra história. A primeira vez que a vira, Siuan teve a certeza de que a princesinha cairhieniana se quebraria como uma delicada concha dentro de alguns dias. Mas Moiraine demonstrara ser tão dura quanto ela própria, senão mais. Por mais frequentemente que caísse, voltava a levantar-se no mesmo instante. Moiraine desconhecia o significado da palavra “desistir”. E por isso foi uma surpresa encontrá-la afundada em uma cadeira da saleta, com o xale sobre o encosto e uma expressão mal-humorada no rosto. Sobre uma bandeja havia um bule verde

vidrado que soltava o aroma de chá quente, mas as xícaras brancas não haviam sido usadas.

- O que aconteceu? – indagou Siuan. – Não lhe passaram uma penitência, não é?

- Pior! – respondeu desconsoladamente Moiraine. Geralmente, sua voz lembrava a Siuan um sino de prata, mas Moiraine odiava ouvi-la dizer isso. – Tamra encarregou-me de distribuir as recompensas.

- Raios e trovões! – praguejou Siuan. Agora já não seria açoitada por usar sua própria linguagem. Já ouvira algumas Aes Sedai dizerem coisas que fariam corar um estivador. Mesmo assim, pareceu-lhe perceber um certo gosto de sabão na língua. – Será que está desconfiando de algo? Será que está tentando assegurar-se de que você não vai se intrometer? – talvez fosse por isso que Cetalia lhe pusera rédeas. Não. Foi porque se saíra bem demais nos testes, idiota que fôra!

- Creio que não, Siuan. Ensinaaram-me a administrar uma propriedade, ainda que eu só tenha feito isso durante alguns meses, antes de vir para a Torre. Disse que isso me dava o conhecimento necessário para realizar a tarefa. – fez uma careta de aborrecimento – Segundo ela, eu estava “à toa, sem fazer nada”, e suspeito que decidiu dar um trabalho oneroso a uma irmã do Azul, para ser justa. E o que aconteceu com você? Que tipo de enigmas Cetalia queria resolvidos?

- Um monte de relatórios antigos. – resmungou Siuan, acomodando-se em uma poltrona. Oxalá não se sentisse como se sua pele estivesse três vezes menor do que correspondia a seu tamanho! Sem pedir licença, serviu-se de uma xícara de chá. Entre elas, nunca pediam licença para este tipo de coisa. – Queria que eu discorresse sobre algo que aconteceu há quarenta ou cinquenta anos em Tarabon, Saldea ou Altara. – logo que as palavras saíram de sua boca, desejou cobri-la com a mão, mas já era tarde demais para isso.

Moiraine endireitou-se na cadeira, subitamente interessada.

- Cetalia dirige a rede de informações do Ajah Azul. – não era uma pergunta. Típico dela, chegar diretamente a uma conclusão.

- Nem sequer sussurre uma coisa dessas! A maldita mulher iria cozinhar-me como um peixe, se soubesse que dei com a língua nos dentes. Ela fará isso de qualquer jeito, mas não quero dar-lhe motivo antes que chegue a seus ouvidos. – o que acontecera hoje servir-lhe-ia de lição. – Olhe, entregar a recompensa não

pode durar mais que uns poucos meses. Depois, você poderá partir. Só me diga aonde vai e se eu souber de alguma coisa, tentarei avisar-lhe. – o Ajah Azul tinha uma vasta rede de informantes, tão úteis em mandar mensagens para fora, como para leva-las à Torre.

- Não sei se posso dar-me ao luxo de atrasar a busca por alguns meses. – comentou Moiraine com voz cava, com um olhar desanimado, coisa atípica nela. – Eu... tenho um segredo que não lhe contei, Siuan. – mas nunca houvera segredos entre elas! – Receio que a Câmara do Conselho planeje sentar-me no Trono do Sol.

Siuan piscou. Moiraine em um trono?!

- Você seria uma rainha maravilhosa! E nem me venha falar dessas soberanas Aes Sedai que acabaram mal, porque isso foi há muito tempo atrás. Hoje em dia há poucos governantes que não têm uma irmã como conselheira. Quem se oporia, além dos Mantos Brancos?

- Há muita diferença entre conselheira e rainha, Siuan. - Moiraine sentou-se ereta novamente e arranjou as dobras das saias; sua voz adquiriu o tom de impaciência que usava para dar explicações: - Obviamente a Câmara pensa que eu poderia ocupar o trono sem que houvesse uma revolução, mas não quero correr o risco, caso estejam enganadas. Cairhien sofreu mais que o suficiente nos últimos anos para que, ainda por cima, aconteça algo assim. E mesmo que não se enganem, ninguém governou Cairhien por muito tempo sem estar disposto a rebaixar-se ao seqüestro, assassinato e outras coisas piores. Minha bisavó, Carewin, governou por mais de cinquenta anos, e a Torre a tem descrita como uma governante bem-sucedida porque Cairhien prosperou e não se envolveu em nenhum conflito durante seu reinado, mas seu nome ainda hoje é usado para assustar as criancinhas. Melhor ser esquecida do que ser lembrada como Carewin Damodred! Mas, mesmo com o apoio da Torre, eu teria de, no mínimo igualar seus feitos, caso a Câmara conseguisse o que pretende! – de repente, seus ombros vergaram-se e seus olhos brilharam com as lágrimas contidas: - O que posso fazer, Siuan? Estou presa como uma raposa numa armadilha, e nem sequer posso arrancar um pé com uma mordida para escapar!

Siuan deixou a xícara na bandeja e ajoelhou-se junto de Moiraine, colocando as mãos nos ombros de sua amiga.

- Acharemos uma solução. – disse, demonstrando uma segurança que não sentia.  
– Acharemos. – ficou um pouco surpresa que o Primeiro Juramento lhe permitisse dizer tais palavras. Não lhe passava pela cabeça nenhuma saída possível, para nenhuma das duas.

- Se você diz, Siuan. – o tom de Moiraine deixava claro que tampouco ela acreditava. – Pelo menos há algo que posso fazer. Posso oferecer-lhe a Cura?

Siuan poderia beijá-la; e de fato, foi o que fez.

Ainda restava muita neve nas montanhas que se erguiam diante de Lan, e o rastro deixado pelo grande contingente de homens, claramente visível sob o sol da tarde, dirigia-se diretamente através das colinas, em direção dos picos ocultos por nuvens, cuja altura aumentava progressivamente quanto mais distantes no horizonte. Lan olhou pelo visor com lentes, mas não distinguiu nenhum movimento adiante. Os Aiel deviam ter já entrado nas montanhas. Gato Dançarino bateu impacientemente com o casco.

- São estas as montanhas da Espinha do Mundo? – indagou Rakim, com sua voz rouca. – Impressionantes, mas não sei porque, imaginava-as mais altas.

- Esta é a cordilheira chamada Punhal do Assassino da Humanidade. – disse, entre risadas, um velho arafelino. – Considere-a como uma das ramificações da Espinha do Mundo.

- Por que paramos aqui? – perguntou Caniedrin em voz baixa o bastante para não chamar a atenção, mas alta o suficiente para que Lan o ouvisse. Caniedrin gostava de testar seus limites sempre que tinha uma chance. Bukama tratou de responder-lhe:

- Só doidos varridos lutariam contra os Aiel nas montanhas. – disse em voz alta o velho guerreiro. Voltou-se na sela para Lan e baixou a voz até um sussurro, enquanto as rugas em seu rosto acentuavam-se. – Queira a Luz que Pedron Niall não resolva atacar agora.

Niall, Capitão-General dos Filhos da Luz comandava o exército naquele dia.

- Não fará. – respondeu Lan, simplesmente.

Só um punhado de homens sabia tanto sobre guerra quanto Niall. O que significava que havia muitas possibilidades de que esta guerra em particular acabasse naquele mesmo dia. Perguntou a si mesmo se seria descrita como uma vitória.. Guardou o visor na bolsa que tinha na sela e voltou o olhar para o norte. Sentia o chamado, como um pedaço de ferro atraído por um ímã. Era uma sensação quase dolorosa, depois de tanto tempo. Algumas guerras não podiam ganhar-se, mas mesmo assim, tinham de ser travadas. Bukama, observando-o, sacudiu a cabeça.

- E só um tolo salta diretamente de uma guerra para outra. – não se incomodou em falar baixo, e vários domani que Lan tinha à vista lançaram-lhe olhares estranhos; obviamente perguntavam-se a que Bukama estaria se referindo. Nenhum habitante das Fronteiras teria estranhado; sabiam quem era ele.

- Um mês ou dois bastar-me-ão para descansar, Bukama. – este tempo seria o necessário para chegar em casa. Talvez um mês, se tivesse sorte.

- Um ano, Lan. Só um ano! Oh, está bem! Oito meses, então. – Bukama disse aquilo como se lhe fizesse uma grande concessão. Estaria cansado? Sempre parecera feito de ferro, mas já não era jovem.

- Quatro meses. – contemporizou Lan. Se conseguira agüentar dois anos, bem poderia agüentar outros quatro meses. E se então Bukama continuasse sentindo-se cansado... cruzaria este abismo quando chegasse lá.

Acabou que Niall decidiu agir sensatamente, o que foi bom. Já que mais da metade do exército já partira, acreditando que a vitória fôra alcançada há dias, quando os Aiel iniciaram a retirada. E chamavam-na de grande vitória. Pelo menos os que não haviam participado dela, os parasitas e observadores, e os historiadores já escreviam sobre a batalha como se soubessem tudo. Por Lan, podiam fazer o que quisessem.. Sua mente achava-se a duzentas léguas ao norte. Após as despedidas, contornando completamente Tar Valon, Bukama e ele dirigiram-se ao sul, em direção a terras mais quentes. Tar Valon era uma cidade extraordinária e maravilhosa, diziam todos, mas havia muitas Aes Sedai nela para que se sentisse à vontade. Bukama falava animadamente sobre o que fariam em Andor, ou talvez em Tear. Já conheciam as duas cidades, mas lutando contra os Aiel, e sequer haviam visto a lendária Pedra de Tear ou nenhuma das grandes capitais. Lan permanecia calado, a menos que Bukama se dirigisse a ele. Sentia a atração de sua terra intensamente. Seu único desejo era retornar à Chaga. E não

ter de encontrar nenhuma Aes Sedai.

## Negócios na cidade



Poderiam ter mandado subir a comida a seus aposentos, mas depois que Moiraine utilizou a Cura em Siuan, desceram ao refeitório. Nenhuma das duas queria perder seu primeiro jantar como Aes Sedai no refeitório principal das irmãs, onde as Aceitas só entravam como convidadas em ocasiões contadas, e as noviças, apenas para servir às mesas. Era uma peça enorme, de teto alto, decorada com tapeçarias de inverno de cores vivas nas paredes brancas, e uma longa cornija, que brilhava por ser folheada a ouro. Nas mesas quadradas, de finas pernas elegantemente entalhadas, havia espaço apenas para quatro pessoas, e a maioria estava afastada o bastante para manter uma conversação em particular, ainda que hoje estivessem agrupadas para caber grupos maiores. As únicas que usavam o xale eram as duas, e atraíram os olhares das outras irmãs, para não mencionar os sorrisinhos divertidos. Moiraine sentiu que as faces lhe ardiam, mas seria preciso algo mais que sorrisos para que renunciasse o pôr o xale cada vez que saísse de seus aposentos. Mais até que risadas!. Trabalhara muito duro para merece-lo. Siuan andava sobre os mosaicos com desenhos coloridos nas cores de todos os Ajahs com régia graça, ajustando o xale nos braços com ar indiferente, mas como se quisesse atrair a atenção de todos para ele. Siuan não era nada tímida.

Ali não havia bancos, mas cadeiras de encosto alto, entalhado à semelhança das mesas, e, enquanto no refeitório das Aceitas serviam o que quer que a cozinha preparasse, ali uma jovem criada, com a Chama de Tar Valon bordada no peito,

depois de fazer uma mesura enumerava os pratos que a cozinha poderia oferecer, no tom monocórdio de quem repetira a lista inúmeras vezes. Enquanto as Aceitas utilizavam pesadas tigelas de cerâmica vidrada, e tinham de servir-se e retirar os pratos, ali a mesma criada trazia-lhes a comida em uma bandeja de prata cinzelada, em pratos de delicada porcelana tarabonesa ornados com a Chama de Tar Valon. A porcelana de Tarabon não podia comparar-se à dos Atha'an Miere, mas estava longe de ser barata.

Siuan reclamou porque o peixe estava temperado demais, mas só deixou as raspas do molho, e olhou em volta como se estivesse pensando em pedir mais. Moiraine pediu um ensopado de legumes e vitela, mas não tinha muito apetite e afinal acabou tomando somente um pedaço de pão tostado e uma xícara de chá. Tinha de escapar, mas não havia saída. Não realizar uma tarefa delegada pela Amyrlin era inconcebível. Na melhor das hipóteses, a Câmara decidiria que o plano não podia realizar-se. Ninguém voltara a aborda-la com o tema desde que Tsutama perguntara-lhe se já pensara em ser rainha de Cairhien. Talvez tomassem esta decisão. Era uma esperança pequena, mas era a única que conservava.

Logo que retornaram ao setor do Ajah Azul, Eadyth mandou-as chamar a seus aposentos novamente, e sem cerimônias, entregou-lhes uma carta de crédito no valor de mil coroas de ouro.

- Vocês receberão a mesma quantia da Torre uma vez por ano, nesta data, - disse – ou, se não estiverem aqui, será depositada onde determinarem. – o desagrado demonstrado na reunião anterior desaparecera completamente. Agora, exibia um sereno sorriso; sereno e prazeroso por contar com duas novas irmãs no Azul. – Gastem-na criteriosamente. Poderão conseguir mais, caso seja necessário, mas se pedirem dinheiro com muita frequência, terão de explicar-se perante a Câmara do Conselho. Acredite, ser interrogada pelas Conselheiras não é uma experiência agradável. Nunca.

Ao ler a quantia estipulada, Siuan arregalou os olhos, e, ainda que parecesse impossível, arregalou-os mais ainda quando soube que poderia conseguir mais. Poucos mercadores ganhavam mais ouro em um ano de trabalho, e muitos nobres menores viviam com uma soma bem inferior àquela; mas a Torre não podia permitir que se vissem irmãs vivendo na pobreza. No Palácio do Sol, Moiraine aprendera que o poder aumentava amiúde quando se pensava que alguém já o possuía, e tal idéia podia relacionar-se a uma imagem de opulência.



Mesmo que Moiraine tivesse um banqueiro e se oferecesse para apresentá-lo, Siuan depositou a carta de crédito em mãos da Torre. Seu pai não chegara a ganhar mil coroas em toda a sua vida, e não estava disposta a arriscar seu estipêndio de jeito nenhum. Nada do que Moiraine dissesse pôde convence-la do contrário. Seu único interesse era a segurança, e pelo visto, um banco antigo o bastante para emprestar dinheiro a Arthur Hawkwing não podia competir nesse aspecto com o primeiro banco fundado depois do Desmembramento. No meio da tarde, ostentando orgulhosamente seu xale de franjas azuis, Moiraine alugou uma liteira na grande praça diante da Torre, onde se acotovelava uma multidão de vagabundos e saltimbancos, titereiros e malabaristas, músicos e vendedores ambulantes que vendiam pastéis de carne e castanhas assadas, todos a uma boa distância da imensa edificação. Poucas pessoas aproximavam-se a menos de cem passos, a menos que tivessem assuntos que tratar na Torre ou quisessem apresentar uma petição. Os dois carregadores, sujeitos fornidos vestidos com casacos marrons e com o cabelo comprido recolhido por uma faixa à nuca, transportavam-na rapidamente pelas ruas, enquanto o que ia à frente apregoava: “Passagem para uma Aes Sedai! Passagem para uma Aes Sedai!”.

Seus gritos não pareciam impressionar ninguém; talvez não lhe dessem crédito. Apesar de manter as grossas cortinas abertas, as franjas de seu xale não seriam vistas a menos que colocasse os braços na janela, numa postura pouco graciosa. Ninguém se afastava mais depressa do que faziam devido aos gritos dos carroceiros, e amiúde davam passagem a estes até mais rápido, já que empunhavam longos chicotes e não tinham medo de usá-los. Mesmo assim, chegaram em seguida ao que parecia ser um pequeno palacete situado em um largo bulevar com altas árvores desfolhadas, no centro da cidade, e os carregadores retiraram os varais para que Moiraine pudesse abrir a porta. . O prédio era de estilo meridional, com uma alta cúpula branca e esbeltas torrinhas nos quatro cantos, assim como uma larga escadaria em mármore que conduzia a um amplo pórtico com colunas; mas apesar de tudo, o conjunto tinha um ar de circunspeção. Os entalhes e frisos de folhas e parras eram bem feitos, mas simples. Ninguém deixaria seu dinheiro em um banco sem fundos, mas tampouco o confiaria a um que dilapidasse suas riquezas.

Um porteiro, que exibia dois galões vermelhos nas mangas da jaqueta escura cortejou-a e acompanhou-a através das portas, deixando-a aos cuidados de um laçao de jaqueta lisa, um moço bonito, ainda que não muito alto, que a conduziu com ar sério até o escritório da senhora Dormaile, uma mulher pequena e grisalha, um palmo mais baixa que Moiraine. O pai de Moiraine guardara seu

dinheiro no banco do irmão mais velho de Ilain Dormaile, que ainda administrava suas próprias contas em Cairhien, o que influenciara sua decisão na hora de escolher um banco quando chegara a Tar Valon. Ao vê-la com o xale, um leve sorriso assomou ao rosto usualmente solene da senhora Dormaile, que estendeu a saia escura com debruns vermelhos numa reverência precisa, nem breve, nem profunda demais. Claro que lhe fizera a mesma reverência quando fôra até lá com o vestido branco de Aceita. Afinal, conhecia a soma que Moiraine depositara no banco ao chegar à cidade, e as somas que haviam chegado, vindas de suas propriedades e domínios, ao longo dos anos.

- Posso dar-lhe os parabéns, Moiraine Sedai? – disse afetuosamente, conduzindo Moiraine até um cadeirão estofado, com o espaldar alto e esculpido. – Aceitaria um vinho temperado, ou um chá? Talvez uns pasteizinhos de mel ou biscoitos de papoula?

- Um pouco de vinho, obrigada. – respondeu Moiraine, sorrindo. - Isso bastará. – Era a primeira vez que alguém a chamava assim, e o som agradara-lhe.

Uma vez que a mulher passou a tarefa ao criado, sentou-se diante de Moiraine sem pedir licença. Não se exigia de um banqueiro que se mantivesse em pé, cerimoniosamente.

- Presumo que veio depositar seu estipêndio. – claro, um banqueiro saberia disso. – Se quiser mais informações sobre o ocorrido, receio que já disse tudo o que sabia na carta que lhe enviei, e não tenho nenhuma outra informação.

O sorriso de Moiraine congelou-se no mesmo instante. Recobrou o domínio sobre si mesma com esforço, e ao falar, fê-lo em tom despreocupado.

- Por favor, conte-me tudo de uma vez. Talvez eu possa separar a palha do grão se me refrescar a memória.

A senhora Dormaile inclinou ligeiramente a cabeça.

- Como quiser. Há nove dias apresentou-se aqui um homem, um cairhieniano, com o uniforme de capitão da Guarda da Torre, que disse chamar-se Ries Gorthanes. Falava com acento culto, um homem bem educado, talvez até da nobreza, e era alto, uns bons três palmos mais que eu, de ombros largos, porte militar. Estava barbeado, claro, e seu rosto era bem proporcionado, bonito apesar

da cicatriz de uns três centímetros, bem aqui. – desenhou uma linha com o dedo, desde o canto do olho esquerdo até a orelha.

Nem o nome nem a descrição estimularam a memória de Moiraine, ainda que tampouco teria dito se tivessem. Com um leve gesto, indicou à mulher que prosseguisse.

- Ele apresentou uma ordem, supostamente firmada pela Amyrlin, dando-me instruções para mostrar-lhe os registros de sua conta. Infelizmente para ele, conheço bem a assinatura de Tamra Ospanya, e a Torre Branca sabe muito bem que eu jamais revelaria os registros de meus clientes, de jeito nenhum. Fiz com que vários lacaios o subjugassem e o encerrassem em um quarto vazio, e mandei chamar a Guarda da cidade. Lamento não ter aproveitado a oportunidade de arrancar-lhe o nome de seu senhor ou senhora; mas como sabe, a Torre Branca não vê isso com bons olhos.

O criado regressou com uma jarra de prata ornamentada e duas taças, também de prata, em uma bandeja. A banqueira guardou silêncio até que o jovem se retirou.

- Escapou antes que os guardas chegassem. – prosseguiu, servindo o vinho tinto, que despidia um aroma doce de especiarias – Um caso de suborno. – uma expressão de desagrado franziu os lábios da mulher um instante antes de oferecer a taça a Moiraine, com uma leve reverência. – Mandei açoitar o jovem envolvido, e aposto que ainda sente quando se senta. Depois, engajei-o como limpador de latrinas em um barco que transporta cerejas para Tear, onde o deixarão em terra sem um vintém, a menos que convença a capitã a deixá-lo ficar no navio. Assegurei-me de que isso acontecesse ao exigir que me pagasse adiantadamente o soldo do jovem. É um garoto bonito. Talvez a convença. Creio que ela já tinha isso em mente ao entregar-me as moedas.

Com o olhar fixo na outra mulher sobre a borda da taça, Moiraine ergueu uma sobrancelha, num gesto interrogativo. Sentia-se muito orgulhosa de sua aparente calma, tanta quanto havia demonstrado em qualquer momento durante o teste.

- O falso Capitão da Guarda infringiu as leis da Torre, Moiraine Sedai, - respondeu fleumaticamente a senhora Dormaile à pergunta implícita em seu gesto, - e solicitaram-me que o entregasse à justiça da Torre, mas prefiro que assuntos internos continuem sendo internos. Só estou lhe contando isto porque você estava envolvida, compreende?

Moiraine assentiu com a cabeça. É claro. Nenhum banco podia permitir que soubessem que seus empregados aceitavam suborno. Suspeitava que o garoto se saíra tão bem parado por ser filho ou sobrinho de alguém, caso contrário poderia estar boiando rio abaixo, e não em um barco. Os banqueiros eram gente dura.

A senhora Dormaile não lhe perguntou o que achava daquilo tudo. O assunto não lhe dizia respeito. Seu rosto nem sequer denotou curiosidade. Tal discrição era a razão pela qual Moiraine só dispusera de pequenas quantias de dinheiro na Torre. Como noviça, sem poder sair de lá, não lhe tinha feito falta, mas seu próprio senso de privacidade a fez continuar a proceder do mesmo modo quando passou a Aceita. A lei da Torre exigia uma idêntica participação de todos os Ajahs no banco da Torre, e agora que usava o xale não queria que seus negócios se tornassem conhecidos por outras irmãs do Azul, e muito menos de outros Ajahs, sobretudo depois do que acabava de inteirar-se. A única razão para que a Torre não lhe entregasse a carta da senhora Dormaile era que a Câmara do Conselho confiava que acreditasse que haviam desistido de senta-la no Trono do Sol. Mas já haviam feito os primeiros movimentos, ou melhor, algo além disso, já que haviam agido com tanto cuidado quanto o ladrão que tenta roubar a bolsa de uma dama. O suficiente para que qualquer um deduzisse seu propósito. Nada mais podia explicar que um cairhieniano tentasse descobrir como e com quê gastava seu dinheiro. Oh, Luz, iam fazer a coisa antes mesmo que ela pudesse dar-se conta disso, a menos que encontrasse uma saída.

Mas não deixou que nada disso se refletisse em sua expressão, limitando-se a tomar o vinho e gozar de sua doce calidez que lhe deslizava pela garganta, aparentemente serena.

- A meu ver, a senhora agiu muito bem, senhora Dormaile, e em prejuízo de seu estabelecimento. Queira transferir, por favor, uma recompensa adequada de minha conta para a sua.

Apropriadamente, a banqueira pôs objeções duas vezes, inclinando a cabeça, antes de aceitar, com uma atitude relutante que Moiraine mal percebeu. Luz, tinha de haver uma saída!

Começou a traçar planos. Não para escapar, mas para estar preparada. Firmou a carta de crédito, e antes de partir, deu certas instruções diante das quais a senhora Dormaile não demonstrou a menor surpresa. Talvez fosse porque também era

cairhieniana e portanto habituada ao Da'es Daemar, ou simplesmente porque todos os banqueiros fossem circunspetos. Talvez tivesse outras clientes Aes Sedai. Neste caso, Moiraine só ficaria sabendo se as irmãs em questão lhe contassem; um túmulo não guardava seus segredos tão bem quanto Ilain Dormaile.

De volta à Torre, fez perguntas e averiguações até decidir-se por uma modista. Cinco irmãos do Azul, no mínimo, disseram-lhe que Tamore Alkohima era a melhor de Tar Valon, e mesmo as que recomendaram outras admitiram que Tamore era muito boa. Assim, na tarde seguinte, Siuan e ela alugaram liteiras e dirigiram-se ao ateliê da senhora Alkohima; Siuan reclamou do preço do transporte. Pela Luz bendita!, era apenas um cêntimo de prata! Não fôra nada fácil convencer Siuan a acompanhá-la. Como aquela mulher podia pensar que quatro vestidos eram suficientes? Teria de aprender a não ser tão forreta.

O estabelecimento da senhora Alkohima, com as altas paredes cheias de prateleiras, nas quais havia rolos de seda e panos finos em todas as cores e tonalidades imagináveis, era uma de várias lojas grandes que ocupavam o pavimento inferior de um grande prédio que parecia todo feito de curvas. Encaixava-se perfeitamente com a pessoa de Tamore. De tez clara para uma domani, fazia com que Gitara quase parecesse um moleque em comparação. Quando se aproximou para recebê-las – o xale de franjas assegurava uma recepção pessoal – em vez de caminhar, dava a impressão de flutuar graciosamente entre manequins com vestidos ainda inacabados e prateleiras menores, cheias de rendas e fitas. Suas seis assistentes fizeram uma profunda reverência; todas eram jovens e belas, vestidas com trajes maravilhosamente confeccionados no estilo de seu país de origem, todos diferentes. A modista não fez reverência alguma. Conhecia seu lugar no mundo. O vestido verde-pálido, elegante e simples ao mesmo tempo, atestava seu talento, ainda que se ajustasse de forma alarmante, moldando seu corpo de forma a não deixar dúvidas sobre o que havia debaixo da seda.

O lânguido sorriso de Tamore ampliou-se ao ouvir seu pedido, e com razão. Poucas clientes encomendavam um guarda-roupa inteiro numa única visita. Pelo menos, o sorriso aumentou para Moiraine. À força de insistências, Siuan concordara em encomendar seis vestidos para, junto com os que já possuía, ter um para cada dia da semana, mas queria-os feitos de pano. Moiraine encomendou vinte, metade deles com a saia de amazona, e todos da melhor seda. Poderia ter-se arranjado com menos, mas talvez a Câmara do Conselho fosse

averiguar. Uma encomenda de vinte vestidos faria com que pensassem que permanecia em Tar Valon.

Siuan e ela foram em seguida para uma saleta, onde Tamore ficou observando enquanto quatro assistentes despiam-nas completamente para tomar as medidas, fazendo-as virar-se para um lado e outro, a fim de que a modista visse com o que teria de trabalhar. Em qualquer outra circunstância, aquilo teria deixado Moiraine terrivelmente embaraçada, mas era para uma modista, o que fazia uma tremenda diferença. Depois veio o momento de ver os tecidos, de escolhe-los. Tamore sabia o que significavam as franjas de seus xales, de forma que os tons azuis predominavam.

- Quero vestidos decentes, caramba! – disse Siuan. – Decotes altos e nada muito justo! – e disse isso lançando um olhar bastante significativo ao vestido de Tamore. Moiraine quase deixou escapar um gemido. Quisesse a Luz que Siuan não continuasse a agir assim!

- Este parece-me muito claro para mim. – murmurou Moiraine quando uma rapariga alta e loura, com um vestido verde de profundo decote quadrado que deixava à vista grande parte do início da fenda entre os seios, mostrou-lhe um pano de seda azul-celeste. – Pensei no estilo cairhieniano, mas sem as cores de minha Casa ou bordados. – sugeriu. Nunca poderia usar as cores dos Damodred dentro da Torre.

- Corte cairhieniano, pois sim. – disse Tamore, golpeando levemente o lábio inferior com o dedo, com ar pensativo, - Isso a favorecerá bastante. Mas este tom lhe assentaria maravilhosamente, com sua pele clara. A metade de seus vestidos deveria ser de tom claro, e a metade bordados. Seu estilo é a elegância, não a simplicidade.

- Talvez só uma quarta parte de cada? – o corte cairhieniano a favorecia? Acaso estaria insinuando que um vestido domani não lhe cairia bem? Não que pensasse em usar um. O de Tamore era indecente! Mas sempre havia o princípio em que implicava o comentário.

- Não. – a modista sacudiu a cabeça. – Pelo menos um terço em cores claras. – disse firmemente. – No mínimo. E a metade, bordados. – franziu ligeiramente as sobrancelhas e voltou a esfregar o lábio inferior com o polegar.

- Um terço e metade, então. – cedeu Moiraine antes que a mulher aumentasse a proporção, como parecia estar pensando. Com uma boa modista, sempre havia que negociar. Poderia tolerar alguns bordados.

- Não há nada mais barato, senhora Alkohima? – indagou Siuan, fitando carrancuda a peça de pano fino que tinha diante de si. Luz, isto significava que andara perguntando os preços! Não era de admirar que as moças que a atendiam parecessem escandalizadas.

- Quer desculpar-me um instante, Tamore? – pediu Moiraine. Quando a modista assentiu com a cabeça, entregou a peça de seda à jovem andoriana e levou Siuan apressadamente para um canto, para fazer um aparte com ela.

- Ouça-me, Siuan, e não discuta, porque não podemos deixar Tamore esperando durante muito tempo. – sussurrou. – Não pergunte os preços. Ela já nos dirá o custo, depois que tenhamos escolhido os panos. Nada comprado aqui sairá barato, mas os vestidos que Tamore lhe fizer farão com que você pareça uma Aes Sedai tanto quanto o próprio xale. E chame-a de Tamore, não “senhora Alkohima”. Você deve observar as regras sociais ou ela acreditará que está zombando dela. Tente pensar nela como uma irmã que está um pouco acima de você. É preciso um leve toque de deferência. Só um leve toque, pois por mais que façamos, será ela quem dirá o que você acabará vestindo.

Siuan lançou um olhar agastado sobre o ombro, para a domani. Luz!, agastado!

- E o maldito sapateiro nos dirá que tipo de sapatos devemos usar, e depois nos cobrará um preço pelo qual poderíamos comprar cinqüenta redes novinhas? – indagou abespinhada.

- Não. – respondeu Moiraine, impaciente. Tamore só erguia uma sobrancelha, mas a expressão em seu rosto era pressaga. O significado daquela sobrancelha erguida era tão claro como o cristal mais fino. Já haviam feito a modista esperar demais, e isso custar-lhes-ia um preço. E o olhar agastado, ainda por cima...! Apressou-se em continuar, num sussurro: - O sapateiro fará o que quisermos, e combinaremos o preço com ele, mas sem regatear demais, se quisermos um trabalho bem feito. E o mesmo faremos com o luveiro, com o fabricante de meias, o de roupa de baixo e com todos os outros. E dê-se por feliz por não precisarmos de cabeleireiro. Os melhores são verdadeiros tiranos, quase tanto quanto os perfumistas.

Siuan soltou uma gargalhada, como se Moiraine estivesse brincando; mas, se algum dia caísse nas mãos de algum cabeleireiro, veria o que era não saber como acabaria penteada até que o cabeleireiro tivesse terminado com ela e a deixasse mirar-se em um espelho. Pelo menos era assim que funcionava em Cairhien.

Uma vez selecionados os tecidos e cores, e os desenhos dos bordados – até nisso foi necessário negociar, como também quais vestidos seriam bordados – tiveram de ficar ali até que o primeiro vestido fosse cortado e experimentado sujeito com alfinetes, tarefa que Tamore, sacando-os de um alfineteiro que usava preso ao pulso, realizou com destreza. Moiraine descobriu em seguida qual seria o preço por fazê-la esperar. A cor do vestido que provou era mais claro que o azul-celeste, quase um branco-azulado, e pelo jeito com que colocaram o de pano escuro em Siuan, este seria tão justo no busto e nos quadris como o que a costureira estava usando. Talvez até mais. Mesmo que não fosse o caso, Tamore poderia tê-las picado “acidentalmente” uma dúzia de vezes, ou exigido uma prova com alfinetes para cada vestido, mas Moiraine tinha certeza de que os primeiros que teria prontos seriam de cores claras.

Os preços que Tamore mencionou depois de lhes tirarem os trajes fechados com alfinetes para coloca-los em manequins fizeram com que os olhos de Siuan quase saltassem das órbitas, mas pelo menos não fez nenhum comentário. Acabaria aprendendo, sim. Em uma cidade como Tar Valon, pagar uma coroa por um vestido de pano e dez por um de seda eram preços bastante razoáveis para uma modista da qualidade de Tamore. Contudo, Moiraine prometeu-lhe uma generosa propina para acabar rapidamente a confecção. De outra feita, talvez não vissem um único vestido pronto em meses.

Antes de retirar-se, Moiraine disse a Tamore que decidira encomendar outros cinco trajes de amazona no mais estrito estilo cairhieniano, o que significava de cores escuras – ainda que não falou nestes termos –, todos com seis faixas em vermelho, verde e branco no peito, horizontalmente, muitas faixas a menos do que lhe cabiam por direito. A expressão da domani não mudou ante tal evidência de que era um membro de pouca importância de uma Casa nobre. Costurar para uma Aes Sedai era tão importante quanto para o chefe de uma Casa, ou até para um governante.

- Gostaria que fossem os últimos a fazer-se, por favor. – disselhe Moiraine. – E não os envie. Alguém virá apanhá-los.



- Posso prometer-lhe que serão os últimos, Aes Sedai.

Ah, sim!, os primeiros seriam os de cores claras. Mas a segunda parte de seu plano cumprira-se. No momento, tudo o que podia ser feito, fôra.

## Mudanças



Não tardaram muito em perceber que as irmãs que haviam dito que haveria tanto a aprender depois de obterem o xale quanto antes tinham razão. Moiraine e Siuan aprenderam as complexidades dos costumes da Torre Branca durante a etapa de Aceitas, sobretudo os que existiam há tanto tempo que eram considerados leis, e havia castigos para quem os quebrasse. Agora, Rafaela e as outras passavam horas instruindo-as na longa lista de costumes do Ajah Azul, forjados ao longo de mais de três mil anos. Na verdade, Siuan memorizara a maior parte do que Rafaela lhes dissera durante aquela primeira conversa no setor do Azul, e Moiraine teve de aplicar-se para não ficar para trás. Seria horrível ser castigada por algo tão trivial como não vestir nada vermelho enquanto estivesse na Torre. Pedras preciosas vermelhas, como rubis ou granáteas, eram permitidas, mas proibia-se aquela cor nas roupas, algo relacionado à longa animosidade entre os Ajahs Azul e Vermelho, que vinha de longa data e que ninguém mais nem sabia quando ou por que começara. Às vezes a sistemática oposição entre Azul e Vermelho quase paralisava as atividades do Conselho.

A idéia de inimizade entre os Ajahs sobressaltara-a, mas havia outras disputas. Enquanto a paz entre o Verde e o Azul mal sofrera abalos durante vários séculos, a situação estava longe de ser igual em relação a outros Ajahs. Atualmente, havia um certo distanciamento do Branco, por razões que só as irmãs Brancas sabiam, e uma tensão latente com o Amarelo, com irmãs de ambos os lados

acusando-se mutuamente de interferir em suas ações em Altara há uns cem anos atrás. Um arraigado costume proibia a intromissão em assuntos de outras irmãs, costume que era a única exceção à regra da deferência. Pelo menos fora da Torre. E depois, havia as variantes. Por exemplo, o Ajah Marrom apoiava o Branco contra o Azul, mas apoiava o Azul contra o Amarelo. Isto é, neste momento. Tais coisas podiam arrastar-se ao longo de séculos, ou mudar de uma hora para a outra. Também era preciso saber que antagonismos e rivalidades existiam entre os outros Ajahs, quando eram conhecidos. Todos eram uma armadilha prestes a ser acionada por qualquer passo em falso ou palavra descuidada. Luz!, perto dessa confusão, o Da'es Daemar parecia brincadeira de crianças!

Todas as noites Siuan tomava-lhe as lições e vice-versa, como sempre haviam feito quando eram noviças ou Aceitas, ainda que no caso de Siuan quase não valesse a pena, já que nunca cometia erros.

Dedicaram-se novamente a estudar o Poder com Lelaine, Nastasia, Anaiya e outras, por turnos; aprenderam a vincular um Guardiã e outras tramas que não eram reveladas às Aceitas, inclusive algumas que só as Azuis conheciam. Moiraine achou tal coisa muito interessante. Se o Azul incluía tramas secretas entre os mistérios de seu Ajah, certamente outros Ajahs faziam o mesmo, assim como as irmãs em particular. Afinal, ela tinha uma, a primeira, que aprendera antes de vir para Tar Valon e que ocultara cuidadosamente das irmãs. Perceberam que a centelha acendera-se nela, mas só lhes falara de acender velas ou criar luz para ver no escuro. Ninguém vivia no Palácio do Sol sem aprender a guardar segredos. Teria Siuan alguma trama secreta? Não era o tipo de pergunta que poderia fazer à sua melhor amiga.

Mesmo que agora soubessem o suficiente sobre o Saidar para aprender rapidamente, era simplesmente demais para um dia, ou uma semana. Ao menos Moiraine sentia-se incapaz. O método para ignorar o calor ou o frio acabou revelando-se como um truque mental muito simples, e que qualquer um poderia realizar facilmente, uma vez aprendido, segundo Nastasia.

- A mente tem de estar tranqüila como um lago plácido – disse pedantemente, no mesmo tom que usava para dar aulas. Estavam em seus aposentos, onde quase qualquer superfície horizontal estava coberta de figurinhas e pequenas estatuetas e miniaturas. Tais lições eram ministradas nos aposentos da mestra. – Concentrem-se em um ponto acima do umbigo, no centro do corpo, e comecem a respirar num ritmo invariável. Não como se respira normalmente. Cada

inspiração deve durar exatamente o mesmo tempo, assim como cada expiração. E entre uma e outra, devem conter a respiração durante um tempo também igual. Respirando assim, concentradas assim, a mente logo se distancia do mundo exterior, sem perceber o calor nem o frio, e vocês poderão caminhar nuas em meio a uma nevasca ou através de um deserto sem sentir. – Nastasia tomou um sorvo de chá e pôs-se a rir; seus escuros olhos rasgados brilhavam. – O congelamento e a insolação continuarão sendo um problema após certo tempo de exposição. Só a mente se distancia; o corpo, nem tanto.

Talvez fosse simples, mas ao cabo de mais de uma semana a concentração de Moiraine falhava-lhe a qualquer momento, quando se sentava à mesa, ou ao atravessar um corredor, e então soltava uma exclamação abafada quando o frio a atingia de repente e fazia-se sentir três vezes pior que antes de iniciar a meditação. Em público, tais sobressaltos atraíam os olhares das outras irmãs. Receava estar ganhando a reputação de ser uma cabeça-de-vento. E de corar freqüentemente. Estava longe de ser algo inato. Nem é preciso dizer que Siuan aprendeu a lição de primeira e, que Moiraine percebesse, nunca mais teve sequer um calafrio.

A Festa das Luzes chegou para marcar a virada do ano, e durante dois dias, todas as janelas de Tar Valon brilharam radiantemente, do anoitecer até a alvorada. Na Torre, os criados entraram em aposentos que não eram utilizados há séculos para acender lâmpadas, assegurando-se que ardessem durante dois dias inteiros. Era uma celebração animada, com desfiles de cidadãos que levavam lanternas acesas pelas ruas escuras e alegres reuniões que freqüentemente prolongavam-se até o nascer do sol inclusive nos lares mais pobres, mas Moiraine sentia-se triste. Aposentos que não eram usados há séculos. Mas, se as mulheres que usaram o xale há duzentos anos atrás não haviam encontrado uma solução, como ela seria capaz de fazê-lo?

Muitas irmãs receberam convites ornamentados para bailes durante a celebração, e várias aceitaram-nos. Uma Aes Sedai podia gostar de dançar, como qualquer mulher. Moiraine recebeu muitos convites de nobres cairhienianos de duas dúzias de Casas e um número igual de mercadores ricos o bastante para igualar-se à nobreza. Só os planos do Conselho em relação a ela poderiam ter atraído tantos cairhienianos poderosos à cidade ao mesmo tempo. Lançou os envelopes ao fogo, sem responder. Esta era uma jogada perigosa no Da'es Daemar, e não sabia como seria interpretada, mas Moiraine não estava jogando o Jogo das Casas. Escondia-se, simplesmente. Era algo surpreendente: seus primeiros

vestidos foram entregues no primeiro dia da festa. Ou Tamore estava ansiosa para receber a propina, ou, mais provavelmente, imaginara que precisaria dos vestidos de gala para aqueles dias. A modista veio com duas de suas assistentes para ver se seria necessário algum ajuste, mas não foi necessário. Tamore era perita em sua profissão. Contudo, Moiraine não se enganara. De seus seis vestidos, o mais escuro era de um tom pouco mais forte que azul-celeste, e só dois eram bordados, o que significava que quase todos os outros seriam. Teria de seguir usando um pouco mais os de pano que recebera do Ajah. Pelo menos, todos os trajes de amazona seriam escuros. Nem mesmo Tamore usaria um traje para cavalgar numa cor muito clara. Os vestidos de Siuan, dos quais só um tinha a saia dividida para montar a cavalo, denotavam toda a elegância de Tamore, de forma que pareciam adequados para freqüentar um palácio, embora fossem de pano, mas faziam sobressair o busto e os quadris de forma muito evidente. Siuan fingiu não perceber, e talvez não tivesse percebido mesmo. Realmente não se importava com roupas.

Tampouco Siuan estava fácil de lidar. Voltava dos aposentos de Cetalia com uma expressão que se tornava mais implacável a cada dia. E também a cada dia, ficava mais irritadiça e melindrosa, mas negava-se a falar do problema e até respondeu rudemente quando Moiraine insistiu em perguntar-lhe. Isso era preocupante; podia contar nos dedos de uma mão as vezes que Siuan se aborrecera com ela em seis anos. No dia em que Tamore entregou os vestidos, porém, Siuan reuniu-se a ela para tomar chá em seus aposentos antes de descer para a ceia, e em lugar de pegar uma xícara, deixou-se cair pesadamente em uma cadeira com folhas esculpidas e cruzou os braços, num gesto furioso. Sua expressão deixara de ser impassível e seus olhos lançavam chispas.

- Essa maldita barracuda de mulher vai acabar comigo. – grunhiu. Aquela meia semana havia desfeito cada fibra do duro trabalho das irmãs para refinar sua linguagem. – Tripas de tubarão! E ainda espera que eu salte para obedecê-la, feito salmão na época da desova. Nunca fui tão expedita quando era uma... – soltou um grunhido estrangulado e seus olhos arregalaram-se quando o Primeiro Juramento não a deixou pronunciar a inverdade. Moiraine serviu-lhe apressadamente uma xícara de chá, mas passaram-se alguns minutos antes que Siuan pudesse beber. Seus pensamentos deveriam estar descontrolados para chegar àquele extremo. – Certo, quando Aceita não. - ofegou quando foi capaz de falar novamente. – É sempre a mesma coisa, desde o instante em que chego: “Encontre isso, Siuan!”, “Faça aquilo, Siuan!” e “Você ainda não acabou, Siuan?”. Cetalia estala os dedos e que me fisguem se não saio correndo para

obedecer!

- As coisas são assim. – disse judiciosamente Moiraine. A situação poderia ficar muito pior, mas pelo visto Siuan não compartilhava de sua opinião naquele momento, e Moiraine não queria discutir. – Isto não durará para sempre, e só há um punhado de irmãs acima de nós.

- Para você é fácil falar. - resmungou Siuan. – Você não tem a maldita Cetalia estalando os dedos para apressa-la.

Era verdade, mas não significava que sua vida fosse mais fácil. As novas lições deixavam-lhe pouco tempo livre, mas tivera esperanças de que a tarefa de distribuir as recompensas permitir-lhe-ia visitar os acampamentos que ainda restavam. Pelo contrário, de duas a três horas a cada manhã, sentava-se em um pequeno quarto sem janelas no oitavo andar da Torre, no qual só cabiam a escrivaninha e duas cadeiras de espaldar reto. Nos quatro cantos havia castiçais de pé com espelhos de latão, que davam uma boa luz. Se não fosse por eles, o aposento seria escuro em pleno meio-dia. Normalmente era um escrevente quem trabalhava lá, mas quem quer que fosse ele ou ela, não deixara impressão alguma no quartinho. Sobre a escrivaninha só havia um tinteiro, uma bandeja com penas, um pote de areia e um vidro pequeno com álcool para limpar as penas; as paredes de pedra clara estavam nuas.

O aposento anterior, consideravelmente maior, estava abarrotado com fileiras de escrivaninhas altas e estreitas, e bancos altos; mas logo que Moiraine chegava, os escreventes formavam uma fila que começava em seu gabinete e quase dava a volta à sala maior, e iam-lhe entregando listas de mulheres que haviam recebido a recompensa, assim como relatórios dos arranjos feitos para entregar o dinheiro às que haviam partido. A quantidade de tais relatórios era assustadora. Mal restavam acampamentos agora, os últimos desfaziam-se como geada ao nascer do sol. Nenhum dos escreventes usava a outra cadeira, permanecendo todos em pé, respeitosamente, enquanto ela lia cada página e firmava-a, então faziam uma reverência ou inclinavam a cabeça e afastavam-se para dar lugar ao seguinte, tudo sem pronunciar uma palavra. Sem muito tardar, pensava Moiraine, seria possível morrer de tédio.

Tentou fazer com que organizassem a distribuição mais depressa – com os vastos recursos da Torre, poderia ter feito aquilo em uma semana, já que contavam com uma centena ou mais de escreventes – mas o pessoal da administração trabalhava

em seu próprio ritmo. Até teve a impressão de que as coisas marchavam ainda mais devagar, depois que sugeriu apressarem a tarefa. Cogitou suplicar a Tamra que a livrasse do encargo, mas para que fazer um esforço inútil? Que jeito melhor de manterem-na presa em Tar Valon até que as manobras do Conselho dessem frutos? Tédio e frustração. Ainda assim, tinha seu plano. Pensar nisso consolava-a um pouco. Lentamente, uma decisão firmou-se em seu interior. Se o pior acontecesse, fugiria, fosse qual fosse o castigo por tal infração. Qualquer castigo estaria no futuro, e cedo ou tarde teria fim; o Trono do Sol seria uma sentença perpétua.

No dia seguinte à Festa das Luzes, Ellid foi chamada para submeter-se à prova, ainda que Moiraine só viesse a saber disso depois. A linda Aceita que desejava ser uma Verde não saiu do ter'angreal. Não houve comunicação alguma; a Torre Branca jamais proclamava seus fracassos, e a morte de uma mulher no teste era o pior fracasso de todos. Ellid simplesmente desapareceu e suas coisas foram retiradas. Entretanto, foi um dia difícil, e Moiraine colocou fitas brancas nos cabelos e amarrou um lenço com rendas em cada braço, de forma a pender-lhe sobre as mãos. Nunca fôra grande amiga de Ellid, mas ela merecia seu pesar.

Nem todas as irmãs poderosas o suficiente para ordenar-lhes fazer algo demonstraram vontade de fazê-lo. Elaida evitava-as, ou pelo menos não as avistaram mais até saber que partira novamente para Andor. Porém, saberem que havia ido embora foi um alívio. Seu poder era tão grande quanto o delas seria com o tempo, e poderia ter-lhes dificultado a vida quase tanto quanto fizera quando eram noviças e Aceitas. Ou talvez mais. As tarefas insignificantes que noviças e Aceitas davam por certas teriam sido um castigo para elas como Aes Sedai.

Lelaine, tão poderosa quanto Elaida, e Conselheira ainda por cima, convidou-as a tomar chá várias vezes, para aliviar a tensão das primeiras semanas, explicou. Siuan dava-se muito bem com Lelaine, mas Moiraine sentia-se nervosa em sua presença, por causa de seu olhar penetrante. Dava a impressão de que Lelaine sabia mais de alguém do que este deixava transparecer, de que ninguém tinha segredos para ela. Mas Siuan tampouco parecia entender sua simpatia por Anaiya. Não era por causa da Cura. Anaiya era afetuosa e franca, e conseguia dar-lhe a sensação de que tudo acabaria bem, afinal. Quase todas as palestras com Anaiya eram reconfortantes. Moiraine acreditava que com o tempo, poderia ser tão boa amiga quanto Leane, ainda que não tanto quanto Siuan.

A amizade de Leane foi retomada no mesmo ponto em que a haviam deixado, tanto com Siuan quanto com ela, e trouxe consigo Adine Canvado, uma mulher de corpo cheio, olhos azuis e cabelos negros que não demonstrava a menor nesga de orgulho, apesar de ser andoriana. Não era muito forte no Poder, é verdade. Realmente, conferir aquilo estava se tornando automático. Reataram relações com irmãos de outros Ajahs que haviam sido Aceitas com elas, e descobriram que em alguns casos a amizade revivia após uma breve troca de palavras, e em outros, transformara-se em mera simpatia, enquanto o abismo entre Aes Sedai e Aceitas tornara-se uma tradição muito forte para acabar agora que usavam o xale. Mas era o suficiente. As amigas levavam a outras, inclusive as que não conheciam.

Mas, apesar das amigas, os dias decorriam com uma lentidão glacial. Meilyn partiu finalmente, seguida por Kerene, e depois Aisha, Ludice e Valera, mas o alívio de Moiraine porque a procura finalmente começara era empanado pela frustração de ter ficado de fora. Siuan começou a interessar-se por seu trabalho, a ponto de suas reclamações parecerem ter-se tornado mais um hábito que qualquer outra coisa. Ia aos aposentos de Cetalia mais cedo do que lhe era exigido e seguidamente deixava-se ficar até o segundo ou terceiro turno do refeitório. Moiraine não tinha essa distração. Continuava tendo pesadelos com um bebê na neve e um homem sem rosto, e com o Trono do Sol, ainda que não tão freqüentemente, com exceção do último, tão persistente como sempre. Retirou quase todos os crochês e rendas de seus aposentos, para o que bastou uma visita a um fabricante de almofadas e uma curta espera para que se fizessem as mudanças, de duas a duas ou três a três. Não retirou todas por causa da evidente desilusão demonstrada em silêncio por Anaiya ao ver que desapareciam, e assim a cama continuava sendo um oceano de rendas brancas que provocava risadas divertidas em Siuan. Mas como passava mais tempo nas outras peças, pouco importava a cama. Depois de vários esforços, conseguiu assar um empadão sem queima-lo, mas Aeldra provou o primeiro bocado e ficou verde. Siuan fez um pastelão de peixe, que a irmã de cabelos grisalhos declarou saboroso, mas antes de decorrida uma hora, teve de ir correndo ao reservado e pediu a Cura. Ninguém as acusou de fazer aquilo deliberadamente, o que era verdade, mas Anaiya e Kairen opinaram que fôra um bom castigo à gula.

Apenas uma semana depois de Ellid, no Alto Chasaline, Sheriam submeteu-se ao teste e passou. Tecnicamente, Siuan era a irmã do Azul mais recente por um fio, mas Cetalia negou-se a prescindir de seus serviços, e assim foi Moiraine quem colocou o xale sobre os ombros da saldeaniana de cabelos vermelhos como o



fogo, quando no dia seguinte, escolheu o Ajah Azul, e devolvendo-lhe o sorriso radiante, escoltou-a ao setor do Azul para as boas-vindas. Lá, Siuan deu um jeitinho de escapar por alguns instantes, para dar-lhe o sexto beijo. Sheriam era uma excelente cozinheira e adorava fazer tortas.

Em Cairhien era o Dia da Reflexão, mas Moiraine não conseguiu meditar muito sobre seus pecados e faltas. Siuan e ela haviam recuperado uma amiga que temiam perder. Siuan chegou até a sugerir que incluíssem Sheriam em sua busca, e Moiraine levou horas até convence-la do contrário. Não que temesse que Sheriam as denunciasse a Tamra, mas sua amiga fôra uma das maiores novideiras dos alojamentos das Aceitas. Nunca revelava os segredos que prometia guardar, mas nunca resistia à tentação de soltar indiretas sobre um segredo saboroso, insinuações de que sabia um segredo, como Siuan deveria saber muito bem. Não era necessário senão dizer que existia um segredo para que alguém se propusesse a descobri-lo; era inevitável. Às vezes Siuan ignorava o que era precaução. Às vezes? Não, nunca.

As irmãs começaram a comentar acerca de um renascimento da Torre, com tantas moças superando com êxito o teste para o xale em tão pouco tempo, e havia outras duas que talvez o fizessem em breve. Como ditava o costume, ninguém falava em Ellid, mas Moiraine pensava muito nela. Uma jovem morta e três elevadas ao xale no espaço de duas semanas, mas a única noviça que enfrentara o teste para Aceita falhara e fôra mandada para casa, e não se inscrevera nenhum novo nome no livro de noviças, enquanto mais de vinte haviam sido mandadas embora por ser fracas demais para alcançar o xale. Neste ritmo, os aposentos vazios continuariam assim por mais alguns séculos. Até que todos ficassem desertos. Siuan tentava anima-la, mas como poderia sentir-se alegre quando a Torre Branca parecia destinada a transformar-se num monumento funerário?

Três dias depois, Moiraine desejou ter passado devidamente o Dia da Reflexão. Embora não fosse supersticiosa, diziam que deixar de fazer isso atraía a má sorte sobre alguém querido. Estava no segundo turno do desjejum e comia depressa o mingau de aveia, pensando, irritada, no trabalho tedioso que a esperava, quando Ryma Galfrey entrou no refeitório. Esbelta e elegante em seu vestido verde-claro com bordados amarelos, não era uma daquelas a quem Moiraine devia acatamento, mas possuía um porte de rainha, acentuado pelo toucado de rubis que adornava sua cabeça como uma coroa e o ar altivo das irmãs do Ajah Amarelo. Surpreendentemente, teceu Ar e Fogo para fazer com que sua voz

fosse ouvida claramente por todo o salão.

- Durante a noite, Tamra Oспенya, a Vigia dos Selos, a Chama de Tar Valon, a Amyrlin Sé, morreu enquanto dormia. Que a Luz ilumine sua alma. – sua voz soava absolutamente serena, como se anunciasse que naquele dia choveria, e só esperou o tempo exato de percorrer o salão com o olhar a fim de assegurar-se que todas haviam assimilado suas palavras antes de retirar-se.

Um murmúrio ergueu-se imediatamente das outras mesas, mas Moiraine permaneceu paralisada. As Aes Sedai morriam prematuramente, tanto quanto as outras pessoas, e as irmãs não se debilitavam com a idade – a morte chegava enquanto se gozava de uma saúde aparentemente perfeita – mas aquilo era tão inesperado que tinha o efeito de um golpe. “Que a luz ilumine a alma de Tamra”, murmurou para si. Que a luz iluminasse sua alma. Claro que o faria. Que iria acontecer agora com a busca ao menino? Nada, obviamente. As rastreadoras escolhidas por Tamra conheciam seu trabalho; informariam a nova Amyrlin de sua tarefa. Talvez a nova Amyrlin a liberasse de seu trabalho se conseguisse falar com ela antes que a Câmara do Conselho a informasse de seus planos.

Um sentimento de vergonha e nojo tomou conta dela; subitamente, afastou a tigela, inapetente. Uma mulher que admirara com todo o seu coração morrera e sua primeira idéia era tirar vantagem disso! Realmente, o Da’es Daemar tinha-se enraizado nela até a medula, e talvez toda a perversidade dos Damodred.

Esteve prestes a pedir uma penitência a Merean, mas a Mestra das Noviças poderia prescrever-lhe algo que a retivesse mais tempo em Tar Valon. Pensar naquilo incrementou seu sentimento de culpa, de modo que ela mesma impôs-se a penitência. Só um de seus vestidos tinha a cor que era quase o branco do luto, um azul tão pálido que parecia branco com um matiz azulado, e envergou-o para o funeral de Tamra. Tamore fizera um rico bordado no corpete e mangas, numa mescla de azuis, e o conjunto parecia bastante inocente. Até que o experimentou. Então, pareceu-lhe tão desavergonhado como os que a modista costumava usar. Não. Não apenas parecia. Era. Quase começou a chorar depois de ver-se vestida.

Siuan pestanejou ao vê-la no corredor onde estavam seus aposentos.

- Tem certeza de que você quer usar isto? – sua voz soava estrangulada. Usava fitas brancas no cabelo, e outras mais largas nos braços. Todas as irmãs que passavam junto delas exibiam variações da mesma indumentária. As Aes Sedai

nunca usavam luto fechado, exceto as Brancas, que consideravam aquela a sua cor.

- Às vezes é necessária uma penitência. – respondeu Moiraine, colocando o xale à altura dos cotovelos propositalmente, e Siuan não perguntou mais nada. Havia perguntas que podiam ser feitas, e outras não. Era o costume. E também a amizade. Ataviadas com o xale, todas as irmãs presentes na Torre reuniram-se em uma clareira em meio ao arvoredo dos jardins da Torre; envolto em uma simples mortalha azul, o cadáver de Tamra jazia sobre o féretro. O ar matinal estava gelado – Moiraine podia notar, apesar de não sentir frio – e até os carvalhos estavam despidos de folhas sob o céu cinzento; os grossos ramos retorcidos criavam um ambiente adequando para um funeral. O vestido de Moiraine valeu-lhe mais de um olhar enviesado, mas os gestos de reprovação de suas irmãs faziam parte da penitência. O mais difícil de suportar era a Mortificação do Espírito. Coisa estranha, todas as Brancas usavam fitas negras, mas devia de tratar-se de algum costume de seu Ajah, já que não suscitou expressões carrancudas ou olhares intensos das outras irmãs. Deviam ter visto aquilo antes. Qualquer uma que desejasse poderia erguer uma prece ou fazer um breve discurso, e a maioria o fez. Das Vermelhas, só falaram as Conselheiras, e foram muito sucintas, mas talvez isso também fosse um costume.

Moiraine forçou-se a avançar até o féretro com o xale frouxo, deixando bem à mostra o vestido, consciente de que seria o centro das atenções. O mais difícil de suportar.

- Que a Luz ilumine a alma de Tamra tão radiantemente quanto ela merecia, e que fique nas mãos do Criador até seu renascimento. Que a Luz lhe reserve um renascimento esplendoroso. Não me recorde de ter admirado nenhuma mulher tanto quanto a ela. Ainda a admiro e honro. Sempre hei de fazê-lo.

As lágrimas subiram-lhe aos olhos, e não pela humilhação que a atormentava como espinhos cravados na alma. Não chegara a realmente a conhecer Tamra – noviças e Aceitas não conheciam realmente as irmãs, e muito menos a Amyrlin – mas oh, Luz, como sentiria sua falta! Cumprindo o desejo de Tamra, fluxos de Fogo incineraram seu corpo e as irmãs pertencentes ao Ajah do qual saíra, e ao qual voltava após sua morte, ocuparam-se de espalhar suas cinzas nos jardins da Torre Branca. Moiraine não era a única que chorava. A serenidade de uma Aes Sedai não podia protegê-la de tudo.

Moiraine usou aquele vestido vergonhoso pelo resto do dia e ao anoitecer,

queimou-o. Nunca mais poderia olhar para ele sem que as lembranças daquele dia a atormentassem.

Até que uma nova Amyrlin fosse nomeada, a Câmara do Conselho governava a Torre, mas a lei impunha restrições cada vez mais estritas para que não houvesse procrastinação. Assim, no final da tarde seguinte ao funeral de Tamra, Sierin Vayu, do Ajah Cinzento, foi anunciada. Tradicionalmente, uma Amyrlin concedia indulgências e o perdão de penitências no dia em que assumia o Bastão e a Estola, mas Sierin não fez nada disso, e no prazo de meia semana já despedira – sem referências – até o último escrevente homem da Torre, supostamente por flertar com as noviças e Aceitas, ou por “olhares e sorrisos inconvenientes”, o que podia significar qualquer coisa. Até homens velhos o bastante para ser bisavôs foram postos na rua, assim como homens que não apreciavam mulheres, em absoluto. Contudo, ninguém protestou; ninguém se atrevia, sobretudo se pudesse chegar aos ouvidos de Sierin.

Três irmãs foram exiladas de Tar Valon pelo prazo de um ano, e Moiraine foi obrigada a ir, junto com todas as outras, ao Pátio dos Traidores para presenciar como uma Aes Sedai era despida e amarrada com os membros estendidos ao triângulo para ser açoitada até gritar. Uma salvaguarda, que formava uma cúpula cinzenta sobre o pátio lajeado, retinha os gritos da infeliz, até que parecessem penetrar nos ouvidos de Moiraine, abafando todo o pensamento e até o fôlego. Pela primeira vez em uma semana, perdeu a concentração e tremeu de frio, e não apenas de frio. Receou que aqueles gritos agudos ressoassem em seus ouvidos durante muito tempo, adormecida ou desperta. Siuan presenciou o castigo e ouviu os gritos com absoluta calma.

Uma nova Amyrlin escolhia ela própria sua Guardiã das Crônicas, e também poderia escolher uma nova Mestra das Noviças, se quisesse. Sierin fizera ambas as coisas. E, estranho, Amira, a robusta mulher cujas tranças rematadas com contas sacudiam-se enquanto manejava a vara à vontade, era uma Vermelha, assim como a nova Guardiã, Duhara. Não havia lei ou tradição que exigissem que a Guardiã das Crônicas e a Mestra das Noviças pertencessem ao mesmo Ajah do qual saíra a Amyrlin, mas isso era tão comum que se dava por certo. Claro que também se murmurava quão surpreendente fôra Sierin ter escolhido o Ajah Cinzento em lugar do Vermelho. Moiraine não acreditava que qualquer das rastreadoras de Tamra falasse a Sierin sobre a busca ao menino.

No dia seguinte ao segundo açoitamento, Moiraine apresentou-se na ante-sala do gabinete da Amyrlin, onde Duhara estava sentada, mais tesa que uma vara, atrás

de sua escrivadinha, com a estola vermelha de um palmo de largura à volta do pescoço. O vestido escuro da mulher era tão profusamente bordado de escarlata que parecia ser daquela cor. Duhara era uma esbelta e linda domani, um palmo e meio mais alta que Moiraine, mas em seus lábios cheios havia uma insinuação de perversidade, e seus olhos não deixavam de buscar faltas. Moiraine lembrou-se que, sem a estola de Guardiã, Duhara teria de acudir a obedecer-lhe a um estalar de dedos, se ela quisesse. Ia falar, quando a porta do gabinete da Amyrlin abriu-se de golpe e Sierin saiu a passo vivo, com um papel nas mãos.

- Duhara, preciso que você... Ora, o que você quer?

As últimas palavras eram dirigidas a Moiraine; e aos gritos. Moiraine apressou-se em fazer uma reverência tão profunda como se fosse uma noviça e beijou o anel da Grande Serpente que a Amyrlin trazia na mão direita antes de levantar-se. Aquele anel era a única jóia que Sierin usava. A estola de sete cores tinha a metade da largura da de Duhara, e o vestido cinzento era de corte austero. Bastante rechonchuda, seu rosto redondo parecia feito para a jovialidade, mas mostrava uma expressão de implacável severidade, como se esculpido em pedra. Por sua altura, Moiraine quase podia olhá-la diretamente nos olhos. Uns olhos duros.

A boca de Moiraine ficou seca e lutou para não tremer de frio, que subitamente pareceu-lhe mais rigoroso que o de pleno inverno, mas recorreu a alguns exercícios mentais para recobrar a compostura. Soubera muitas coisas sobre Sierin pelos rumores que corriam acerca da nova Amyrlin, e algo calou-lhe fundo naquele momento, como o fio de um punhal. Para Sierin, sua própria visão da lei era a lei em si, sem que pudesse haver um traço de piedade nela... ou na Amyrlin.

- Madre, imploro para ser dispensada de meus deveres concernentes à recompensa. – graças à Luz, sua voz soava firme. – Os amanuenses estão fazendo o trabalho tão rápido quanto podem, mas mantê-los esperando na fila todos os dias, para que uma irmã aprove o que fazem, lhes toma um tempo que poderiam empregar melhor em outra coisa.

Sierin franziu os lábios como se tivesse mordido um fruto azedo.

- Eu poria fim a toda essa estupidez de recompensa, se isto não fosse indispor as pessoas com a Torre. Um absurdo desperdício de dinheiro. Está bem, que as

amanuenses entreguem os papéis a outra para que os firme. Uma Marrom, talvez. Elas gostam deste tipo de coisas. – Moiraine sentiu-se mais animada, mas então a Amyrlin acrescentou: - Você ficará em Tar Valon, é claro. Como sabe, em breve precisaremos de você.

- Às suas ordens, Madre. – respondeu Moiraine, cujo coração caíra-lhe aos pés, depois de quase ter saído pela boca. Depois de fazer outra profunda reverência, voltou a beijar a anel da Amyrlin. Com uma mulher como Sierin, era melhor não correr riscos.

Siuan esperava-a em seus aposentos quanto retornou. Sua amiga inclinou-se para a frente, expectante, com a expressão interrogativa.

- Estou dispensada quanto à recompensa, mas recebi ordens de permanecer em Tar Valon. “Como você sabe, precisaremos de você em breve”. – arremedou a voz de Sierin, mas com um traço de amargura.

- Tripas de cação! – exclamou Siuan, atirando-se para trás. – O que você vai fazer agora?

- Vou andar a cavalo. Você já sabe onde irei e em que ordem.

Siuan ficou sem fôlego.

- Que a Luz esteja com você. – disse ao cabo de um momento.

Esperar não fazia sentido, e Moiraine envergou um traje de amazona; Siuan ajudou-a, para acabar mais depressa. Era de uma adequada cor azul-escura, com alguns bordados de trepadeiras prateadas subindo pelas mangas para enroscar-se na gola alta. Todas as suas roupas escuras eram bordadas, mas começara a achar que um pouco de adorno não lhe caía mal. Deixou o xale dobrado no armário, tirou uma capa forrada com peles de raposa negra e guardou o pente e a escova de cabelo em um dos bolsos internos que a costureira colocara na capa, e a caixinha de costura no outro. Finalmente, apanhou as luvas de montaria, abraçou Siuan e saiu rapidamente. Uma despedida mais demorada custar-lhe-ia muitas lágrimas e não podia correr esse risco.

Algumas irmãs com quem se encontrou no corredor fitaram-na ao passar por elas, mas a maioria parecia ocupada com seus próprios assuntos, ainda que Kairen e Sheriam comentassem que era um dia frio demais para andar a cavalo.

Só Eadyth disselhe algo mais; deteve-a, erguendo um pouco as mãos, e olhou-a de um jeito que lhe recordou Lelaine.

- Fazendas e aldeias destruídas não são uma boa perspectiva de passeio, eu acho.  
– murmurou a Conselheira de cabelos brancos.

- Sierin ordenou-me permanecer em Tar Valon, e creio que tomaria como desobediência cruzar uma das pontes. – respondeu Moiraine, com uma máscara de perfeita serenidade.

A boca de Eadyth apertou-se por um instante, tão fugazmente que poderia ter sido imaginação de Moiraine. Obviamente, com sua resposta, adivinhara que a Amyrlin havia revelado seus planos, e não achara graça nenhuma.

- A Amyrlin pode ser implacável com quem contrariar minimamente seus desejos, Moiraine.

Moiraine sorriu. Luz, a mulher dera-lhe uma oportunidade para responder sinceramente. Bem, quase sinceramente. Uma resposta típica de uma Aes Sedai.

- Em todo o caso, não cruzarei nenhuma ponte. Não quero que me açoitem.

Nos estábulos, fez com que selassem Flecha; sem alforjes. Não seriam necessários para cavalgar pela cidade, e o que quer que Eadyth dissesse, a Conselheira poderia mandar alguém para descobrir como sair. Se estivesse em seu lugar, Moiraine agiria assim. Se tivesse sorte, ninguém desconfiaria de nada até o anoitecer.

Sua primeira parada foi no banco da senhora Dormaile, onde a banqueira já preparara várias cartas de crédito de diferentes valores, assim como quatro bolsas de couro contendo, no total, duzentas coroas de ouro e prata. O dinheiro a manteria durante certo tempo. As cartas de crédito eram para quando o dinheiro acabasse, e para alguma emergência. Os informantes da Torre estariam procurando-a, e por mais discretos que fossem os banqueiros, a Torre geralmente descobria o que queria saber. A senhora Dormaile não fez perguntas, claro, mas ao saber que Moiraine partia sozinha, ofereceu-lhe quatro de seus lacaios como escolta, e Moiraine aceitou. Não tinha medo de assaltantes, que eram poucos nos arredores de Tar Valon, e fáceis de livrar-se; mas se alguém tivesse a idéia de rouba-la, era melhor que uma escolta lidasse com aquilo do que usar o Poder. Isso chamaria atenção. As mulheres abastadas geralmente andavam

acompanhadas de uma escolta, mesmo em Tar Valon.

Os homens que amarraram a caixa à sela de Flecha enquanto ela se despedia da senhora Dormaile talvez fossem lacaios; mas, ainda que vestissem simples jaquetas cinzentas, eram sujeitos musculosos, e pareciam habituados às espadas que levavam à cinta. Sem dúvida eram os “lacaios” que haviam subjugado mestre Gorthanes, ou qualquer que fosse seu verdadeiro nome; eles ou outros iguais a eles. Os bancos sempre tinham guardas, ainda que não os chamassem assim.

No atelier de Tamore, enviou dois dos homens com dinheiro para comprar-lhe um baú de viagem e contratar um par de carregadores. Depois, mudou de roupa, envergando outro de seus trajes de amazona que a assinalavam como uma nobre menor cairhieniana. Três dos cinco vestidos eram bordados, mas muito discretamente, e Moiraine não protestou. De qualquer forma, já era tarde demais para criar caso. Assim como a senhora Dormaile, Tamore não lhe fez perguntas; as pessoas podiam submeter-se a uma modista, mas ao fim e ao cabo, ela era apenas isto, uma modista. E também as modistas deviam ser discretas, ou não permaneceriam muito tempo no negócio. Antes de partir, Moiraine guardou seu anel da Grande Serpente na escarcela. Sentia a mão nua sem ele, e o dedo parecia ansiar pelo contato do anel de ouro, mas havia muita gente que saberia o que significava. Por hora, tinha de escondê-lo.

Com seu pequeno séqüito, dirigiu-se para o norte, fazendo pequenas paradas nas quais ia enchendo o baú – carregado sobre varais apoiados nos ombros dos carregadores – com coisas que não pudera trazer da Torre para não provocar suspeitas. Finalmente, chegaram ao Porto do Norte, onde as muralhas da cidade curvavam-se para fora e penetravam no rio, formando um círculo de quilômetro e meio de diâmetro, aberto apenas na entrada do porto. Os ancoradouros beiravam a parte interna desse grande anel e neles estavam atracados navios fluviais de todos os tamanhos. Depois de uma conversa com a responsável pelo ancoradouro, uma mulher angulosa e de cabelos grisalhos que parecia assoberbada de trabalho, dirigiu-se ao Azulão, uma embarcação de dois mastros. O Azulão não era o maior barco atracado no porto, mas zarparia antes de uma hora.

Sem demora, Flecha estava a bordo, atada no convés; haviam-lhe posto correias largas sob a barriga e içado. Moiraine pagou os carregadores e dispensou os lacaios, depois de agradecer-lhes e dar um marco de prata a cada um. Seu baú foi



colocado na pequena cabina; mas como passaria na cabina mais tempo até do que desejava, permaneceu no convés e acariciou o focinho de Flecha enquanto a tripulação levantava âncora e desatracava o navio. Os longos remos moveram-se para que o Azulão manobrasse através do porto, como um imenso animal aquático. Por isso, Moiraine viu como a responsável pelo porto apontava o Azulão enquanto falava com um homem; este envolvia-se numa capa escura, sem deixar de olhar para o barco. Abraçou imediatamente o Saidar e tudo ficou nítido a seus olhos. Não tanto como com um óculo, mas pôde distinguir o rosto do homem que observava ansiosamente sob o capuz. A senhora Dormaile descrevera-o bem. Não era bonito, mas bastante atraente, apesar da cicatriz no canto do olho esquerdo. E era alto para um cairhieniano, tinha quase um metro e oitenta. Mas como a encontrara, e por que a perseguia? Não lhe ocorria nenhuma resposta agradável a nenhuma destas questões, especialmente a segunda. Se alguém quisesse frustrar o plano do Conselho, se quisesse no Trono do Sol outra Casa que não fossem os Damodred, a forma mais simples de lograr seu propósito seria matar a candidata do Conselho. Moiraine memorizou o rosto do homem e soltou o Poder. Aparentemente, havia mais uma razão para ser prudente e agir com muito cuidado. O homem sabia em que barco viajava e certamente, todas as escalas previstas entre Tar Valon e as Fronteiras. Aquele lhe parecera o melhor lugar para começar a busca, longe de Cairhien e fácil de chegar pelo rio.

- O Azulão é um barco ligeiro, capitão Carney? – indagou.

O capitão, um homem musculoso e bronzeado, que engomava o fino bigode com as pontas erguidas, deixou de gritar ordens e esboçou sorriso respeitoso. Agradara-lhe muito receber o ouro de uma nobre em troca da passagem.

- O mais veloz do rio, sem dúvida, milady. – respondeu, e voltou a gritar com a tripulação. Já tinha consigo metade do ouro e só precisava mostrar-se bastante cortês para receber o resto.

Qualquer capitão diria o mesmo de seu navio; mas, quando o vento inchou as velas triangulares, o Azulão pareceu alçar-se sobre as águas como seu homônimo do reino animal, o ágil azulão, e saiu pela abertura do porto quase voando.

Naquele momento, Moiraine incorreu em desobediência à Amyrlin. Bem, Sierin consideraria que a desobedecera no momento em que saíra da Torre, mas a intenção não era o fato consumado. Qualquer que fosse o castigo que Sierin lhe

impusesse, certamente combinaria Trabalhos Domésticos, Privação, Mortificação do Espírito e Mortificação da Carne. E como se isso já não bastasse, talvez houvesse um assassino nos seus calcanhares. Seus joelhos deviam estar tremendo, por medo de Sierin, senão de mestre Gorthanes; mas, à medida que Tar Valon e a Torre diminuía à distância, a única coisa que sentiu foi uma sensação transbordante de liberdade e excitação. Agora já não podiam senta-la no Trono do Sol. Quando a Câmara do Conselho a encontrasse, outra pessoa já o teria ocupado. E partira em busca do menino. Embarcara na aventura mais grandiosa que uma Aes Sedai já vivera.

**Em Canluum**

O ar de Kandor tinha o frescor da Primavera que se iniciava quando Lan retornou às terras onde sempre soubera que morreria. Enquanto nas terras ao sul a Primavera já tivesse começado há tempos, no Norte as árvores recém mostravam os primeiros brotos verdes e poucas florinhas silvestres salpicavam a relva queimada pelo Inverno nos locais onde não havia sombras persistentes que conservassem vestígios de neve, mas o sol fraco mal aquecia, comparado ao do sul. Algumas nuvens cinzentas ameaçavam com mais chuva e soprava um vento frio e cortante, que penetrava em sua jaqueta. Talvez Sul o tivesse amolecido mais do que pensava. Isso seria uma lástima. Estava quase em casa. Quase.

O transitar de uma centena de gerações havia compactado o longo caminho, até deixar a terra tão dura quanto as rochas das montanhas à sua volta, de modo que a poeira mal se erguia apesar do tráfego constante de carros de boi que se encaminhavam aos mercados matinais de fazendeiros em Canluum, enquanto as caravanas de carroças de mercadores, rodeadas de guardas montados e usando elmos e peças de armaduras, dirigiam-se às altas muralhas cinzentas da cidade.

Aqui e lá, distinguiam-se as cores da Guilda de Mercadores Kandoreses cruzando o torso de alguém, ou as campainhas no cabelo de um arafelino, ou um rubi adornando a orelha de um homem ou um broche de pérolas no peito de uma mulher, mas a maioria das roupas dos comerciantes eram de cores apagadas e discretas. Um mercador que ostentasse demais seus ganhos teria dificuldades em

fechar acordos.

Ao contrário, os camponeses luziam sua prosperidade quando iam à cidade. Bordados de cores vistosas adornavam os calções bufantes dos homens, as amplas saias das mulheres e os mantos que ondulavam ao vento. Alguns usavam cintos coloridos ou estreitas golas de peles. Pareciam ter-se vestido para os bailes de festas do já próximo Bel Tine. No entanto, os camponeses olhavam os forasteiros com tanta desconfiança quanto qualquer guarda; olhavam-nos e empunhavam suas lanças ou machadinhas, antes de apressar o passo. O ar era carregado de tensão em Kandor, ou talvez ao longo de toda a Fronteira. No ano anterior, os bandidos haviam proliferado como ervas daninhas e tinham havido mais problemas que os habituais fora da Chaga. Até corriam rumores sobre um homem que canalizava o Poder, mas este era o tipo de boato que se repetia periodicamente.

Lan, que levava pelas rédeas Gato Dançarino até Canluum, prestou tão pouca atenção aos olhares que ele e seu companheiro atraíam quanto à expressão carrancuda e o resmungar contínuo de Bukama. Desta vez, os resmungos deviam-se a um dos cascos de seu cavalo, ferido por uma pedra, que o obrigava a andar a pé.

Obviamente chamavam a atenção; dois homens altos que puxavam seus cavalos pelas rédeas, assim como um animal de carga com um par de velhos cestos de vime, e suas roupas simples estavam gastas e manchadas pela poeira das estradas. Entretanto, seus arreios e armas estavam bem cuidados. Um jovem e um velho, com os cabelos longos até os ombros e contido por uma tira de couro trançado, que lhes cingia a testa. Os hadori atraíam olhares. Principalmente ali, nas Fronteiras, onde as pessoas tinham alguma idéia do que significavam.

- Idiotas! – resmungou Bukama – Será que nos tomam por bandidos? Aham que vamos assalta-los a todos em pleno dia, e na estrada principal?

Lan atirou-lhes um olhar feroz e ajeitou a espada que levava à cinta, de maneira que atraiu os olhares cavilosos de alguns guardas dos mercadores. Um gordo fazendeiro açulou seu boi para afastar sua carroça deles.

Lan guardou silêncio. Os malkieri que ainda usavam o hadori tinham má reputação, embora não por ser bandidos, mas lembrar Bukama disso só faria com que o humor de seu companheiro piorasse por dias. As reclamações enfocaram-

se depois na possibilidade de encontrar uma cama decente onde passar a noite, com uma refeição decente antes. Bukama não esperava muito, e confiava ainda menos que esperava.

Nos planos de Lan não entravam comida ou alojamento, apesar da distância que percorreram. Sua mente continuava focada no norte, mas estava alerta a tudo quanto o rodeava, sobretudo quem olhava em sua direção mais de uma vez, consciente do ruído de armaduras e selas de montaria, dos cascos e do drapejar da coberta de lona de uma carroça, muito frouxa sobre a armação. Qualquer som incomum soaria como um grito para ele. Mantinha-se atento, mas a Chaga estava ao norte. Ainda estava a quilômetros em linha reta, através das montanhas, mas ele podia senti-la, perceber a degeneradora corrupção.

Não era mais que a sua imaginação, mas nem por isso era menos real. Atraía-o enquanto estivera no Sul, em Cairhien e Andor, até em Tear que se achava a quase quinhentas léguas de distância. Dois anos ausente das Fronteiras, abandonando sua guerra pessoal por outra, e a cada dia a atração tornava-se mais forte. Nunca deveria ter permitido que Bukama o convencesse a retardar a volta, nem permitir que o sul o abrandasse. Os Aiel haviam-no ajudado a manter os nervos, o instinto, o jeito; tudo aquilo a que ele se referia como “o fio”.

Para a maioria dos homens, a Chaga era sinônimo de morte. De morte e da Sombra numa terra decomposta, corrompida pelo hálito do Senhor da Escuridão, onde qualquer coisa – a picada de um inseto, a alfinetada de um espinho, o roçar de uma folha – podia matar. Morada de trollocs, Myrdraal e coisas piores. Duas jogadas de cara e coroa haviam resolvido onde começariam novamente. Quatro nações lidavam com a Chaga, mas sua guerra pessoal cobria toda a extensão da Fronteira, desde o Oceano Arício até a Espinha do Mundo. Um lugar onde achar a morte era tão bom quanto outro. Estava quase em casa. Estivera longe por tempo demais.

Um fosso seco rodeava as muralhas de Canluum; tinha cinquenta passos de largura e dez de profundidade, e era cruzado por cinco pontes de pedra com torreões de ambos os lados, tão altos quanto os baluartes que juncavam as próprias muralhas. Às vezes as incursões de trollocs e Myrdraal vindos da Chaga chegavam às cidades de Kandor situadas mais no interior que Canluum, mas nunca um assalto conseguira transpor as muralhas da cidade. Um homem orgulhoso, Lorde Varan, Chefe da Casa Marcasiev; nem mesmo a rainha Ethenielle desfraldava tantos estandartes na própria Chachin.

Os guardas das torres externas, que exibiam a cimeira astada de Varan nos elmos e o Cervo Vermelho nas couraças, esquadrihavam o interior das carroças antes de deixá-las cruzar as pontes, ou às vezes faziam com que alguém tirasse mais o capuz. Só era preciso um gesto; a lei em toda a Fronteira proibia ocultar o rosto no interior de uma aldeia ou cidade, e ninguém queria ser confundido com um Ser de Órbitas Vazias tentando infiltrar-se furtivamente nas cidades. Olhares duros seguiram Lan e Bukama na ponte. Seus rostos eram claramente visíveis. E os hadori. Entretanto, em nenhum daqueles olhares vigilantes houve sinal de reconhecimento. Dois anos representavam muito tempo nas Fronteiras. Em dois anos, muitos homens podiam morrer. Lan percebeu que Bukama calara-se, o que era sempre um mau sinal.

- Calma, Bukama.

- Nunca começo uma luta. – retrucou seu companheiro, mas deixou de brincar com o punho da espada.

Os guardas do interior da muralha, que abriram as portas reforçadas de ferro, e os que estavam na ponte só usavam couraça, mas nem por isso estavam menos atentos, principalmente com um par de malkieri que usava os cabelos presos por um hadori. Bukama apertava mais os lábios a cada passo.

- Al'Lan Mandragoran! Valha-nos a Luz, ouvimos dizer que havia morrido lutando contra os Aiel nas Muralhas Resplandecentes! – a exclamação vinha de um jovem guarda mais alto que os outros, quase tanto quanto Lan. Devia ter um ou dois anos menos que ele, mas a diferença parecia dez. Toda uma vida. O guarda fez uma profunda reverência, com a mão esquerda no joelho. – Tai'shar Malkier! – “Legítima estirpe de Malkier”, significava isso, - Estou pronto, Majestade.

- Não sou rei. – respondeu Lan em voz baixa. Malkier sucumbira. A única coisa que restava era a guerra. Ao menos para ele.

Já Bukama não falou em voz baixa.

- Pronto para o quê, garoto? – Bukama golpeou com a mão espalmada a couraça do guarda, justo sobre o Cervo Vermelho, e o jovem recuou um passo. – Você cortou o cabelo e usa-o solto! Serve a um lorde kandorês! Com que direito afirma ser malkieri?

O rosto do jovem enrubesceu; o garoto parecia não saber o que responder. Outros guardas dirigiram-se a eles, detendo-se quando Lan soltou as rédeas. Não fez nada mais, mas agora sabiam seu nome. Olharam para o garanhão zaino parado atrás dele, imóvel e alerta, quase tão cautelosamente quanto olhavam para Lan. Um corcel de batalha era uma arma formidável, e não sabiam que Gato Dançarino só estava meio adestrado.

Abriu-se uma brecha à sua volta, quando as pessoas que já haviam cruzado a ponte apressaram-se a percorrer alguns metros antes de olhar para trás, enquanto os que continuavam na ponte recuavam. Entre o gentio ergueram-se gritos, aqui e acolá, perguntado porque o trânsito parara. Bukama ignorou tudo isso, mantendo sua atenção no jovem guarda ruborizado. Não soltara as rédeas do cavalo de carga, nem de seu castrado ruão. Isso ainda mantinha a esperança de que pudessem seguir em frente sem que as espadas fossem desembainhadas.

Um oficial saiu da casa da guarda de pedra situada ao outro lado dos portões; trazia o elmo – adornado com o emblema – seguro sob o braço, mas a mão metida no guante apoiava-se no punho da espada. Alin Seroku, um homem grisalho, de aparência rude, com cicatrizes esbranquiçadas na cara, servira na Chaga durante quarenta anos, mas seus olhos abriram-se ligeiramente pela surpresa ao ver Lan. Saltava à vista que também ouvira rumores sobre sua morte.

- Que a Luz o ilumine, Lorde Mandragoran. O filho de el'Leanna e al'Akir, bendita seja sua memória, é sempre bem-vindo. – os olhos de Seroku desviaram-se para Bukama; sua expressão não era de boas-vindas. Plantou firmemente os pés, bem no meio do portão. Cinco cavaleiros teriam podido passar sem problemas por ambos os lados, mas sua atitude fazia-o parecer uma barreira, e era, efetivamente. Nenhum dos guardas se moveu, mas todos tinham as mãos sobre os punhos das espadas. Todos eles, exceto o garoto, que sustentava o olhar feroz de Bukama com outro idêntico. – Lorde Marcasiev nos ordenou que mantivéssemos a ordem a qualquer preço. – continuou Seroku, quase desculpando-se; mas só quase – Há tensão na cidade. Todas estas histórias sobre um homem que canaliza já são ruins por si mesmas, mas houve assassinatos nas ruas durante o último mês, e o que é pior, em plena luz do dia, assim como acidentes estranhos. O povo fala sobre Crias da Escuridão no interior dos muros. Lan assentiu ligeiramente com a cabeça. Devido à proximidade com a Chaga, as pessoas sempre atribuíam às Crias da Escuridão qualquer coisa que parecesse inexplicável, fosse uma morte repentina ou uma má colheita inesperada. No

entanto, não retomou as rédeas de Gato Dançarino.

- Só queremos descansar aqui por alguns dias, antes de seguirmos para o norte. Descansar e tentar recuperar o “fio”.

Por um momento, Seroku pareceu-lhe surpreso. Será que esperava uma promessa de respeitar a paz, ou desculpas pelos modos de Bukama? Fazer qualquer das duas coisas agora envergonharia seu companheiro. Seria uma pena se a guerra acabasse ali. Lan não queria morrer matando kandoreses.

Seu velho amigo apartou o olhar do jovem guarda que tremia de raiva, com os punhos cerrados às costas.

- Sou o único culpado pelo que aconteceu. – disse, sem olhar para ninguém, com a voz inexpressiva. – Não tenho justificativa para o que fiz. Juro pela memória de minha mãe que respeitarei a paz de Lorde Marcasiev. Juro pela memória de minha mãe que não desembainharei a espada dentro de Canluum.

Seroku ficou boquiaberto e Lan mal conseguiu disfarçar a estupefação. O oficial com o rosto marcado por cicatrizes só hesitou um instante antes de afastar-se e fazer-lhes uma reverência, enquanto tocava a espada com uma mão, levando-a depois ao coração.

- Al’Lan Mandragoran Dai Shan sempre é bem-vindo, - disse formalmente – assim como Bukama Marenellin, o herói de Salmarna. Que ambos encontrem a paz, algum dia.

- A paz está no último abraço da Mãe. – respondeu Lan com igual formalidade, tocando no punho da espada e depois no coração.

- Que nos acolha em seu seio algum dia. – finalizou Seroku. Ninguém queria o sossego da tumba, mas nas Fronteiras, era o único lugar onde se encontrava paz. Com o roto pétreo, Bukama retomou o passo, puxando as rédeas de Raio de Sol e do cavalo de bagagens, sem esperar por Lan. Mau sinal; algo não estava bem.

Canluum era uma cidade de pedra e lajes, e as ruas pavimentadas serpenteavam em torno das altas colinas. A invasão Aiel não chegara em nenhum momento às Fronteiras, mas as perturbações da guerra provocavam a diminuição do comércio até nos lugares mais distantes dos campos de batalha, e agora que tanto a luta



quanto o Inverno haviam terminado, gente de todos os países abarrotava a cidade. A despeito de ter a Chaga às portas, a extração de pedras preciosas nas montanhas em redor fazia de Canluum uma cidade próspera. E, por mais estranho que pudesse parecer, nela residiam os melhores relojoeiros do mundo. Os gritos dos vendedores ambulantes e lojistas apregoando suas mercadorias alçavam-se sobre o murmúrio surdo da multidão, mesmo fora das praças dos mercados. Músicos, jograis ou saltimbancos vestidos com roupas vivamente coloridas atuavam em todas as esquinas. Algumas carruagens abriam caminho por entre a aglomeração de gente; havia carretas, carroças e carroções, e cavalos com selas e bridões guarnecidos de ouro e prata transitavam entre a multidão; as vestimentas bordadas de seus cavaleiros eram tão enfeitados quanto os arreios dos animais, além de estar forrados ou debruados com peles de raposa, marta ou arminho. Mal restava um palmo de rua vazio.

Lan viu inclusive Aes Sedai, mulheres de rosto sereno e atemporal. Muitos reconheciam-nas só ao vê-las, e a seu redor formavam-se redemoinhos de gente que se afastava para deixar-lhes passagem livre. Respeito ou precaução, cautela ou temor: não faltavam razões para que até um rei se afastasse de uma irmã. Há tempos atrás, podia-se passar até um ano sem avistar uma Aes Sedai, mesmo nas Fronteiras, mas parecia que as irmãs estavam por toda a parte desde a morte da Amyrlin anterior. Talvez fosse por causa daquelas estórias sobre um homem que canalizava; não o deixariam andar solto por muito tempo, se é que de fato existia.

Lan desviou o olhar delas e caminhou depressa para passar inadvertido. O hadori podia bastar para atrair o interesse de uma irmã que buscasse um Guardião. Supunha-se que perguntavam ao homem antes de vincula-lo, mas ele conhecera vários que tinham o vínculo e em todos os casos, chegara-lhes de surpresa. Quem renunciaria à própria liberdade para trotar atrás de uma Aes Sedai, a menos que tudo não se limitasse a uma simples pergunta?

Incrivelmente, os rostos de muitas mulheres estavam cobertos por véus de renda. Renda fina, transparente o bastante para que se visse que tinham olhos, além de nunca se ter ouvido falar de mulheres Myrdraal, mas Lan jamais imaginara que a lei pudesse ser quebrada por uma simples moda.

O passo seguinte seria retirar as lâmpadas de azeite que havia nas ruas e deixar que a escuridão tomasse conta das noites. Mais incrível que os véus, foi que Bukama olhou para as tais mulheres veladas e sequer abriu a boca. Depois, um

homem de nariz proeminente, chamado Nazar Kurenin, cruzou com Bukama e este nem sequer pestanejou. O jovem guarda certamente nascera depois que a Chaga engolira Malkier, mas Kurenin, que usava o cabelo curto e a barba dividida em duas pontas, tinha o dobro da idade de Lan. Os anos não haviam apagado completamente a marca de seu hadori. Havia muitos como Kurenin, e vê-lo deveria fazer com que Bukama espumasse de raiva. Lan fitou seu amigo com preocupação.

Em seu trajeto em direção ao centro da cidade, iam ascendendo à colina mais alta, o Covil do Cervo. O palácio de Lorde Marcasiev, com aparência de fortaleza, ocupava o cume; os de outros nobres espalhavam-se à volta. Qualquer dessas casas ofereceria uma calorosa acolhida a al'Lan Mandragoran. Talvez até mais cálida do que ele desejava, no momento. Bailes e caçadas com nobres convidados que viriam de longe, alguns até de oitenta quilômetros de distância, ou até desde o outro lado da fronteira de Arafel. Gente ávida de escutar suas “aventuras”. Jovens que queriam unir-se às suas incursões na Chaga, e velhos que comparariam suas experiências com as dele. Mulheres ansiosas por compartilhar o leito de um homem que histórias absurdas afirmavam que a Chaga não poderia matar. Às vezes Kandor e Arafel eram piores que o sul; algumas daquelas mulheres seriam certamente casadas.

E haveria homens como Kurenin, empenhados no esforço de apagar a lembrança de Malkier, e mulheres que já não adornavam a testa com o ki'sain, na promessa de consagrar seus filhos à luta contra a Escuridão até o último alento. Podia fingir que ignorava os falsos sorrisos, enquanto o chamavam de al'Lan Dai Shan, Senhor do Diadema de Guerra e Rei Não Coroado de uma nação traída quando ele ainda estava no berço. Levando em consideração os modos atuais de Bukama, este poderia acabar matando alguém. Ou algo pior, dado o juramento que fizera nos portões. Cumprir-lo-ia à risca, mas era bastante capaz de aleijar um homem para toda a vida apenas com os pés e os punhos.

- Varan Marcasiev há de reternos por uma semana ou mais, para cumprir as regras de cortesia. – comentou Lan, virando a esquina de uma ruela mais estreita, que se afastava encosta abaixo da Toca. – Com o que ouvimos sobre bandidos e o resto, ficará feliz se não o incomodarmos.

Totalmente certo. Conhecera o Chefe da Casa Marcasiev anos atrás, mas recordava o homem de semblante grave, totalmente entregue a seus deveres. Lorde Marcasiev faria os preparativos daqueles bailes e caçadas, mas lamentaria todos e cada um deles.

Bukama seguiu-o sem protestar por perder um leito num palácio ou os banquetes que os cozinheiros preparariam. Era preocupante. Além de recobrar seu fio, teria de afiar também Bukama, caso contrário pouco importava se abrissem as veias naquele momento.

## Ribanceiras



Nas encostas próximas à muralha norte não havia palácios, apenas lojas e tabernas, estalagens, estábulos e pátios de carroças. À volta dos grandes armazéns dos representantes comerciais desenrolava-se uma grande atividade, mas no Bairro das Ribanceiras não chegavam carruagens e poucas eram as ruas largas o bastante para a circulação de carroças. Mesmo assim, estavam tão movimentadas e eram tão ruidosas quanto as avenidas mais largas. Naquele bairro, os artistas de rua usavam roupas mais gastas, mas compensavam com maior ânimo, e compradores e vendedores gritavam como se quisessem ser ouvidos nas ruas mais distantes. Entre a multidão, havia punguistas, corta-bolsas e todo o tipo de ladrões que, depois de acabar sua ronda matinal, dirigiam-se às zonas altas, enquanto outros chegavam para tentar a sorte à tarde. Assombroso seria o contrário, considerando-se o grande número de mercadores que estavam na cidade. Lan guardou a bolsa dentro da camisa na segunda vez que alguns dedos invisíveis roçaram sua jaqueta. Qualquer banqueiro far-lhe-ia um empréstimo por conta da pequena propriedade em Shienar que herdara ao atingir a maioridade, mas perder o ouro que trazia consigo significaria ser obrigado a aceitar a hospitalidade do Covil do Cervo.

Nas três primeiras estalagens que tentaram – prédios quadrados, de pedra, com telhados de hulha e letreiros gritantes à porta – os estalajadeiros não tinham quartos vagos a oferecer. Pequenos comerciantes e guardas dos mercadores

abarrotaavam as pousadas até o sótão. Bukama começou a resmungar sobre arrumar a cama num palheiro, mas não mencionou em momento algum os colchões de plumas e finos lençóis que os esperavam no Covil. Deixando os cavalos entregues aos cavaleiros da quarta pousada, a Rosa Azul, Lan entrou no estabelecimento decidido a encontrar lugar para eles, ainda que levasse o resto do dia.

Lá dentro, uma mulher de cabelos grisalhos, alta e bonita, dirigia o negócio no salão abarrotado, onde as conversas e risadas quase abafavam o canto de uma juvenzinha magra, que se acompanhava com uma cítara. A fumaça dos cachimbos subia às vigas do teto e da cozinha vinha o cheiro de cordeiro assado. Quando a estalajadeira avistou Lan e Bukama, deu um puxão no avental de riscado azul e dirigiu-se a eles com um olhar penetrante em seus olhos escuros.

Antes que Lan tivesse tempo sequer de abrir a boca, agarrou Bukama pelas orelhas, puxou-o para baixo e beijou-o. As kandoresas não costumavam ser pudicas, mas ainda assim aquele foi um beijo notavelmente longo e intenso para ser dado na presença de tanta gente. Nas mesas, ouviram-se risadinhas divertidas e viram-se dedos que apontavam.

- Também estou feliz em ver você, Racelle. – murmurou Bukama, esboçando um sorriso quando a mulher finalmente o soltou. – Eu não sabia que você tinha uma pousada aqui. Será que... – desviou os olhos em vez de sustentar o olhar da mulher, o que revelou-se um erro. O punho da mulher esborrachou-se contra seu queixo com tanta força que o impacto virou-lhe a cabeça e fê-lo perder o equilíbrio.

- Seis anos sem uma palavra! – bradou Racelle. – Seis anos!

Voltou a agarrá-lo pelas orelhas e deu-lhe outro beijo, mais longo ainda desta vez. Ou melhor, tomou-o. O firme e contínuo puxão de orelhas frustrava qualquer outra ação que não fosse continuar inclinado e deixá-la fazer o que quisesse. Pelo menos não lhe cravaria um punhal nas costas enquanto o beijava; ou talvez sim.

- Creio que a Senhora Arovni encontrará um quarto para Bukama em algum lugar. – comentou brevemente uma voz familiar, atrás de Lan – E para você também, claro.

Lan voltou-se e segurou o braço do único homem na sala que, além de Bukama, era tão alto quanto ele: Ryne Venamar, seu mais antigo amigo, além de companheiro de viagem. A estalajadeira ainda mantinha Bukama ocupado, e Ryne conduziu Lan a uma mesinha redonda a um canto. Cinco anos mais velho que ele, Ryne também era malkieri, mas usava o cabelo penteado em duas longas tranças rematadas com guizos; mais guizos de prata ornavam as pontas retorcidas de suas botas e formavam uma longa fileira nas mangas de sua jaqueta amarela. Bukama não desprezava Ryne, exatamente, mas dado seu atual estado de ânimo, só Nazar Kurenin poderia causar um efeito pior.

Enquanto ambos acomodavam-se nos bancos, uma camareira com avental raiado trouxe-lhes vinho temperado. Pelo visto, Ryne pedira-o logo que avistara Lan. Com olhos escuros e lábios polpudos, a garota examinou Lan de cima a baixo sem contemplações, enquanto colocava a caneca diante dele, e depois sussurrou-lhe seu nome, Lira, ao ouvido. A única coisa que Lan queria aquela noite era dormir, de modo que baixou os olhos e murmurou que era uma grande honra. Lira não o deixou terminar. Soltou uma risada escandalosa, abaixou-se e mordeu-lhe a orelha com força.

- Amanhã, - anunciou em voz alta, com um timbre rouco – vou tê-lo honrado tanto, que seus joelhos mal vão sustenta-lo em pé.

Explodiram risadas nas mesas circundantes. Ryne impossibilitou qualquer possibilidade de consertar as coisas ao atirar-lhe uma moeda e dar-lhe um tapa no traseiro para que se retirasse. Lira endereçou-lhe um sorriso que marcou covinhas em seu rosto e guardou a moeda no decote do vestido, mas afastou-se lançando olhares ferventes a Lan, que fizeram com que este suspirasse. Se tivesse a idéia de negar-se, a rapariga era bem capaz de apunhalá-lo pelo insulto.

- Sua sorte com as mulheres não mudou. – o riso de Ryne soou um tanto cortante. Talvez tivesse gostado da servente – Só a Luz sabe que é impossível que elas o achem bonito. Você está ficando mais feio a cada ano que passa. Talvez eu devesse experimentar esse seu jeito modesto e esquivo e deixar que as mulheres me tomem pelo nariz.

Lan abriu a boca, mas em lugar de falar, tomou um trago. Não tinha o dever de explicar, e de qualquer jeito, já era tarde demais para explicar a Ryne. O pai deste trouxera-o de Arafel no ano em que Lan completara dez. Usava apenas uma espada à cintura em lugar de duas às costas, mas tirando isso, era

completamente arafelino, da cabeça aos pés. Lan, educado por Bukama e seus amigos, em Shienar, crescera rodeado por uma pequena comunidade que seguia os costumes malkieri. Se Lira dividisse sua cama naquela noite, como parecia quase certo, descobriria que não tinha nada de tímido ou retraído uma vez se tivessem deitado, mas mesmo assim, era a mulher quem decidia quando entrar numa cama e quando sair dela.

Várias pessoas na sala olhavam para sua mesa, furtivamente ou sobre as bordas das canecas. Uma mulher voluptuosa e de tez acobreada, usando um vestido muito mais grosso que o habitual nas domani, não fazia o menor esforço para dissimular seus olhares enquanto falava animadamente com um sujeito de bigode retorcido, que usava uma grande pérola na orelha. Certamente perguntava se haveria barulho por causa de Lira, e se um homem que usava o hadori era realmente capaz de matar por um dá cá aquela palha.

- Eu não esperava encontrar você em Canluum. – disse Lan colocando a caneca na mesa – Está escoltando a caravana de algum mercador?

Bukama e a estalajadeira haviam desaparecido. Ryne deu de ombros.

- Desde Shol Arbela. O mercador mais afortunado de Arafel, diziam. Diziam. De grande coisa lhe servi! Chegamos ontem, e à noite alguns assaltantes cortaram-lhe o pescoço a duas quadras daqui. Nesta viagem, fiquei sem pagamento. – esboçou um sorriso indolente e tomou um bom gole de vinho, em memória do mercador, ou talvez pelo pagamento perdido. – E que me espetem se eu esperava encontrar você por aqui.

- Você não deveria dar ouvidos a rumores, Ryne. Não sofri nem um ferimento digno de menção, desde que parti para o sul. – se conseguissem um quarto, Lan pretendia segurar Bukama pelos cabelos e perguntar-lhe se já havia pago a hospedagem, e como. Talvez encrespar-se o tirasse de sua apatia.

- Os Aiel. – replicou Ryne, desdenhosamente. – Jamais pensei que pudessem acabar com você. – ele nunca enfrentara os Aiel, óbvio – Imaginei que o encontraria onde quer que estivesse Edeyn Arrel. Neste momento, está em Chachin, pelo que ouvi.

Aquele nome fez com que Lan erguesse bruscamente a cabeça, para fitar o homem diante de si.

- E porque eu deveria estar junto de Lady Arrel? – indagou suavemente. Suavemente, mas enfatizando bem o título da mulher.

- Calma, homem! Não me referia a... – numa demonstração de bom senso, deu uma volta à conversa: - Com os diabos, não me diga que não sabe! Ela desfraldou a Garça Dourada. Em seu nome, é claro. Com a entrada do Ano Novo, partiu de Fal Moran a Maradon e acaba de regressar. – Ryne meneou a cabeça e os guizos em seu cabelo tilintaram suavemente – Deve haver duzentos ou trezentos homens aqui mesmo, em Canluum, dispostos a segui-la. Seguir você, quero dizer. Alguns deles, você nem poderia imaginar. O velho Kurenin chorou quando a ouviu falar. Todos estão prontos a arrancar Malkier das garras da Chaga.

- O que morre na Chaga, morto está. – respondeu Lan, pesaroso. Por dentro, sentia um frio intenso. De repente, a expressão de surpresa de Seroku ao ouvi-lo dizer que se propunha cavalgar para o norte cobrava outro sentido, assim como a afirmação do jovem guarda de que estava pronto. Até os olhares dos ocupantes do salão pareciam diferentes. E Edeyn era parte daquilo. Sempre gostara de estar no olho do furacão. – Tenho de cuidar de meu cavalo. – disse a Ryne, afastando o banco da mesa.

Ryne comentou algo sobre fazer a ronda às tabernas aquela noite, mas Lan mal o ouviu. A passos largos, cruzou a cozinha, onde o calor das estufas de ferro, dos fornos de pedra e dos fogões fazia-se sentir, e saiu ao pátio gelado do estábulo onde se mesclavam os cheiros de cavalos, feno e fumaça de lenha. Uma cotovia cinzenta trinava à beira do telhado do estábulo. As cotovias cinzentas chegavam na primavera, antes mesmo dos pintarroxos. As cotovias cantavam em Fal Moran à primeira vez que Edeyn sussurrara-lhe meigamente ao ouvido.

Os cavalos já estavam no estábulo, e os arreios, as selas e as alabardas estavam sobre as mantas de montar, sobre as portas das baias. A senhora Arovni devia ter avisado aos cavaleiros que Bukama e ele tinham alojamento.

No estábulo escuro só havia uma pessoa, uma jovem cavaleira delgada e de expressão séria, que limpava as baias. Sem deixar de trabalhar, observou em silêncio enquanto Lan inspecionava Gato Dançarino e seus outros cavalos. Continuou a observá-lo quando ele começou a percorrer o pequeno estábulo de um extremo a outro. Lan tentava pensar, mas o nome de Edeyn dava-lhe voltas à cabeça. E também o rosto da mulher, emoldurado por suaves cabelos negros que



lhe chegavam à cintura; um lindo rosto, com grandes e escuros olhos, capazes de submergir a alma de um homem até quando expressavam autoridade.

Pouco depois, a pequena cavalaria murmurou algo em sua direção, levou os dedos aos lábios e depois à testa e saiu rapidamente do estábulo, com o serviço inacabado, sem deixar de observá-lo atentamente sobre o ombro. Deteve-se somente para fechar as portas, coisa que também fez rapidamente, e deixou-o no escuro quebrado apenas pela tênue luz que penetrava através das frestas no telhado de palha. Partículas de pó dançavam nos raios dourados.

Lan amarrou a cara. Metia-lhe tanto medo um homem com o hadori? Havia-lhe parecido ameaçador só por caminhar de um lado a outro do estábulo? Mas logo deu-se conta do movimento de suas mãos ao longo do punho da espada, da expressão em seu rosto. Caminhar? Não. O que estivera fazendo era colocar-se na posição de luta chamada o leopardo na grama alta, utilizada quando se estava acuado por inimigos de todos os lados. Tinha de acalmar-se.

Sentou-se com as pernas cruzadas num monte de palha, assumiu o ko'di e flutuou no vazio imperturbável, feito em um com a palha sob seu corpo, com o estábulo, com a espada metida na bainha. Podia “sentir” os cavalos comendo nas manjedouras, as moscas zumbindo nos cantos. Tudo fazia parte dele. Principalmente a espada. Mas agora, a única coisa que buscava era o vazio, sem emoções. Da bolsa pendente de seu cinturão, tirou um pesado sinete de ouro com o desenho de uma garça voando, e virou-o na mão. Era o anel dos reis malkieri, homens que haviam detido o avanço da Escuridão durante mais de novecentos anos. O desgaste ao longo do tempo obrigara-os a refaze-lo muitas vezes, e em todas elas o anel antigo fôra fundido junto, para que fizesse parte do novo. Ainda podia existir alguma partícula do que haviam usado os governantes de Ramdashar, nação que precedera Malkier, e de Aramaelle, anterior a Ramdashar. Aquele pedaço de metal representava mais de três mil anos de luta contra a Chaga. Pertencia-lhe há quase tantos anos quantos tinha de vida, mas jamais o usara. Geralmente, até olhar para ele era uma carga, uma tarefa penosa que se impunha diariamente. Duvidava que fosse capaz de fazê-lo hoje, se não fosse no vazio. No ko'di, a mente flutuava livremente, e as emoções estavam além da linha do horizonte.

Ainda no berço, recebera quatro legados: o anel que tinha nas mãos, o medalhão que usava ao pescoço, a espada que pendia de sua cintura e um juramento prestado em seu nome. O medalhão, com os retratos do pai e da mãe, dos quais

não se lembrava, era o mais querido, e o juramento, o mais pesado. “Lutar contra o Senhor da Escuridão enquanto o ferro conservar sua dureza e haja pedras à mão. Defender os malkieri enquanto restar-lhe uma gota de sangue nas veias. Vingar o que não puder defender.” Então, haviam-no ungido com óleos, consagrando-o como o próximo rei de Malkier, e depois ordenaram que o levassem embora daquela terra onde sabiam que morreria.

Já não lhe restava nada que defender, só uma nação a vingar, e fôra treinado para isso desde que dera os primeiros passos. Com o presente de sua mãe ao pescoço e a espada de seu pai nas mãos, com o sinete gravado a fogo em seu coração, lutara desde o seu décimo-sexto aniversário para vingar Malkier. Mas jamais conduzira homens à Chaga. Bukama cavalgara com ele, e outros também, mas não podia levar homens para lá. Aquela guerra era só sua. Não era possível devolver a vida aos mortos e não era possível ressuscitar uma nação. Só que agora, Edeyn Arrel estava disposta a tentar.

Seu nome levantava ecos no vazio que o envolvia. Uma centena de emoções, como montanhas implacáveis, surgiram, mas alimentou o fogo com elas até só restar o silêncio e a imobilidade. Até seu coração começou a bater ao ritmo do lento patear com cavalos no estábulo e o zumbido das moscas marcou o contraponto da sua respiração. Ela era sua carneira, seu primeiro amor. Apesar da quietude que o envolvia, mil anos de tradição gritavam-lhe isso.

Ele tinha quinze anos e Edeyn mais que o dobro disso quando a mulher recolheu-lhe com ambas as mãos o cabelo que ainda lhe chegava à cintura e sussurrou-lhe suas intenções. Naquela época, as mulheres ainda diziam que era bonito e zombavam de seu rubor, e durante meio ano Edeyn desfrutara, pavoneando-se com ele pelo braço e metendo-o na sua cama. Até que Bukama e os outros cortaram-lhe o cabelo e entregaram-lhe o hadori. O presente de sua espada, no seu décimo aniversário, o convertera num homem segundo o costume seguido em toda a extensão da Fronteira, ainda que com anos de antecipação; mas entre os malkieri, o cordão de couro trançado era o mais importante. Uma vez cingido à testa, ele era o único a decidir onde iria, e quando e porquê. E a sombria canção da Chaga tornara-se um chamado que abafava qualquer outro som. O juramento que pronunciara no fundo de seu coração há tanto tempo tornou-se uma dança que seus pés deviam executar.

Haviam-se passado quase dez anos desde que Edeyn o vira partir de Fal Moran, e quando retornou, ela havia ido embora, mas ainda recordava seu rosto mais

claramente que o de qualquer outra mulher com quem compartilhara o leito desde então. Já não era um menino para acreditar que o amara pelo simples fato de escolhe-lo para ser sua primeira amante, apesar do velho provérbio malkieri: “A carneira de um homem leva para sempre uma parte de sua alma, como uma fita em seu cabelo.” O costume, tão forte quanto a lei, assim determinava.

Uma das portas do estábulo fez barulho ao escancarar-se e Bukama apareceu, sem jaqueta e com a camisa metida de qualquer jeito para dentro das calças. Sem a espada, parecia estar nu. Parecendo hesitar, abriu ambas as portas antes de entrar no estábulo.

- O que você vai fazer? – perguntou finalmente. – Racelle contou-me de... sobre a Garça Dourada.

Lan guardou novamente o anel, deixando que o vazio desaparecesse. Imediatamente, o rosto de Edeyn pareceu estar em toda a parte, justo no limite de sua visão.

- Ryne disse que Nazar Kurenin está disposto a seguir-me. – comentou descuidadamente. – Não seria algo digno de se ver? – um exército poderia perecer ao enfrentar a Chaga. Exércitos inteiros haviam desaparecido ao tentar. Mas a lembrança de Malkier já começava a morrer, e uma nação era tanto suas lembranças quanto seu próprio território. – O garoto dos portões poderia deixar crescer o cabelo, e pedir o hadori a seu pai. – as pessoas estavam esquecendo; queriam esquecer. Quando o último homem com o cabelo atado e a última mulher com a fronte pintada tivessem desaparecido, também Malkier estaria definitivamente morto? – Ora, é possível até que Ryne corte aquelas tranças! – todo acento de graça desapareceu de sua voz ao acrescentar: - Mas será que o preço vale a pena? Aparentemente alguns crêem que sim.

Bukama bufou, mas houve uma pausa. Talvez também fizesse parte dos que pensavam.

O velho dirigiu-se à baia onde estava Raio de Sol e começou a afagar a sela que pendia sobre a porta, como se tivesse esquecido do que fôra fazer ali.

- Tudo tem um preço. – disse, sem levantar o olhar. – Mas há preços e preços. Lady Edeyn... – lançou um olhar a Lan e voltou-se para encara-lo – ela sempre foi das que exigem tudo a que têm direito, e ordenam que até a última obrigação seja cumprida. O costume o prende como uma corda, e faça você a escolha que

fizer, ela o usará como um bridão, a menos que você encontre um jeito de evitar.

Lan meteu sossegadamente os polegares no cinturão da espada. Bukama tirara-o de Malkier carregando-o às costas. Era o último dos cinco que sobreviveram àquela viagem. Bukama tinha o direito de falar-lhe francamente, ainda que suas palavras atingissem sua carneira.

- E como você sugere que eu fuja às minhas obrigações sem cobrir-me de desonra? – perguntou, mais bruscamente que pretendia. Respirou fundo e continuou, num tom mais suave: - Venha, o salão cheira bem melhor que aqui. Ryne sugeriu uma ronda às tabernas esta noite. A menos que a senhora Arovi tenha compromissos prioritários com você. Ah, é verdade; quanto nos custarão os quartos? São bons? Não muito caros, espero.

Bukama juntou-se a ele a meio caminho das portas; estava corado.

- Não são muito caros. – apressou-se a garantir – Você tem um catre no sótão e eu... ahnnn... fico no quarto de Racelle. Não creio que tenha intenção de liberar-me. Eu... Maldito pirralho! – brincou – Há lá dentro uma mocinha chamada Lira que está proclamando que você não há de usar o tal catre esta noite, e nem há de dormir muito, portanto não pense que pode...! – calou-se subitamente ao sair à luz do sol, que parecia mais brilhante depois da escuridão do estábulo. A cotovia continuava cantando a primavera.

Seis homens cruzaram o pátio, vazio exceto por eles. Eram homens comuns, com as espadas pendentes à cinta, como quaisquer homens em quaisquer ruas da cidade. Mas Lan percebeu antes que suas mãos se movessem, seus olhares se cruzassem e os homens apressassem o passo. Já enfrentara muitos homens que queriam mata-lo para não perceber suas intenções. E a seu lado tinha Bukama, comprometido por um juramento que não lhe permitiria desembainhar a espada, mesmo que a levasse à cintura. Mãos eram inúteis contra espadas, sobretudo quando o adversário era tão superior numericamente. Se ambos tentassem voltar ao interior do estábulo, os homens os alcançariam antes que tivessem tempo de fechar as portas. O tempo pareceu correr mais lentamente, quase como mel frio.

- Vá para dentro e tranque as portas! – ordenou Lan, levando a mão ao punho da espada. – Obedeça-me, soldado!

Nunca em sua vida dirigira-se a Bukama daquela maneira e o velho vacilou por

um instante, mas depois inclinou a cabeça, num gesto formal.

- Minha vida é sua, Dai Shan. – disse com voz surda. – Obedeço.

Avançando para os atacantes, Lan ouviu a tranca do estábulo cair com um ruído seco. Percebeu à distância a sensação de alívio. Flutuava no ko'di, era uno com a espada que saía suavemente da bainha. Era uno com os homens que corriam em sua direção, as botas ressoando surdamente na terra batida do pátio, as lâminas nuas.

Um sujeito magricela, com aspecto de uma ave pernalta, adiantou-se aos outros e Lan executou os gestos. O tempo, qual mel frio. A cotovia cinzenta cantava e o homem magro gritou quando cortar as nuvens decepou-lhe a mão direita na altura do pulso, enquanto Lan, passando facilmente de uma postura à outra, afastava-se para um lado, para que os outros não pudessem ataca-lo ao mesmo tempo. Garoa ao crepúsculo cortou o rosto de um homem, arrancando-lhe um olho; um jovem ruivo feriu Lan na altura das costelas, com calhaus negros na neve. Só nos contos um homem poderia enfrentar tantos adversários sem sofrer ferimentos. A rosa desabrochando cortou o braço esquerdo de um homem calvo, e o ruivo conseguiu ferir Lan no canto do olho. Só nos contos um homem enfrentava seis e sobrevivia. Isso, Lan soubera desde o princípio. O dever era pesado como uma montanha, a morte mais leve que uma pluma. E seu dever era para com Bukama, que carregara uma criança às costas. Contudo, naquele momento ainda estava vivo, e continuou lutando, acertando um soco na cabeça do ruivo, dançando no caminho da morte. Dançou e foi ferido, sangrou e dançou no fio aguçado da vida. O tempo, qual mel frio, fluindo de postura a postura, e só podia haver um fim. Mas tudo estava distante. A morte, leve como uma pluma. Dente-de-leão ao vento rasgou a garganta do gordo que já desfigurara – nem com a cara destrocada havia deixado de ataca-lo – e um sujeito de barba dividida em duas pontas e músculos de ferreiro soltou um grito de surpresa quando o beijo da víbora enterrou-lhe a espada de Lan no coração.

E subitamente, Lan deu-se conta de que só ele estava em pé, com seis homens caídos no pátio diante do estábulo. O jovem ruivo bateu no chão com os calcanhares numa última convulsão e depois Lan foi o único dos sete que ainda respirava. Sacudiu o sangue da espada, inclinou-se para limpar as últimas gotas com a jaqueta – boa demais – do ferreiro e embainhou formalmente a arma, como se estivesse no pátio de treinamento sob o olhar atento de Bukama.

Pessoas saíram correndo da estalagem, cozinheiros e cavaleiros, camareiras e

clientes, todos perguntando atabalhoadamente o que significava aquele barulho todo, e quedaram-se olhando estupefatos os homens mortos. Ryne foi o primeiro a aproximar-se, com a espada na mão e o rosto inexpressivo ao deter-se diante de Lan.

- Seis. – murmurou, observando os corpos. – Você realmente tem a maldita sorte do Obscuro.

Lira chegou junto de Lan apenas um instante antes que Bukama e os dois começaram a abrir-lhe as roupas para examinar os ferimentos. A jovem estremecia delicadamente a cada um que ficava à mostra, mas perguntou, num tom tão tranqüilo quanto o de Bukama, se não seria melhor chamar uma Aes Sedai que o Curasse, e quais ferimentos deviam ser costurados, e depois repeliu desdenhosamente a sugestão de que fosse Bukama a usar a agulha, em vez dela. A senhora Arovni, com as saias levantadas para que não se sujasse na lama e no sangue, andava de um lado para o outro com ar ofendido, lançando olhares ferozes aos cadáveres espalhados no pátio de seu estábulo, protestando em voz alta que os bandos de assaltantes não agiriam em plena luz do dia se a guarda estivesse fazendo seu trabalho. A domani que encarara Lan no salão concordou, também em voz alta, e a estalajadeira respondeu-lhe com uma ordem seca de que fosse buscar a guarda, além de um empurrão para que obedecesse logo. Tal jeito de tratar uma hóspede dava a medida da comoção da senhora Arovni, e que a domani saísse correndo sem protestar dava a medida da comoção de todos ali. A estalajadeira pôs-se a recrutar homens que tirassem os cadáveres de suas vistas.

Ryne olhou para Bukama e para o estábulo como se não compreendesse; provavelmente não compreendia mesmo.

- Acho que não eram assaltantes. – disse, porém. Apontou o homem com aspecto de ferreiro – Quando Edeyn Arrel esteve aqui, este encontrava-se presente, e gostou do que ouviu. E um dos outros também, creio. – os guizos em seu cabelo tilintaram quando moveu a cabeça. – É curioso. A primeira vez que falou em desfraldar a Garça Dourada foi justamente depois de ouvirmos o rumor de que você morrera diante das Muralhas Resplandecentes. O nome al'Lan congrega homens, mas se você estivesse morto, ela poderia ser el'Edeyn. – ergueu as mãos ao ver os olhares que Lan e Bukama lhe lançavam: - Não faço acusações – apressou-se em acrescentar. – Jamais acusaria Lady Edeyn de algo assim. Tenho certeza de que ela possui toda a terna sensibilidade que se pode esperar de uma mulher.

A senhora Arovni soltou um grunhido seco e áspero como um soco e Lira resmungou em voz baixa que o belo arafelino pouco entendia de mulheres. Lan sacudiu a cabeça. Não era uma negativa. Edeyn era bem capaz de mandar matá-lo se servisse a seus propósitos, poderia ter deixado ordens aqui e ali, caso os boatos sobre sua morte se revelassem falsos, mas ainda que fosse culpada, não era motivo para relacionar seu nome com ele, principalmente diante de estranhos. As mãos de Bukama permaneceram imóveis, mantendo aberto um rasgão na jaqueta de Lan.

- Onde iremos quando sairmos daqui? – perguntou em voz cava.

- A Chachin. – respondeu Lan depois de um instante. Sempre tinha a possibilidade de escolher, mas às vezes todas as opções eram duras. – Você terá de deixar Raio de Sol. Pretendo partir amanhã, à primeira luz do dia. – o ouro que lhes restava chagara para comprar uma mova montaria para Bukama.

- Seis! – grunhiu Ryne, embainhando a espada com força. – Creio que vou acompanhá-los. Prefiro não voltar a Shol Arbela até ter certeza de que Ceiline Noreman não me responsabilizará pela morte do marido. E será maravilhoso ver a Garça Dourada tremular novamente.

Lan assentiu. Escolher entre abandonar o que prometera a si mesmo tantos anos atrás e alçar o estandarte, ou detê-la. Se é que era possível. Em um caso ou outro, teria de enfrentar Edeyn. Ir para a Chaga teria sido muito mais fácil.

## Um advento



Ao fim do primeiro mês, Moiraine chegara à conclusão de que perseguir uma profecia tinha muito pouco de aventura e muito de aborrecimento, e após três meses de sua partida de Tar Valon, sua grandiosa busca derivara principalmente em frustração. Ainda sentia a pele muito esticada devido aos Três Juramentos, e como se isso fosse pouco, a sela de montaria fazia-lhe doer o traseiro.

O vento sacudia as cortinas contra as janelas, e Moiraine mexeu-se inquieta sobre a cadeira de madeira; tomou um gole de chá com mel para ocultar sua impaciência. Em Kandor, numa casa enlutada, os conforto era reduzido ao mínimo. Não se surpreenderia se visse uma camada de gelo sobre os móveis de madeira com entalhes de folhas, ou sobre a caixa do relógio que havia sobre a lareira apagada.

- Foi tudo muito estranho, milady. – suspirou Jurine Najima, e pela décima vez estreitou ferozmente suas filhas contra si, como se nunca mais fosse soltá-las. As meninas pareceram achar conforto naquele abraço apertado. Em pé de ambos os lados da cadeira de Jurine, Colar e Eselle, com uns treze ou catorze anos, tinham os cabelos negros de sua mãe e grandes olhos azuis cheios de dor. Os olhos de Jurine também pareciam grandes demais num rosto devastado pela tragédia, e parecia que seu vestido de simples lã cinzenta fôra feito para uma mulher mais corpulenta. – Josef era muito cuidadoso com as lanternas no estábulo, - prosseguiu – e nunca permitia que alguém entrasse com nenhum tipo de fogo. Os



garotos devem ter levado o pequeno Jerid para observar o pai trabalhando, e... – outro suspiro profundo – todos ficaram presos lá dentro. Como o estábulo pôde arder tão depressa? Não faz sentido.

- Poucas coisas fazem sentido, senhora Najima. – disse Moiraine em tom tranquilizador, deixando a xícara na mesinha a seu lado. Sentia pena, mas a mulher começava a repetir-se. – Nem sempre se encontra uma razão, mas saber que há uma pode servir-nos de consolo. A Roda do Tempo tece a Trama segundo seus desígnios, mas a Trama é uma obra da Luz.

Ouvindo suas próprias palavras, Moiraine teve de reprimir uma careta. Tais palavras exigiam uma dignidade e uma profundidade que sua juventude não podia conferir-lhes. Por um instante desejou ter já o rosto intemporal, mas o que menos lhe interessava naquele momento era que o título de Aes Sedai ficasse ligado à sua visita. Nenhuma irmã visitara Jurine ainda, mas cedo ou tarde alguma apareceria.

- Como quiser, lady Alys. – respondeu educadamente a mulher, mas um movimento de seus olhos revelava seus pensamentos. Aquela estrangeira era uma garota estúpida, por mais nobre que fosse.

A pequena pedra azul da kesiera que pendia sobre sua testa e um dos trajes de montaria de Tamore, verde escuro, confirmavam sua suposta condição. As pessoas permitiam a um nobre fazer perguntas que jamais permitiriam a um plebeu, além de aceitar qualquer comportamento excêntrico como algo natural. Supostamente, estava fazendo visitas de pêsames, em luto pela morte de seu próprio rei. E isso que não havia muita gente que chorasse por Laman, inclusive na própria Cairhien. As últimas notícias que recebera de lá, há cerca de um mês, falavam de quatro Casas aspirando ao trono e de ferozes escaramuças, algumas delas quase batalhas. Luz, quantos morreriam antes que as coisas se acomodassem? Também haveriam mortes se o plano da Torre tivesse prosseguido – a sucessão ao Trono do Sol sempre era disputada, fosse abertamente ou com assassinatos e seqüestros – mas pelo menos ausentara-se por tempo bastante para pôr um fim a tal plano. E pagaria por isso, além do castigo que Sierin lhe imporia por desobedecer-lhe.

Talvez deixasse entrever algo de sua irritação, pois a senhora Najima pareceu crer que ela própria demonstrara seus sentimentos de forma clara demais e recomeçou a falar com ansiedade. Ninguém queria aborrecer uma nobre, mesmo que fosse estrangeira.

- Josef sempre tivera tanta sorte, milady Alys! Todos comentavam sobre isso. Diziam que se Josef Najima caísse em um buraco, haveria opalas no fundo. Quando atendeu à convocação de Lady Kareil para lutar contra os Aiel, preocupe-me, mas não sofreu nem um arranhão. Quando houve a febre dos acampamentos, não nos afetou, nem a nossos filhos. Josef ganhou as boas graças de lady Kareil sem procura-las. Então, parecia que a Luz realmente nos iluminava. Jerid nasceu são e perfeito, a guerra terminou em questão de dias e, quando voltamos a Canluum, a Senhora concedeu-nos o estábulo, pelos serviços de Josef e... e... – engoliu as lágrimas que não queria derramar. Colar pôs-se a soluçar e a mãe abraçou-a mais fortemente, sussurrando palavras de conforto.

Moiraine levantou-se. Era terrível, mas ali não havia nada para ela. Jurine ergueu-se também; mesmo não sendo alta, a mulher superava-a em quase um palmo. Qualquer uma das duas meninas poderia encara-la diretamente nos olhos. Obrigando-se a não agir apressadamente, murmurou mais frases de condolências e tentou colocar na mão da mulher uma bolsa de camurça, enquanto as meninas traziam-lhe a capa forrada de peles e as luvas. Uma bolsa pequena. No princípio, o instinto induzira-a a ser generosa, apesar da recompensa que não tardaria a chegar, se é que já não fôra recebida, mas em pouco tempo teria de procurar um banco.

A negativa obstinada da mulher em aceitar a bolsa irritou-a. Não. Podia compreender o orgulho, e além disso, lady Kareil cuidara de prover a família. O fato de haver um relógio indicava um lar próspero. O que realmente a irritava era seu desejo premente de sair dali. Jurine Najima perdera o marido e os três filhos numa única manhã terrível, mas seu pequeno Jerid nascera a mais de trinta quilômetros do lugar certo. Moiraine estava horrorizada consigo mesma, por sentir alívio em relação à morte de um bebê. Mas sentia. Não era a criança que procurava.

Lá fora, sob um céu cinzento, colocou a capa. Qualquer um que andasse pelas ruas de Canluum com a capa aberta atrairia atenção. Inda mais um forasteiro, a menos que ficasse claro que tal pessoa era uma Aes Sedai. Ademais, o fato de impedir que o frio a afetasse não significava que fosse insensível a ele.. Que o povo dali chamasse, sem vestígio de zombaria, “entrada da primavera” àquilo, fugia-lhe completamente à compreensão. Riscou mentalmente o nome de Jurine Najima. Na sua caderneta já havia outros nomes cruzados por um traço: os das mães de cinco meninos nascidos no dia ou local errados, assim como das mães de três meninas. Seu otimismo inicial, nascido da certeza de que encontraria o

menino, reduzira-se a uma débil esperança. O livrinho continha centenas de nomes. Certamente as rastreadoras de Tamra dariam com ele primeiro. Apesar de tudo, tinha a intenção de prosseguir. Teriam de passar-se anos até que pudesse voltar a Tar Valon sem correr riscos. Muitos anos.

Apesar do vento congelante que soprava sobre os telhados, as sinuosas ruelas estavam abarrotadas de gente que ia e vinha, de carretas e carroças, de vendedores ambulantes com seus tabuleiros ou carrinhos. Os carroceiros gritavam e faziam estalar os longos chicotes para avançar; dentre eles, as mulheres eram as mais inclinadas a bater, e avançavam em linha reta. Moiraine via-se obrigada a andar com cuidado, esquivando-se das carroças e carruagens de rodas altas. Não era a única forasteira a pé nas ruas. Um tarabonês com um enorme bigode empurrou-a ao passar a seu lado e desculpou-se, e uma altaranesa de tez olivácea fitou-a com ar de poucos amigos; logo depois, um illiano com a típica barba que não cobria o lábio superior sorriu-lhe, um homem muito bonito e não muito alto. Um teariano de pele morena, mais bonito ainda, olhou-a de alto a baixo e franziu os lábios numa expressão que delatou seus pensamentos lascivos. O sujeito até fez menção de dirigir-se a ela, mas Moiraine deixou que o vento erguesse sua capa o suficiente para mostrar as faixas coloridas no peito do vestido. Foi o bastante para que o teariano saísse em disparada. Certamente estava disposto a dirigir-se a uma mercadora, com sua cara bonita e propostas indecentes, mas com uma nobre era outro cantar.

Nem todos eram forçados a avançar a passo de tartaruga. Em duas ocasiões, Moiraine avistou Aes Sedai entre a multidão, e os que reconheciam seus rostos intemporais afastavam-se delas de um pulo e avisavam a outros que se afastassem, de forma que caminhavam em espaços abertos, que se abriam e fechavam à sua passagem rua afora. Não conhecia nenhuma das mulheres, mas manteve a cabeça baixa e seguiu pelo lado oposto da rua, a distância suficiente para que não percebessem sua habilidade. Talvez devesse usar um véu. Uma mulher corpulenta cruzou sua passagem; o véu de renda tornava seus traços indistintos. Até Sierin Vayu ficaria irreconhecível a pelo menos três metros, usando um daqueles. Ainda que absurda, a idéia deu-lhe calafrios.

A estalagem onde alugara um pequeno quarto chamava-se Portais do Céu; tinha quatro andares de pedra, telhado verde e era a maior e melhor de Canluum. As oficinas próximas, de joalheiros, ourives e modistas prestavam seus serviços ao Covil do Cervo, que se erguia atrás da estalagem. Se soubesse quem mais se hospedava lá antes de pagar a estada, não teria ficado. Não havia um único

quarto desocupado na cidade, mas um celeiro teria sido preferível. Respirou fundo e entrou depressa na pousada. Nem a onda de calor procedente das quatro grandes lareiras, nem os cheiros bons que vinham da cozinha, afrouxaram-lhe a tensão nos ombros.

O salão era grande, com vigas de cor vermelho intenso e todas as mesas estavam ocupadas. A maioria dos clientes eram mercadores vestidos com roupas simples, que negociavam em voz baixa enquanto tomavam vinho, e alguns poucos artesãos abastados, vestidos com jaquetas ou vestidos profusamente bordados. Moiraine mal reparou neles. Havia no mínimo cinco irmãs hospedadas nos Portais do Céu – nenhuma das quais conhecera na Torre, graças à Luz – e todas estavam presentes quando entrou. Maese Helvin, o estalajadeiro, encontraria lugar para uma Aes Sedai mesmo que tivesse de obrigar cinco clientes a espremerem-se na mesma cama. As irmãs mantinham distância entre si, quase sem dar-se por inteiradas da presença umas das outras, e as pessoas que antes não reconheceriam uma Aes Sedai ao vê-la, faziam-no agora, e sabiam o bastante para não se intrometer. Todas as outras mesas estavam abarrotadas; mas se algum homem estivesse sentado próximo de uma Aes Sedai, é porque era seu Guardião, todos de olhar duro e ar perigoso, por mais comum que pudesse ser o seu aspecto. Uma das irmãs, que sentava-se sozinha, pertencia ao Ajah Vermelho, o que Moiraine sabia através de um comentário ouvido por casualidade. Só Felaana Bevaine, uma Marrom delgada e loura, com um vestido simples de pano escuro, ostentava o xale. Fôra a primeira a abordar Moiraine, quando da chegada desta. Nem há que dizer que percebeu sua habilidade ao aproximar-se.

Metendo as luvas sob a cinta e dobrando a capa sobre o braço, dirigiu-se à escada de pedra que havia no fundo do salão. Não muito rápido, mas tampouco devagar. E mirando direto em frente. Os olhares das irmãs seguiram-na; era quase como sentir seus dedos, ainda que não exatamente agarrando-a. Nenhuma dirigiu-lhe a palavra. Tomavam-na por uma espontânea, uma mulher que aprendera a canalizar sozinha. Este feliz equívoco produzira-se por acaso, de uma idéia errada por parte de Felaana, mas fôra reforçado pela presença de uma verdadeira espontânea na estalagem. Ninguém além das irmãs sabia o que a senhora Asher era. Muitas Aes Sedai antipatizavam com as espontâneas, considerando-as uma perda para a Torre, mas poucas davam-se ao trabalho de dificultar-lhes a vida. A senhora Asher, uma mercadora vestida com roupas de pano escuro e elegante, com um medalhão redondo como único adorno, baixava a vista cada vez que uma irmã a olhava, mas não lhes despertava interesse

algum. Os cabelos grisalhos da mulher encarregavam-se disso.

Então, exatamente quando Moiraine chegava à escadaria, uma mulher disse às suas costas:

- Ora, ora, que surpresa!

Voltou-se rapidamente e teve de fazer um esforço para conservar a expressão calma enquanto fazia uma breve mesura, adequada da parte de uma nobre menor a uma Aes Sedai. A duas Aes Sedai vestiam sedas de cores sóbrias, mas além da própria Sierin, não poderia ter-se topado com ninguém pior.

As mechas brancas na longa cabeleira de Larelle Tarsi destacavam a serena elegância da mulher de tez morena. Ela lhe dera várias aulas, tanto como noviça quanto como Aceita, e possuía um talento especial para formular a última pergunta que alguém gostaria que lhe fizessem. E pior ainda, a outra era Merean. Vê-las juntas surpreendeu-a; não imaginara que se dessem particularmente bem.

Larelle era tão forte quanto Merean, o que lhe exigia deferência, mas agora não estavam na Torre. Não tinham o direito de intrometer-se no que quer que Moiraine estivesse fazendo ali. Contudo, se qualquer das duas fizesse o comentário errado agora, a notícia de que Moiraine Damodred perambulava por lá incógnita se espalharia entre as irmãs presentes e acabaria por chegar aos ouvidos errados, tão certo quanto o caroço de pêssago era venenoso. Assim era a vida. Logo depois, receberia uma ordem de regressar a Tar Valon. Desobedecer à Amyrlin uma vez já era bem ruim; se fizesse isso duas vezes, certamente enviariam irmãs para leva-la de volta. Abriu a boca com a esperança de antecipar-se à catástrofe, mas alguém se adiantou.

- É inútil tentar com esta. – disse Felaana, voltando-se no banco de uma mesa próxima, à qual sentava-se sozinha. Estivera absorvida em escrever em um livrinho encadernado em couro e tinha uma mancha de tinta na ponta do nariz, - Diz que não tem interesse em ir para a Torre. É teimosa como uma mula. E também reservada. Creio que deveríamos estar informadas do surgimento de uma espontânea em uma Casa menor cairhieniana, mas esta garota gosta de manter reservas.

Larelle e Merean encararam Moiraine, a primeira com uma sobrancelha erguida e a segunda tentando aparentemente conter um sorriso.

- É verdade, Aes Sedai, - disse Moiraine, aliviada de que a outra tivesse estabelecido a base de seu argumento – Não quero inscrever-me como noviça e não o farei.

Felaana observou-a com ar pensativo, mas continuou falando com as outras.

- Suponhamos que ela tenha vinte e dois anos, mas a regra já foi ignorada algumas vezes. Uma moça diz ter dezoito e isso basta para que seja inscrita. A menos que seja uma mentira demasiado evidente, claro, mas esta pequena poderia aparentar facilmente...

- Nossas regras não foram feitas para ser ignoradas. – interrompeu-a Larelle, cortante.

- Não creio que esta jovem aceite mentir sobre sua idade, Felaana. – interveio Merean – Ela não quer ser noviça, deixemos isto assim.

Moiraine quase suspirou de alívio. Felaana era bastante mais fraca que elas para aceitar que a interrompessem, mas começou a levantar-se com a clara intenção de prosseguir com o debate. Antes de acabar de erguer-se, lançou um olhar à escadaria, às costas de Moiraine e arregalou os olhos. Tornou a sentar-se de golpe e concentrou-se novamente em escrever, como se no mundo inteiro só existisse o seu livrinho de notas. Merean e Larelle ajeitaram os xales, de modo que as franjas cinzentas e azuis moveram-se. Pareciam querer estar em qualquer outro lugar. Seus pés pareciam ter-se cravado no chão.

- Então, a pequena não quer ser noviça. – disse uma voz feminina do topo da escada. Uma voz que Moiraine ouvira só uma vez, há dois anos, e que jamais esqueceria. Várias mulheres eram mais poderosas que ela, mas só uma poderia sê-lo tanto assim. De má-vontade, olhou para trás.

Dois olhos quase negros fitavam-na de lá de cima, sob um coque cinzento adornado com pingentes de ouro: estrelas, pássaros, meias-luas e peixes. Cadsuane também usava seu xale de franjas verdes.

- Na minha opinião, pequena, - continuou ela secamente – você bem mereceria passar uns dez anos de branco.

Todo o mundo pensava que Cadsuane Melaidhrin morrera em algum lugar, em retiro, até seu reaparecimento no início da Guerra dos Aiel, e sem dúvida muitas irmãs desejavam que estivesse realmente na cova. Cadsuane era um mito, e ter uma lenda viva com o olhar cravado em alguém era realmente perturbador. A

metade das histórias que se contavam sobre ela beiravam o impossível e a outra metade o superavam, até as de que haviam provas. Um antigo rei de Tarabon desaparecera de seu palácio quando se soube que podia canalizar e fôra levado a Tar Valon para der domado, enquanto um exército que não acreditava nas razões, ia atrás para tentar o resgate. O seqüestro de um rei de Arad Doman e de uma rainha de Saldea, os quais sumiram como por magia e em segredo, e quando Cadsuane finalmente os libertou, a guerra entre eles, que antes parecera inevitável, caíra em completo esquecimento. Dizia-se que desobedecia às leis da Torre quando bem entendia, que desrespeitava os costumes, que fazia as coisas do seu jeito e freqüentemente arrastava outras com ela.

- Agradeço seu interesse, Aes Sedai... – começou Moiraine, mas calou-se diante daquele olhar intenso. Não era um olhar duro; era simplesmente implacável. Segundo os rumores, até Amyrlins tomavam o cuidado de não ficar no caminho de Cadsuane. Dizia-se que, uma vez, ela até agredira uma Amyrlin! Mas isso era impossível, claro; teria sido executada por isso. Moiraine engoliu em seco – duas vezes. Cadsuane desceu a escadaria.

- Tragam a garota. – disse a Merean e Larelle, e seu olhar para trás, começou a cruzar o salão.

Mercadores e artesãos lançaram-lhe olhares, alguns abertamente, outros de soslaio; os Guardiões também, mas todas as irmãs mantiveram os olhos fixos nas mesas. O rosto de Merean ficou tenso e Larelle soltou um suspiro exagerado, mas ambas açularam Moiraine para que seguisse a figurinha com os adornos de ouro balançando no coque. Não lhe restou mais remédio senão ir. Pelo menos, Cadsuane não poderia ser uma das mulheres convocadas por Tamra; não tornara a pisar em Tar Valon desde aquela visita, no início da guerra.

A irmã Verde conduziu-as a um dos reservados da estalagem, onde um bom fogo ardia na lareira de pedra negra e lâmpadas prateadas pendiam de painéis vermelhos nas paredes. Um pichel alta estava perto do fogo, para que seu conteúdo se conservasse quente, e sobre uma pequena mesa entalhada havia uma bandeja com taças de prata. Merean e Larelle ocuparam duas das poltronas; mas quando Moiraine desamarrou a capa e fez menção de sentar-se também, Cadsuane apontou-lhe um lugar diante das irmãs.

- Fique em pé ali, pequena. – ordenou.

Reprimindo um acesso de raiva, Moiraine esforçou-se para não cerrar os punhos. Nem mesmo uma mulher tão poderosa quanto Cadsuane tinha o direito de dar-lhe ordens ali. Contudo, sob aquele olhar implacável, deixou-se ficar em pé, como lhe fôra mandado; tremendo de raiva, lutando para não pronunciar palavras que depois viria a lamentar, mas ficou. Havia naquela mulher algo que lhe recordava Siuan, mas potencializado. Siuan nascera para liderar. Cadsuane nascera para comandar. Caminhou lentamente em volta das três, uma vez, duas vezes. Merean e Larelle trocaram um olhar interrogativo e Larelle abriu a boca, mas depois de um olhar de Cadsuane, voltou a fecha-la. Assumiram uma expressão deliberadamente calma; qualquer observador diria que sabiam exatamente o que estava acontecendo. Cadsuane observava-as de vez em quando, mas na maior parte do tempo, não tirava os olhos de Moiraine.

- A maioria das novas irmãs não tira o xale nem para tomar banho, e aqui está você, sem xale nem anel, em um dos lugares mais perigosos que pode haver, a um passo da Chaga. Por quê?

Moiraine pestanejou. Era uma pergunta direta. Realmente, aquela mulher ignorava todos os costumes quando lhe convinha. Obrigou-se a falar com um tom ligeiro.

- Novas irmãs também procuram um Guardião. – Por que aquela mulher tinha de vir implicar justamente com ela? – Ainda não vinculei o meu e disseram-me que os homens da Fronteira são bons Guardiões.

A Verde assentou-lhe um olhar penetrante e Moiraine desejou não ter afetado uma atitude tão frívola. Cadsuane deteve-se atrás de Larelle, colocando-lhe uma mão no ombro.

- O que você sabe sobre esta garota?

Todas as moças que haviam estudado com Larelle tomavam-na por uma irmã perfeita e sentiam-se intimidadas por sua atitude de fria reflexão. Todas a temiam, e ao mesmo tempo desejavam ser como ela.

- Moiraine era estudiosa e aprendia depressa. - respondeu pensativamente. – Siuan Sanche e ela foram duas das que aprenderam mais rápido em toda a história da Torre, mas isso você já deve ter ouvido dizer. Espere, deixe-me pensar. Sim, também era muito livre em suas opiniões e propensa a ter ataques de mau gênio, mas nós a corrigimos... até certo ponto. Ela e a pequena Sanche



eram muito dadas às travessuras. Mas ambas passaram na prova de Aceitas na primeira tentativa. Falta-lhe maturidade, naturalmente, mas pode chegar a ser algo.

Cadsuane moveu-se até ficar atrás de Merean e fez-lhe a mesma pergunta, acrescentando:

- Larelle referiu-se a uma tendência às travessuras. Era uma menina desordeira?

Merean meneou a cabeça, sorrindo.

- Não, realmente não era desordeira, apenas tinha muita vitalidade. As brincadeiras de Moiraine eram constantes, mas nunca havia maldade nelas. Tanto quando noviça, como quando Aceita, teve de comparecer a meu gabinete mais do que três outras garotas juntas, salvo sua amiga íntima, Siuan. Claro que é freqüente que amigas íntimas metam-se em encrencas juntas, mas no caso de ambas, não houve uma só vez que me enviassem uma sem que enviassem também a outra. A última foi exatamente no mesmo dia em que passaram no teste para obter o xale. – seu sorriso apagou-se e franziu levemente o cenho ao lembrar-se dos acontecimentos daquela noite. Não por irritação, mas por incredulidade diante das diabruras a que podiam chegar duas jovens; e um indício de que achara a coisa toda muito engraçada: - Em vez de passar a noite em contemplação, pegaram-nas tentando meter, às escondidas, uns ratos no dormitório de uma irmã, Elaida a'Roihan. Duvido que qualquer outra mulher tenha sido elevada a Aes Sedai com o traseiro muito dolorido para poder sentar-se, devido à sua última visita à Mestra das Noviças.

Moiraine manteve o rosto inexpressivo e não apertou os punhos, mas não pôde fazer nada acerca do rubor nas faces. Aquela expressão séria e divertida ao mesmo tempo, como se ainda fosse uma Aceita! Então, faltava-lhe maturidade, é? Certo, talvez faltasse mesmo um pouquinho, mas ainda assim... Como se atreviam a revelar todos aqueles detalhes íntimos?

- Creio que você já sabe tudo o que poderia saber a meu respeito. – disse a Cadsuane, com ar altivo. O quanto fora amiga de Siuan era algo que não concernia a ninguém além delas mesmas. O mesmo quanto aos castigos, e ainda mais os detalhes. – E agora que sua curiosidade já foi satisfeita, tenho de ir fazer as malas. Estou partindo para Chachin.

Conseguiu engolir um gemido antes que se escapasse. Sua língua ainda se

descontrolava quando estava irritada. Se Merean ou Larelle estivessem participando da busca, então deveriam ter pelo menos alguns nomes da lista copiada em sua caderneta. Incluindo o nome de Jurine Najima, em Canluum, ou o de Lady Inês Demain em Chachin, ou o de Avene Sahera, que vivia em “uma aldeia, na estrada que liga Chachin e Canluum”. Se desconfiassem de algo, só lhe restaria admitir que pretendia visitar Arafel e Shienar para confirmar suas suspeitas. Cadsuane sorriu, e seu sorriso não foi nada agradável, absolutamente.

- Você irá embora quando eu disser, pequena. – disse – E enquanto não tiver nada a dizer, cale a boca. Esse pichel deve conter vinho quente. Sirva-nos um pouco.

Moiraine estremeceu. Pequena! Já não era uma noviça. Aquela mulher não tinha o direito de dizer-lhe quando ir ou ficar. Nem que falasse ou deixasse de falar. Mas não protestou. Foi até o consolo da lareira e apanhou o pichel.

- Você parece muito interessada nesta moça, Cadsuane. – comentou Merean, voltando-se um pouco para observar Moiraine, que servia o vinho. – Há algo sobre ela que deveríamos saber?

- Alguém Predisse que seria Amyrlin algum dia? – o sorriso de Larelle tinha algo de zombeteiro; com Cadsuane, apenas um pouco. – Não é a impressão que me passa. Embora, é claro, eu não tenha o Dom da Predição.

- E eu poderia viver mais trinta anos, - disse Cadsuane, estendendo a mão para o cálice que Moiraine lhe estendia – ou somente mais três. Quem sabe?

Moiraine arregalou os olhos e derramou vinho quente no pulso. Merean soltou uma exclamação e Larelle pareceu ter levado uma pedrada na testa.

- Tenha mais cuidado com o vinho. – disse a Verde, impassível diante das expressões surpresas – Pequena... – Moiraine voltou à lareira, com os olhos ainda arregalados, e Cadsuane prosseguiu: - Meilyn é mais velha que eu, então quando morrermos as duas, Kerene será a mais poderosa. – Larelle encolheu-se. Será que aquela mulher pretendia mesmo pisotear todos os costumes de uma só vez? – Minha palavras incomodam vocês? – o tom solícito de Cadsuane não poderia ser mais falso, e a Verde não esperou pela resposta. – Guardar silêncio sobre a idade só impede que o povo saiba que vivemos bem mais que os outros. Bah! E há uma enorme diferença de Kerene até as cinco seguintes. Apenas

cinco, contando esta garota e a Sanche, quando atingirem seu potencial pleno. E uma delas é tão velha quanto eu e como eu, retirou-se.

- Há alguma razão para falar sobre isto? – perguntou Merean, parecendo um pouco nauseada. Larelle tinha as mãos apertadas contra o ventre e o rosto pálido. Quase nem olharam o vinho que Moiraine lhes oferecia, antes de recusa-lo, e esta ficou com o copo na mão, ainda que não fosse capaz de beber um só gole. Cadsuane franziu as sobrancelhas, numa expressão temível.

- Em mil anos, não houve ninguém na Torre que pudesse igualar-me em poder. E há quase seiscentos não aparece ninguém como Meilyn ou Kerene. Há mil anos atrás, haveria cinquenta ou mais irmãs superiores a esta pequena. Entretanto, dentro de cem anos, ela estará no escalão mais alto. Oh, é possível que apareça alguém mais forte nesse meio tempo, mas não chegarão a cinquenta, e sempre há a possibilidade de não aparecer ninguém. Estamos diminuindo.

Moiraine aguçou os ouvidos. Teria Cadsuane alguma solução para o problema? Mas como era possível que a solução tivesse algo a ver com ela?

- Não compreendo. – respondeu Larelle, secamente. Parecia ter recuperado a compostura e estar aborrecida por ter chegado a perde-la. – Todas sabemos disso, mas o que tem Moiraine a ver? Você acredita que, de algum modo, ela pode atrair mais meninas à Torre? Meninas com... um potencial maior? – teve de esforçar-se para pronunciar as últimas palavras, mas não pôde evitar uma careta de desagrado, de modo a deixar bem claro o que pensava de semelhante conversa.

- Eu lamentaria se a perdêssemos antes que aprendesse a distinguir o direito do avesso. A Torre não pode permitir-se o luxo de perde-la devido à sua própria inexperiência. Olhem para ela. Uma linda bonequinha cairhieniana nobre. – Cadsuane pôs o indicador sob o queixo de Moiraine e ergueu-o – Antes que você encontre esse seu Guardião, menina, algum bandido que queira ver o que você leva na bolsa, pode meter-lhe uma flecha no coração. Um assaltante qualquer, que desmaiaria só de ver uma irmã adormecida, pode golpeá-la na cabeça, e aí você acordaria no fundo de um beco escuro, sem o seu dinheiro, e talvez também sem outra coisa. Acho que você gostaria de escolher seu primeiro homem com tanto cuidado quanto seu primeiro Guardião.

Moiraine afastou a cabeça com um puxão, fora de si. Primeiro Siuan e ela, e

agora isto! Havia coisas que não se dizia!

Cadsuane ignorou deliberadamente sua indignação. Bebeu calmamente seu vinho e olhou para as outras.

- Até que ela encontre um Guardião que a proteja, é melhor que a protejamos de seu próprio entusiasmo. Creio que vocês duas vão a Chachin, e ela pode acompanhá-las. Espero que não percam de vista.

Moiraine recuperou a fala, mas seus protestos, como sua indignação, não lhe serviram de nada. Merean e Larelle também protestaram; em altas vozes, como ela. Uma Aes Sedai não precisava que “cuidassem dela”, por mais jovem que fosse. Tinham seus próprios negócios que atender. Não disseram quais negócios, nem se eram comuns – poucas irmãs o fariam – mas era óbvio que nenhuma delas queria companhia. Cadsuane não deu atenção a nada que não quisesse ouvir, deu por certo que fariam o que queria, só pressionou quando teve oportunidade. Sem demora, as duas agitavam-se nas cadeiras, admitindo que haviam-se encontrado no dia anterior e que não sabiam se viajariam juntas ou não. Infelizmente, tinham a intenção de passar dois ou três dias em Canluum, enquanto Moiraine desejava partir prontamente.

- A pequena esperará até que vocês estejam prontas. – resolveu Cadsuane – Bem, está tudo arranjado, então. Estou certa de que vocês duas gostariam de tratar do que quer que as tenha trazido a Canluum, então não as prendo mais.

Larelle ajeitou o xale com ar irritado diante da brusquidão com que eram dispensadas e saiu bufando, resmungando que Moiraine haveria de se arrepender, se a atrapalhasse ou atrasasse. Merean aceitou melhor as coisas e disse que tomaria conta de Moiraine como de uma filha, ainda que seu sorriso estivesse longe de ser feliz.

Quando saíram, Moiraine fitou Cadsuane, incrédula. Nunca vira nada igual, salvo uma vez, quando assistira a uma avalanche. O melhor, neste momento, era ficar quieta e esperar para fugir quando Cadsuane e as outras não estivessem prestando atenção. O mais ajuizado.

- Não concordei com nada disso. – disse friamente. Muito friamente – E se eu tiver assuntos urgentes a atender em Chachin? E se não quiser esperar dois ou três dias? – talvez devesse aprender a segurar mais a língua.

Cadsuane, que ficara a contemplar a porta pela qual as duas irmãs haviam saído, voltou o olhar para Moiraine, com uma expressão escrutadora.

- Você usa o xale há apenas quatro meses e já tem assuntos tão urgentes que não possam esperar? Bah! Você ainda não aprendeu a primeira lição verdadeira: o xale só significa que você está pronta para aprender o que realmente interessa. A segunda lição é a prudência. Sei melhor que a maioria como é duro descobrir isso quando se é jovem e se tem o Saidar na ponta dos dedos e o mundo a seus pés. Que é o que você acredita. – Moiraine tentou objetar, mas era como estar no caminho daquela avalanche – Você correrá grandes perigos ao longo da vida, se viver o bastante. Já correu mais do que pensa. Ouça-me. E faça o que eu digo. Esta noite passarei pelo seu quarto e se não a encontrar na cama, vou encontrá-la e fazê-la chorar como você chorou por causa daqueles ratos. Depois, você poderá secar as lágrimas com esse xale que você acredita que a faz invencível – o que não é o caso.

Com o olhar fito na porta que se fechara às costas de Cadsuane, Moiraine percebeu que ainda segurava o copo de vinho e esvaziou-o de um trago. Aquela mulher era... formidável. Os costumes proibiam a violência física contra outra irmã, mas Cadsuane não fizera rodeios e não havia outra interpretação possível para sua ameaça. Dissera-o claramente, e assim, pelos Três Juramentos, era exatamente o que queria dizer. Incrível. E será que mencionara Meilyn Arganya e Kerene Nagashi por acaso? Eram duas das rastreadoras de Tamra. Será que Cadsuane era outra delas? Em todo o caso, interrompera sua busca por uma semana ou mais. Isso se partisse realmente com Merean e Larelle. Mas, por quê uma semana? Se Cadsuane fizesse parte da busca... se...

Ficar ali plantada com o copo na mão não levaria a parte alguma, então pegou novamente sua capa.

**Numa ruela estreita**

Várias pessoas observaram Moiraine quando esta deixou o reservado, algumas com uma expressão de pena no olhar. Sem dúvida, imaginavam o que era ser o centro da atenção de três Aes Sedai, e não viam nada de bom naquilo. No rosto de nenhuma das irmãs via-se qualquer vestígio de compaixão. A maioria sem sequer olhou para ela, mas Felaana exibia um sorriso satisfeito. Provavelmente, estava pensando que podia ter certeza de que o nome de lady Alys seria inscrito no livro de noviças. Pelo menos, não sabia a verdade, ou não estaria sorrindo daquele jeito. Ainda lhe restava alguma esperança de continuar oculta de Sierin durante certo tempo. Nem Cadsuane, nem nenhuma das outras duas estava à vista.

Avançando entre as mesas, Moiraine sentia-se como um pião que tivesse estado rodando. Tinha muitas perguntas e nenhuma resposta. Oxalá Siuan estivesse aqui, com sua habilidade em solucionar enigmas! Além do mais, Siuan não perdia o controle dos nervos por nada. Teria apreciado a presença de sua amiga, ainda que fosse apenas pelo efeito tranquilizador que exercia sobre ela.

Uma moça assomou à porta da rua e depois retirou-se rapidamente. Moiraine tropeçou. Quando alguém desejava muito alguma coisa, tinha até alucinações. A jovem assomou novamente; seu capuz caíra sobre a mochila que carregava às costas e era realmente Siuan, robusta e bonita, em um dos trajes de montaria de Tamore, azul. Desta vez, avistou Moiraine, mas em lugar de correr a saudá-la,

Siuan assinalou a porta da frente com cabeça e tornou a desaparecer.

Com o coração na boca, Moiraine colocou a capa sobre os ombros e saiu. Rua abaixo, Siuan caminhava entre a multidão, lançando olhares para trás a cada três passos. Um carroceiro deu um forte puxão nas rédeas para evitar atropelá-la, e depois fez o chicote estalar justo acima da cabeça de Siuan, mas esta nem prestou atenção ao relincho dos cavalos, ao chicote ou aos gritos furiosos do carroceiro. Moiraine seguiu-a depressa, cada vez mais preocupada. Teriam de passar-se mais três ou quatro anos antes que Siuan adquirisse força suficiente para dizer a Cetalia que estava abandonando o posto como sua assistente, e em qualquer outro caso, a mulher só a deixaria partir quando nevasse no Solstício de Verão. A única possibilidade que restava para que Siuan estivesse em Canluum... Moiraine gemeu e um sujeito de orelhas de abano, que vendia alfinetes em um tabuleiro lançou-lhe um olhar preocupado. Ele devolveu-lhe um olhar tão feroz que o homem desviou a vista.

Talvez Siuan tivesse fugido, ou talvez alguém tivesse descoberto seu livrinho de apontamentos, ou... Não. Não importava como acontecera. Sierin devia ter descoberto tudo. Seria muito próprio daquela mulher enviar Siuan para busca-la e leva-la de volta à Torre, para que o medo de uma alimentasse o da outra durante toda a viagem de volta. Ou talvez estivesse imaginando coisas, mas não lhe ocorria outra explicação.

A cem passos da estalagem, Siuan voltou a olhar para trás, deteve-se até ter certeza de que Moiraine a avistara e entrou em disparada num beco. Moiraine apressou o passo e seguiu-a.

Sua amiga passeava sob os lampiões a óleo, ainda apagados naquela ruela estreita e poeirenta. O vestido azul escuro exibia os sinais de uma viagem árdua: rugas, manchas, poeira.

Nada assustava Siuan, mas agora o medo brilhava em seus penetrantes olhos azuis. Moiraine abriu a boca para confirmar seus temores, mas sua amiga antecipou-se.

- Luz, pensei que nunca encontraria você, maldita seja! Diga-me que achou, Moiraine! Diga que o menino Najima é aquele que procuramos, para que possamos entregá-lo à Torre e à guarda de cem irmãos, e que esteja tudo acabado.

- Não, Siuan, não é ele. – isso não soava a Sierin. – O que está acontecendo?

Porque você veio pessoalmente e não enviou uma mensagem?

Siuan pôs-se a chorar. Siuan, que tinha um coração de leão! Lançou os braços à volta de Moiraine e estreitou-a com tanta força, que machucou-lhe as costelas. Estava tremendo.

- Eu não podia confiar isto a uma pomba, - murmurou – nem a nenhum mensageiro. Não me atreveria. Todas estão mortas. Aisha, Kerene, Valera, Ludice, Meilyn... Dizem que Aisha e seu Guardião foram mortos por bandidos em Murandy. Supõe-se que Kerene caiu de um barco no Alguenya durante uma tempestade e afogou-se. E Meilyn... Meilyn... – os soluços não a deixaram continuar.

Moiraine abraçou-a, murmurando palavras tranquilizadoras e olhando sobre o ombro de Siuan, consternada.

- Acidentes acontecem, - disse rapidamente, - bandidos, tempestades... As Aes Sedai morrem, como quaisquer outras pessoas.

Não acreditava em suas próprias palavras. Todas elas? Seu pai costumava dizer que uma vez era acaso, duas, talvez coincidência, mas três indicavam a intervenção de um inimigo. Dizia que lera isto em algum lugar. Mas, que inimigos? Teve uma idéia, mas repeliu-a com determinação. Havia coisas que a aterrorizavam só de pensar.

Siuan soltou-se de seus braços.

- Você não entende! Meilyn! – fez uma careta e esfregou os olhos – Tripas de cação! Não estou sendo coerente. Controle-se, sua estúpida! – as últimas palavras eram dirigidas a si mesma. Conduziu Moiraine até um barril sem tampa colocado de boca para baixo, sentou-a firmemente nele e tirou a mochila das costas. Se aquela era sua única bagagem, certamente não tinha sequer um vestido para trocar – Você não vai querer estar de pé quando ouvir o que eu tenho a contar. Para dizer a verdade, eu também não quero.

Arrastou um caixote desmantelado do lugar onde estava jogado, um pouco mais adentro do beco e sentou-se nele, ajeitando a saia enquanto lançava olhares à ruela, resmungando sobre os passantes que lhes lançavam olhares. Sua atitude não contribuía para acalmar o nervosismo de Moiraine. Tampouco o seu próprio,



provavelmente. Quando começou sua história, fê-lo aos trancos e barrancos, engolindo saliva a cada duas ou três palavras, como se tivesse ânsia de vômito.

- Meilyn voltou à Torre há um mês. Não sei porque! Não disse onde estivera, nem onde iria, mas pretendia ficar só por algumas noites. Eu... soube acerca de Kerene na manhã em que Meilyn regressou, e já soubera das outras, então resolvi falar com ela. Não me olhe assim! Sei quando devo ser precavida!

“Seja como for, entrei no quarto dela e me escondi debaixo da cama, para que os criados não me vissem quando fossem arruma-la para a noite. – Siuan grunhiu amargamente – Peguei no sono e a luz da manhã me despertou. Ela não dormira na cama, então saí me esgueirando, o que não foi nada fácil àquela hora da manhã, mas tenho certeza que ninguém me viu. Desci para tomar o desjejum e enquanto tomava o mingau, Chesmal Emry entrou e... anunciou... anunciou que encontrara Meilyn em sua cama, que morrerá durante a noite. – terminou precipitadamente com o olhar cravado em Moiraine.

Moiraine ficou feliz por estar sentada. Seus joelhos não teriam suportado o peso de uma pluma. Era loucura. Um assassinato fôra cometido.

- O Ajah Vermelho? – murmurou finalmente. Uma irmã do Vermelho poderia matar outra irmã, se pensasse que tentava proteger um canalizador. Era possível. Mas não acreditava realmente naquilo. Siuan bufou.

- O corpo de Meilyn não tinha nenhuma marca. As Amarelas examinaram-na, obviamente. Não detectaram veneno, nem asfixia. Não encontraram nada e atestaram morte natural, mas eu sei que não foi. Não pode ser. Nenhuma marca, Moiraine. Isso significa o Poder. Alguma Vermelha seria capaz de algo assim? – seu tom era feroz, mas apanhou a mochila e colocou-a no colo, como se tentasse esconder-se atrás dela. Contudo, sua expressão agora era mais de raiva que de medo. – Pense, Moiraine. Supõe-se que Tamra também morreu dormindo, mas agora sabemos que Meilyn não morreu assim, ainda que a tenham encontrado na cama. Primeiro Tamra, depois as outras começaram a morrer. A única explicação que faz sentido é que alguém percebeu que ela chamava essas irmãs a seu gabinete e tais pessoas faziam tanta questão de descobrir o motivo, que se atreveram a interrogar a própria Amyrlin. Deviam ter algo a esconder, para fazer uma coisa dessas, algo que precisavam manter em segredo tão imperiosamente que justificava qualquer risco. Mataram-na para ocultar o que fizeram e depois começaram a matar as outras. O que significa que não querem que o menino seja encontrado; não vivo, pelo menos. Não querem que o Dragão Renascido esteja

presente à Última Batalha. Examinar esse negócio é como atirar baldes de água suja para cima e rezar para que o vento não sopra em sua direção.

Inconscientemente, Moiraine observou a entrada do beco. Alguns passantes lançaram-lhes olhares, mas desinteressados, e ninguém se deteve ao vê-as sentadas ali. Havia certas coisas das quais era mais fácil falar de maneira ambígua. Haviam interrogado “a Amyrlin”; haviam-na assassinado. Não a Tamra; nada de um nome que evocasse um rosto familiar. “Alguém” assassinara-a. “Tais pessoas” não queriam que o Dragão Renascido fosse encontrado. Submeter alguém a interrogatório usando o Poder não violava nenhum dos Três Juramentos, mas matar com o Sairar certamente era uma transgressão, até para... para alguém que Moiraine não queria nomear, e nem Siuan.

Obrigando-se a acalmar a expressão, obrigando-se a acalmar a voz, forçou-se a pronunciar as palavras que não desejava:

- O Ajah Negro.

Siuan encolheu-se e depois assentiu com a cabeça, carrancuda.

Todas as irmãs enfureciam-se ante a mera sugestão da existência de um Ajah secreto infiltrado entre os demais, um Ajah dedicado ao Senhor da Escuridão. A maioria das irmãs negava-se até a ouvir qualquer menção a tal coisa. A Torre Branca estivera do lado da Luz durante mais de três mil anos. Mas outras irmãs não negavam terminantemente a existência de um Ajah Negro. Algumas acreditavam nele, mas nenhuma admitiria isso diante de outra irmã. Moiraine nem sequer queria admitir para si mesma.

Siuan dava puxões nos nós de sua mochila, inquieta, mas continuou falando em tom enérgico:

- Não creio que tenham os nossos nomes. Tamra não nos considerou realmente como parte da história toda. Ordenou que mantivéssemos silêncio, afastou-nos e esqueceu-se de nós. Caso contrário, também teríamos “sofrido um acidente”. Pouco antes de partir, meti um bilhete debaixo da porta de Sierin falando de minhas suspeitas. Não sobre o menino, mas sobre o... uhn!... o Ajah Negro. Mas não sei até que ponto podemos confiar nela a respeito disso. A Amyrlin! Mas se existe realmente, então qualquer uma pode pertencer a ele. Qualquer uma! Escrevi o bilhete com a mão esquerda, mas estava tremendo tanto que ninguém

reconheceria a letra, ainda que tivesse escrito com a direita. Maldição! Mesmo se soubéssemos em quem confiar, as provas que temos valeriam menos que a água dos despejos!

- Para mim, é suficiente. – Luz, o Ajah Negro! – Se sabem de tudo, se descobriram os nomes das mulheres escolhidas por Tamra, então é possível que só restemos nós. Temos de agir depressa se quisermos ter a esperança de encontrar o menino. – Tudo parecia perdido, levando em conta que não sabiam quantas irmãs Negras existiam. Vinte? Quarenta? Talvez mais? Mas Moiraine tentou dar um tom alentador à sua voz, e foi gratificante ver como Siuan assentia com a cabeça. Evidentemente, não se daria por vencida, por mais que contasse como suas mãos tremiam, e tampouco passara pela cabeça de Moiraine render-se. Sim, era muito gratificante, sobretudo quando duvidava que suas pernas a sustentassem. – Talvez saibam nossos nomes, talvez não. Há a possibilidade que tenham deixado as irmãs mais novas para o final. Em todo o caso, não devemos confiar em mais ninguém além de nós. – de repente, empalideceu e sentiu-se enjoada – Oh!, Luz! Acabo de ter um encontro na estalagem, Siuan!

Tentou lembrar-se de cada palavra dita, cada inflexão, desde o primeiro instante em que Merean a encontrara. Siuan ouviu-a com ar ausente, como se nada daquilo lhe dissesse respeito, limitando-se a tomar nota e classificar as informações.

- Cadsuane poderia pertencer ao Ajah Negro. – concordou com Moiraine sem hesitar, quando esta terminou seu relato. – Talvez só queira afastá-la, até poder livrar-se de você sem levantar suspeitas. Ou poderia ser uma das escolhidas de Tamra. O fato de não ser vista na Torre há dois anos não basta para descartá-la. – Às vezes as irmãs entravam e saíam da Torre discretamente, às ocultas, mas Moiraine achava que onde quer que estivesse Cadsuane, haveria algo semelhante a um terremoto. – O problema é que qualquer uma delas poderia ser. – inclinou-se sobre a mochila e tocou Moiraine no joelho. – Você poderia retirar seu cavalo do estábulo e trazê-lo aqui sem ser vista? Tenho um bom cavalo, mas não sei se poderia carregar-nos às duas. Temos de estar a horas de distância daqui, quando derem pela nossa falta.

Moiraine sorriu, mau grado seu. Duvidava muito que a montaria de Siuan fosse “boa”. Qualquer comerciante de cavalos impingir-lhe-ia um matungo de arado acabado como um corcel de batalha; sua amiga tinha tão mau olho para cavalos quanto habilidade para manter-se na sela. A viagem para o Norte devia ter sido

um sofrimento para ela; além de aterrorizante.

- Ninguém sabe que você está aqui, Siuan, – disse Moiraine – e é melhor que as coisas continuem assim. Você trouxe a sua caderneta? Ótimo. Se eu ficar até amanhã, teremos um dia de vantagem sobre elas, em vez de algumas horas. Você parte para Chachin agora; leve parte do meu dinheiro. – a julgar pelo estado de seu vestido, Siuan estivera dormindo no mato, pelo menos nos últimos dias de viagem. Não retirara uma soma muito alta do Banco da Torre, para não atrair a atenção. – Comece procurando por lady Inês e eu alcançarei você em Chachin, e no caminho aproveitarei para falar com Avene Sahera.

Mas não era fácil convencer Siuan, que tinha um veio de obstinação tão largo quanto o Erinin.

- Tenho dinheiro suficiente para minhas necessidades. – resmungou, mas quando Moiraine insistiu em dar-lhe metade do ouro que levava na bolsa, recordando-lhe o voto que fizeram nos primeiros tempos na Torre, de que tudo o que pertencesse a uma, também pertencia à outra, murmurou: - Também prometemos encontrar jovens príncipes para vincular, e depois casarmo-nos com eles. Garotas dizem todo o tipo de bobagens. Enfim, tome cuidado. Se você me abandonar sozinha nesta enrascada, torço-lhe o pescoço.

Moiraine custou a soltar-se do abraço de despedida. Uma hora antes, sua maior preocupação era por quanto tempo conseguiria fugir à justiça de Sierin e da vara de açoitamento, o que agora era tão preocupante quanto uma topada no pé. O Ajah Negro. Tinha ânsia de vômito. Oxalá fosse tão valente quanto Siuan. Enquanto observava sua amiga, que se afastava pela rua afora, colocando a mochila nas costas, desejou ser uma Verde. Teria gostado de ter três ou quatro Guardiões, no mínimo, para protege-la.

Saiu à rua e não pôde evitar observar qualquer um que cruzasse com ela, fosse homem ou mulher. Se o Ajah Negro – seu estômago se revoltava só de pensar naquele nome – estava envolvido, então também estariam os Amigos das Trevas. Ninguém negava que algumas pessoas desencaminhadas acreditavam que o Obscuro lhes conferiria a imortalidade, gente que mataria e faria qualquer maldade, a fim de obter tal recompensa. E se qualquer irmã poderia pertencer ao Ajah Negro, qualquer pessoa na rua poderia ser um Amigo das Trevas. Esperava que Siuan se lembrasse muito bem disso.

Aproximava-se dos Portais do Céu, quando uma irmã surgiu à porta da estalagem. Ou antes assomou parcialmente, já que Moiraine só pôde ver um braço coberto pelo xale de franjas é só por um instante. Um homem muito alto, com o cabelo penteado em duas longas tranças rematadas com guizos, que acabava de sair, voltou-se para dizer algo, mas a mão fez um gesto peremptório e o homem retirou-se; estava carrancudo quando cruzou com Moiraine. Não lhe teria ligado a menor importância se não estivesse pensando no Ajah Negro e em Amigos das Trevas. A Luz sabia que as Aes Sedai falavam com homens, e algumas faziam muito mais que apenas falar. Mas pensava em Amigos das Trevas e irmãs Negras. Quem dera tivesse conseguido ver a cor das franjas daquele xale. Apressou o passo nos últimos metros que a separavam da porta, com as sobrancelhas franzidas.

Merean e Larelle estavam sentadas juntas a uma mesa próxima à porta, e ambas usavam o xale. Poucas irmãs usavam-no, exceto por conveniência social ou para ostenta-lo deliberadamente. As duas mulheres seguiam com a vista a Cadsuane, que entrava no reservado seguida por dois homens esbeltos e grisalhos, de aspecto endurecido como um carvalho antigo. Também ela usava o xale, com a Chama de Tar Valon ressaltando no centro, entre as trepadeiras. Poderia ter sido qualquer das três. Era possível que Cadsuane estivesse procurando outro Guardião, coisa que as Verdes pareciam estar fazendo sempre, mas havia a possibilidade de que Merean ou Larelle estivessem buscando um. Nenhuma das duas possuía um Guardião, a menos que tivessem vinculado alguém depois que Moiraine partira de Tar Valon. A cara amarrada do indivíduo da porta poderia dever-se a uma rejeição, por não ser adequado. Havia uma centena de explicações possíveis, de modo que Moiraine esqueceu-se do incidente. Já havia perigos reais de sobra para ficar imaginando outros.

Antes que tivesse dado três passos no salão, o senhor Helvin, calvo e quase tão largo quanto alto, aproximou-se ansiosamente, envolto no seu avental de riscas verdes, e deu-lhe outro motivo de irritação.

- Ah, lady Alys, justo quem eu estava procurando. Chegaram outras três Aes Sedai, e receio que tenha de repartir novamente as camas. Dadas as circunstâncias, sem dúvida não se importará em dividir a sua? A senhora Palan é uma mulher muito agradável. – dadas as circunstâncias? Em circunstância alguma teria se atrevido a sugerir que uma nobre partilhasse seu quarto, mesmo que tivesse de meter vários mercadores na mesma cama. Mas o que realmente quisera dizer é que ela não se importaria, visto que logo partiria para a Torre Branca. Com efeito, não era apenas uma sugestão: já instalara a mulher em seu

quarto! E quando Moiraine protestou...: - Se o arranjo não lhe agrada, sugiro que converse com as Aes Sedai. – disse com voz firme. Com voz firme!, a ela! – E agora, se me dá licença, tenho muitas coisas a atender. Estamos muito ocupados hoje. – e afastou-se, com ar atarefado, sem fazer-lhe sequer uma reverência!

Moiraine tinha vontade de gritar e quase canalizou para dar-lhe um bom tabefe.

Haesel Palan era uma comerciante de tapetes de Murandy, com sotaque nativo, e Moiraine teve de ouvir tal sotaque muito mais do que gostaria, desde o momento em que entrou no pequeno quarto, que até então ocupara sozinha. Haviām tirado seus vestidos do armário, pendurando-os em ganchos na parede, e retirado sua escova e seu pente da penteadeira, para dar lugar aos da senhora Palan. A gorducha e grisalha mulher, trajando elegantes roupas de pano marrom, ter-se-ia mostrado polida para com “lady Alys”, mas não com uma espontânea de quem todos diziam que partiria na manhã seguinte para entrar como noviça na Torre Branca. Fez-lhe um sermão sobre os deveres de uma noviça, que tornou evidente a sua ignorância e falta de informação. Algumas de suas sugestões teriam causado a morte da maioria das noviças ao final de uma semana, ou talvez no primeiro dia, enquanto outras eram simplesmente impossíveis. Aprender a voar? Aquela mulher era louca! Seguiu Moiraine quando esta desceu para a ceia e chamou outras comerciantes, suas conhecidas, a reunirem-se com elas à mesa, todas ansiosas por compartilhar o que sabiam da Torre Branca. O que era exatamente nada, mas ainda assim, foi-lhe explicado com abundância de detalhes. Se Moiraine fosse realmente uma noviça a caminho, tê-la-iam apavorado de tal modo, que nunca concordaria em aproximar-se da Torre! Retirou-se logo para escapar àquelas mulheres, mas nem bem acabara de despir-se quando apareceu a senhora Palan, que não deixou de falar até adormecer.

Não foi uma noite fácil. A cama era estreita e a mulher cravava-lhe os cotovelos, além de ter os pés gelados, apesar das mantas que conservavam o calor e da pequena estufa azulejada que havia sob a cama. Ignorar o frio era uma coisa, outra era sentir pés gelados. A tempestade que ameaçara desencadear-se o dia inteiro acabou por desabar, e a ventania e as trovoadas sacudiram os postigos por horas. Em todo o caso, Moiraine não acreditava que seria capaz de conciliar o sono; o Ajah Negro e os Amigos das Trevas não deixavam de dar-lhe voltas à cabeça. Via Tamra, arrancada de seu leito e arrastada a um lugar secreto, para ser torturada por mulheres perversas que manipulavam o Poder. Às vezes, tais mulheres tinham os rostos de Merean, de Larelle e de Cadsuane e de todas as irmãs que conhecia. Às vezes, o rosto de Tamra transformava-se no dela própria.

Quando a porta abriu-se vagarosamente, num rangido baixo, pouco antes do amanhecer, Moiraine abraçou a Fonte no mesmo instante e o Saidar inundou-a até que a doçura e o gozo beirassem a dor. Não era tanto Poder quanto poderia manejar dentro de um ano, e muito menos dentro de cinco, mas uma partícula a mais teria liquidado sua capacidade de canalizar, ou a teria matado. Uma coisa era tão ruim quanto a outra, mas queria absorver mais, e não apenas porque o Poder sempre a fazia querer mais.

Cadsuane colocou a cabeça pela fresta. Moiraine esquecera-se da promessa da mulher, de suas ameaças. Obviamente, a Verde viu o brilho do Saidar, percebeu a quantidade absorvida.

- Garota estúpida. – disse antes de ir-se.

Moiraine contou rapidamente até cem e tirou as pernas de sob as cobertas. Aquele momento era tão bom quanto qualquer outro. A senhora Palan deitou-se de costas e pôs-se a roncar; soava como se alguém estivesse rasgando um pedaço de lona. Ainda assim, Moiraine procurou mover-se em silêncio. Canalizou Fogo para acender uma vela e vestiu-se rapidamente; desta vez, escolheu um traje de amazona de seda azul-escura, com bordados a ouro na gola e nas mangas, que imitavam rendas. Mesmo de má vontade, decidiu deixar os alforjes, junto de tudo mais que deveria abandonar. Se alguém a visse, não daria muita importância, mesmo a hora tão matinal, mas seria muito diferente se levasse alguma bagagem ao ombro. Só levou o que poderia carregar nos bolsos internos da capa, como a escova, o pente e a caixa de costura, meias extras e uma muda de roupa. Não havia espaço para mais nada, mas já bastava, já que tinha as cartas de crédito e algum ouro da bolsa. A senhora Palan continuava roncando quando Moiraine fechou a porta atrás de si.

## Água do lago



O salão estava vazio àquela hora, ainda que o bater de panelas e rumor de vozes vindas da cozinha indicassem os preparativos para o desjejum. Moiraine saiu apressadamente pela porta lateral que conduzia ao estábulo da estalagem, certa de que ninguém a vira. Até ali, tudo ia bem. O céu começava a tornar-se cinzento e o ar retinha ainda o frio da noite, mas pelo menos deixara de chover. Havia uma trama que evitaria que a chuva a molhasse, mas chamava atenção. Segurou a capa e as saias para que não se molhassem nas poças d'água e apressou o passo. Quantos antes partisse, menores as possibilidades de que alguém a visse. Tampouco poderia evitar todo o mundo. Os gonzos rangeram quando entreabriu uma das portas do estábulo para deslizar para dentro e o cavalição que fazia o turno da noite ergueu-se de um salto do banco onde sem dúvida cabeceava, com as costas recostadas a um grosso poste de madeira. Não usava jaqueta e era um jovem magro, com o nariz aquilino e os olhos rasgados dos saldeanianos; passou as mãos pelos cabelos, num esforço inútil de arranjá-los e fez uma reverência brusca.

- Em que posso servi-la, milady? – perguntou com voz rouca.

- Prepare minha égua, Kazin. – respondeu-lhe, colocando uma moeda de prata na mão do moço.

Era uma sorte que fosse o mesmo homem que estivera de serviço quando



chegara à estalagem. Maese Helvin escrevera uma descrição de Flecha no livro do estábulo, que ficava guardado ao lado da porta, mas Moiraine duvidava muito que Kazin soubesse ler. A moeda de prata fê-lo tocar a testa com os dedos e correr para a baía de Flecha. Certamente recebia mais moedas de cobre que qualquer outra coisa.

Lamentava ter de deixar o cavalo de carga, mas nem mesmo uma nobrezinha estúpida – ouvira Kazin murmurar que só uma nobrezinha estúpida teria a idéia cavalgar a tal hora da manhã – levaria um animal de carga para um passeio matinal a cavalo. No mínimo, o moço correria à estalagem para ver se a conta já fôra liquidada. Não apenas pagara os dias que permanecera ali, como também uma noite mais, mas havia a possibilidade de Cadsuane ter prometido uma recompensa aos criados para que a vigiassem. Se fosse ela, Moiraine teria feito isso. Assim, ninguém desconfiaria de nada até que não aparecesse à noite.

Subiu à sela de arção alto, deu um sorriso ao cavalariaço – frio, devido a seu comentário – e saiu vagarosamente para as ruas molhadas e quase desertas. Apenas um passeio, ainda que fosse cedo demais. Parecia que ia fazer um bom dia. Para começar, depois da tempestade o céu estava quase limpo de nuvens, com exceção de algumas que ocultavam as estrelas, e soprava uma brisa ligeira.

As luzes no alto das paredes de todas as casas continuavam acesas aos lados das ruas e ruelas, mas mesmo assim, os únicos que andavam pela cidade eram os membros da Guarda Noturna, equipados com elmos, alabardas e balestras, enquanto faziam a ronda, assegurando-se que nenhuma luz se apagasse. Era incrível que aquela gente fosse capaz de viver tão perto da Chaga que um Myrdraal fosse capaz de surgir de qualquer sombra. Tanto os guardas noturnos quanto os acendedores de lampiões olharam-na surpreendidos quando passou a seu lado. Nas Fronteiras, ninguém saía à noite.

Essa foi a razão pela qual Moiraine surpreendeu-se ao perceber que não era a primeira a chegar aos portões do poente. Refreou Flecha e deteve-se a certa distância dos três homens altos que esperavam em seus cavalos, com o animal de carga atrás. Nenhum deles usava elmo ou armadura, mas todos tinham uma espada à cinta e um pesado arco de cavalaria, bem como uma aljava cheia de setas amarrada à dianteira da sela. Naquelas paragens, poucos homens andavam desarmados. Os três esperavam diante dos portões trancados, e às vezes trocavam algumas palavras com os guardas. Pareciam impacientes para que os abrissem, e mal olharam na sua direção. Graças às luzes nos portões, podia ver-

lhês claramente os rostos. Havia um velho e um moço, ambos com uma jaqueta escura e comprida até os joelhos, e um cordão de couro trançado cingia-lhes a testa. Malkieri? Moiraine achava que este era o significado do cordão. O terceiro era um arafelino, com as tranças rematadas com guizos e jaqueta amarelo-escura com mais guizos como adorno. Era o mesmo sujeito que vira saindo dos Portais do Céu.

Quando o sol começou a erguer-se no horizonte e os portões abriram-se finalmente, havia várias caravanas de mercadores que esperavam em fila para reiniciar a marcha. Os três homens foram os primeiros a passar, mas Moiraine deixou que uma dúzia de carroças cobertas com lonas e puxadas por pares de seis cavalos passassem à sua frente antes de cruzar a ponte e seguir pela estrada que atravessava as colinas. Contudo, não perdeu os três homens de vista. Afinal, percorriam o mesmo caminho, pelo menos por enquanto.

Todos eram bons cavaleiros, que mal usavam as rédeas para dirigir os cavalos, e andavam depressa, mas isso convinha a Moiraine. Quanto mais distância pusesse entre ela e Cadsuane, melhor. Não se aproximou muito deles, apenas o suficiente para não perdê-los de vista. Não tinha razão para chamá-los atenção, se não lhe conviesse.

Naquele passo, as carroças dos mercadores e seus guardas ficaram para trás muito antes que Moiraine avistasse a primeira aldeia, cerca do meio-dia. Era um agrupamento de casas de dois andares que se aglomeravam em torno de uma estalagem minúscula, na frondosa ladeira de uma colina, junto à estrada. Mesmo depois de vários meses, ainda lhe parecia estranho ver camponeses armados com espadas e pelo menos uma alabarda apoiada a cada porta. Também havia balestras e flechas. Em flagrante contraste com as armas, avistavam-se nas ruas aros e outros brinquedos infantis, como as pequenas fundas usadas para jogar pedras.

Os três homens não amiudaram o passo, nem detiveram-se a olhar o povoado, mas Moiraine deteve-se o tempo suficiente para comprar um pão ainda quente e branco e um pedacinho de queijo amarelo, e perguntar se alguém conhecia uma mulher chamada Avene Sahera. Diante da resposta negativa, galopou pela estrada de terra batida até avistar novamente os três homens, que mantinham aquele ritmo que engolia terreno. Talvez só conhecessem o nome da irmã que falara com o arafelino, mas gostaria de descobrir qualquer coisa que soubessem acerca de Cadsuane e das outras.

Concebeu várias formas diferentes de abordá-los, mas descartou-as todas. Três homens em uma floresta solitária poderiam pensar que uma jovem sozinha era uma oportunidade caída dos céus, sobretudo se fossem o que receava. Lidar com eles não representava nenhuma dificuldade, se chegasse a esse ponto, mas Moiraine preferia evitar algo assim. Se fossem Amigos das Trevas – ou simples foragidos – teria de mantê-los prisioneiros até entregá-los às autoridades, e sabia lá por quanto tempo. Ademais, sua condição de Aes Sedai deixaria de ser segredo. A notícia de três malfeitores capturados por uma moça, acontecimento nada comum, se espalharia como um incêndio na relva seca. Neste caso, bem poderia tecer uma grande coluna de Fogo sobre sua cabeça, para facilitar as coisas a quem quer que a procurasse.

No decorrer do dia, a floresta deu lugar a fazendas espaçadas, que por sua vez foram rareando até ser novamente substituídas por uma floresta de altos abetos, pinheiros, ciprestes e carvalhos enormes, em cujos grossos ramos começavam a surgir pequenos brotos verdes. Uma águia planava a menos de vinte pés de altura, convertendo-se numa silhueta recortada contra o sol vespertino. A estrada diante dela estava vazia, exceto pelos três homens a cavalo e seu animal de carga; às suas costas, parecia igualmente vazia. Àquela hora, as pessoas decentes estariam jantando, embora nos arredores não se avistasse uma única granja. A sombra de Moiraine alargava-se às suas costas, de forma que a jovem decidiu esquecer os três homens e começar a procurar um lugar onde passar a noite. Se tivesse sorte, avistaria alguma casa sem tardança, e se um pouco de prata não lhe arranjasse uma cama, contentar-se-ia com um palheiro. Se não tivesse sorte, a sela de montaria servir-lhe-ia de travesseiro, embora não fosse muito macia. Mas não podia negar que um prato de comida seria maravilhoso. O pão e o queijo que comprara não pareciam muito novos.

Os homens detiveram-se de repente no meio da estrada para falar entre si e Moiraine parou. Ainda que percebessem sua ação, a prudência adequada à sua situação de mulher que viajava sozinha compelia-a a não se aproximar deles. Então, um dos sujeitos tomou as rédeas do animal de carga e penetrou no bosque, enquanto os outros dois esporeavam suas montarias e apressavam o passo como se recordassem subitamente que deviam ir a algum lugar.

Moiraine franziu as sobrancelhas. O arafelino era um dos que seguiam adiante, mas como viajavam juntos, talvez tivesse mencionado sua reunião com uma Aes Sedai ao companheiro que ficara para trás. O jovem malkieri, pensou Moiraine. As pessoas comentavam sobre aquele tipo de encontro. Eram relativamente

poucas as pessoas que falavam com uma irmã, se sabiam quem ou o quê era ela. Além do mais, um homem seria menos problemático que três, se tomasse cuidado.

Chegou ao lugar onde o cavaleiro e o animal de carga haviam desaparecido no bosque, desmontou e procurou rastros. Quase todas as damas deixavam o trabalho de rastrear a seus caçadores, mas Moiraine interessara-se por aquilo quando era menina, naqueles anos em que achava divertido subir em árvores ou sujar a roupa. Entretanto, o tal homem não parecia acostumado a mover-se através da floresta, já que deixara uma trilha de ramos quebrados e folhas secas pisoteadas que até uma criança poderia seguir. A uns cem passos da estrada, avistou um lago entre as árvores, em uma depressão do terreno. O homem havia desencilhado e amarrado seu cavalo – um animal de bela aparência, demasiado bom para a jaqueta gasta, o que talvez denunciasse sua condição de fugitivo da lei – e deixara uma alabarda no chão. A curta distância, parecia ainda mais alto, com ombros largos e talhe esbelto. Tinha muito pouco de bonito, ou sequer de atraente, com aquele rosto de feições duras, bem adequado para um foragido.

O homem desafivelou o cinturão da espada, sentou-se com as pernas cruzadas diante do lago e apoiou as mãos nos joelhos. Parecia mirar fixamente além da extensão da água, que ainda cintilava entre as longas sombras do entardecer, em direção aos bosques que bordejavam a margem oposta. Não movia um só músculo.

Moiraine considerou a situação. Estava claro que o moço ficara para trás para preparar o acampamento e que os outros dois voltariam, embora não tão cedo, ou de outro modo ele não se descuidaria de suas tarefas. Fazer uma ou duas perguntas não lhe tomaria muito tempo. “Qual de vocês encontrou-se recentemente com uma Aes Sedai?” talvez fosse suficiente. E se o deixasse um pouco nervoso – ao vê-la inesperadamente em pé atrás dele, por exemplo – talvez respondesse sem pensar. Deixaria o Saidar para o final. Tinha quase certeza de que teria de usá-lo, mas era melhor que sua capacidade de canalizar fosse uma surpresa a mais.

Atou as rédeas de Flecha no ramo mais baixo de um cipreste e recolheu as saias e a capa para avançar o mais silenciosamente possível. Havia um pequeno montículo às costas do homem, e Moiraine subiu nele. Um pouco mais de altura poderia cair-lhe bem, já que era um homem muito alto. Também podia ser conveniente se a visse com o punhal em uma mão, e sua própria espada na outra.

Canalizou e puxou lentamente a lâmina embainhada que estava ao lado dele. Até a menor coisa que lhe servisse para surpreendê-lo seria...

Ele moveu-se com uma rapidez inesperada. Ninguém seria capaz de mover-se tão depressa, mas ao mesmo tempo que Moiraine puxava a espada embainhada, o moço saltou em pé e uma mão fechou-se sobre a bainha enquanto a outra agarrava-lhe a parte da frente do vestido. Antes de pensar sequer em canalizar, Moiraine voou pelo ar. Só teve tempo de ver que se precipitava no lago, para soltar um grito, não soube qual, e depois caiu como uma pedra na superfície, com um sonoro chuá; o golpe esvaziou seus pulmões, e afundou. A água estava gelada! O choque fez perder o contato com o Saidar.

Entre escorregões, conseguiu levantar-se e ficou em pé, com a água gelada pela cintura, o cabelo encharcado grudado à cara e a capa ensopada pesando em seus ombros. Furiosa, deu meia volta para enfrentar seu atacante e voltou a abraçar a Fonte, disposta a derrubá-lo e golpeá-lo até fazê-lo gritar de dor.

O moço sacudia a cabeça e fitava com uma expressão desconcertada o lugar onde Moiraine estivera, a um passo de onde ele próprio estivera sentado. Sem prestar-lhe a menor atenção, como se fosse um peixe! Quando se dignou a dar-se por ciente de sua presença, deixou a espada embainhada no chão, aproximou-se da borda do lago e agachou-se para estender-lhe a mão.

- Muito imprudente, tentar tirar a espada de um homem. – disse, e depois de lançar um olhar às faixas coloridas em seu vestido, acrescentou: - Milady. – suas palavras estavam longe de soar como uma desculpa, e Moiraine notou que o homem desviava os olhos de um azul intenso. Estava querendo dissimular o riso...!

Resmungando entre dentes, avançou patinando desajeitadamente, até alcançar sua mão estendida com as suas. E puxou-a com toda a força. Não era nada fácil ignorar a água gelada que lhe escorria pelas costas, e se estava molhada, então ele que ficasse também!, e sem necessidade de usar o Po...

Ele ergueu-se, levantou o braço e Moiraine saiu da água, pendurada na sua mão. Encarou-o fixamente, consternada, até que seus pés tocaram o chão e o homem deu um passo para trás.

- Acenderei um fogo e pendurarei mantas para que você possa secar-se. – murmurou, ainda evitando mirá-la nos olhos.

O que estaria escondendo? Talvez fosse tímido. Moiraine nunca ouvira falar de um Amigo das Trevas tímido, mas poderiam existir alguns. Ele não falara por falar, e quando seus companheiros regressaram, Moiraine estava junto de uma pequena fogueira, rodeada por cobertores que ele tirara de seus alforjes e pendurara nos ramos de um carvalho. Obviamente, não precisava da fogueira para secar-se. A trama de Água adequada lhe teria tirado até a última gota dos cabelos e das roupas, sem ter sequer de despi-las. Mas era melhor que o malkieri não visse aquilo. E nem a ela, até que tivesse o cabelo bem escovado e penteado. Ademais, estava grata pelo calor do lume. De qualquer forma, teria de ficar entre as mantas por tempo suficiente para fazer o homem pensar que usara o fogo para o fim previsto por ele. E, embora continuasse abraçando o Saidar, até agora não tinha provas de nada.

- Ela seguiu você, Lan? – perguntou a voz de um homem, enquanto desmontava com um som de guizos. O arafelino.

- Por que as mantas estão penduradas? – quis saber uma voz descontente.

Moiraine ficou olhando para o vazio, surpresa, e não ouviu as respostas de seu atacante. Então eles sabiam? Naqueles tempos que corriam, as pessoas atentavam ao aparecimento de bandidos, mas aqueles três haviam reparado em uma mulher sozinha e chegado à conclusão de que os seguia? Não fazia sentido. Mas, por quê atraí-la à floresta com uma armadilha, em vez de simplesmente confronta-la? Três homens não tinham nenhum motivo para temer uma mulher. A menos que soubessem que era uma Aes Sedai, caso no qual agiriam com precaução. Mas sabia com certeza que o sujeito não tinha a menor idéia de como tentara pegar sua arma.

- Uma cairhieniana, Lan? Suponho que você já tenha visto uma cairhieniana nua, mas eu, nunca. – isso sim a fez ficar atenta, e, conectada ao Poder como estava, ouviu também outro som: o de aço deslizando entre couro. Uma espada sendo desembainhada. Enquanto preparava várias tramas com as quais poderia dete-los a todos, entreabriu as mantas e espiou.

Para sua surpresa, o homem que a atirara à água – Lan? – estava de costas para os cobertores e tinha a espada nua nas mãos. O arafelino, diante dele, parecia surpreso.

- Suponho que você ainda se lembre dos Mil Lagos, Ryne – disse Lan, friamente.
- Com que, então, uma mulher precisa de proteção contra seus olhares?

Por um instante, Moiraine pensou que Ryne ia desembainhar sua lâmina, apesar de Lan já ter a sua na mão, mas o velho – Bukama, ouvira chamarem-no – um veterano grisalho, tão alto quanto os outros dois, interveio para acalmar os ânimos e levou seus jovens companheiros a certa distância, falando de um jogo chamado “quebrados”. Era um jogo muito estranho e mais que perigoso à luz da lua minguante. Lan e Ryne sentaram-se um diante do outro, com as pernas cruzadas e as espadas desembainhadas; então, sem aviso prévio, as duas lâminas saíram, velozes como um raio, em direção à garganta do outro, detendo-se quase ao tocar a carne. O velho apontou Ryne e ambos embainharam as espadas para, um minuto depois, repetir o movimento. Durante todo o tempo que Moiraine esteve observando, o processo repetiu-se várias vezes, com o mesmo resultado. Talvez a atitude autoconfiante de Ryne não fosse simples aparência.

Moiraine esperou entre os cobertores, tentando lembrar-se de tudo quanto sabia sobre Malkier, o que não era grande coisa, com exceção da História. Ryne lembrava-se dos Mil Lagos, então devia ser malkieri também. Parecia-lhe recordar que havia algo sobre mulheres em apuros. Já que estava com eles, bem podia ficar e descobrir tudo quanto pudesse. Quando emergiu de trás dos cobertores, estava pronta.

- Apelo ao direito de uma mulher sozinha. – disselhes formalmente – Estou viajando para Chachin e peço a proteção de suas espadas. – Pôs na mão de cada homem uma grande moeda de prata. Realmente não tinha muita certeza sobre aquela história ridícula de “uma mulher sozinha”, mas a prata despertava o interesse da maioria dos homens. – Haverá mais uma para cada um, pagas quando chegarmos a Chachin.

A reação dos homens não foi a que ela esperava. Ryne olhou para a moeda com uma expressão truculenta, enquanto a girava entre os dedos. Lan contemplou inexpressivamente a sua e guardou-a no bolso da jaqueta, com um grunhido. Moiraine percebeu que lhes dera alguns dos poucos marcos de Tar Valon que lhe restavam, mas as moedas de Tar Valon circulavam por toda a parte, como as de qualquer outro país. Bukama, apoiado a mão no joelho esquerdo, fez-lhe uma reverência.

- É uma honra servi-la, milady. – disse – Até Chachin, minha vida antes que a

sua. – Também tinha olhos azuis e olhar esquivo. Moiraine esperava que não fosse um Amigo das Trevas.

Descobrir algo revelou-se difícil, senão impossível. A princípio, os homens estiveram ocupados montando o acampamento, cuidando dos cavalos e acendendo uma fogueira maior. Não pareciam dispostos a enfrentar uma noite de princípio da Primavera sem ela. Bukama e Lan mal lhe dirigiram a palavra durante a ceia, composta de pão preto e carne seca, que Moiraine tentou não engolir com muita sofreguidão. Ryne sim, conversou com ela, e era realmente encantador, com seus olhos brilhantes e as covinhas nas faces ao sorrir, mas não deu qualquer oportunidade a que Moiraine mencionasse as Portas do Céu ou Aes Sedai. Quando lhe perguntou porque ia a Chachin, a expressão do jovem tornou-se triste.

- Todos temos de morrer em algum lugar. – respondeu em voz baixa e levantou-se para preparar o leito. Resposta estranha, digna de uma Aes Sedai. Lan cumpriu o primeiro turno de guarda, enquanto a lua assomava acima das árvores. Sentou-se com as pernas cruzadas, não muito longe de Ryne, e quando Bukama apagou o fogo e meteu-se sob as cobertas, perto de Lan, Moiraine teceu uma salvaguarda de Energia em torno de cada homem. Poderia amarrar os fluxos enquanto dormia, e se algum se movesse durante a noite, a salvaguarda a despertaria sem que percebessem. Isso implicava em despertar cada vez que trocassem a guarda, o que fizeram freqüentemente, mas não podia ser evitado. Deitou-se sob os cobertores, bastante afastada dos homens, e quando deitou a cabeça na sela de montar pela terceira vez, Bukama murmurou algo que não pôde entender. Mas ouviu a resposta de Lan, com uma clareza diáfana.

- Eu preferiria confiar em uma Aes Sedai, Bukama. Vá dormir.

Toda a ira reprimida que havia engolido antes, explodiu. Aquele homem a atirara na água gelada, não se desculpara, não...! Canalizou Água e Ar entretecidos com um pouco de Terra. Sob o luar, uma grossa coluna d'água ergueu-se da superfície do lago, subiu mais e mais no ar até formar um arco... e precipitou-se sobre a cabeça do idiota que falava tão levianamente!

A água respingou em Bukama e Ryne, que saltaram em pé, entre exclamações e pragas, mas Moiraine manteve a torrente e contou até dez antes de corta-la. A água inundou o acampamento inteiro. Moiraine esperava ver o homem encharcado, meio congelado e atirado ao chão, pronto para aprender boas



maneiras. Efetivamente, escorria água e havia alguns peixinhos debatendo-se a seus pés, mas estava ereto e com a espada na mão.

- Crias da Sombra? – exclamou Ryne, em tom incrédulo.

- Talvez, mas nunca ouvi falar de nada parecido. – respondeu Lan. – Cuide da moça, Ryne! Bukama, vá para o oeste e vire para o sul! Eu irei para o leste e virarei ao norte!

- Nada de Crias da Sombra! – anunciou Moiraine, e os três detiveram-se em seco para encara-la. Teria gostado de ver melhor suas expressões sob o jogo de luz e sombras, mas tais sombras, das nuvens que navegavam no céu, também contribuíam para envolvê-la numa aura de mistério. Com algum esforço, imprimiu à sua voz até a última fibra de serenidade Aes Sedai de que foi capaz – Muito imprudente mostrar a uma Aes Sedai qualquer outra coisa que não seja respeito, Maese Lan.

- Aes Sedai? – sussurrou Ryne. Apesar da pouca luz, percebia-se a surpresa em seu rosto. Ou talvez fosse medo.

Ninguém mais abriu a boca, exceto Bukama, que resmungava entre dentes ao tirar suas coisas do terreno enlameado. Ryne levou um bom tempo em mudar suas mantas em silêncio; dedicava-lhe ligeiras reverências, cada vez que Moiraine olhava em sua direção. Lan não fez menção de secar-se. Começou a procurar um lugar seco para continuar a guarda, mas parou e voltou a sentar-se no mesmo ponto onde estivera antes, sobre a água e o barro. Moiraine teria interpretado aquilo como um gesto de humildade, se ele não lhe lançasse uma mirada, quase a ponto de travar o olhar com o dela. Se aquilo era humildade, então os reis eram os homens mais humildes da face da terra.

É claro, voltou a tecer salvaguardas em torno dos homens. Afinal, ter revelado sua verdadeira condição tornava aquilo ainda mais necessário. Tinha muito em que pensar e demorou a adormecer. Para começar, nenhum dos três homens perguntara-lhe por que os seguia. E aquele homem permanecera em pé depois de jogar-lhe uma tromba d'água! Curiosamente, quando começou a dormir, pensava em Ryne. Seria mesmo uma pena se agora pegasse medo dela. E uma verdadeira lástima se fosse um Amigo das Trevas. Ele era encantador, e realmente muito bonito. Não se importava que um homem sentisse vontade de vê-la nua, só que dissesse isso aos outros.

## Desjejum em Manala



**P**odem chamar-me de lady Alys. – disse a pequena e estranha mulher ao amanhecer, sentando-se sonolenta entre as cobertas e sufocando um bocejo com a mão.

Pelo visto, não estava acostumada a dormir no chão. Lan tinha certeza de que estivera acordada cada vez que ele iniciava um turno de guarda. As pessoas respiravam de forma diferente se estavam adormecidas ou despertas. Enfim, as mulheres que vestiam-se de sedas raramente tinham de suportar incômodos e privações.

Ele duvidava que aquele fosse seu nome, ou que o anel da Grande Serpente que lhes mostrou fosse verdadeiro, sobretudo depois que voltou a guarda-lo na escarcela e disse que ninguém devia saber que era uma Aes Sedai, nem mesmo as outras irmãs. De fato, às vezes as Aes Sedai fingiam ser mulheres comuns e conseguiam, com quem não soubesse reconhecer o rosto de uma irmã; embora ele já se tivesse encontrado com uma Aes Sedai que não tinha ainda o aspecto intemporal, todas elas exercitavam a serenidade até o exagero. Ah, sim, aborreciam-se, mas era uma cólera fria. Vira o rosto de “Alys” ao luar quando a água deixara de cair, embora não tivesse percebido o que era até depois. Tinha aquela expressão de alegria infantil de quem fizera uma boa picardia, e também

de infantil decepção porque a travessura não surtira o efeito esperado. As Aes Sedai podiam ser muitas coisas, tão complicadas que as outras mulheres pareciam simples em comparação, mas jamais eram infantis.

Quando a avistaram atrás deles pela primeira vez, deixando para trás as caravanas de mercadores e a proteção dos guardas, Bukama sugerira uma razão para que uma mulher solitária seguisse três homens: se seis espadachins não haviam sido capazes de matar um homem à luz do dia, talvez uma mulher o conseguisse à noite. Bukama não mencionara Edeyn, naturalmente. Para dizer a verdade, estava claro que não podia tratar-se disso, mas Edeyn seria bem capaz de enviar uma mulher para vigia-lo, prevendo que assim não desconfiaria. Só um tolo considerava uma mulher menos perigosa que um homem, mas elas pareciam acreditar amiúde que os homens eram uns tontos no que respeitava às mulheres.

À noite, a despeito de seus receios anteriores, Bukama repreendera-o pela negativa de Lan em fazer a devida promessa à mulher, mesmo que a feita por ele bastasse para amarra-los a “lady Alys” até Chachin. Ainda por cima, havia-lhes dado dinheiro, ainda que não tivesse intenção de ofende-los. Pela manhã, Bukama resmungara ao encilhar seu castrado negro, um cavalo que, segundo ele, não chegava nem aos pés de Raio de Sol. O que era um pouco exagerado, mesmo tratando-se de Bukama. O cavalo negro não estava treinado para a guerra, mas era um belo animal, de excelente raça e galope rápido.

- Aes Sedai ou não, um homem deve seguir certas normas de cortesia. – resmungou, ajustando a correia dianteira – É uma simples questão de decência.

- Esqueça, Bukama. – pediu-lhe Lan em voz baixa, mas seu amigo não lhe prestou atenção, claro.

- É uma falta de respeito para com ela, Lan, e uma vergonha da sua parte. Um homem honrado protege quem quer que necessite de proteção, mas as crianças antes de todos e as mulheres antes dos homens. Prometa-lhe proteção, por sua própria honra.

Lan suspirou. Certamente Bukama continuaria a martelar o mesmo tema até Chachin. Ele deveria entender sua posição. Se aquela mulher fosse realmente uma Aes Sedai, não queria ter mais laços que o ligassem a ela. Se fosse uma Aes Sedai, poderia estar à caça de um Guardiã. Se...

Ryne mal esperou que a moça acabasse de pentear o cabelo, o que fez sentada sobre um dos alforjes no chão, antes de dedicar-lhe uma floreada medida que fez tilintar seus guizos.

- Uma bela manhã, milady, - disse – ainda que nenhum amanhecer possa comparar-se à beleza dos profundos e escuros poços de seus olhos. – inclinou-se e fitou-a atentamente para ver se parecia ofendida. – E... permite que eu arreie sua égua, milady? – tão tímido quanto um ajudante de cozinha na sala de visitas.

- Sim, obrigada. – respondeu ela, e endereçou-lhe um cálido sorriso – É muita gentileza sua, Ryne.

Foi com ele encilhar sua montaria, ou melhor, coquete ar, pelo visto. Ficou muito próxima de Ryne enquanto este trabalhava, fitando-o com aqueles grandes olhos que ele parecia admirar, e o que quer que estivesse dizendo, Lan ouviu Ryne responder com um sussurro sobre sua “pele como neve acetinada”, o que fez a jovem rir com gosto.

Lan sacudiu a cabeça. Compreendia o que atraía Ryne. A mulher tinha um rosto lindo e mesmo que se comportasse de forma infantil, o corpo esbelto, coberto de seda azul, não era o de uma menina. Mas Ryne tinha razão: ele já vira uma cairhieniana nua; mais de uma. E todas elas haviam tentado envolve-lo em uma intriga, ou em duas ou três. Durante dez dias particularmente memoráveis no sul de Cairhien, havia estado a ponto de ser morto seis vezes, e de casar-se duas. Uma Aes Sedai, se é que era realmente, e cairhieniana ainda por cima? Não poderia haver combinação pior.

Curiosamente, a moça não reclamou por ter iniciado a viagem sem comer nada, mas quando chegaram a Manala, um povoado importante, situado a menos de uma hora de marcha estrada adiante, ordenou uma parada. E era uma ordem, sem sombra de dúvida.

- Uma refeição quente agora tornará mais fácil o dia de viagem. – disse firmemente, sentada muito tesa na sela e com um olhar de desafio aos três. Aquilo sim, parecia coisa de Aes Sedai; ainda que, pensando bem, de qualquer mulher. – Quero chegar a Chachin o quanto antes e não quero que vocês caiam de fome tentando demonstrar o quão durões são. – só Ryne e fitou diretamente, com um sorriso incômodo. Ainda não acabara de decidir se estava fascinado ou assustado.

- Tínhamos planejado fazer uma parada para tomar algo, milady. – disse Bukama, baixando os olhos em sinal de respeito. Não contou que teriam ceado ali na noite anterior, e dormido em camas quentes, se não fosse por causa dela.

Se os tivesse seguido até Manala, não haveria nada de estranho; seguir Lan através da floresta escura demonstrara seu interesse por eles ou por seus planos.

Manala, um conjunto em expansão de casas de pedra com telhados vermelhos ou verdes, não estava longe de alcançar a categoria de cidade, com mais de vinte ruas que se entrecruzavam sobre um par de colinas baixas. No vale que separava as duas colinas, quatro estalagens davam para um grande prado, ao longo da estrada. Nelas, os homens de duas grandes caravanas de mercadores que se dirigiam para o leste, preparavam de má vontade as parelhas de cavalos sob o olhar vigilante dos comerciantes montados. Outra caravana, de umas trinta carroças, já avançava apressadamente para o oeste, e alguns dos guardas da escolta lançavam olhares para trás em vez de estar atentos ao caminho, como era seu dever. Pois em Manala, as festas de Bel Tine já haviam começado.

Ainda não estavam acontecendo as competições de habilidade, força e velocidade, mas pares de recém-casados dançavam em torno do Mastro da Primavera que se erguia no centro do prado; seus pés moviam-se graciosamente, mas os corpos mantinham-se direitos, enquanto entrelaçavam fitas de cores vivas amarradas em torno do mastro de três metros e meio de altura, enquanto os mais velhos e os solteiros dançavam num ritmo mais animado ao som de violinos, flautas e tambores de maia dúzia de tamanhos. Todo o mundo ostentava suas melhores roupas, as mulheres blusas claras com complicados bordados. Lotavam o amplo espaço aberto, e isso que nem toda a população de Manala estava ali. Uma torrente contínua de povo subia colinas acima, homens e mulheres a caminho de suas tarefas, enquanto outra igualmente contínua descia, freqüentemente trazendo bandejas de comida para abastecer as longas mesas instaladas no extremo oposto do prado. Era uma cena alegre. As crianças, com as caras lambuzadas de mel na maioria das vezes, riam enquanto corriam e brincavam, e alguns meninos mais velhos alimentavam de quando em quando as quatro fogueiras de Bel Tine acesas nos quatro cantos do prado. Lan não tinha certeza de quantos realmente acreditavam que saltar sobre aquelas fogueiras faria desaparecer a má sorte acumulada desde o Bel Tine anterior, mas sim, acreditava na sorte. Na boa e na má. Na Chaga, viver ou morrer dependia da boa sorte tão freqüentemente quanto dependia de destreza ou falta dela.

Em marcado contraste com a algazarra reinante no prado, ao longo da estrada erguiam-se seis estacas nas quais estavam cravadas grandes cabeças de trollocs, umas com focinhos de lobo, outras com cornos de carneiro, outras com bicos de águias e todas com olhos demasiado humanos. Não pareciam estar ali a mais de

dois ou três dias, mesmo que o tempo ainda estivesse bastante frio para retardar a decomposição e bastante fresco para que não houvesse moscas. Tal era a razão pela qual os dançarinos usavam espadas às cinturas e as mulheres, longos punhais no cinto. Mas não havia cheiro de madeira queimada, de modo que fôra uma incursão pequena e sem êxito. “Lady Alys” deteve sua montaria junto das estacas e contemplou fixamente as cabeças, sem surpresa, ou medo, ou repulsa. Seu rosto era uma máscara de perfeita calma, e durante um instante, Lan quase acreditou que era uma verdadeira Aes Sedai.

- Eu odiaria ter de enfrentar essas criaturas armada apenas com uma espada. – murmurou. – Há que ter muita coragem para fazer isso.

- Você já enfrentou trollocs? – perguntou Lan, surpreendido, enquanto Ryne e Bukama trocavam um olhar atônito.

- Sim. – a moça torceu levemente a expressão, como se a resposta lhe tivesse escapado sem querer.

- E onde, se me permite perguntar? – quis saber Lan.

Poucos sulistas haviam visto um trolloc na vida; alguns tomavam-nos por personagens de histórias para assustar as crianças. Alys fitou-o friamente. Muito friamente.

- As Crias da Escuridão podem ser encontradas em lugares que você jamais imaginaria, Maese Lan. Escolha uma estalagem, Ryne. – acrescentou com um sorriso.

Pelo visto, a mulher pensava que tinha o comando, e a julgar pela maneira que Ryne correu a obedecer, assim era. A Espada do Lavrador possuía dois andares de pedra, com o telhado vermelho e as janelas do andar de baixo mais pareciam seteiras; sobre a porta de tábuas grossas, pendia uma espada de longa empunhadura, do tipo que os camponeses levavam ao campo presas aos arados. Com a Chaga tão perto, as estalagens às vezes serviam como postos defensivos contra os ataques dos trollocs, assim como muitas casas. A estalajadeira, uma mulher cheia e grisalha, que exibia uma blusa com bordados de flores vermelhas e azuis e saia larga das mesmas cores, aproximou-se vinda do prado ao ver que atavam os cavalos às argolas instaladas diante da pousada. A senhora Tomichi parecia preocupada que dois malkieri se hospedassem em sua estalagem, mas seu semblante alegrou-se quando Alys começou a dar ordens para que lhes

preparasse o desjejum.

- Às suas ordens, milady. – murmurou a gorducha estalajadeira, fazendo uma profunda mesura. A cairhieniana não dissera seu nome, mas seus modos e seu vestido assinalavam uma dama. – Quererá quartos para si e seus criados?

- Não, obrigada. – respondeu Alys. – Pretendo prosseguir a viagem em seguida.

Ryne não se ofendeu ao ser chamado de criado e aceitou o termo com tanta naturalidade quanto Alys, mas o perpétuo cenho de Bukama acentuou-se. Não disse nada, é claro, e talvez nunca dissesse, por causa da promessa. Lan decidiu que teria uma tranqüila conversa com Alys quando tivesse oportunidade. Havia um limite para os insultos que um homem era capaz de suportar em silêncio. Ele e seus companheiros pediram pão preto e chá forte, além de tigelas de sopa com pedaços de presunto. Alys não os convidou a partilhar de sua mesa no grande salão comum, então sentaram-se em outra. Havia muitas que escolher, já que não havia mais ninguém ali além deles e da senhora Tomichi. A estalajadeira serviu-os pessoalmente, explicando que não queria fazer ninguém abandonar a festa. E de fato, depois de cobrar pelo serviço, regressou ao prado.

Aproveitando estarem a sós, Lan e os outros falaram da pequena mulher que se unira a eles. Ou melhor, discutiram sobre ela, em voz baixa para que não os ouvisse. Totalmente convencido de que era uma Aes Sedai, Ryne recomendou não fazer-lhe perguntas. Com as Aes Sedai, poderia ser perigoso perguntar, e além do mais, as respostas poderiam ser desagradáveis. Bukama insistia que deviam saber o que queria com eles, sobretudo se fosse Aes Sedai. Deixar-se envolver em algum plano desconhecido de uma Aes Sedai era pisar em terreno escorregadio. Em casos assim, um homem podia ganhar inimigos sem dar-se conta, ou ser sacrificado inopinadamente aos objetivos delas. Lan evitou observar que fôra Bukama quem os fizera meter o pé no laço daquela armadilha. De sua parte, achava impossível acreditar que se tratava de uma irmã. Pensava que era uma espontânea encarregada de vigia-lo... por Edeyn, ainda que não mencionasse seu nome. Com certeza Edeyn possuía informantes ao longo de toda a Fronteira. Talvez fosse coincidência demais que tivesse uma espontânea esperando-o em Canluum, mas também haviam aparecido aqueles seis homens e não lhe ocorria ninguém mais que pudesse tê-los mandado.

- Pois eu insisto que... – começou Bukama, mas deixou escapar uma praga – Onde diabos ela se meteu?

À mesa em que Alys se sentara, ficara uma tigela vazia, mas da moça não havia nem rastro. Contra a vontade, Lan ergueu as sobrancelhas num gesto de admiração. Não ouvira o menor ruído que lhe indicasse sua partida.

Ryne levantou-se ruidosamente do banco em que estava sentado e correu até uma das seteiras para espiar.

- Seu cavalo continua lá. Talvez tenha ido ao reservado. – Lan encolheu-se diante do comentário vulgar. Havia coisas que podiam ser mencionadas, e outras não. Ryne agarrou uma de suas tranças e deu-lhe um puxão que fez tilintar os guizos – Proponho que lhe deixemos suas moedas de prata e partamos antes que retorne.

- Vá você, se quiser. – disse Lan, levantando-se. – Bukama comprometeu-se com ela e estou sujeito à sua promessa.

- Melhor seria se você cumprisse a sua. – grunhiu Bukama.

Ryne fez uma careta e deu outro puxão na trança.

- Se vocês ficam, fico também.

Talvez a moça só tivesse ido dar uma olhada na festa. Depois de encarregar Bukama de ficar ali, caso ela voltasse, Lan saiu com Ryne a procura-la, mas não estava entre os dançarinos, nem entre os espectadores. Com seu vestido de seda, ter-se-ia destacado entre todo aquele linho e pano bordado. Algumas mulheres pediram-lhes que dançassem com elas e Ryne sorriu às mais bonitas – aquele homem não deixaria de sorrir a uma cara bonita, nem que houvesse meia dúzia de trollocs avançando sobre ele! – mas Lan mandou-o procurar por entre as casas da colina ao sul enquanto ele próprio subia a que se situava atrás da Espada do Lavrador. Não queria que Alys se reunisse com alguém pelas suas costas e talvez arranjasse alguma surpresinha para mais tarde. Que a mulher ainda não tivesse tentado mata-lo não significava que Edeyn o quisesse vivo.

Encontrou-a numa rua quase deserta, a meio caminho do cume da colina; uma garota delgada, vestindo blusa e saia brancas com bordados vermelhos e dourados tão complicados quanto os do vestido de Alys, fazia-lhe uma reverência naquele momento. Quanto aos bordados, os kandoreses eram tão exagerados quanto os meridionais. Silenciosamente, aproximou-se para escutar e



ao chegar a certa distância às costas de Alys, deteve-se.

- Há alguns Sahera que moram três ruas depois, nesta direção, milady. – disse a garota magra, apontando. – E creio que há mais alguns que vivem na Colina do Sul, mas não sei se alguma das mulheres se chama Avene.

- Ajudou-me bastante, senhora Marishna, obrigada. – respondeu Alys, afavelmente. Depois de receber uma nova reverência, ficou-se observando a outra moça subir a colina. Logo que a senhora Marishna afastou-se o bastante para não ouvir, Alys falou novamente e não havia nada de afável em seu tom: - Quer que eu lhe ensine como se castiga escutar às escondidas na Torre Branca, maese Lan?

Pouco faltou para que Lan pestanejasse. Primeiro, dera um jeito de sair da sala sem que ele a ouvisse, e agora ouvira-o, apesar de mover-se em silêncio. Surpreendente. Talvez fosse mesmo uma Aes Sedai. O que significava que poderia estar pensando em tomar Ryne como Guardião.

- Creio que não. – respondeu atrás dela. – Temos assuntos sérios que tratar em Chachin. Talvez sua busca fosse mais rápida se nós a ajudássemos a procurar essa tal de Avene Sahera.

Alys voltou-se muito depressa e contemplou-o fixamente, fazendo um esforço para esticar-se tanto quanto fosse possível. Lan pensou que talvez estivesse nas pontas dos pés. Não, decididamente não era uma Aes Sedai, apesar da expressão gélida em seu rosto. Já vira Aes Sedai mais baixas que ela dominar salas cheias de homens que não tinham nem idéia do que fossem, e sem ter de esticar-se.

- Será melhor para você esquecer esse nome. – disse friamente. – Não é aconselhável meter-se nos assuntos de uma Aes Sedai. E agora, pode ir embora. Mas espero encontra-lo pronto para partir quando eu tiver terminado aqui. Quero dizer, se é que os malkieri cumprem sua palavra como ouvi dizer que fazem.

Depois deste último insulto, começou a andar na direção que a outra mulher lhe indicara. Luz, aquela mulher tinha a língua mais afiada que um punhal! Quando voltou à Espada do Lavrador e contou a Bukama o que descobrira, o semblante do velho alegrou-se. Ou melhor, a perene carranca suavizou-se um pouco. Tratando-se dele, era como um sorriso em qualquer outra pessoa.

- Talvez a única coisa que queira seja proteção, até encontrar essa tal mulher.

- Isso não explica por que nos seguiu o dia inteiro. – respondeu Lan, sentando-se pesadamente no banco, diante de sua tigela de sopa, disposto a acabar com ela. – E não quer dizer que tivesse medo de aproximar-se de nós. Parece-me que assustar aquela mulher é tão fácil quanto assustar você. Bukama não soube o que responder.

## Alguns truques com o Poder



Lan sabia que aquela viagem a Chachin seria inesquecível, e suas expectativas cumpriram-se. Deixando para trás as caravanas dos mercadores, cavalgaram firme, sem deter-se muito em nenhuma aldeia, dormindo sob as estrelas na maior parte das vezes, visto que ninguém tinha dinheiro para pagar a hospedagem de quatro pessoas e seus respectivos cavalos. Tiveram de conformar-se com estábulos e palheiros; quando os havia nos lugares onde paravam para passar a noite. Em muitas das colinas que ladeavam a estrada, não havia aldeias nem fazendas, apenas enormes carvalhos e ciprestes, pinheiros e abetos, com algumas faias e sorveiras dispersas entre eles. Nas Fronteiras não existiam moradas afastadas; cedo ou tarde, qualquer fazenda isolada acabava transformando-se num cemitério.

Alys continuava procurando a tal Sahera em todos os povoados pelos quais passavam, calando-se cada vez que Lan ou os outros se aproximavam, assentando-lhes um olhar tão hostil que se afastavam. A moça sempre tinha pronta uma expressão glacial no olhar. Ao menos para ele. Ryne estava sempre atrás ela, contemplando-a com os olhos arregalados, carregando suas coisas, correndo a agrada-la, como uma cortesão atado a uma correia, embora passasse do embevecimento ao temor, e ela aceitava sua submissão como algo a que tinha direito, enquanto ria daquilo. Mas não se concentrava só nele. Dificilmente

deixava passar uma hora sem fazer perguntas dirigidas a cada um deles por vez, até dar a impressão de que queria saber a história completa de suas vidas. Era como um enxame de moscas negras de fruta, que por mais que alguém as matasse a tapas, sempre havia mais para picar. Até Ryne era sensato o bastante para evitar aquele tipo de interrogatório. O passado de um homem pertencia só a ele e às pessoas que o compartilhavam, não era assunto para comentar com uma jovem curiosa. Apesar das perguntas, Bukama continuava dizendo a mesma coisa; dia e noite, um comentário sim e outro não que saía da sua boca relacionava-se à promessa. Lan começou a pensar que a única maneira de fazer seu amigo calar-se seria jurar que em hipótese alguma empenharia sua palavra com tal mulher.

Em duas ocasiões, nuvens negras vieram da Chaga e descarregaram aguaceiros torrenciais de chuva gelada misturada com granizo, pedras de gelo grandes o suficiente para partir a cabeça de um homem. As piores tormentas de primavera vinham da Chaga. Quando a primeira dessas tempestades escureceu o céu ao Norte, Lan começou a procurar um local onde as copas das árvores fossem densas o bastante para oferecer algum abrigo, talvez com a ajuda de cobertores estendidos sobre eles.

- Não é necessário parar, maese Lan. – disse Alys ao compreender suas intenções. – Vocês estão sob minha proteção.

Lan, que tinha sérias dúvidas quanto àquilo, continuava procurando refúgio quando a tormenta desabou. Os relâmpagos rasgavam um céu tão escuro que parecia noite, e os trovões retumbavam ensurdecadores, como monstruosos timbales sobre suas cabeças, mas a chuva torrencial caía a cântaros sobre uma cúpula invisível, que se movia com os cavalos, e o granizo batia nela em meio a um silêncio inquietante, como se chocasse contra o nada. Alys fez a mesma coisa na segunda tempestade, e em ambas as ocasiões pareceu surpresa que lhe agradecessem. Em uma boa imitação da expressão serena de uma Aes Sedai, a calma de seu rosto raramente se alterava, mas em seus olhos espreitava algo afiado. Que mulher estranha.

Avistaram bandidos, como haviam indicado os rumores; geralmente eram grupos de dez ou doze homens pobremente vestidos que calculavam as probabilidades contra três, que já tinham as flechas encaixados nos arcos e que desapareciam no bosque antes que Lan e os outros chegassem à sua posição. Bukama ou ele sempre os perseguiam até certa distância, para ter certeza de que haviam realmente ido embora, enquanto os outros dois ficavam protegendo Alys.. Seria

estúpido cair em uma emboscada que poderia estar esperando-os.

No dia seguinte, o meio-dia surpreendeu-os cavalgando através de colinas densamente cobertas de árvores, por uma entrada que parecia deserta até onde a vista alcançava, em uma ou outra direção. O céu estava limpo, exceto por algumas poucas nuvens dispersas, muito altas, e o único som era o dos cascos das montarias e o som dos pássaros nos ramos das árvores. De repente vários cavaleiros saíram das árvores de ambos os lados da estrada, cerca de trinta passos diante deles. Eram cerca de vinte sujeitos desalinhados, que formaram uma linha para bloquear a estrada e o som de cascos indicava que havia outros lá atrás.

Lan soltou as rédeas sobre o arção da sela e apanhou duas flechas, que segurou entre os dedos enquanto apontava a que já estava pronta no arco. Duvidava que tivesse a oportunidade de fazer um segundo disparo, mas sempre havia uma possibilidade. Três dos homens da frente usavam couraças enferrujadas e amolgadas sobre as jaquetas sujas, e um deles cobria-se com um elmo de viseira manchado de ferrugem. Nenhum tinha um arco, mas isso pouco alterava as coisas.

- Vinte homens atrás, a trinta passos. – informou Bukama – Sem arcos. Ao seu sinal.

Pouco importava, considerando que a quadrilha era numerosa o bastante para atacar quase qualquer caravana de mercadores. Mesmo assim, não disparou a flecha. Enquanto os homens se limitassem a continuar plantados nos cavalos, havia uma chance. Muito pequena. Frequentemente, viver ou morrer dependia de pequenas oportunidades.

- Não nos precipitemos. – disse o homem do elmo, tirando-o para deixar à mostra uma cara larga e suja, que não via uma navalha há cerca de uma semana, emoldurada pelo cabelo grisalho e oleoso. O largo sorriso deixou à mostra duas falhas na sua dentadura – Podem matar dois ou três de nós, antes que acabemos com vocês, mas não há necessidade de chegar a tanto. Dêem-nos o dinheiro e as jóias da bela dama e podem seguir seu caminho. As lindas damas vestidas de seda sempre carregam montes de jóias, eh? – seu olhar desviou-se de Lan para pousar em Alys sem desmanchar o sorriso, que talvez considerasse amistoso.

A oferta não era tentadora, absolutamente. Os sujeitos queriam evitar baixas em

suas fileiras, se fosse possível, mas render-se significava que Bukama, Ryne e ele mesmo acabariam degolados. Certamente tinham a intenção de deixar Alys viva, até decidir que representava um perigo. Se tivesse algum truque do Poder na manga, oxalá o...

- Ousam barrar a passagem de uma Aes Sedai? – clamou a mulher com voz trovejante; literalmente. Alguns dos cavalos dos assaltantes recuaram e corcovaram. Gato Dançarino, que sabia o que significavam as rédeas soltas, permaneceu imóvel, esperando sentir a pressão de seus joelhos e calcanhares. – Rendam-se ou enfrentem a minha ira! – e um fogaréu vermelho estalou com estrondoso fragor sobre as cabeças dos bandidos, o que fez com que mais cavalos se encabritassem, derrubando seus cavaleiros pouco habilidosos.

- Ai, eu disse que era uma Aes Sedai, Coy, - gemeu um homenzinho gordo e calvo, que usava uma couraça pequena demais para ele. – Não disse, Coy? Uma Verde com seus três Guardiões, eu disse, Coy...

O homem magro endereçou-lhe um movimento de cabeça, sem tirar os olhos de Lan. Ou melhor, de Alys, que estava atrás dele.

- Deixem dessa conversa de rendição. Continuamos sendo cinquenta contra quatro. Antes de ver-nos com a corda ao pescoço, correremos o risco de ver quantos vocês conseguem matar, antes que acabemos com vocês.

- Muito bem. – disse Lan. – Mas se quando eu tiver acabado de contar até dez ainda houver um só de vocês à vista, veremos. – e começou a contar em voz alta.

Os bandidos não esperaram que chegasse até dois para empreender um trote de volta ao bosque; à contagem de quatro, os dois que haviam caído desistiram de tentar montar em seus cavalos assustados e fugiram a pé, o mais rápido possível. Não era preciso persegui-los. Dadas as circunstâncias, aquele era o melhor desfecho que poderiam esperar. Só que Alys não via as coisas do mesmo modo.

- Vocês não tinham o direito de deixa-los fugir! – afirmou indignada; a cólera refletia-se em seus olhos, que pareciam querer atravessa-los. Fez a égua dar meia volta para assegurar-se de que todos receberiam a sua parte do sermão: - Se tivessem atacado, eu teria usado o Poder contra eles. A quanta gente roubaram e assassinaram? Quantas mulheres violaram? Quantas crianças deixaram órfãs? Deveríamos ter enfrentado esses bandidos e conduzido os sobreviventes até o

magistrado mais próximo!

Lan, Bukama e Ryne revezaram-se em tentar convence-la de que o improvável era que qualquer um deles estivesse entre os sobreviventes – os bandidos teriam lutado desesperadamente para não ir para a forca, e o número fazia diferença – mas de fato ela parecia crer que teria sido capaz de derrotar sozinha a maioria dos cinquenta bandidos. Que mulherzinha estranha.

Se os incidentes se limitassem a tormentas e assaltantes, nada disso seria de estranhar numa viagem. Até a estupidez de Ryne e as queixas de Bukama podiam considerar-se algo normal. Mas Alys era cega e surda a muitas coisas, e ali estava a diferença.

Na primeira noite, Lan sentara-se na terra molhada para fazê-la saber que aceitava seu desagravo. Se iam viajar juntos, melhor acabar quites, segundo os termos dela. Mas não foi assim. Na segunda noite, ficou acordada até a aurora, e assegurou-se de que ele também não dormisse, com os golpes secos de um látigo invisível cada vez que o sono o dominava. Na terceira noite, meteu-lhe dentro da roupa e das botas uma grossa camada de terra, sem que ele soubesse como. Sacudira tudo o que pudera no dia seguinte, mas como não houvesse água para lavar-se, teve de cavalgar cheio de terra. Na noite seguinte ao incidente com os bandidos... Não entendia como se arranjava para que as formigas se metessem em sua roupa de baixo e o picassem todas ao mesmo tempo. Havia sido obra dela, disso não tinha dúvidas. Encontrou-a em pé a seu lado quando abriu os olhos de golpe e pareceu-lhe surpresa que não gritasse. Obviamente, queria obter algum tipo de resposta, de reação, mas Lan não sabia qual. Se ela pensava que ainda não se vingara o suficiente pelo banho no lago, então era muito intransigente; uma mulher tinha o direito de estabelecer o preço do insulto ou do dano recebido, mas ali não havia outras mulheres que estabelecessem os limites do que seria considerado justo. A única coisa que podia fazer era agüentar firme até chegar a Chachin. Na noite seguinte, Alys encontrou perto do acampamento um canteiro de urtigas, plantas cujas folhas levantavam bolhas na pele apenas ao roçá-la, e para sua vergonha, Lan esteve prestes a perder as estribeiras.

Não mencionou os incidentes a Bukama nem a Ryne, claro, embora estivesse certo de que sabiam, mas começou a rezar para que Chachin lhes surgisse pela frente depois da próxima curva do caminho. Talvez Edeyn tivesse contratado a moça para vigia-lo, mas depois de tudo aquilo, tinha a impressão de que o que ela queria mesmo era mata-lo. Lentamente.

Moiraine não compreendia a teimosia daquele Lan Mandragoran, ainda que, segundo Siuan, o termo “teimosia” empregado junto de “homens” era uma redundância. Só queria uma demonstração de arrependimento por tê-la atirado na água. Bem, e um pedido de desculpas. Míseras desculpas. E a consideração devida a uma Aes Sedai. Mas o homem não dava o menor sinal de arrependimento. Era a impassibilidade arrogante personificada! E o fato de não acreditar que ela tivesse direito ao xale era tão óbvio que bem poderia tê-lo expressado em voz alta. Parte de Moiraine admirava sua integridade, mas só uma parte. Ela o faria entrar na linha, ora se não! Não a ponto de domina-lo completamente – um homem submisso não era útil para si mesmo, nem para ninguém mais – mas até assegurar-se de que reconhecia seus erros no mais profundo de seu ser.

Deixava-lhe os dias para refletir, enquanto planejava o que faria à noite. As formigas haviam sido uma grande decepção. Aquele era um dos segredos do Ajah Azul, um modo de atrair os insetos para fazê-los agrupar-se, e picarem ou morderem, embora não estivesse destinado ao uso que ela lhe dera. Contudo, sentiu-se muito orgulhosa das urtigas, que pelo menos fizeram-no contorcer-se um pouco e demonstraram que era realmente feito de carne e osso, coisa que já começava a duvidar.

Curiosamente, que ela ouvisse, nenhum dos outros dirigiu-lhe uma única palavra de compaixão, apesar de certamente saber o que ela estava fazendo. Se ele não se queixava a ela, devia fazê-lo a seus amigos; era uma das coisas para as quais serviam os amigos. Porém, os três mostravam-se reticentes também quanto a outras coisas. Até em Cairhien as pessoas falariam um pouco sobre si mesmas, e, segundo aprendera, nas Fronteiras não se jogava o Jogo das Casas. Apesar disso, não revelavam nada a respeito de si mesmos, nem mesmo depois dela ter-lhes contado certos incidentes de sua infância em Cairhien a até da Torre Branca. Pelo menos Ryne ria se a história era divertida – uma vez, ao perceber que devia rir, riu – mas Lan e Bukama pareciam estar sempre sérios. Deduziu que aquela era a única emoção que deixavam transparecer; poderiam ensinar às Aes Sedai como controlar a expressão. Admitiram ter visto outras irmãs antes dela, mas quando os sondou delicadamente para saber onde e quando...

- Há Aes Sedai em tantos lugares que é difícil lembrar. – respondeu Lan uma



tarde, à última hora, enquanto cavalgavam diante de suas próprias sombras alongadas – Seria melhor determo-nos em uma dessas fazendas que se avistam lá adiante e perguntarmos se podemos alugar um palheiro para passar a noite. Não encontraremos outras casas até bem depois de escurecer.

Muito típico deles. Aqueles três também poderiam dar aulas às Aes Sedai de como evitar perguntas com respostas vagas.

O pior era que ainda não tinha nem idéia se algum deles era um Amigo das Trevas. Claro que tampouco tinha razões concretas para pensar que qualquer uma das irmãs que encontrara em Canluum pertencesse ao Ajah Negro; e se não fossem, então a visita de Ryne às Portas do Céu devia-se seguramente a um motivo puramente inocente, mas a precaução induziu-a a continuar fazendo perguntas. Continuava tecendo salvaguardas em torno dos homens todas as noites. Não podia permitir-se o luxo de confiar em ninguém, exceto Siuan, até ter certeza sobre eles. E menos ainda em qualquer Aes Sedai e em qualquer homem que estivesse envolvido com elas.

A dois dias de Chachin, em uma aldeia chamada Ravinda, localizou finalmente Avene Sahera, justamente a primeira mulher com quem falou ao chegar. Ravinda era um povoado próspero, embora muito menor que Manala, com um amplo espaço de terra batida que ocasionalmente fazia as vezes de mercado para as pessoas das aldeias vizinhas, que iam trocar gêneros alimentícios ou trabalhos artesanais e comprar dos bufarinheiros. Duas carroças destes últimos, com toldos de lona e decoradas com panelas e caçarolas, estavam rodeadas de gente quando Moiraine e seus reticentes acompanhantes chegaram naquela manhã. Cada um dos mascates lançava olhares hostis a seu competidor, embora todo o mundo pedisse com entusiasmo suas mercadorias. Ravinda também tinha uma estalagem em construção, da qual já haviam levantado o segundo piso, graças à recompensa recebida pela senhora Sahera. Pensava em chama-la de “A Torre Branca”.

- Acha que as irmãs se oporiam? – indagou quando Moiraine sugeriu-lhe que mudasse o nome, lançando um olhar mal-humorado ao letreiro já entalhado e pintado, que pendia sobre a porta principal. Em escala, a torre desenhada teria de ter mais de trezentos metros. Avene era uma mulher voluptuosa e de cabelos grisalhos, e usava um punhal de um palmo e meio de comprimento, engastado de prata, pendente do cinturão, e bordados amarelos que cobriam as mangas de sua blusa de um vermelho intenso. Aparentemente, a recompensa dera um toque

festivo a todos os seus dias. Finalmente, sacudiu a cabeça: - Não creio que se incomodassem, milady. A Aes Sedai que anotou nossos nomes no acampamento era muito gentil e tinha uma voz suave. – logo veria, quando aparecesse por ali uma irmã que não se importasse em revelar quem era.

Moiraine bem gostaria de lembrar quem fôra a Aceita que anotara o nome de Avene Sahera para dizer à pequena o que pensava. O filho de Avene, Migel – seu décimo filho – nascera a quase cinquenta quilômetros do Monte do Dragão e uma semana antes que Gitara fizesse a Predição. Era intolerável, tanto descuido ao escrever o que os outros diziam! Quantos meninos mais apareceriam na sua lista que haviam nascido fora do prazo específico de dez dias?

Saíram a galope de Ravinda; o prazer evidente dos homens pelo seu pronto regresso fez com que descarregasse sobre eles a irritação que sentia para com a desconhecida Aceita. Não que o demonstrassem abertamente, mas enquanto cavalgavam atrás dela, ouviu Ryne dizer que “pelo menos, desta vez ela se apressara” em um tom um pouco alto, como se não lhe importasse que ela pudesse ouvir, e Bukama murmurou sua concordância. Lan, evitando sua companhia de modo ostensivo, cavalgava à frente. Para ser justa, ela bem podia entender sua atitude; as costas largas do homem, eretas como uma vara, manifestavam por si mesmas sua rejeição. Começou a pensar no que podia preparar-lhe para aquela noite. E talvez também para os outros dois.

Durante algum tempo, não lhe ocorreu nada que superasse o que já fizera. Mas então, uma vespa passou zumbindo e Moiraine acompanhou com o olhar seu vôo até as árvores que ladeavam a estrada. Vespas, é claro; mas não queria mata-lo.

- Maese Lan, você é alérgico a picadas de vespa?

Ele voltou-se na sela, quase fazendo o corcel dar meia-volta; soltou um grunhido e seus olhos arregalaram-se. Por um instante, Moiraine não compreendeu. Então, viu o extremo emplumado da flecha que sobressaía de seu ombro direito. Sem pensar, abraçou a Fonte e o Saidar encheu-a. Era como se estivesse novamente no teste. As tramas formaram-se com a rapidez de um relâmpago ao tecer uma barreira de Ar para bloquear outras flechas disparadas contra Lan ou contra ela. Não saberia dizer se teceu nessa ordem. O Poder que a enchia aguçou-lhe a vista, e esquadrinhou as árvores de onde viera a seta; captou um movimento à beira da floresta e os fluxos de Ar saíram em disparada para imobilizar o homem, que naquele momento preparava-se para atirar novamente, e a flecha subiu em

ângulo quando o arco comprimiu-se contra seu corpo. Tudo aconteceu em questão de segundos, do princípio ao fim, tão rápido quanto qualquer trama tecida durante o teste. Exatamente o tempo para que as duas flechas disparadas por Bukama e Ryne acertassem no alvo.

Com um gemido consternado, Moiraine soltou as amarras de Ar e o homem caiu para trás. Havia tentado cometer um assassinio, mas ela não o imobilizara para que fosse executado. Devia ser justicado, sim, mas depois de levado diante de um magistrado, e desgostava-a ter participado do cumprimento da sentença, sobretudo quando esta nem fôra pronunciada. A seu ver, aquilo estava muito perto de usar o Saidar como arma ou criar uma arma para que os homens matassem com ela. Muito, muito perto.

Sem soltar o Saidar, voltou-se para Lan para oferecer-lhe a Cura; mas, mesmo com a flecha atravessando-lhe o ombro, ele nem mesmo lhe deu oportunidade de falar. Fez seu cavalo retroceder e galopou até a beira das árvores, onde desmontou e aproximou-se do homem caído, seguido por Bukama e Ryne. Cheia de Poder, conseguiu ouvir claramente suas vozes.

- Caniedrin? – exclamou Lan, parecendo consternado.

- Você conhece este sujeito? – perguntou Ryne.

- Por quê? – bradou Bukama, ao mesmo tempo que soava o ruído de um pontapé contra costelas.

- Ouro. – disse uma voz débil e ofegante – Que outra coisa podia ser? Você continua tendo... a sorte do Obscuro... voltando-se naquele instante... De outro modo aquela... flecha teria acertado... seu coração. Ele deveria... ter-me avisado de que... ela era Aes Sedai... em vez de simplesmente... dizer que a matasse primeiro.

Mal ouviu tais palavras, Moiraine esporeou os flancos de Flecha para cruzar a galope a curta distância, desmontando de um salto e preparando a trama da Cura.

- Retirem as flechas. – ordenou correndo em sua direção, segurando a capa e as saias, para não tropeçar – Se ficarem cravadas, a Cura não o manterá vivo.

- Cura-lo para quê? – indagou Lan, sentando-se em uma árvore derrubada pelas tormentas, cujas raízes sujas de terra erguiam-se acima de sua cabeça. – Você

quer tanto assim presenciar um enforcamento?

- Já está morto. – interveio Ryne – Você pode curar isso? – parecia realmente interessado em ver se ela era capaz de fazê-lo.

O desânimo apoderou-se de Moiraine. Os olhos de Caniedrin, abertos e fixos nos ramos das árvores, estavam vidrados e o olhar vazio. Com sua jaqueta amarrotada e rosto imberbe, via-se que era um homem jovem. Bastante maduro, porém, para cometer um assassinato e morrer com duas flechas metidas no peito. Agora já não podia dizer-lhe se fôra o tal Gorthanes quem lhe pagara para fazer o serviço, nem onde poderia encontrar tal homem. Usava uma aljava quase cheia pendurada à cintura, e no chão ali perto, havia duas flechas cravadas retas no solo. Pelo visto, estava bastante seguro de conseguir abater quatro pessoas com quatro disparos. E pensara assim apesar de conhecer Lan e Bukama. Sem dúvida, o fato de conhece-los o induzira a desobedecer as instruções e tentar matar primeiro a Lan, que devia considerar o mais perigoso dos quatro.

Enquanto olhava para o homem, ocorreu-lhe que mesmo estando morto, poderia revelar-lhe algo. Usou seu punhal para cortar os cordões do alforje de Caniedrin e esvaziou o conteúdo no chão. Um pente de madeira, um pedaço de queijo envolto num pano, uma pequena navalha, um rolo de barbante que Moiraine desenrolou para ter a certeza de que não havia nada escondido dentro, um lenço sujo e amarrotado, que sacudiu seguro pela ponta do punhal. Teria sido demais esperar que houvesse uma carta escrita por maese Gorthanes dando instruções de como encontrá-la. Cortou os cordões da bolsa de Caniedrin e virou-a. Um punhado de moedas de prata e cobre esparramaram-se pelo chão. E também dez coroas de ouro. O preço de sua morte em Kandor era o mesmo de um vestido de seda em Tar Valon. Eram moedas grandes, com o Sol Nascente de Cairhien em uma face e o perfil de seu tio na outra. Uma nota de rodapé bem adequada à história da Casa Damodred.

- Agora você deu de roubar dos mortos? – perguntou Lan com aquela voz fria, tão irritante. Era apenas uma pergunta, não uma acusação, mas mesmo assim...

Ergueu-se furiosa, enquanto Ryne quebrava o extremo emplumado da flecha cravada no ombro de Lan. Bukama estava amarrando uma fina tira de couro atrás da ponta, e quando o nó esteve bem apertado, enrolou a tira no punho e deu-lhe um puxão brusco, que arrancou o restante da flecha. Lan pestanejou. Haviam-lhe arrancado uma flecha que atravessara seu ombro de lado a lado e o

indivíduo simplesmente pestanejava! Moiraine não sabia por que razão isso a irritava, mas assim era.

Ryne regressou apressadamente à estrada enquanto Bukama ajudava Lan a tirar a jaqueta e a camisa. Tinha um orifício irregular na parte da frente do ombro e certamente o de trás não tinha melhor aspecto. O sangue que empapara lentamente a camisa começou a escorrer livremente torso abaixo. Nenhum dos homens pediu a Cura, e Moiraine sentiu-se intimidada em oferecê-la. No corpo de Lan havia mais cicatrizes do que poderia esperar em um homem tão jovem; algumas recentes, meio curadas, estavam cosidas com pontos escuros e precisos. Aparentemente, conseguia irritar os homens ainda mais que às mulheres. Ryne voltou com ataduras; preparava-se para fazer um emplastro. Ninguém pensava em pedir a Cura até que o homem morresse de hemorragia.

- Você quer que eu o Cure? – perguntou friamente, estendendo as mãos para a cabeça de Lan.

Ele esquivou-se a seu contato, com um sobressalto. Com um sobressalto!

- Pode ser que depois de amanhã, em Chachin, você precise do braço direito. – observou Bukama, esfregando a parte inferior do nariz, sem olhar para ninguém.

Que comentário estranho. Mas Moiraine sabia que perguntar o que queria dizer era pura perda de tempo. Ao cabo de um instante, Lan assentiu com a cabeça e aproximou-se.

Moiraine tomou-lhe a cabeça entre as mãos com tanta força que mais parecia querer esbofeteá-lo e canalizou. A convulsão, quando a trama de Cura penetrou em seu corpo com um violento estremeção, arrancou-o de suas mãos. Muito satisfatório. Apesar dele só respirar forte em vez de ofegar. As velhas cicatrizes permaneceram, os ferimentos meio curados reduziram-se a finas linhas avermelhadas – os pontos externos, agora soltos, deslizaram por seu peito e seus braços – e uma suave camada de pele nova marcava os lugares perfurados pelas flechas. Ele poderia enfrentar as vespas em perfeitas condições. Se fosse necessário, poderia cura-lo novamente. Mas só se fosse imprescindível.

Deixaram as moedas atiradas no chão junto ao cadáver de Caniedrin, apesar de ser óbvio que aos homens teriam vindo muito bem. Mas eles não queriam nada do morto. Bukama encontrou o cavalo de Caniedrin amarrado perto dali, entre as árvores; era um castrado alazão com manchas brancas nas pernas, como se

usasse meias; parecia ser veloz e de andar garboso. Lan desatou o bridão da árvore, amarrou-o na sela e deu uma palmada nas ancas do animal, lançando-o a galope na direção de Ravinda.

- Assim poderá pastar até que alguém o encontre. – explicou, vendo que Moiraine o observava com as sobrancelhas franzidas.

O que ela lamentava, na verdade, era não ter revistado os alforjes pendurados à sela do alazão, mas Lan exibira uma delicadeza que não esperava dele. Livrar-se-ia das vespas por aquilo, mas de qualquer jeito, teria de ser algo memorável. Afinal, só dispunha de mais duas noites para tentar dobra-lo. Uma vez chegassem a Chachin, estaria ocupada demais para lidar com Lan Mandragoran. Estaria ocupada por um bom tempo.

## Respeitar a tradição



Se Canluum era uma cidade de colinas, Chachin era uma cidade de montanhas. As três mais altas elevavam-se acima de mil e seiscentos metros, apesar de ter os picos cortados, e à luz do sol do meio-dia, telhados e palácios brilhavam com suas telhas coloridas. No cume mais proeminente, o palácio de Aesdaishar resplandecia mais que os outros, com o estandarte do Cavalo Vermelho ondulando sobre a torre mais alta. Três muralhas concêntricas rodeavam a cidade, assim como um profundo fosso seco de cem passos de largura, cruzado por dúzias de pontes, cada qual defendida por um imponente portão fortificado. O tráfego de veículos e pessoas era muito intenso e a Chaga estava longe o bastante para que os guardas, equipados com elmos e a insígnia do Cavalo Vermelho no peitoral, não fossem tão exigentes como em Canluum, mas ainda assim, levaram um bom tempo a cruzar a Ponte da Alvorada, entre o enxame de carroças, carretas e gente montada e a pé que fluía em ambas as direções.

Mal haviam cruzado o primeiro cinturão de muralhas, afastando-se da passagem das enormes caravanas de mercadores que avançavam pesadamente, Lan puxou as rédeas, sem perder um instante. Mesmo que Edeyn estivesse à sua espera, nunca em toda a sua vida se alegrara tanto por chegar em algum lugar. Segundo a letra da lei, ainda não estavam em Chachin – a segunda muralha, mais alta, estava a cem passos à frente, e a terceira, ainda mais alta, a outros tantos passos

além dela – mas queria acabar com os laços que os ligavam à tal Alys. Pela Luz bendita, de onde ela tirara moscas naquela época do ano? E mutucas, ainda por cima! Ele tinha o corpo coberto de picadas que coçavam a ponto de enlouquecer. Pelo menos ela não tinha obtido a satisfação que buscava; disso, ele tinha certeza.

- A promessa de proteção até Chachin foi cumprida. – disse à moça. – Desde que você evite as piores zonas da cidade, estará tão segura nas ruas como se tivesse uma escolta de dez homens. Assim, pode ir cuidar de seus assuntos e nós faremos o mesmo com os nossos. Guarde seu dinheiro. – acrescentou friamente quando ela levava a mão à bolsa. Encolerizou-se por perder a paciência, mas aquela mulher soltava um insulto atrás do outro.

Imediatamente, Ryne começou a repreende-lo por ofender uma Aes Sedai, enquanto endereçava-lhe um sorriso de desculpas e profundas reverências, que faziam soar seus guizos como sinos de alarma, enquanto Bukama resmungava secamente sobre homens que se comportavam feito javalis, também com um certo tom de desculpa. Alys encarava-o fixamente, com o rosto tão inexpressivo que bem poderia ser o que afirmava. Uma afirmação perigosa, caso não fosse verdadeira. E se fosse... então era mais um motivo para que ele não quisesse ter nada a ver com ela.

Fez Gato Dançarino voltar-se e galopou pela rua afora, provocando a dispersão dos passantes e de alguns cavaleiros. Em qualquer outro momento, aquilo teria provocado pelo menos um duelo. O hadori e a reputação que conferia não bastariam para deter ninguém além dos plebeus, mas Lan, esquivando-se das liteiras, carroças de mercadores e carregadores, cavalgava tão depressa que não ouviu os eventuais gritos de desafio e não afrouxou o passo nem por um instante. Depois do silêncio da estrada, o ruído das rodas de ferro sobre as pedras do calçamento e os gritos dos vendedores ambulantes e lojistas era ensurdecedor. As flautas dos músicos de rua pareciam-lhe estridentes. O cheiro de castanhas assadas e pastéis de carne nas bandejas dos vendedores ambulantes e da comida que se preparava nas cozinhas de dúzias de pousadas e centenas de lares, mesclavam-se até criar um cheiro forte, comparado ao ar puro do caminho. Centenas de estábulos cheios de animais contribuía com o budum. Bukama e Ryne, conduzindo o cavalo de carga, alcançaram-no antes que chegasse à metade da ladeira que conduzia ao palácio de Aesdaishar, colocando-se um a cada lado de Lan. Se Edeyn estava em Chachin, encontrá-la-ia lá. Demonstrando muito bom-senso, Bukama e Ryne mantiveram silêncio. Pelo menos Bukama sabia o



que Lan enfrentava. Meter-se pela Chaga adentro teria sido menos arriscado. Ou melhor, sair vivo da Chaga, já que qualquer idiota poderia muito bem entrar nela. Seria ele um idiota por ter-se ido meter ali?

À medida que subiam, o avanço tornava-se mais lento. Não havia muita gente nas zonas altas, onde as casas com telhados coloridos davam lugar a palácios e mansões de ricos, mercadores e banqueiros, com as paredes cobertas de azulejos brilhantes, e ao invés de vendedores ambulantes, lacaios iam e vinham, realizando suas tarefas. Carruagens laqueadas, com a insígnia familiar nas portas, substituíam as carroças dos mercadores e liteiras. Qualquer carruagem tirada por uma parelha de quatro ou seis cavalos com plumas nas cabeças ocupava um bom trecho da rua, e geralmente ia acompanhada por uma boa escolta, assim como um par de postilhões à traseira, todos armados e equipados com couraças e prontos a lutar contra qualquer um que se atrevesse a chegar muito perto. Especialmente três homens vestidos com roupas grosseiras. A jaqueta amarela de Ryne já não tinha um aspecto tão bom quanto em Canluum, enquanto Lan, tendo sujado de sangue sua segunda melhor jaqueta, tinha de contentar-se com a terceira, tão velha e usada, que em comparação Bukama parecia bem vestido. Alys estava em dívida com ele, pelo modo rude de Cura-lo e por seus tormentos, embora, de acordo com a honra, só pudesse ressarcir-se do primeiro. Não. O que tinha de fazer era tirar aquela mulherzinha da cabeça, ainda que parecesse ter-se instalado dentro de seu crânio de alguma maneira indelével. Tinha de pensar era em Edeyn. Nela e na batalha mais desesperada de sua vida.

O palácio de Aesdaishar ocupava completamente o cume aplainado; era uma construção imensa, resplandecente, de cúpulas altas e balcões, que cobria cinquenta acres\*, uma pequena cidade em si mesma, cada superfície decorada com brilhantes desenhos em tons de verde e vermelho. As enormes portas de bronze, com o Cavalo Vermelho laqueado, estavam abertas, convidando a entrar, sob uma arcada de azulejos vermelhos que conduzia ao Pátio dos Visitantes, mas uma dezena de guardas adiantou-se para barrar-lhes a passagem, quando Lan e seus companheiros aproximaram-se. Os homens usavam o Cavalo Vermelho bordado na cota verde que usavam sobre a armadura, e uma flâmula verde e vermelha adornava suas alabardas. Atraíam a atenção, com suas calças vermelhas e as altas botas engraxadas, verdes, mas qualquer homem que servisse ali era o veterano de mais de uma batalha, e os olhares que dirigiram aos três recém-chegados, por trás das barras das viseiras, eram duros.

Lan desmontou e fez uma reverência não muito profunda, tocando a testa, o coração e o punho da espada.

- Sou Lan Mandragoran. – disse. Nada mais.

A postura tensa dos guardas afrouxou ao ouvir o nome, mas não se afastaram. Afinal, qualquer homem podia apresentar-se com o nome que quisesse. Um deles saiu correndo e voltou ao cabo de alguns minutos com um oficial grisalho, que trazia a elmo de penacho vermelho apoiado no quadril. Jurad Shiman era um veterano que cavalgara com Lan pelo sul durante certo tempo e um sorriso apareceu em seu rosto largo.

- Seja bem-vindo, al’Lan Mandragoran! – disse, fazendo uma reverência a Lan, muito mais profunda que em visitas anteriores. – Tai’shar Malkier! – Oh, sim, lady Edeyn não estava lá naquele momento, mas estivera.

Puxando o cavalo pelas rédeas, Lan seguiu Jurad através do arco vermelho, até o Pátio dos Visitantes; sentia-se como se devesse ir com a espada em punho e a armadura posta, tinha a impressão que os balcões com treliças de pedra que circundavam o amplo pátio estavam coalhados de arqueiros. Era um absurdo, claro. Aquelas treliças, semelhantes a rendas de pedra, ofereciam pouca cobertura a alguém. Eram usadas para observar os recém chegados em cerimônias ou celebrações, não como defesas. Nenhum inimigo jamais ultrapassara a segunda muralha e se os trollocs algum dia conseguissem chegar até ali, era porque tudo estava perdido. Mesmo assim, havia a possibilidade de Edeyn encontrar-se no palácio e Lan não conseguia livrar-se da sensação de estar entrando num campo de batalha.

Cavaliários com uniformes vermelhos e verdes e o Cavalo Vermelho bordado ao ombro, acorreram pressurosos a cuidar dos cavalos, enquanto outros homens e mulheres encarregavam-se de levar o conteúdo dos cestos do cavalo de carga e conduzir os três homens a aposentos adequados à sua posição. A shatayan do palácio ocupou-se pessoalmente em guia-los. Era uma mulher de ar distinto, que mantinha as costas muito direitas, e tinha os cabelos brancos penteados num coque baixo. O molho de chaves que trazia à cintura proclamava que a senhora Romera dirigia toda a criadagem do palácio, mas uma shatayan era muito mais que uma criada. Geralmente, apenas governantes coroados poderiam esperar ser recebidos à porta pela shatayan. Lan estava nadando num mar de expectativas alheias, águas em que era comum afogar-se.

Foi ver os aposentos destinados a Bukama e Ryne e expressou sua concordância com a senhora Romera, não porque receasse que lhes destinassem algo inapropriado, mas porque devia cuidar do bem estar de seus homens antes do seu próprio. Ryne tinha uma expressão aborrecida, mas certamente não esperava que lhe dessem algo melhor que o pequeno aposento em um dos edifícios de pedra do palácio, igual a Bukama. Pelo menos tinha um quarto só para ele, equivalente ao de um alferes, com uma estufa embaixo da cama. Os soldados rasos dormiam em grupos de dez em cada aposento, e pelo que Lan se lembrava, passavam metade do inverno discutindo quem ocuparia as camas mais próximas da lareira.

Bukama instalou-se de bom grado, alegre – bem o que nele podia considerar-se alegre, ou seja o cenho perpétuo quase desaparecera – e falando em fumar algumas cachimbadas junto de homens ao lado dos quais combatera, e Ryne pareceu recobrar a compostura em seguida. Quando Lan se foi, seguindo a senhora Romera, Ryne perguntava aos soldados se havia moças bonitas entre a criadagem, e como podia conseguir que lhe lavassem e passassem a roupa. Preocupava-se com sua aparência – sobretudo se havia mulheres por perto, fossem jovens ou velhas – quase tanto quanto as próprias mulheres. Talvez sua expressão aborrecida se devesse ao fato de ter sido obrigado a apresentar-se diante da shatayan e das criadas com as roupas sujas da viagem.

Para grande alívio de Lan, não lhe destinaram os aposentos de um monarca visitante, apesar da escolta da shatayan. Os três cômodos eram espaçosos, com tapeçarias de seda nas paredes azuis e uma larga cornija bordejando o teto alto, talhada como uma cadeia de montanhas estilizada; os móveis sólidos tinham entalhes simples, embora fossem dourados. O quarto de dormir tinha uma pequena sacada que dava para um dos jardins do palácio, e o leito, com um colchão de plumas, era tão largo que nele poderiam dormir quatro ou cinco pessoas. Tudo era adequado à sua posição, e agradeceu à senhora Romera talvez um pouco mais efusivamente do que era apropriado, já que a mulher sorriu, gesto que marcou pequenas rugas nos cantos de seus olhos cor de avelã.

- Ninguém sabe o que o futuro nos reserva, milorde, - disse – mas sabemos quem é o senhor. – e fez uma ligeira reverência antes de retirar-se. Uma reverência. Assombroso. Dissesse o que dissesse, a shatayan também tinha expectativas para o futuro.

Além de proporcionar-lhe aposentos, puseram a seu serviço duas mulheres de

rosto quadrado, Anya e Esne, que começaram a guardar seus poucos pertences no armário, e um garoto desajeitado, chamado Bulen, para fazer seus recados. O menino mirou boquiaberto o elmo, a armadura e os guantes de Lan, antes de coloca-los no suporte laqueado de negro que havia junto à porta, ainda devesse ter visto outras couraças muitas vezes.

- Sua Majestade está no palácio? – perguntou Lan cortesmente.

- Não, milorde. – respondeu Anya, olhando carrancuda para a jaqueta manchada de sangue e colocando-a de lado, com um suspiro. Era a mais velha e seu cabelo já tinha fios brancos; Lan pensou que talvez fosse mãe de Esne. Não suspirara por causa do sangue – já devia estar acostumada àquilo – mas à dificuldade de limpar a peça de roupa. Com um pouco de sorte, devolvê-la-iam limpa e remendada; até onde fosse possível, claro.

- A rainha Ethenielle está viajando com seu séqüito pelo interior do país. – explicou a mulher.

- E o príncipe Brys? – sabia a resposta à sua pergunta; Ethenielle e seu consorte, Brys, saíam juntos da cidade somente em tempos de guerra, mas tinha de seguir a etiqueta.

Bulen ficou espantado diante da sugestão de que o príncipe consorte pudesse estar ausente, mas não se podia esperar que um garoto de recados conhecesse todos os costumes da Corte. Anya, porém, não teria sido posta a serviço de Lan se não fosse bem versada no tema.

- Oh, sim, milorde. – disse. Levantou a camisa manchada de negro e sacudiu a cabeça antes de deixar a peça de lado, mas não junto da jaqueta. Aparentemente, a camisa podia dar-se por perdida. Quase toda a roupa de Lan a fez menear a cabeça, até o que guardava no armário. A maior parte estava muito usada.

- Há visitantes importantes? – essa era a pergunta que o incomodava tanto quanto as picadas das formigas e mutucas.

Anya e Esne trocaram um olhar.

- Só uma realmente importante, milorde. – respondeu a mais velha, dobrando uma camisa e guardando-a no armário, demorando o resto da resposta – Lady Edeyn Arrel. – as duas mulheres trocaram um sorriso que fez com que sua

semelhança se acentuasse. Obviamente, sabiam desde o princípio o que ele realmente queria descobrir, mas isso não lhes dava o direito de sorrir feito bobas.

Enquanto Bulen lustrava-lhe as botas, que bem precisavam disso, Lan lavou-se de cima a baixo – na bacia, sem esperar pela tina – e untou as axilas com um unguento que Anya pediu que Esne fosse buscar, mas deixou que as mulheres o ajudassem a vestir-se. O fato de serem criadas não era motivo para insultá-las. Possuía uma camisa de seda branca não muito surrada e uma boa jaqueta de veludo negro com bordados nas mangas, de botões de rosa dourados com espinhos afiados. Botões de rosa pela dor da perda e pela recordação. Muito apropriado. As botas brilhavam com um lustro que Lan não esperava que Bulen fosse capaz de dar-lhes. Estava tão preparado quanto era possível. Com a espada na mão havia poucas coisas que pudesse recluir, mas as armas de Edeyn não seriam de aço. E ele tinha pouca experiência na espécie de batalha que devia travar agora.

Depois de dar um marco de prata a Anya e Esne, e um cêntimo de prata a Bulen – a senhora Romera se ofenderia se lhe oferecesse dinheiro, mas os criados de um visitante esperavam ganhar uma gorjeta no primeiro e no último dia – enviou o garoto aos estábulos para verificar se haviam seguido suas instruções quanto a Gato Dançarino e mandou as mulheres para a antecâmara, para guardar a porta. Depois, sentou-se e esperou. Seus encontros com Edeyn deviam ser em público, com tanta gente à sua volta quanto fosse possível. Num encontro privado, todas as vantagens eram da carneira de um homem.

Subitamente, viu-se pensando em Alys e no que ela poderia querer dele e dos outros, e tentou afastá-la de seu pensamento. Mesmo ausente, a moça era como um espinho enfiado na roupa. Em uma das mesinhas, havia um bule alto de prata com chá que certamente era aromatizado com menta e framboesas, e uma jarra com vinho, mas Lan não provou nenhuma das duas coisas. Não tinha sede e precisava ter a cabeça firme para ver Edeyn. Enquanto esperava, assumiu o *ko'di* e permaneceu sentado no vazio, livre de emoções. Sempre era melhor entrar num combate com o ânimo inalterado.

Em um período de tempo incrivelmente curto, Anya voltou a entrar, fechando a porta atrás de si.

- Milorde, lady Edeyn solicita sua presença em seus aposentos. – o tom de sua voz era absolutamente neutro; seu rosto era tão inexpressivo como o de uma Aes Sedai.

- Diga ao mensageiro que ainda não me recuperei da viagem. – respondeu.  
Anya fez uma reverência; parecia decepcionada com a resposta.

A cortesia exigia que lhe dessem tempo para repousar, tanto quanto fosse necessário; mas em menos de meia hora, segundo o relógio dourado de pêndulo que havia sobre o consolo da lareira, Anya entrou novamente, trazendo-lhe uma carta selada com o emblema de uma leoa em cera azul. Uma leoa agachada, pronta para saltar. Era o emblema pessoal de Edeyn, e bem digno dela. Lançou-o de má vontade. Era uma mensagem curta.

“Venha até mim, minha doçura. Venha agora.”

Não estava assinada, e nem era preciso, mesmo que o selo não tivesse nenhuma marca. Sua letra floreada era-lhe tão familiar quanto a sua própria, muito mais simples. A carta era bem própria de Edeyn. Imperativa. Edeyn nascera para ser rainha, e sabia disso.

Atirou o papel às chamas da lareira. Desta vez, não restou dúvida alguma sobre a decepção de Anya. Luz, aquela mulher fôra colocada a seu serviço, mas Edeyn tinha uma aliada nela, se é que sabia disso. E certamente sabia. Tinha uma facilidade assombrosa para assegurar-se de quem poderia lhe ser útil. Não chegaram mais recados de Edeyn; mas quando o relógio de pêndulo deu os três quartos, a senhora Romera apareceu.

- Milorde, sente-se descansado o bastante para que o príncipe consorte o receba?

Finalmente. Era uma grande honra que ela o conduzisse pessoalmente, mas os forasteiros necessitavam de um guia para ir de um lado a outro no palácio. Ele já estivera ali algumas vezes, e mesmo assim, perdia-se de vez em quando. Deixou a espada laqueada de negro no suporte junto da porta. Não lhe serviria de nada lá, além de ser um insulto a Brys se a levasse, já que indicaria que acreditava ser necessário proteger-se. O que era verdade, aliás, embora não com aço.

Esperara uma reunião privada em primeiro lugar, mas a senhora Romera conduziu-o a um grande salão com uma alta cúpula no centro, pintada à semelhança do céu e sustentada por finas colunas estriadas; o salão estava cheio de gente e o murmúrio das conversas cessou no momento em que notaram sua chegada. Criados uniformizados moviam-se silenciosamente entre os

convidados, oferecendo vinho temperado a senhores e damas kandoreses, vestidos de seda bordada com os emblemas de suas Casas, e a pessoas com finas roupas de pano, que ostentavam as insígnias das guildas mais importantes. E havia outros também. Lan viu homens com jaquetas longas, ostentando o hadori, homens que ele sabia que não o usavam há dez anos ou mais. Mulheres com o cabelo à altura dos ombros, ou ainda mais curto, exibiam o pequeno ponto do ki'sain pintado na testa. Tais homens e mulheres que haviam resolvido recordar Malkier, inclinaram-se quando ele apareceu e fizeram-lhe profundas reverências. Observaram a senhora Romera anuncia-lo a Brys, como falcões que cercam uma lebre nos campos. Talvez não devesse ter ido até lá, mas agora era tarde para arrepender-se de sua decisão. Não havia mais remédio que prosseguir, acontecesse o que acontecesse no fim.

O príncipe Brys era um homem de meia idade, baixo e musculoso, duro como se fosse talhado em pedra e que parecia mais à vontade vestindo uma armadura do que aquele traje de seda verde trabalhado com fios de ouro, embora na verdade, estivesse acostumado a ambas as coisas. Brys era o Portador da Espada de Ethenielle e tinha uma sólida reputação como general. Segurou Lan pelos ombros para impedi-lo de inclinar-se diante dele.

- Sem reverências de um homem que já me salvou a vida duas vezes na Chaga, Lan. – pôs-se a rir.

- E duas vezes o senhor salvou a minha. Estamos em paz, não há dívidas de honra entre nós. – respondeu Lan.

- Pode ser, pode ser. Mas sua chegada parece ter transmitido parte de sua sorte a Diryk. Esta manhã, despencou de uma sacada, há uns bons vinte metros do chão, e não quebrou um só osso. – chamou com um gesto seu segundo filho, um menino de oito anos, bonito, de olhos escuros, que vestia uma jaqueta igual à sua. O pequeno adiantou-se. Tinha uma contusão enorme a um lado da cabeça e movia-se com certa rigidez por causa de outros machucados, mas fez uma reverência formal, só estragada, de certo modo, pelo sorriso de orelha a orelha. – Ele teria de estar tomando as lições, - confidenciou Brys, - mas estava tão ansioso por conhece-lo que teria esquecido como escrever, ou se cortado com a espada.

O menino franziu as sobrancelhas, protestando que nunca se cortaria. Lan correspondeu à medida do garotinho com igual formalidade, mas o pequeno esqueceu-se subitamente do protocolo.

- Dizem que você combateu os Aiel nas Marcas Shienarianas, milorde. – disse – É verdade? É verdade que eles têm três metros de altura? Realmente cobrem o rosto antes de matar? Comem seus mortos? É verdade que a Torre Branca é mais alta que uma montanha?

- Dê-lhe tempo para responder, Diryk. – repreendeu-o Brys, mas o sorriso divertido desmentia sua fingida severidade. O menino enrubesceu, intimidado, mas ainda assim dirigiu ao pai, que lhe revolveu o cabelo, um sorriso carinhoso.

- Lembre-se o que é ter oito anos, Brys. – interveio Lan – Deixe-o demonstrar seu entusiasmo. – No seu caso, ter oito anos significara ter de aprender o ko'di e descobrir o que encontraria quando entrasse na Chaga pela primeira vez; e aprender a matar usando mãos e pés. Que Diryk desfrutasse de uma infância mais feliz que a sua, até que chegasse o tempo em que deveria pensar na morte como algo próximo demais.

As palavras de Lan desataram outra torrente de perguntas de Diryk, embora desta vez esperasse pelas respostas. Se lhe dessem trela, o menino lhe teria espremido até a última gota de informação sobre os Aiel e sobre as maravilhas das grandes cidades do sul, como Tar Valon e Far Madding. Certamente não acreditava que Chachin era tão grande quanto elas. Finalmente, seu pai deteve-o.

- Lorde Mandragoran satisfará sua curiosidade depois, mas agora tem de falar com outras pessoas. – disse ao menino. – Vá com a senhora Turval e com seus livros.

Lan teve a impressão de que todo o mundo continha a respiração, expectante, enquanto Brys acompanhava-o através do salão de ladrilhos vermelhos e brancos. Edeyn continuava exatamente igual como a recordava. Oh, sim, estava dez anos mais velha, com um ou outro fio branco nas têmporas e algumas rugas finas no canto dos olhos, mas seus grandes olhos negros o envolveram. Seu ki'sain ainda era branco, como convinha a uma viúva, e seus cabelos caíam-lhe até abaixo da cintura, numa cascata de ondas negras. Envergava um vestido vermelho, ao estilo domani, ajustado e um pouco transparente. Estava lindíssima, mas nem mesmo ela podia fazer algo ali. Durante um instante, mulher limitou-se a fitá-lo, fria e pensativamente.

- Teria sido mais... fácil se você tivesse atendido ao meu chamado. – murmurou,



sem parecer importar-se de que Brys a ouvisse. E então, inesperadamente, pôs-se de joelhos, com um gesto gracioso e tomou-lhe as mãos. – Pela Luz, - proclamou em voz clara e forte – eu, Edeyn di Gemallen Arrel, juro fidelidade a al’Lan Mandragoran, Senhor das Sete Torres, Senhor dos Lagos e Legítima Espada de Malkier. Que corte a Sombra!

Até Brys ficou estupefato. Houve um momento de silêncio, enquanto a mulher beijava a mão de Lan e depois as aclamações explodiram de toda a parte. Soaram gritos de “A Garça Dourada!” e até “Kandor cavalga com Malkier!”. O ruído o fez reagir e soltou as mãos para erguer Edeyn.

- Milady, não há rei de Malkier. – disse em voz baixa mas tensa, - Os Grandes Lordes não pronunciaram seu voto.

Ela pôs-lhe a mão nos lábios; uma mão cálida.

- Três dos cinco que sobreviveram estão neste salão, Lan. Precisamos perguntar-lhes qual será seu voto? O que tem de ser, será. – dito isso, voltou a reunir-se à multidão dos que se reuniam à sua volta para felicita-lo e até jurar-lhe fidelidade, se deixasse.

Brys resgatou-o e levou-o a um largo balcão com balaustradas de pedra, que assomava sessenta pés acima dos telhados. No palácio, sabia-se que era o lugar onde Brys ia quando queria estar só, de modo que ninguém os seguiu. O único acesso era a porta, e tampouco chegava-lhes qualquer ruído do palácio.

- Se eu soubesse que ela pretendia fazer aquilo, não a teria recebido. Se você quiser, farei com que saiba que não é bem-vinda. Não me olhe assim, homem! Conheço suficientemente os costumes malkieri para não insulta-la. Mas o fato é que ela o apanhou numa situação na qual certamente você nunca se meteria de livre e espontânea vontade. – Brys sabia menos do que imaginava. Por mais delicadas que fossem suas palavras, dizer a ela que sua presença não era grata seria um insulto terrível.

- “Até as montanhas se gastam com o tempo”. – citou Lan. Agora já não sabia se poderia evitar conduzir homens à Chaga. Nem se queria evita-lo. Todos aqueles homens e mulheres com Malkier viva na memória. Malkier merecia ser reconstruída, mas a que preço?

- O que você vai fazer? – uma pergunta simples, formulada de modo simples, mas muito difícil de responder.

- Não sei. – ela vencera apenas um embate, mas a facilidade com que o conseguira o deixava atônito. Formidável adversária, aquela mulher que mantinha parte sua alma presa aos cabelos.

O resto da conversa limitou-se a uma tranqüila palestra sobre caçadas, bandidos e se o recrudescimento da luta contra a Chaga no último ano se extinguiria logo. Brys lamentava ter retirado seu exército da guerra contra os Aiel, mas não tivera alternativa. Comentaram os rumores sobre um homem que canalizava – ao qual cada murmúrio situava num local diferente, devido ao que Brys, assim como Lan, pensava que era outro “homem do saco”, produto da imaginação – e falaram da presença das Aes Sedai, as quais pareciam estar em toda a parte, sem que ninguém soubesse a razão. Ethenielle contara-lhe em uma de suas cartas que em um povoado pelo qual passara, duas irmãs haviam capturado uma mulher que se fazia passar por Aes Sedai. As duas Aes Sedai verdadeiras arrastaram-na por toda a aldeia, açoitando-a e obrigando-a a confessar seu crime a todos os que viviam ali. Depois, uma das irmãs a conduziu a Tar Valon para receber seu verdadeiro castigo, fosse qual fosse. Lan surpreendeu-se desejando consigo mesmo que Alys não tivesse mentido quanto ao fato de ser uma Aes Sedai, ainda que não compreendesse que diabos tinha ele a ver com aquilo.

Havia confiado ser capaz de evitar Edeyn pelo resto do dia; mas, quando o conduziram de volta a seus aposentos – desta vez, um criado – a mulher estava lá, esperando-o, sentada languidamente numa das cadeiras da sala de estar. Os criados de Lan não estavam em parte alguma. Pelo visto, Anya era realmente aliada de Edeyn.

- Lamento dizer que você já não é mais tão bonito, minha doçura. – disse ela quando Lan entrou. – Acho possível até que se torne feio, com o passar dos anos. Mas sempre gostei mais de seus olhos que de seu rosto. – o sorriso tornou-se sedutor – E suas mãos.

Ele detivera-se na porta, sem soltar a aldrava.

- Milady, há menos de duas horas, a senhora jurou... – não concluiu a frase.

- Obedecerei, meu rei; mas, como diz o provérbio, um rei não é um rei quando está a sós com sua carneira. – pôs-se a rir; era um som... voluptuoso. – Eu trouxe seu daori. Traga-o aqui.

Contra sua vontade, os olhos de Lan seguiram o olhar da mulher até uma caixa laqueada que estava sobre uma mesinha junto da porta. Levantar a tampa custou-lhe tanto esforço quanto levantar um rochedo. Enroscado no interior havia um longo cordão tecido com cabelos. Lembrava-se de cada instante da manhã seguinte à sua primeira noite juntos, quando Edeyn levou-o aos aposentos das mulheres do palácio real de Fal Moran e deixou que as criadas e damas de honor vissem como lhe cortava os cabelos à altura dos ombros. Até lhes explicou o que significava. Todas haviam achado graça e motejado, enquanto ele se sentava aos pés de Edeyn para tecer-lhe o daori. Edeyn seguia os costumes, mas à sua própria maneira. O cabelo tinha um toque suave e flexível; ela devia esfrega-lo com óleo diariamente.

Cruzou rapidamente a sala, ajoelhou-se diante dela e estendeu-lhe o daori que trazia nas mãos.

- Em honra de tudo quanto lhe devo, Edeyn, para sempre. – em sua voz não havia mais o fervor daquela manhã longínqua, mas sem dúvida, ela compreendia.

Edeyn não tomou o cordão, observando-o cuidadosamente, como uma leoa a um cervo.

- Eu sabia que você não tinha ficado tanto tempo fora, a ponto de esquecer nossos costumes. – disse finalmente – Venha.

Levantou-se segurou-o pelo pulso e puxou-o na direção das portas que davam no balcão do qual se avistava o jardim, nove metros abaixo. Dois criados munidos de baldes aguavam as plantas e uma adolescente passeava por uma álea; seu vestido azul era tão radiante quanto qualquer uma das flores que cresciam sob as árvores.

- Minha filha, Iselle. – por um momento o orgulho e o carinho deram um tom cálido à sua voz – Lembra-se dela? Tem dezessete anos. Ainda não escolheu seu carneira. – os garotos eram escolhidos por suas carneira; as garotas escolhiam os seus. – Seja como for, creio que está em tempo de casar-se.

Lan recordava-se vagamente de uma menininha que mantinha a criadagem em polvorosa, a flor do coração de sua mãe, mas naquela época ele só queria saber de Edeyn. Luz, ela ainda preenchia seus pensamentos da mesma forma que seu

perfume inundava-lhe as fossas nasais. Seu cheiro.

- Estou certo de que é tão bela quanto sua mãe. – disse cortesmente. Apertou o daori entre os dedos; ela tinha vantagens demais, todas as vantagens, enquanto ele o tivesse nas mãos, mas a mulher não o apanhara. – Edeyn, precisamos conversar.

- Você também precisa casar-se, doçura minha. – prosseguiu a mulher, ignorando suas palavras. – Já que nenhuma mulher da sua família sobreviveu, cabe-me a mim arranjar isso. – esboçou um sorriso cálido ao contemplar a garota no jardim; o sorriso amoroso de uma mãe.

O significado daquelas palavras provocou um sobressalto em Lan. A princípio, nem pôde acreditar.

- Iselle? – perguntou com voz rouca – Sua filha? – talvez ela seguisse os costumes a seu modo, mas aquilo seria escandaloso. – Não vou deixar-me envolver em algo tão vergonhoso, Edeyn. Nem por você, e nem por causa disto . – sacudiu o daori diante da mulher, mas ela limitou-se a fitá-lo e sorrir.

- Mas é claro que ninguém vai envolvê-lo em nada, doçura minha. Você é um homem, não um garotinho. Mas respeita os costumes. – acrescentou cavilosa, passando um dedo pelo cordão de cabelos que tremia nas mãos de Lan. – Talvez precisemos mesmo conversar.

Contudo, foi para a cama que o conduziu. No mínimo, ali recuperaria parte do terreno perdido, tanto se tomasse o daori nas mãos como se não. Ele não ficou surpreso quando, em vez de tomar o cordão em suas mãos, ela lhe disse que podia solta-lo para ajuda-la a despir-se. Edeyn nunca renunciaria às suas vantagens. Não até que ele presenteasse o daori à sua noiva no dia do casamento. E Lan não atinava com um jeito de impedir que essa noiva fosse Iselle.

\* Acre: medida de superfície equivalente a um quadrado de cem passos de lado.

## A Estrela Vespertina



Moiraine permitiu-se esboçar um sorriso quando os amigos de Lan saíram a galope atrás dele. Se ele queria perde-la de vista tão rápido, era sinal de que lhe causara alguma impressão. Que se tornasse mais profunda, era algo pelo que teria de esperar. Então, ele achava que ela devia evitar as áreas perigosas de Chachin, é? Devia ter aprendido algo ao vê-la lidar com aqueles bandidos.

Afastou o homem de sua mente e saiu a procurar as tais zonas perigosas. Quando Siuan e ela tinham permissão para passear por Tar Valon, quando Aceitas, os salões que Siuan gostava de freqüentar estavam exatamente naquele tipo de bairro. A comida e a bebida eram baratas e era improvável que fossem freqüentados por Aes Sedai, que sem dúvida não aprovariam que duas Aceitas tomassem um copo de vinho em semelhantes antros. Além do mais, Siuan dizia que se sentia mais à vontade naquelas tabernas que nos estabelecimentos de melhor qualidade, nos quais Moiraine preferia comer. E mais, cigana como era em relação ao dinheiro, Siuan devia ter tomado um quarto na estalagem mais barata que pudesse encontrar.

Moiraine cavalgou pelas ruas lotadas compreendidas no interior da primeira muralha, até chegar a um local onde não se viam músicos nem liteiras, e onde os poucos vendedores ambulantes não só não tinham clientela, como tampouco

esperavam tê-la prontamente. As casas de pedra que flanqueavam as ruelas tinham um aspecto descuidado, dissimulado pelos telhados coloridos, com a tinta descascada nas portas, os postigos de janela sem pintura e janelas sujas, com os vidros quebrados. Crianças esfarrapadas corriam, brincavam e riam até nos cantos mais sujos. Comerciantes armados de garrotes vigiavam suas mercadorias expostas em mesas diante dos estabelecimentos, e observavam os passantes como se os considerassem a todos capazes de rouba-los. E talvez tivessem razão, pelo menos no tocante a alguns indivíduos que caminhavam depressa, com as cabeças baixas e as roupas de pano gastas e remendadas, ou que, pelo contrário, aprumavam-se, lançando olhares desafiadores. Uma pobre mulher atormentada pela fome poderia cair na tentação de roubar algo para saciar-se. A capa forrada de pele de Moiraine e seu traje de amazona de seda atraíram olhares, assim como Flecha. Não havia nenhum outro cavalo na rua.

Quando desmontou, diante da primeira estalagem que avistou, um lugarzinho de aspecto empoeirado chamado O Ganso Encrespado, um cão com as costelas salientes rosnou, eriçando o pêlo das costas, até que lhe deu um golpe com um fino fluxo de Ar que o fez sair em disparada, ganindo, pela rua afora. Mais preocupante era a moça alta, que usava um vestido muito remendado, cuja cor vermelha original desbotara até atingir uma mescla de diferentes tons. Fingia procurar algo no chão com o sapato, mas olhava de soslaio para Flecha; um olhar cobiçoso. Não havia anéis nem postes onde amarrar os cavalos ali, então Moiraine deixou as rédeas soltas, com o que Flecha sabia que não devia mover-se, e teceu travas de Ar nas patas dianteiras da égua, assim como salvaguardas a seu redor, que a advertiriam se alguém tentasse mover o animal. A última trama, manteve-a, em vez de amarra-la.

O sombrio salão do Ganso Encrespado confirmava a impressão que dava sua fachada. O chão estava coberto com o que deveria, em algum momento, ter sido serragem, mas agora parecia barro espesso. Cheirava a fumaça de tabaco e cerveja forte, e a algo que se queimara na cozinha. Os convivas, sentados às mesas, inclinavam-se sobre as canecas; homens de rostos duros, vestidos com roupas grosseiras, que levantaram a cabeça, surpreendidos, ao vê-la entrar.

O estalajadeiro, vestindo uma suja jaqueta verde, era um sujeito magro, de tez curtida e expressão equívoca e ladina na cara achatada, de aparência tão ruim quanto qualquer dos bandidos que os haviam assaltado na estrada.

- Está hospedada aqui uma jovem teariana? – perguntou ela – Uma teariana de

olhos azuis?

- Este lugar não é para gente como a senhora, milady. – murmurou ele, esfregando a face coberta com uma barba de vários dias com a mão nervosa. O gesto fez com que a sujeira mudasse de lugar – Venha, indicarei algo mais apropriado.

Dirigiu-se à porta, mas Moiraine segurou-o pela manga. Ligeiramente. Algumas nódoas da jaqueta pareciam manchas de comida velha e seca, e ao aproximar-se, percebeu que o homem cheirava como se não se lavasse há semanas.

- A mulher teariana.

- Nunca vi uma teariana de olhos azuis. Por favor, milady, conheço uma boa estalagem, um lugar ótimo, a apenas duas quadras daqui.

A salvaguarda que colocara em Flecha provocou-lhe um arrepio na pele.

- Não, obrigada. – disse ao estalajadeiro e saiu apressadamente.

A mulher de vestido vermelho desbotado tentava levar Flecha, puxando-a pelas rédeas, e sua frustração aumentava a cada passo minúsculo da égua.

- Eu, se fosse você, desistiria dessa idéia. – disse Moiraine em voz alta. – O castigo por roubo de cavalos é o chicote, se o animal for recuperado, e algo pior se não for. – as Aceitas tinham de aprender as leis mais comuns de diversos países.

A jovem voltou-se rapidamente, boquiaberta. Aparentemente, acreditara dispor de mais tempo até que Moiraine voltasse. Entretanto, recuperou-se em seguida da surpresa; aprumou as costas e pousou a mão no longo punhal que levava no cinto.

- Suponho que você pense que pode me obrigar. – disse com desprezo, olhando para Moiraine de cima a baixo.

Teria sido um prazer despedir a mulher com vários vergões nas costas, mas assim revelaria o que era. Alguns transeuntes, homens, mulheres e crianças, haviam parado para assistir, embora não para intervir, só para ver como aquilo acabaria.

- É o que farei, se for necessário. – respondeu Moiraine sossegada, friamente.

A jovem franziu as sobrancelhas, lambeu os lábios e apalpou a empunhadura do punhal. Inesperadamente, soltou as rédeas de Flecha com raiva.

- Fique com ela, então! A verdade é que não vale a pena rouba-la. – deu-lhe as costas e afastou-se rua abaixo, lançando olhares desafiadores em todas as direções. O mau gênio de Moiraine descontrolou-se e a moça canalizou Ar e golpeou a mulher no traseiro, com força. Com toda a força. A mulher soltou um berro e deu um salto de quase dois palmos no ar. Agarrou a empunhadura do punhal e girou sobre os calcanhares velozmente, carrancuda, procurando a pessoa que a golpeará, mas não havia ninguém a menos de dois passos dela, e todos a olhavam com estranheza. Retomou seu caminho, esfregando a zona dolorida com as mãos.

Moiraine assentiu com um leve aceno de satisfação. Talvez no futuro a aspirante a ladra de cavalos pensasse melhor antes de insultar o cavalo de outra mulher. Mas sua satisfação não durou muito.

Na segunda estalagem da rua, O Javali Cego, uma mulher gorducha e algo vulgar, com um longo avental que outrora talvez tivesse sido branco, cacarejou ironicamente que não havia tearianos na sua pousada. Cada palavra que pronunciava vinha acompanhada de um riso estridente.

- Melhor ir embora agora, garota. – acrescentou – Meus clientes passarão um terno quarto de hora com você, se não sair já em disparada. – atirou a cabeça para trás e desatou numa gargalhada à qual fizeram coro seus fregueses.

No Cêntimo de Prata, a última estalagem da rua, a estalajadeira era uma bela mulher de meia idade, não muito alta, com um sorriso alegre e um lustroso cabelo negro tecido em uma grossa trança que começava no alto da cabeça. E, quem haveria de imaginar, o vestido de pano marrom de Nedare Satarov estava limpo e era de bom corte, e o chão do salão fôra varrido recentemente. Seus clientes eram homens de expressão dura, e mulheres de olhar igualmente duro, mas os aromas que saíam da cozinha prometiam uma comida no mínimo aceitável.

- Pois sim, milady. – respondeu – Tenho aqui uma jovem teariana com essa



descrição. Por que não se senta e toma um pouco de vinho temperado enquanto espera? – estendeu-lhe uma caneca de madeira que trazia ao aproximar-se de Moiraine. Da caneca saía um doce odor de especiarias.

- Obrigada. – Moiraine correspondeu ao sorriso da mulher com outro, agradecido. Que sorte, ter encontrado Siuan logo! Mas subitamente, interrompeu o gesto de estender a mão, antes de apanhar a caneca. Alguma coisa alterara a expressão da senhora Satarov. Só um ápice, mas agora tinha um ar de expectativa. Além do mais, já tinha a caneca na mão quando viera atendê-la. Moiraine não vira sinal de vinho nas primeiras estalagens que visitara. Naquela zona da cidade, ninguém podia dar-se ao luxo de tomar vinho. As especiarias podiam dissimular outros sabores.

Abraçou a Fonte, teceu com Energia uma das tramas secretas do Ajah Azul e tocou com ela a estalajadeira. O sinal de expectativa foi substituído por uma vaga inquietação.

- Tem certeza de que a jovem se encaixa exatamente com a minha descrição? – perguntou, apertando ligeiramente a trama. Gotas de suor apareceram na testa da senhora Satarov. – Certeza absoluta? – outro pouco de pressão e o medo transpareceu no olhar da mulher.

- Pensando bem, não tinha os olhos azuis. Partiu esta manhã, lembro-me agora.

- A quantas visitantes incautas você serviu vinho? – indagou Moiraine com voz glacial. – A quantas mulheres? Deixam-nas viver depois, ou simplesmente ficam em tal estado que prefeririam estar mortas?

- Eu... não sei do que você está falando. Se me dá licença...

- Beba. – ordenou Moiraine, apertando a trama até leva-la à beira do pânico. Trêmula, a senhora Satarov não foi capaz de tirar os olhos dela – Beba tudo.

Sem deixar de encara-la, a mulher levou a caneca aos lábios, com um gesto vacilante, e sua garganta contraiu-se de modo convulsivo enquanto engolia. Depois, arregalou os olhos ao perceber o que estava fazendo, e com um grito, atirou a caneca longe, em meio a uma chuva de vinho. Moiraine soltou a trama, mas o medo da senhora Satarov não diminuiu. O rosto da mulher estava plasmado numa careta de terror, ao percorrer o salão com o olhar. Depois, ergueu

as saias até os joelhos e tentou correr para a cozinha, ou talvez para a escada que havia no fundo do salão, mas depois de três passos começou a cambalear e depois de outros três, desmoronou no chão como se seus ossos se tivessem derretido; suas pernas ficaram à mostra até as coxas. Usava meias de seda. Aquela mulher tirara bons lucros de seu vil comércio. Agitou os braços, como se quisesse rastejar, mas já não tinha forças.

Alguns homens e mulheres das mesas contemplavam Moiraine estupefatos, provavelmente surpresos de que não fosse ela quem estivesse no chão, mas a maioria parecia observar atentamente os inúteis esforços da senhora Satarov para arrastar-se. Um homem curtido, com uma longa cicatriz no rosto, esboçou um lento sorriso que não se refletia em seus olhos; um indivíduo enorme, com ombros de ferreiro, lambeu os lábios. Aos pares, ou de três a três, as mulheres começaram a sair à rua apressadamente, todas evitando o contato de Moiraine quando passavam a seu lado. Alguns dos homens também se retiraram. Moiraine juntou-se ao êxodo, sem olhar para trás. Às vezes, a justiça era feita por outros meios além das leis e espadas.

O resto do dia transcorreu igual, numa busca por vários bairros onde as roupas dos habitantes eram gastas e remendadas, e todo o mundo andava a pé. Em Chachin, percorrendo apenas cinco quadras, podia-se passar de uma zona onde as casas e lojas eram pelo menos moderadamente prósperas, à miséria absoluta, a uma pobreza mesquinha e suja, e vice-versa. Os governantes, se eram bons e decentes, sempre tentavam socorrer quem passava necessidades, e Moiraine ouvira dizer que Ethenielle era generosa, mas mesmo assim, parecia-lhe que a cada homem que se tirava da penúria, outro caía nela. Assim era o mundo, por mais injusto que fosse. A frustração era outro motivo pelo qual evitara o Trono do Sol.

Procurou em salões que ressoavam com gritos ébrios e gargalhadas, e em outros, lúgubres e silenciosos, onde os fregueses sentados às mesas pareciam apenas querer afogar seus problemas na bebida, mas ninguém admitiu ter visto uma jovem teariana de olhos azuis. Em outras três ocasiões, ofereceram-lhe vinho em circunstâncias suspeitas, mas não repetiu o que fizera com a senhora Satarov. E não porque lhe faltasse vontade, mas porque a história se espalharia. Uma vez, a coisa poderia ser atribuída a simples boatos, mas quatro vezes, daria o que falar. Qualquer irmã do Azul que ouvisse, certamente suspeitaria que havia outra Azul na cidade. Não lhe agradava a idéia de que uma irmã do Azul pudesse pertencer ao Ajah Negro, mas qualquer uma poderia, e Moiraine precisava permanecer

incógnita por quanto tempo fosse possível.

Em duas ocasiões foi atacada por homens que, aos pares, agarraram as rédeas de Flecha e tentaram desmontá-la de um tirão. Se fossem mais de dois, talvez fosse obrigada a revelar sua condição, mas a trama que induzia ao medo, executada com a máxima potência, os fez sair em disparada pelo meio da multidão, tomados de um pânico cego. O povo mirou surpreso os homens que fugiam, certamente perguntando-se porque aqueles sujeitos fortes que tentavam roubar um cavalo, saíam correndo de repente, mas, a menos que houvesse alguma espontânea ali, ninguém entenderia a razão. Houve no mínimo outras sete tentativas de roubar Flecha enquanto ela estava dentro de uma estalagem. Em uma ocasião, era uma quadrilha de moleques que afugentou com um grito; de outra feita, seis garotos maiores, que acreditaram que podiam ignorá-la, até que ela os fez sair correndo rua abaixo, entre gritos e pulos, fustigados por uma chuva de varadas tecidas com Ar. Não era que Chachin fosse uma cidade pior que as outras, mas Moiraine estava em uma zona em que as roupas de seda e a capa forrada de pele e um bom cavalo assinalavam-na como uma vítima à qual valia a pena depenar. Se perdesse Flecha ali, um magistrado certamente lhe diria que a culpa era sua. A única coisa que podia fazer era apertar os dentes e seguir em frente.

A fria luz do dia começou a declinar em direção a outra noite gelada. Puxava Flecha pelas ruas entre as sombras que se alongavam, atenta à escuridão que se agitava de forma suspeita num beco, pensando que teria de adiar a busca até o dia seguinte quando Siuan chegou por trás dela, com passos vivos.

- Eu imaginei que você me procuraria aqui, quando chegasse. – disse, tomando-a pelo cotovelo para que apressasse o passo. Usava o mesmo traje de montar de pano azul. Moiraine duvidava que a idéia de gastar parte do dinheiro que lhe dera em outro vestido lhe tivesse sequer passado pela cabeça. – Estive percorrendo esses bairros à sua procura. Vamos abrigar-nos antes que acabemos congelando. – Siuan olhou também para as sombras no beco e segurou o punhal no cinturão com ar distraído, como se o Poder não bastasse para liquidar dez atacantes. Bem, não poderiam utilizá-lo sem revelar o que eram. Talvez fosse melhor apressar-se. – Este não é um bairro para você, Moiraine. Acredite, eu sei: há sujeitos aqui que a comeriam no jantar, antes que você sequer percebesse que estava na mesa. Você está rindo, ou se engasgou?

- As duas coisas. – respondeu Moiraine com dificuldade. Quantas vezes naquele

dia ouvira diversas variantes do aviso de que se converteria em algo comestível se não tomasse cuidado? Não pôde evitar deter-se e abraçar sua amiga. – Oh, Siuan, como estou feliz em vê-la. Onde você se hospedou? Certamente em algum lugar onde sirvam peixe. Posso esperar que pelo menos as camas não tenham carrapatos e piolhos?

- Talvez não seja a espécie de lugar a que você está acostumada, mas um bom teto que nos proteja da chuva é tudo quanto precisamos. E não há irmãos lá, de forma que você pode caçar os carrapatos e piolhos à vontade. Mas é melhor apressarmo-nos, se quisermos chegar à estalagem antes que anoiteça.

Moiraine suspirou. E apressou-se. Não era aconselhável estar fora depois do pôr-do-sol nos lugares que contavam com o favor de Siuan.

Resultou que Siuan tinha um quarto numa estalagem muito respeitável, chamada A Estrela Vespertina, uma construção de pedra de três andares que albergava mercadores de média categoria, especialmente mulheres, que não gostavam de barulho nem gente grosseira no salão. Um par de sujeitos musculosos, encostados nas colunas pintadas de azul enquanto vigiavam a porta principal, cuidavam de que não houvesse nada disso. Muitas mesas estavam ocupadas por mulheres, a maioria com roupas de pano bem cortadas mas simples, sem outras jóias senão uma medalha ao pescoço ou brincos; duas usavam as correntes da Guilda dos Mercadores kandoresa no peito, e havia três com chamativos vestidos domani e colares de ouro que lhes cobriam o colo inteiro, discutindo acaloradamente algo em voz baixa. Uma mulher de cabelos grisalhos tocava uma melodia alegre ao saltério, e da cozinha vinha o aroma de cordeiro, não de peixe.

A estalajadeira, Ailene Tolvina, era uma mulher delgada, que parecia pouco disposta a permitir tolices; usava um vestido cinzento, bordado nos ombros com algumas flores azuis salpicadas. Não dispunha de quartos vagos, mas não se opôs a que Moiraine se instalasse no quarto de Siuan.

- Desde que paguem um extra, por ser duas. – acrescentou, estendendo a mão. Sedas ou peles não bastavam para conquistar o respeito da senhora Tolvina.

- Então, posso caçar os carrapatos e piolhos à vontade, é? – disse Moiraine enquanto pendurava a capa num gancho no pequeno quarto de Siuan, situado no último andar. Pelo menos estava quente, com a estufa construída sob a cama não muito larga, mas muito bem arrumada. Siuan nunca era desordenada. – Fico

surpresa que você se hospede aqui. – o “extra” fôra um cêntimo de prata; então, sua amiga devia estar pagando dois.

- Bem, antes de caçá-los, você terá de atrair os carrapatos. Por que ficou surpresa? – Siuan sentara-se na cama, com as pernas cruzadas e quase pulava sobre o colchão. Parecia ter recobrado ânimo desde que Moiraine a encontrara em Canluum. Ter um objetivo era algo que sempre a fazia entusiasmar-se.

Moiraine não respondeu à pergunta. Compartilharia da cama de Siuan, e esta sabia exatamente os pontos em que as cócegas a fariam contorcer-se de riso, implorando-lhe que parasse.

- O que você descobriu?

- Muito e nada. Passei por maus bocados, já se viu. Aquele cavalo estúpido quase me deixou moída antes de chegar aqui. O Criador fez as pessoas para caminhar ou andar de barco, não para ficar pulando em cima de uma sela, para lá e para cá. Suponho que a tal Sahera não é quem estamos procurando, ou você estaria saltando como uma truta na primavera. Encontrei Inês Demain quase imediatamente, mas não pude aproximar-me dela. Enviuvou recentemente, mas sim, teve um filho. Chamou-o de Rahien, porque viu raiar a aurora sobre o Monte do Dragão. É a fofoca do lugar. Todo o mundo pensa que é uma razão absurda para pôr tal nome no menino. Moiraine reprimiu uma súbita emoção. Ver o amanhecer sobre a montanha não significava que o menino tivesse nascido nela. Não havia ali nenhuma cadeira ou banqueta, ou espaço para ter uma, de modo que sentou-se aos pés da cama, abraçando os joelhos.

- Se você encontrou Inês e seu filho, Siuan, por que não pôde se aproximar deles?

- Porque ela está no maldito palácio de Aesdaishar, nem mais, nem menos. – Siuan teria sido recebida facilmente apresentando-se como Aes Sedai; senão, a única possibilidade era se o palácio contratasse criadas. O palácio de Aesdaishar.

- Cuidaremos disso amanhã. – suspirou Moiraine. Teriam de correr riscos, mas precisavam fazer algumas perguntas a lady Inês. Nenhuma das mulheres que Moiraine visitara chegara a avistar o Monte do Dragão enquanto seu filho nascia – Algum sinal do... Ajah Negro? – tinha de acostumar-se a pronunciar aquele nome.

Siuan baixou os olhos, franziu as sobrancelhas e amarrotou a saia dividida.

- Esta é uma cidade estranha, Moiraine. – respondeu por fim – Lampiões nas ruas e mulheres que se batem em duelo, ainda que o neguem, e correm mais histórias do que dez homens cheios de cerveja poderiam inventar. Algumas são interessantes. – inclinou-se para a frente e colocou a mão num dos joelhos de Moiraine – Todo o mundo está falando de um jovem ferreiro que morreu com a espinha partida, há algumas noites. Ninguém esperava grande coisa dele, mas há um mês, mais ou menos, converteu-se num grande orador. Convenceu sua Guilda a reunir algum dinheiro destinado aos pobres que haviam chegado à capital, fugindo de bandidos, gente que não tinha relações com nenhuma Guilda ou Confraria.

- Em nome da Luz, Siuan, que diabos...

- Cale-se e ouça, Moiraine. Ele reuniu um montão de prata e aparentemente encaminhava-se à sede da Guilda para entregar seis ou oito bolsas de dinheiro quando o mataram. O idiota estava sozinho. Mas o fato é que não roubaram uma moeda, Moiraine. E ele não tinha uma única marca em seu corpo, só a espinha quebrada.

Fitaram-se longamente, em silêncio, e Moiraine sacudiu a cabeça.

- Não vejo que ligação pode haver entre isso e Tamra ou Meilyn. Um ferreiro? Siuan, acabaremos loucas se acreditarmos ver irmãos Negras em toda a parte.

- E é possível que acabemos mortas se não acreditarmos. – replicou Siuan. – Enfim, é melhor sermos tubarões na rede, ao invés de bagres. Mas não esqueça que os tubarões também acabam nas lojas de pescado. O que você está planejando para nossa lady Inês?

Moiraine explicou-lhe. Siuan não gostou do plano, e desta vez, levou quase toda a noite a convence-la. A bem da verdade, Moiraine quase desejava que sua amiga a dissuadisse, para poder tentar outra coisa. Mas lady Inês vira nascer a aurora sobre o Monte do Dragão. Pelo menos, a conselheira Aes Sedai de Ethenielle estava com ela, em viagem ao sul.

## Servir-se da invisibilidade



Siuan recomeçou a discussão na manhã seguinte, enquanto se vestiam. Não gostava de ser contrariada, especialmente quando achava que tinha razão; e geralmente, pensava que tinha.

- Não me agrada que seja você a correr todos os riscos. – reclamou, colocando um vestido de pano azul pela cabeça. Afinal, havia trazido um para trocar, e mostrou-se insolente ao frisar que era Moiraine quem só tinha um vestido agora.

- Não correrei todos os riscos. – argumentou Moiraine, contendo um suspiro. Já haviam falado disso várias vezes, na noite anterior. – Você se arriscará tanto quanto eu. Você me ajuda a fechar o vestido?

Siuan segurou-a pelos ombros e deu-lhe meia volta quase que com rudeza, para fechar-lhe o vestido às costas.

- Não se faça de boba. – resmungou, puxando os atacadores do vestido com mais força que a necessária. – Se isto funcionar como você diz, ninguém prestará atenção em mim. E no entanto, você navegará com todas as velas desfraldadas, os remos levantados e os galhardetes flamando. Insisto que deve haver um jeito melhor de fazer isso, e que vamos nos sentar e discutir até que você recupere o juízo.

Desta vez, Moiraine suspirou. Um urso com dor de barriga teria sido uma companhia mais agradável. Até aquele sujeito, Lan! Por sua vez, fechou as laçadas do vestido de Siuan e tentou distrair sua amiga, comentado que o corte do vestido marcava-lhe demais o contorno dos seios e dos quadris. Certo, não apenas para distraí-la. Siuan merecia provar um pouco do seu escárnio.

- Sem dúvida, atraindo o olhar dos homens. – respondeu sua amiga. E desatou a rir com gosto! E chegou até a menear as cadeiras! Moiraine receou ter de passar o dia inteiro suspirando.

Quando desceram, com as capas dobradas sobre o braço, o salão estava quase cheio de mercadores; todos mulheres, como na noite anterior. As duas kandoresas, uma com três correntes sobre o peito e outra com duas, comiam depressa e sorriam como quem prevê um dia proveitoso. Pelo visto, algumas haviam feito negócios na noite anterior. Uma mulher esbelta, vestida de cinzento escuro, observava sua gorducha e alegre companheira de mesa com a expressão trágica de quem está à beira da ruína. As três domani mal beliscavam o desjejum, empurrando a comida com o garfo de um lado para o outro do prato; a julgar pelos seus olhos semicerrados e a palidez de suas faces, todas estavam sofrendo de ressaca.

- Um bom desjejum e depois podemos conversar. – anunciou Siuan, pondo-se nas pontas dos pés para procurar uma mesa livre no salão – Aqui fazem ótimos desjejuns.

- Pãezinhos, que comeremos pelo caminho. – decidiu firmemente Moiraine, dirigindo-se à senhora Tolvina.

A estalajadeira instruíra uma criada que usava um avental alvíssimo, debruado de azul. O único jeito de impor-se a Siuan em uma discussão, era antecipar-se a ela e atropela-la.

- Bom dia, senhora Tolvina. – cumprimentou a estalajadeira, que deu as costas à criada para voltar-se para Moiraine. – Gostaríamos de alugar os serviços de dois de seus homens para escoltar-nos por algumas horas, esta manhã. – os dois que vigiavam a porta não eram os mesmos da noite anterior, embora fossem igualmente corpulentos.

A mulher ergueu levemente as sobrancelhas, o que só acentuou seu ar de quem



não estava disposta a tolerar tolices. Também desta vez não houve reverência, embora Moiraine tivesse usado o Poder a fim de que seu vestido parecesse recém saído da lavanderia.

- Para quê? Se vocês se meteram em algum duelo, não quero ter nada a ver com isso. Considero uma estupidez esses duelos a chicote ou de outros estilos, e não vou apoiá-las. Em todo o caso, você voltará marcada com vergões sangrentos, pois duvido muito que já tenha lutado em toda a sua vida.

Moiraine mordeu a língua. Segundo Siuan, a estalajadeira possuía todo o tipo de normas, desde trancar a porta da rua à meia-noite até proibir a visita de homens no quarto, e fazia-as cumprir estritamente, mas jamais teria falado assim se soubesse que eram Aes Sedai.

- Preciso visitar um banqueiro. – disse, logo que teve a certeza de que poderia falar sem dizer um desaforo. Ser expulsas da estalagem não seria desastroso, mas representaria um inconveniente, e tinham muito a fazer naquele dia. – Um banqueiro sério e confiável. Por acaso sabe de algum que esteja próximo?

Acabou que a senhora Tolvina conhecia um, sim, com o qual fazia negócios, e para tal propósito não teve problemas em chamar de seus aposentos situados acima dos estábulos, dois de seus “vigilantes”, como os chamava, em troca de uma soma que sem dúvida era o dobro do salário que cobravam por dia. Apesar disso, Moiraine pagou sem reclamar. Regatear seria uma perda de tempo, e talvez resultasse num aumento da tarifa. Ailene Tolvina não parecia ser do tipo que regateava. Sem demora, Moiraine e Siuan estavam dentro de uma liteira carregada por quatro homens magros que, embora seu aspecto não demonstrasse, não apenas agüentaram bem o peso, mas percorreram as ruas apinhadas muito mais facilmente que o par de homens altos que, armados com porretes tachonados de metal, escoltavam a liteira..

- Isso não vai funcionar. – resmungou Siuan, entre uma mordida e outra no pãozinho tostado – Se você acha que precisamos de mais dinheiro, está bem, embora eu ache que você o desperdiça. Mas, que me fisguem, esse seu plano não vai dar certo. Seremos apanhadas na rede num piscar de olhos. Certamente mandarão chamar uma irmã, e só há uma lá. Insisto: devemos procurar outro jeito de fazer isto.

Moiraine fingiu estar muito ocupada comendo o pãozinho ainda quente do forno

para protestar. Além do mais, estava com fome. Se topassem com outra Aes Sedai... bem, cruzariam essa ponte quando se deparassem com ela. Pensou consigo mesma que o frio que sentia no estômago era devido à fome, não ao medo. Embora não pudesse pronunciar uma mentira, podia pensa-la. O plano tinha de funcionar; não havia outro jeito.

Assim como em Tar Valon, o banco assemelhava-se a um pequeno palácio e brilhava sob o sol da manhã como os verdadeiros palácios que se erguiam um pouco mais acima na encosta da montanha, com azulejos dourados nas paredes e duas grandes cúpulas brancas. O porteiro, que as recebeu com uma reverência, usava uma jaqueta vermelho escura com abelhas prateadas bordadas nos punhos, enquanto as dos criados eram negras, e tão curtas que se lhes via o traseiro modelado nas calças justas. O vestido de Moiraine, com as franjas da nobreza cairhieniana no peito, bastou para que a própria banqueira as recebesse em lugar de um subordinado, em uma sala tranqüila com painéis de madeira, castiçais de pé prateados e filetes de ouro nos móveis.

Kamile Noallin era uma mulher esbelta e encantadora, já madura, com o cabelo grisalho tecido em quatro longas tranças e olhar afiado e inquisitivo. Não se constrangeu em usar uma lente de aumento a fim de examinar a firma e o selo de Ilain Dormaile que apareciam ao pé da carta de crédito de Moiraine. Felizmente, a carta só estava levemente borrada depois do banho no lago. Ainda que não fosse a de maior importância que trazia consigo, e mesmo depois de aplicada a alta taxa cobrada devido à distância entre os dois bancos, rendeu-lhe um monte impressionante de ouro, guardado em dez bolsas de couro que a banqueira colocou sobre sua escrivaninha.

- Espero que tenham trazido uma escolta. – comentou cortesmente a senhora Noallin. Ouro em quantidade costumava proporcionar um tratamento respeitoso.

- Chachin é tão incapaz de fazer cumprir a lei que duas mulheres não estão seguras nem mesmo à luz do dia? – inquiriu Moiraine, com frieza. Imagine só, uma lente de aumento! – Creio que isto é tudo.

Um par de corpulentos lacaios carregaram as bolsas para fora e depositaram-nas no chão da liteira; pareceram aliviados ao avistar os dois “vigilantes” da senhora Tolvina, com seus porretes. Os carregadores levantaram a liteira sem esforço aparente, apesar do peso extra.

- Até o tal ferreiro deve ter vacilado ao andar carregado como uma mula! – resmungou Siuan, tocando com a ponta do pé as bolsas empilhadas entre ambas. – Quem poderia quebrar-lhe a espinha daquele jeito? Tripas de cação! Qualquer que seja o motivo, Moiraine, tem de ser obra do Ajah Negro!

Os carregadores deviam ter ouvido claramente suas palavras, mas seguiram adiante sem diminuir o ritmo da corrida, ainda que realmente nem devessem saber o que significava “Ajah Negro” ou sequer o significado do termo “Ajah”. Por outro lado, uma dama de aspecto altivo que por ali passava teve um sobressalto, arregaçou as saias até os joelhos e saiu em disparada, com tal ímpeto que seus criados, boquiabertos de surpresa, tiveram de esforçar-se por abrir caminho entre a multidão e segui-la.

Moiraine dirigiu um olhar recriminatório a Siuan. Sua segurança não podia depender da ignorância alheia. Siuan corou levemente, mas a expressão em seus olhos azuis era desafiadora.

A Estrela Vespertina possuía um pequeno quarto reforçado, no qual os mercadores – os que não tinham cofres em seus aposentos – podiam guardar seu dinheiro em segurança. Deixar lá a maior parte do ouro tampouco fez com que a senhora Tolvina as reverenciasse, nem mesmo depois que Moiraine deu-lhe uma coroa de ouro pelo incômodo. Certamente já vira muitos mercadores irem à bancarrota, para impressionar-se com o fato de alguém ter dinheiro naquele determinado momento.

- A melhor modista de Chachin é Silene Dorelmin, – disse em resposta à pergunta de Moiraine, - mas é muito cara, ou assim me parece. Cara demais.

Moiraine tornou a pegar uma das bolsas; pesava-lhe na cintura, quando atou-o ao cinto. O ferreiro deveria de andar aos tropeços! Não, Siuan estava tendo alucinações, isso era tudo.

Silene era uma mulher esbelta, de porte altaneiro e voz fria; usava um vestido azul vivo, com um decote tão baixo que mostrava grande parte da fenda entre os seios. Era um milagre que o traje se sustentasse em seus ombros! Moiraine estava tranqüila quanto a ser pressionada a usar algo daquele tipo. Propunha-se a violar todas as regras estabelecidas entre uma dama e sua modista. Aceitou que lhe tomassem medidas, já que isso não podia ser evitado, mas Silene semicerrou os olhos ao ver a rapidez com que escolhia panos e cores. Por um instante,

pareceu que ia negar-se a costurar o que Siuan necessitava, mas Moiraine comentou calmamente que pagaria o dobro do preço normal. Os olhos da mulher estreitaram-se até se assemelharem a fendas diante da vulgaridade de mencionar o preço, mas assentiu. E Moiraine soube que conseguiria o que queria. Lá, pelo menos.

- Quero-os para amanhã. –disse. – Ponha todas as suas costureiras a trabalhar.

Isso não fez com que os olhos de Silene se estreitassem, mas que se arregalassem, cintilantes de raiva.

- Impossível. – sua voz tornara-se gélida. – Talvez para o fim do mês. Talvez mais tarde, se eu encontrar tempo para fazê-los. Muitas damas encomendaram vestidos novos. O rei de Malkier está visitando o palácio de Aesdaishar.

- O último rei de Malkier morreu há vinte e cinco anos, Silene.

Moiraine pegou a bolsa recheada e emborcou-a sobre a mesa de medidas, fazendo com que trinta coroas de ouro se espalhassem ali. Encomendara mais de três vestidos, mas ainda que a seda fosse tão cara em Chachin como em Tar Valon, o trabalho de costura, que era o que mais encarecia um vestido, era muito mais barato ali. Silene contemplou as moedas de ouro com cobiça, e seus olhos brilharam ao ouvir dizer que haveria outras tantas na entrega dos vestidos.

- Contudo, subtrairei seis moedas do segundo pagamento por dia de atraso.

De repente, parecia que, afinal, os vestidos estariam prontos antes de um mês. Muito antes.

- Você deveria ter encomendado um vestido como o que aquela velhaca usava. – disse Siuan enquanto subiam na liteira. – Não sei como não lhe caía do corpo! Mas não seria mau se você gozasse um pouquinho dos olhares masculinos, já que vai colocar essa sua cabeça estúpida no cepo do carrasco!

Moiraine realizou um exercício de noviça, no qual imaginava a si mesma como um botão de rosa abrindo-se ao sol. Felizmente, proporcionou-lhe a calma que buscava, ainda que evitar o nervosismo estando próxima de Siuan fosse difícil. Compreendeu que se continuasse a apertar os dentes, acabaria por quebrar um deles.

- Não há outro jeito, Siuan. – já havia-se passado mais de meio dia e ainda havia muito a fazer – Você acha que a Senhora Tolvina aceitaria ceder-nos um de seus fortudos por um ou dois dias? – Rei de Malkier? Aquela mulherzinha devia de estar tomando-a por uma idiota rematada.

Dois dias depois da chegada de Moiraine a Chachin, uma carruagem laqueada de amarelo, puxada por quatro corcéis cinzentos e conduzida por um sujeito com ombros de ferreiro chagou ao Palácio de Aesdaishar pelo meio da manhã; atrás, levava atadas duas éguas, uma castanha de pescoço esbelto e uma cinzenta e desgraciosa. Lady Moiraine Damodred, com as franjas coloridas estendendo-se desde a gola alta do vestido azul escuro até abaixo dos joelhos, foi recebida com as devidas honras por um servidor de alta posição que levava bordadas chaves prateadas atrás do Cavalo Vermelho, no ombro. Mesmo que seu nome não fosse conhecido, o da Casa Damodred era, e agora que Laman estava morto, qualquer Damodred poderia subir ao trono de Cairhien, se outra Casa não se apoderasse dele. Eles nem podiam imaginar o quanto Moiraine desejava que isto acontecesse.

Destinaram-lhe aposentos bastante adequados, compostos de três peças espaçosas, decoradas com tapeçarias de seda e painéis de madeira esculpidos com flores, e um balcão de mármore voltado para o norte e do qual se avistavam, além da cidade, os altos picos coroados de neve; designaram-lhe criados, duas camareiras e um menino para os recados, que se apressaram em desfazer a bagagem que a dama trazia em arcas reforçadas com latão, e verter água de rosas em uma banheira para que a dama se banhasse. Ninguém além dos criados reparou em Suki, a camareira de lady Moiraine.

- Certo, admito que com estas roupas pareço invisível. – murmurou Siuan, quando finalmente deixaram-nas sozinhas na sala. O vestido cinza escuro era de pano fino, era totalmente liso, salvo pelo colarinho e punhos adornados com as cores dos Damodred. – Você, pelo contrário, se destaca como um Grande Lorde remando num barquinho. Luz, quase engoli a língua quando você perguntou se havia irmãos no palácio. Estou tão nervosa que me sinto mareada, como se fosse difícil respirar.

- É por causa da altitude. – disselhe Moiraine. – Você se acostumará. Qualquer visitante perguntaria por Aes Sedai. Você viu, os criados nem se alteraram. – entretanto, haviam contido a respiração até ouvirem a resposta. A presença de uma irmã teria mudado tudo. – Não sei porque tenho de explicar-lhe a mesma

coisa várias vezes! Um palácio real não é uma estalagem. Essa história de “podem me chamar de lady Alys” não funciona por aqui, e isto é um fato, não uma opinião. Tenho de ser eu mesma. E você, aproveite essa invisibilidade e trate de aproximar-se de lady Inês. Eu gostaria de ir embora o quanto antes.

Isso significava o dia seguinte, para não ser grosseira nem dar o que falar. Siuan tinha razão. Todos os olhares estariam voltados para a dama estrangeira cuja família provocara o início da Guerra dos Aiel. Qualquer Aes Sedai que chegasse a Aesdaishar receberia a notícia em primeira mão, e era claro que qualquer Aes Sedai que passasse por Chachin iria ao palácio. Ademais, se o tal Gorthanes continuasse no seu encalço, a notícia da presença de Moiraine Damodred no Palácio de Aesdaishar chegaria a seus ouvidos sem demora. Segundo sua experiência, palácios eram mais adequados a um assassinato do que as ruas. Siuan tinha razão: estava encarapitada num pedestal, como um alvo, e sem a menor pista a respeito de quem poderia ser o arqueiro. Partiriam no dia seguinte, à primeira hora.

Siuan saiu, mas regressou em seguida, com más notícias. Lady Moiraine estava retirada, guardando luto pelo marido.

- Ele caiu morto sobre o prato do desjejum, há dez dias. – esparramou-se em um cadeirão da sala de estar, com um braço sobre o encosto e uma perna sobre um braço da cadeira. Outra coisa que esquecera definitivamente ao obter o xale eram as lições de bons modos. – Aparentemente, ela o amava, mesmo sendo muito mais velho que ela. Destinaram-lhe dez aposentos e um jardim particular na ala sul do palácio; seu marido era amigo íntimo do Príncipe Brys. – Inês permaneceria um mês retirada, sem receber ninguém exceto familiares próximos, e seus criados só deixavam seus aposentos quando era estritamente necessário.

- Há de receber uma Aes Sedai. – suspirou Moiraine. Nem mesmo uma mulher enlutada se recusaria a ver uma irmã.

- Ficou maluca? – Siuan levantou-se de um salto – Lady Moiraine Damodred já chama bastante atenção, mas Moiraine Damodred Aes Sedai será como anunciar-se com arautos! Pensei que a idéia era partirmos antes que a notícia de que estávamos aqui saísse do palácio!

Uma das criadas, uma mulher grisalha e gorducha chamada Aiko, entrou junto

neste momento a fim de anunciar que a shatayan esperava lá fora, a fim de escoltar Moiraine até o príncipe Brys, e deteve-se estupefata ao encontrar Suki plantada diante de sua senhora e sacudindo-lhe o dedo na cara.

- Diga à shatayan que logo estarei à sua disposição. – respondeu calmamente Moiraine, e logo que a mulher fez uma mesura e retirou-se, pôs-se de pé para estar em igualdade de condições, algo bastante difícil com Siuan, mesmo quando alguém tivesse todas as vantagens – O que mais você sugere? Permanecer aqui quase duas semanas, até que acabe o luto será igualmente ruim, e você não pode fazer amizade com as criadas se estão reclusas com ela.

- Talvez só saiam para fazer recados, Moiraine, mas acho que poderia fazer com que me convidassem a entrar.

Moiraine começou a retrucar que isso poderia demorar tanto quanto a outra alternativa, mas Siuan segurou-a firmemente pelos ombros e fê-la voltar-se para mira-la de cima a baixo, com olhar crítico.

- Supõe-se que a camareira de uma dama tenha de assegurar-se de que sua senhora se apresente adequadamente vestida. – disse, e empurrou Moiraine em direção à porta – Vá lá. A shatayan está esperando. E com um pouco de sorte, um jovem lacaio chamado Cal estará esperando Suki.

## Uma resposta



Ashatayan, uma mulher alta e atraente, que destilava dignidade e gelidez por terem-na feito esperar, aguardava-a na antecâmara. Seus olhos cor de avelã poderiam congelar o vinho. Qualquer rainha que se granjeasse a antipatia da shatayan era uma tola, e Moiraine esforçou-se por mostrar-se muito gentil enquanto a mulher a escoltava através dos corredores. Acreditava ter conseguido derreter um pouco o gelo, mas achava difícil concentrar-se. Um lacaio jovem? Ignorava se Siuan já estivera alguma vez com um homem na intimidade, mas certamente não faria isso simplesmente para aproximar-se dos criados de Inês! E não com um lacaio!

Esculturas e tapeçarias coalhavam os corredores; os motivos eram realmente surpreendentes, pelo que Moiraine sabia das Fronteiras. Baixos-relevos de mármore representando mulheres e crianças a brincar, tapeçarias de seda com campos floridos e nobres em jardins, algumas cenas de caçadas, mas nem uma única batalha. A intervalos, ao longo dos corredores, havia janelas de mármore em arco, das quais se avistavam mais jardins do que esperara encontrar ali, e pátios lajeados, alguns deles com placas de mármore. Em um deles, viu algo que a fez esquecer-se completamente de Siuan e seu lacaio.

Era um pátio simples, sem fonte nem pórtico de colunas, e ao longo das paredes, vários homens alinhavam-se para observar outros dois, que, nus da cintura para



cima, lutavam com espadas de madeira. Eram Ryne e Bukama. Apesar de ser uma sessão de treinamento, a luta era real; os golpes descarregavam-se com tanta força que Moiraine podia ouvir os impactos, todos assentados por Ryne. Moiraine devia evitar aqueles dois; e Lan também, caso estivesse ali. O homem nem sequer se preocupava em dissimular suas dúvidas quanto a ela, e poderia formular perguntas que Moiraine não queria que fossem formuladas. Era Moiraine ou Alys? Pior ainda, era uma Aes Sedai ou uma espontânea que fingia sê-lo? Tais perguntas seriam comentadas nas ruas à noite e poderiam chegar aos ouvidos de qualquer irmã, e a última era do tipo que qualquer Aes Sedai investigaria. Felizmente, três soldados mercenários dificilmente frequentariam os mesmos lugares que ela.

O Príncipe Brys, um homem esbelto, de olhos verdes, recebeu-a familiarmente em uma grande sala decorada com painéis vermelhos e dourados. Duas irmãs do príncipe estavam presentes com seus maridos, assim como uma irmã de Ethenielle com o seu. Os homens vestiam sedas de cores discretas, enquanto as roupas das mulheres possuíam cores intensas e eram cingidas sob o busto e bordadas nas mangas e nas barras das saias. Criados uniformizados ofereciam frutas secas e doces. Moiraine pensou que acabaria com o pescoço duro de tanto olhar para cima; a mulher mais baixa era mais alta que Siuan, e todos mantinham uma postura empertigada. Teriam curvado o pescoço para uma irmã, tanto eles quanto elas, mas sabiam-se iguais a Lady Moiraine.

A conversação girou em torno de música e os melhores músicos entre os nobres que se encontravam na Corte, sobre os rigores da viagem e sobre a improbabilidade dos rumores de que havia um homem canalizando e dos motivos de haver tantas Aes Sedai em movimento, e foi difícil para Moiraine manter a conversa com a ligeireza e brilhantismo esperados. Não se interessava muito por música, e menos ainda por quem manejava os instrumentos; em Cairhien, os músicos eram contratados e logo depois esquecidos. Todo o mundo sabia que viajar era difícil, sem garantias de encontrar cama e comida decentes ao final de uma etapa de quarenta ou cinquenta quilômetros; e isso contando com bom tempo. Certamente algumas irmãs deviam estar procurando pelo tal homem, e outras para estreitar laços que se haviam afrouxado durante a Guerra dos Aiel, para assegurar-se de que tronos e Casas nobres compreendessem que ainda se esperava que cumprissem suas obrigações para com a Torre, tanto as públicas quanto as secretas. Se nenhuma Aes Sedai chegara a Aesdaishar ainda, isso não demoraria a acontecer; razão mais que suficiente para que Moiraine procurasse manter uma palestra inócua. Além de imaginar outras razões pelas

quais uma irmã andasse solta por aí. Os homens faziam boa cara, mas teve a impressão de que as mulheres a achavam extremamente tediosa.

Moiraine sentiu um grande alívio ao ver entrar os filhos de Brys. Apresentar-lhe seus filhos era um sinal de aceitação em sua casa, e melhor ainda, assinalava o final da audiência. O mais velho, Antol, estava no sul com Ethenielle como herdeiro do trono, o que deixava uma encantadora garota de doze anos e olhos verdes chamada Jarene, à frente de outros cinco irmãos, uma menina e quatro meninos, colocados em fila conforme sua idade, embora, para dizer a verdade, as duas crianças menores ainda usassem fraldas e estivessem nos braços das amas. Reprimindo a impaciência por saber o que Siuan conseguira descobrir, Moiraine felicitou as crianças por seu comportamento e animou-os a continuar aprendendo suas lições. Deviam estar achando-a tão aborrecida quanto os mais velhos. Pensou em algo menos insípido.

- Como conseguiu esses hematomas, Milorde Dyrik? – indagou, mal prestando atenção ao relato sobriamente exposto do garotinho sobre uma queda, até que...

- Meu pai disse que foi a sorte de Lan o motivo pelo qual eu não tenha morrido, milady. – comentou Dyrik, esquecendo as formalidades. – Lan é o rei de Malkier, e o homem mais sortudo do mundo e o melhor espadachim. Depois do meu pai, naturalmente.

- Rei de Malkier? – exclamou Moiraine, pestanejando. Dyrik assentiu com um vigoroso cabeceio e começou a expor, numa torrente de palavras, as façanhas de Lan na Chaga, os malkieri que haviam acudido a Aesdaishar para segui-lo, até que seu pai fez um sinal para que se calasse.

- Lan será rei se quiser, milady. – disse Brys. Palavras estranhas, que o tom hesitante tornava mais estranhas ainda – Mal sai de seus aposentos, – Brys parecia preocupado com isso – mas poderá conhece-lo antes de... milady, sente-se bem?

- Não muito. – respondeu ela. Esperara, até planejara um novo encontro com Lan, mas não ali! Seu estômago parecia ter dado um nó. – Também ficarei em meus aposentos durante alguns dias. Com o seu perdão...

Brys perdoou-a, naturalmente, e todos expressaram seu pesar por não poder desfrutar mais de sua agradável companhia devido ao cansaço e tensão da

viagem. Mas Moiraine ouviu uma das mulheres comentar que as sulistas deviam ser muito delicadas.

Uma jovem de cabelos louros, vestida de vermelho e verde esperava-a para levá-la a seus aposentos. Elis fazia uma reverência cada vez que falava, o que significava que fez muitas, do princípio ao fim do caminho. Haviam-na informado do “desmaio” de Moiraine e foi-lhe perguntando a cada vinte passos se desejava sentar-se para recobrar o alento ou se queria que lhe levassem panos molhados a seu quarto, ou pedras quentes para os pés ou sais aromáticos ou mais uma dúzia de remédios para “os desfalecimentos”, até que Moiraine assegurou-lhe que nada daquilo era necessário e pediu-lhe que se apressassem. Só queria encontrar Siuan com boas notícias. O ideal seria encontrá-la com o menino nascido no Monte do Dragão nos braços, e a mãe pronta para viajar. Contudo, seu maior desejo mesmo era desaparecer dos corredores antes que pudesse dar de cara com Lan Mandragoran.

Preocupada por causa do homem, virou um corredor atrás da criada e viu-se frente a frente com Merean. A shatayan em pessoa conduzia-a, a atrás da irmã Azul de ar maternal vinha uma fileira de criados. Uma levava suas luvas vermelhas de montaria; outra, sua capa forrada de peles, e uma terceira, a bolsa de veludo escuro. Pares de criados carregavam os baús de madeira de lei que um só já poderia levar, enquanto outros tinham montes de flores nos braços. Uma AesSedai era recebida com mais honras que uma simples nobre, por mais importante que fosse sua Casa. Merean semicerrou os olhos ao ver Moiraine.

- Que surpresa encontra-la aqui. – disse lentamente. – A julgar por seu vestido, deduzo que você renunciou ao disfarce. Ah, não. Vejo que continua sem usar o anel.

Moiraine estava tão estupefata pela súbita aparição da outra que mal ouvia o que esta dizia.

- Você está sozinha? – balbuciou.

Por um instante, os olhos de Merean reduziram-se a fendas.

- Larelle decidiu viajar sozinha. Para o sul, creio. E não sei de mais nada.

- Referia-me a Cadsuane. – respondeu Moiraine, vacilante. Quanto mais pensava em Cadsuane, mais convencia-se de que aquela mulher pertencia ao Ajah Negro.

O que mais a espantava era que Larelle, que manifestara a firme e urgente intenção de ir a Chachin, tivesse mudado de idéia. Alguém sempre podia alterar seus planos, claro, mas subitamente Moiraine deu-se conta de algo que deveria ter-lhe saltado aos olhos há muito tempo: as irmãs Negras podiam mentir. Era impossível – os Juramentos não podiam ser quebrados! – mas assim devia ser.

Merean aproximou-se de Moiraine, e quando esta recuou um passo, adiantou-se mais. Moiraine empertigou-se tanto quanto lhe foi possível, mas mesmo assim, mal chegava-lhe ao queixo.

- Você está com tanta vontade assim de ver Cadsuane? – perguntou, sem deixar de observá-la. Sua voz soava agradável, sua expressão era calma e reconfortante, mas seus olhos pareciam aço frio. – A última vez que a vi, disse que quando encontrasse você, açoitaria seu traseiro até deixá-la incapaz de sentar-se por uma semana. E assim fará.

De repente, olhou para os criados, dando-se conta de que não estavam sós. A dureza de aço minguou, mas não desapareceu.

- Cadsuane tem razão, afinal. Uma jovem que acredita saber mais do que realmente sabe pode meter-se em sérias dificuldades. Sugiro que você não faça nada nem diga nada, até que possamos conversar. – o gesto que fez à shatayan para que prosseguissem foi imperativo, e a digna mulher apressou-se em obedecer. Um rei ou uma rainha teriam problemas com uma shatayan, mas uma Aes Sedai, não. Moiraine seguiu Merean com o olhar até que esta desapareceu no final do corredor. Tudo o que a outra Azul dissera poderia vir de uma das rastreadoras de Tamra. Irmãs Negras podiam mentir. Larelle mudara de idéia sobre Chachin ou estaria morta em algum lugar, como Tamra e as outras? Subitamente, deu-se conta de que estava amarrotando a saia entre as mãos. Parar as mãos foi fácil, mas não pôde reprimir um ligeiro tremor. Elis mirava-a, boquiaberta.

- A senhora também é uma Aes Sedai! – exclamou, e teve um sobressalto ao interpretar como um gesto hostil a careta do Moiraine. – A senhora deve estar incógnita. – murmurou. – Não direi nada a ninguém, Aes Sedai! Juro pela Luz e pelo túmulo do meu pai! – como se todos os que seguiam Merean não tivessem ouvido a conversa! E aqueles não se calariam.

- Leve-me aos aposentos de Lan Mandragoran. – ordenou. O que valia ao

amanhecer podia não ter valor ao meio-dia. E algo sem importância podia tornar-se repentinamente imprescindível. Tirou o anel da Grande Serpente da escarcela e colocou-o na mão direita. Às vezes era necessário arriscar-se.

Depois de uma longa caminhada – felizmente silenciosa – Elis bateu com os nós dos dedos numa porta vermelha e anunciou à mulher grisalha que veio atender que Lady Moiraine Damodred Aes Sedai desejava falar com o rei al’Lan Mandragoran. A criada dera seu próprio toque às palavras de Moiraine. Ora bolas, um rei! Era só o que faltava. Incrivelmente, a resposta de Lorde Mandragoran foi que não queria falar com nenhuma Aes Sedai. A mulher grisalha parecia escandalizada, mas cerrou a porta firmemente. Elis fitou Moiraine com os olhos arregalados.

- Se milady Aes Sedai quiser, conduzi-la-ei a seus aposentos... – começou, incerta. Solto um grito quando Moiraine escancarou a porta com um pontapé e entrou. A criada de cabelos grisalhos e outra mais jovem, que remendavam camisas, levantaram-se de um salto. Um garoto magricela que estava sentado junto da lareira ergueu-se desajeitadamente e olhou para as mulheres, esperando instruções. Elas limitaram-se a olhá-la, até que Moiraine ergueu uma das sobrancelhas, num gesto interrogativo. Então, a mulher grisalha apontou para uma das portas que conduziam aos quartos internos da habitação.

A porta levou-a a uma saleta muito semelhante à sua, da qual todas as cadeiras douradas haviam sido colocadas contra a parede e os tapetes, enrolados. Sem camisa, Lan treinava com a espada na área esvaziada. Um pequeno medalhão de ouro que usava ao pescoço balançava com seus movimentos; a espada era um borrão no ar. Estava inundado de suor e os ferimentos que ela lhe Curara haviam sido substituídos por... marcas das garras de algum animal selvagem em suas costas...? Ou marcas deixadas pelas unhas de uma mulher? Seria este homem frio capaz de despertar tal paixão em uma mulher, a ponto de... Moiraine sentiu que suas faces ardiam diante da imagem que lhe ocorreu. Ora! Que tivesse todas as mulheres que quisesse, desde que fizesse o que ela pedisse.

Ele voltou-se com graça felina para fitá-la, com a ponta da espada apontando para os ladrilhos do assoalho. Continuava evitando encará-la, daquele jeito especial que tinham Bukama e ele. Seu cabelo estava úmido, colando-se ao rosto, apesar do cordão de couro, mas o ritmo de sua respiração não estava acelerado.

- Você! – grunhiu. – Então, hoje você é uma Aes Sedai, e uma Damodred, ainda

por cima! Não tenho tempo para seus joguinhos, cairhieniana. Estou esperando alguém. – seus frios olhos azuis desviaram-se lentamente para a porta atrás de Moiraine. Curiosamente, o que parecia ser um cordão de cabelos trançados estava amarrado em torno da aldrava, num nó complexo – Ela não gostará de encontrar outra mulher aqui.

- Sua amada dama não tem nada a temer de minha parte. – respondeu-lhe secamente – Para começo de conversa, você é alto demais para mim, e em segundo lugar, prefiro homens que tenham um mínimo de encanto. E educação. Vim pedir sua ajuda. Foi feita uma promessa, mantida desde a Guerra dos Cem Anos, de que Malkier acudiria quando a Torre Branca convocasse. Eu sou uma Aes Sedai e peço-lhe ajuda agora!

- Você conhece a altura das montanhas, mas não sabe onde ficam. – murmurou ele, como se citasse algum provérbio malkieri. Cruzou a sala, afastando-se dela e embainhou a espada, com força. – Ajudá-la-ei se me responder a uma pergunta. Já a fiz a várias Aes Sedai ao longo dos anos, mas deslizam como víboras para não responder. Se você é realmente uma Aes Sedai, responda.

- Se eu souber a resposta, responderei. – não pretendia repetir-lhe que era, mas abraçou o Saidar e moveu uma das cadeiras douradas até colocá-la no centro da sala. Não teria conseguido mover o móvel com ambas as mãos, mas com os fluxos de Ar flutuou suavemente, e teria feito o mesmo ainda que tivesse o dobro do peso. Sentou-se, cruzou uma perna sobre a outra e apoiou as mãos sobre o joelho de forma que a serpente dourada em seu dedo ficasse perfeitamente visível. A pessoa mais alta estaria em posição vantajosa sempre que dois estivessem em pé, mas uma pessoa em pé diante de outra sentada perdia tal vantagem, sobretudo se seu interlocutor fosse uma Aes Sedai.

Mas ele não parecia sentir nada assim. Pela primeira vez desde que se conheceram, olhou-a diretamente nos olhos, e era um olhar intenso, como gelo azul.

- Quando Malkier caiu, - começou em tom cortante, - Shienar e Arafel enviaram homens. Não podiam deter a avalanche de trollocs e Myrdraal, mas acudiram. Vieram soldados de Kandor e até de Sadia. Chegaram tarde, mas foram. – o gelo azul converteu-se em fogo azul; o tom de sua voz não mudou, mas as articulações dos dedos tornaram-se brancas em torno da empunhadura da espada. – Durante novecentos anos, cavalgamos para atender aos chamados da Torre

Branca, mas onde estava a Torre Branca quando Malkier sucumbiu? Se você é uma Aes Sedai, responda-me isto!

Moiraine hesitou. A resposta que ele exigia estava selada para a Chama. As Aceitas aprendiam aquilo nas lições de História, mas era um tema proibido para qualquer um que não fosse uma Iniciada da Torre. Contudo, que diferença faria outro castigo, levando em conta o que já estava enfrentando?

- Mais de cem irmãs partiram para Malkier. – respondeu, com mais calma do que sentia. Conforme tudo o que lhe haviam ensinado, deveria cumprir penitência apenas pelo que já dissera. – Mas nem sequer as Aes Sedai são capazes de voar. Chegaram tarde demais. – os exércitos malkieri haviam sido destroçados pelas incontáveis hordas de Crias da Escuridão e o povo fugia ou morrera quando as primeiras chegaram. A queda de Malkier fôra um golpe duro, sangrento e rápido. – Isso tudo aconteceu antes do meu nascimento, mas lamento-o profundamente. E lamento que Torre tenha decidido guardar em segredo sua tentativa. – mais valia que pensassem que a Torre não fizera nada que soubessem que as Aes Sedai haviam tentado e fracassado. O fracasso era um golpe em seu prestígio, e o mistério, uma armadura da qual a Torre tinha necessidade. As Aes Sedai tinham suas razões para fazer o que faziam, e tais razões eram conhecidas apenas por elas. – É tudo o que posso responder-lhe. Mais do que devia, e, segundo creio, muito mais do que qualquer irmã lhe responderá. É suficiente?

Durante alguns segundos, ele limitou-se a fitá-la, enquanto o fogo tornava-se novamente gelo. Desviou o olhar.

- Quase consigo acreditar. – murmurou finalmente, sem dizer no que quase acreditava. Soltou uma risada amarga. – Em que posso ajuda-la?

Moiraine franziu as sobrancelhas. Desejava profundamente dispor de algum tempo com aquele homem para dar-lhe uma lição, mas isso teria de esperar. Quisesse a Luz que não fosse um Amigo das Trevas, pediu com todo o fervor.

- Há outra irmã no palácio, Merean Redeu. Preciso saber onde vai, o que faz, com quem fala.

Ele pestanejou, mas não fez as perguntas óbvias, talvez sabendo que não obteria respostas; ainda assim, seu silêncio agradou-lhe.

- Não saí de meus aposentos durante os últimos dias. – olhou novamente para a

porta – Não sei até que ponto poderei levar a cabo uma vigilância assim.

A despeito de si mesma, Moiraine grunhiu, desdenhosa. O homem prometia-lhe ajuda e depois punha-se a aguardar ansiosamente sua dama. Talvez ele não fosse exatamente como ela pensara; ainda assim, era a única ajuda de que dispunha.

- Você não. – disse. Logo sua visita a ele tornar-se-ia conhecida em Aesdaishar, se é que já não era, e se o vissem espionando Merean... Isso seria o desastre, mesmo que a outra Azul fosse tão inocente quanto um bebê. – Pensei que você poderia pedir a algum dos malkieri que, segundo me disseram, reuniram-se aqui para segui-lo. Alguém com a visão aguçada e que saiba manter a língua quieta. Isso deve ser feito em absoluto segredo.

- Ninguém me segue. – retrucou ele, secamente. Lançou outro olhar à porta, perecendo subitamente exausto. Não que seu porte se encurvasse, mas dirigiu-se à chaminé e largou a espada junto dela, com a morosidade de um homem cansado. De costas para Moiraine, acrescentou: - Pedirei a Bukama e Ryne que a vigiem, mas não posso prometer nada em nome deles. É tudo quanto posso fazer por você.

Moiraine reprimiu uma exclamação irritada. Quer aquilo fosse tudo o que ele podia fazer, ou apenas o que estava disposto a fazer, não tinha meios para obriga-lo a fazer mais.

- Bukama, apenas ele, – disse. A julgar pelo modo como se comportara com ela, Ryne estaria ocupado demais em fitar Merean, boquiaberto, para ver ou ouvir qualquer coisa. Isso se não lhe confessasse o que estava fazendo no momento em que Merean o olhasse. – e não me pergunte por quê.

Lan voltou a cabeça para lançar-lhe um olhar rápido, mas um instante depois, assentiu. E novamente não perguntou o que a maioria das pessoas teria perguntado. Enquanto lhe explicava como malte informada – através de notas entregues à sua camareira, Suki – rezou para não estar cometendo um grave erro.

Voltando a seus aposentos, descobriu com que rapidez as notícias se espalhavam. Na saleta, Siuan oferecia uma bandeja de doces a uma garota alta e de lábios cheios, pouco mais que uma menina, vestida de seda verde clara. Os cabelos negros caíam-lhe abaixo dos quadris e usava um pequeno ponto azul pintado na testa, aproximadamente na altura em que pendia a kesiera de Moiraine. A expressão de Siuan estava calma, mas sua voz soou tensa ao fazer as



apresentações. A razão para isso fez-se evidente quando lady Iselle começou a falar.

- Todos no palácio estão dizendo que você é uma Aes Sedai. – começou, lançando um olhar incrédulo a Moiraine. Não se levantou e, obviamente, não fez nenhuma mesura; nem sequer inclinou a cabeça. – Se isso for verdade, preciso da sua ajuda. Quero ir para a Torre Branca e minha mãe quer que eu me case. Não me importaria se Lan fosse meu carneira, mesmo que minha mãe seja a dele, mas quando me casar, há de ser com algum de meus Guardiões. Serei do Ajah Verde. – olhou para Siuan, com o cenho levemente franzido – O que você está esperando, garota? Vá para o canto e fique lá até ser chamada! – Siuan foi para junto da lareira e plantou-se ali, com as costas tesas e os braços cruzados. Nenhuma camareira de verdade teria adotado aquela postura, e muito menos feito uma cara igual, mas Iselle já não lhe prestava atenção. – Sente-se, Moiraine, - continuou sorrindo, - e lhe direi o que preciso de você. Se você for uma Aes Sedai, é claro.

Moiraine encarou-a, espantada. Convidada a sentar-se em sua própria saleta! Aquela garota estúpida não tinha nada a invejar a Lan no quesito arrogância. Sua carneira? Aquilo significava “primeiro” na Língua Antiga, e aqui significava algo mais, obviamente. Mas não devia ser o que estava parecendo, ah, isso não! Não podia ser; nem mesmo aqueles malkieri conseguiriam ser tão exóticos.

- Escolher um Ajah deverá esperar pelo menos até que você seja testada para saber se há algum sentido em envia-la à Torre. – disse calmamente, enquanto se sentava – Poucos minutos bastarão para estabelecer se você pode aprender a canalizar e qual seria o seu potencial se...

- Oh, já me testaram há alguns anos. – interrompeu-a alegremente a garota. – A Aes Sedai que o fez afirmou que serei bem forte. Disselhe que tinha quinze anos, mas ela descobriu a verdade. Não entendo porque não poderia ir para a Torre com doze anos, se quisesse. Mamãe ficou furiosa. Sempre disse que eu estava destinada a ser rainha de Malkier algum dia, mas isso significa ter de casar-me com Lan, o que não quereria mesmo que Mamãe não tivesse sido sua carneira. Quando você lhe disser que está me levando para a Torre, ela terá de aceitar. Todo o mundo sabe que as Aes Sedai levam qualquer mulher que quiserem para treina-la e ninguém pode fazer nada para impedi-las. – seus lábios cheios franziram-se. – Você é mesmo uma Aes Sedai, não é?

Moiraine realizou o exercício do botão de rosa.

- Se você quer ir para Tar Valon, vá, mas eu não tenho tempo para escolta-la. Haverá outras irmãs por aí das quais você não terá dúvidas quanto ao que são. Suki, acompanhe lady Iselle à porta. Certamente não quererá atrasar sua partida até que sua mãe a apanhe aqui.

A pirralha estava indignada, claro, mas Moiraine queria que fosse embora e Siuan quase teve de empurra-la até o corredor, sem que deixasse de protestar a cada passo. Moiraine sentiu que Siuan abraçava a Fonte e os protestos interromperam-se com um gritinho penetrante.

- Essa aí não durará nem um mês lá, ainda que seja tão poderosa quanto Cadsuane. – comentou Siuan ao voltar, batendo as mãos uma na outra, como quem sacode o pó.

- Por mim, Sierin em pessoa pode empurra-la lá do alto da Torre, - resmungou Moiraine. – Você descobriu alguma coisa?

- Bem, descobri que o jovem Cal sabe beijar, e além disso, ouvi uma porção de galanteios... – Siuan franziu as sobrancelhas de repente – Por que você está me olhando assim? Eu só o beijei, Moiraine! Você tornou a beijar um rapaz bonito desde o jovem Cormanese, na noite anterior à sua partida para a Torre? Bom, para mim também foi um longo tempo, e Cal é muito atraente!

- Maravilhoso. – respondeu secamente Moiraine. Luz, quanto tempo fazia que não pensava em Cormanese. Que lindo era!

O estranho é que Siuan ficou mais alterada por Moiraine ter falado com Lan do que pela aparição de Merean.

- Que me estripem e me salguem se você não corre uns riscos absurdos, Moiraine! Um homem que reclama o trono de uma nação desaparecida há de ser um completo idiota. Poderia estar dando com a língua nos dentes a seu respeito agora mesmo, para qualquer um que quisesse escutá-lo! E se Merean descobrir que você mandou espioná-la... Maldição!

- Ele é um tolo em muitos sentidos, Siuan, mas não creio que costume “dar com a língua nos dentes”. Além do mais, “não se ganha nada se não se arrisca algo”, como você vive repetindo que seu pai dizia. Não temos mais remédio senão

arriscar-nos. Com Merean aqui, talvez nosso tempo se esgote. Você tem de chegar até lady Inês o quanto antes.

- Farei o que puder. – murmurou sua amiga, e saiu, apurando os ombros como quem se dirige a uma batalha. Mas também ia alisando a saia sobre as cadeiras. Moiraine esperava que as coisas não fossem além de alguns beijos. Bem, se fossem, isso era assunto de Siuan, mas envolver-se naquele tipo de aventura era uma tolice. Sobretudo com um laçao!

A noite já ia avançada, e Moiraine tentava ler à luz das velas, quando Siuan voltou. Deixou o livro de lado; estava olhando a mesma página há meia hora. Desta vez Siuan trazia notícias, que foi dando enquanto remexia no baú, entre seus vestidos de pano e roupas de baixo.

Para começar, no caminho dos aposentos de Moiraine um “velhote espigado” tinha-se dirigido a ela, perguntando-lhe se era Suki e depois contou-lhe que Merean passara quase o dia inteiro com o Príncipe Brys antes de retirar-se a seus aposentos para dormir. Até ali, nenhuma pista. O mais importante é que Siuan havia perguntado por Rahien enquanto conversava com Cal. O laçao não estava com lady Inês quando o garoto nasceu, mas sabia o dia do nascimento; o dia seguinte àquele em que os Aiel haviam iniciado a retirada de Tar Valon. Moiraine e Siuan trocaram um longo olhar. Um dia depois que Gitara Moroso Predissera o nascimento do Dragão e caíra morta pelo choque. Contemplar a aurora sobre o Monte do Dragão e o nascimento dentro do prazo de dez dias anteriores ao súbito degelo.

- Seja como for, - prosseguiu Siuan, fazendo uma trouxa com suas roupas e meias, - fiz Cal acreditar que você me despediu por derramar vinho no seu vestido, e ele ofereceu-me uma cama junto dos criados de lady Inês. Pensa que poderia conseguir-me uma colocação junto à sua senhora. – riu, divertida; então, reparou na expressão de Moiraine e bufou com força – Não é na cama dele, Moiraine! E se por acaso fosse, bem, ele é muito doce e tem os olhos castanhos mais lindos que você já viu. Qualquer dia desses, você descobrirá que está disposta a fazer algo mais além de sonhar com homens e hei de estar lá para ver isso!

- Não diga bobagens. – replicou Moiraine.

A tarefa que tinham diante de si era importante demais para pensar em homens.

Pelo menos no sentido a que Siuan se referia. Então, Merean passara o dia inteiro com Brys. Sem aproximar-se de lady Inês? Quer fosse uma das escolhidas por Tamra ou uma irmã Negra, isso não fazia sentido, e era impossível pensar que Merean não fosse uma coisa ou a outra. Algo lhe escapava, e isso a deixava preocupada. O que não soubesse podia mata-la. Pior ainda, podia matar o Dragão Renascido no berço.

## Quando render-se



Empregando toda a destreza adquirida na Chaga, tomando o cuidado de não virar um corredor até ter certeza de que estava deserto, Lan deslizava através das passagens do Palácio de Aesdaishar, sozinho. Envolto no ko'di, quase podia sentir quando alguém passava no corredor atrás de si, perceber a proximidade de outra presença e escapular através de uma porta aberta ou de uma arcada antes mesmo que alguém pudesse avista-lo. Sorrateiro como um fantasma.

Anya e Esne obedeciam às ordens de Edeyn antes das suas, como se acreditassem que isso fazia parte dos costumes malkieri; talvez Edeyn lhes tivesse dito que era assim. Ele achava que Bulen continuava sendo-lhe leal, mas supunha que qualquer um que usasse o uniforme da criadagem de Aesdaishar informaria Edeyn de onde encontra-lo. Lan pensava saber onde estava; a despeito de suas visitas anteriores, perdera-se duas vezes ao sair de seus aposentos sem contar com um guia, mas seu senso de orientação ajudara-o a situar-se novamente. Sentia-se um idiota por levar a espada; o aço não lhe serviria de nada naquela batalha, mas sem a arma sentia-se como se estivesse nu e enfrentar Edeyn com o corpo descoberto era algo que não podia permitir-se.

Um indício de movimento o fez colar-se à parede, atrás da estátua de uma mulher vestida de nuvens e com um montão de flores nos braços. E bem a

tempo. Duas mulheres surgiram no corredor transversal que havia pouco além e detiveram-se, abstraídas na conversação. Eram Iselle e a Aes Sedai, Merean. Lan ficou tão imóvel quando a escultura atrás da qual se ocultava; o que atraía o olhar era o movimento.

Não lhe agradava esconder-se, mas enquanto Edeyn desatava o nó de seu daori, que o mantivera preso no quarto por dois dias, deixara bem claro que pretendia anunciar logo seu noivado com Iselle. Bukama tinha razão: Edeyn utilizava seu daori como um bridão. De acordo com a tradição, a maior parte do poder que exercia sobre ele acabaria quando Iselle tivesse o cordão de cabelos entre seus presentes de núpcias, transformado em simples recordação do passado, mas estava convencido de que Edeyn utilizaria a própria Iselle em lugar do cordão. E Iselle cooperaria. Lan duvidava que a jovem tivesse a firmeza necessária para opor-se abertamente à mãe. Quando alguém enfrentava um inimigo ao qual não podia derrotar, a única saída era a fuga, a menos que sua morte servisse a um propósito melhor, e ele queria escapar. Só Bukama o retinha; Bukama é um sonho.

A um gesto brusco de Merean, Iselle concordou ansiosamente e regressou por onde haviam vindo. Por um momento, a irmã seguiu-a com o olhar, o rosto inescrutável na máscara de serenidade de uma Aes Sedai. Depois, inopinadamente, seguiu a jovem, deslizando sobre os ladrilhos verdes de um modo que fazia parecer desajeitado, em comparação, o andar de Iselle.

Lan não perdeu tempo em perguntar-se o que Merean estaria planejando, como tampouco se perguntara por qual razão Moiraine a queria vigiada. Era possível enlouquecer tentando decifrar as intenções de uma Aes Sedai. Coisa que Moiraine devia ser realmente, ou Merean já o teria gritando pelos corredores acima e abaixo. Esperou algum tempo para que as duas mulheres desaparecessem de vista antes de deslizar silenciosamente até a esquina e penetrar no outro corredor. Ambas haviam desaparecido, e pôde recomeçar a andar a bom passo. As Aes Sedai não lhe interessavam, naquele dia; tinha de falar com Bukama a respeito de sonhos.

Fugir poria fim aos planos de Edeyn para o casamento. Se conseguisse evita-la por tempo suficiente, terminaria por encontrar outro marido para Iselle. Fugir também acabaria com o sonho de Edeyn de recuperar Malkier; o apoio que obtivera desapareceria como a névoa sob o sol do meio-dia logo que as pessoas se inteirassem de sua partida. Fugir poria fim a muitos sonhos. Contudo, o

homem que carregara uma criança às costas tinha o direito de sonhar. O dever era mais pesado que uma montanha, mas devia ser cumprido.

Um pouco adiante, deparou-se com uma longa escada com corrimões de pedra. Voltou-se para começar a descer, e subitamente, viu-se caindo. Mal teve tempo de relaxar os músculos, rolando de degrau em degrau, até deter-se no piso ao pé da escada, com um baque que esvaziou de ar seus pulmões. Pontinhos luminosos surgiram diante de seus olhos; teve de fazer um esforço para recobrar o fôlego e levantar-se.

Como que surgindo do nada, apareceram criados para ajuda-lo a pôr-se em pé, exclamando que só sua sorte o impedira de matar-se em uma queda como aquela, perguntando-lhe se desejava ver uma Aes Sedai para a Cura. Aturdido, observando com as sobrancelhas franzidas a altura da escada, Lan respondeu-lhes num murmúrio qualquer coisa que os fizesse ir embora. Supunha que devia estar mais cheio de hematomas do que em toda a sua vida, mas as marcas desapareceriam e a última coisa que queria agora era ver uma irmã. A maioria dos homens teria tentado frear a queda, e com sorte, acabaria com a metade dos ossos quebrada. Algo puxara-lhe os tornozelos lá em cima, algo o empurrara entre os ombros. Só podia significar uma coisa, ainda que parecesse não ter sentido. Se alguém estivesse próximo o bastante para toca-lo fisicamente, teria notado. Alguém tentara mata-lo usando o Poder.

- Lorde Mandragoran! – um homem robusto, com a jaqueta verde da guarda do palácio, deteve-se bruscamente diante dele, quase caindo ao tentar fazer-lhe uma reverência ainda em movimento – Nós o procuramos por toda a parte, Milorde! – disse ofegante – É seu homem, Bukama! Venha rápido, Milorde! Talvez ainda esteja vivo!

Praguejando, Lan saiu correndo atrás do guarda, gritando-lhe que fosse mais depressa, mas já era tarde demais. Tarde demais para o homem que carregara um menino às costas. Tarde demais para sonhos. Os guardas que se aglomeravam em uma estreita passagem anexa a um dos pátios de treino apertaram-se para afastar-se e ceder-lhe passagem. Bukama jazia de bruços e seu sangue formava uma poça em torno dele; o simples cabo de madeira de um punhal sobressaía da mancha escura nas costas da jaqueta. A expressão nos olhos muito abertos e fixos era de surpresa. Lan ajoelhou-se e cerrou-lhe as pálpebras, murmurando uma prece para que a último abraço da Mãe acolhesse Bukama.

- Quem o encontrou? - perguntou, mas quase não pôde ouvir as confusas

respostas sobre quem, onde e como. Esperava que Bukama renascesse num mundo onde a Garça Dourada ondulasse ao vento, as Sete Torres se erguessem intactas e os Mil Lagos reluzissem como jóias sob o sol. Como pudera deixar que alguém se aproximasse o suficiente para fazer-lhe aquilo? Bukama percebia o aço sendo desembainhado perto dele. A única coisa certa era que seu mestre e amigo morrera porque ele o envolvera em maquinações de Aes Sedai.

Levantou-se e começou a correr novamente, não mais fugindo de algo, mas na direção de alguém. E pouco lhe importava que alguém o avistasse.

Ao ouvir a batida da porta na antecâmara e a gritaria indignada das criadas, Moiraine ergueu-se da cadeira em que estivera esperando. Esperando por qualquer coisa, menos aquilo. Abraçando o Saidar, dirigiu-se à porta; mas, antes que chegasse a ela, viu-a escancarar-se. Lan desvencilhou-se dos braços das mulheres que tentavam detê-lo, fechou-lhes a porta na cara e apoiou-se contra ela, com o olhar fixo nos olhos surpresos de Moiraine. Seu rosto estava coberto de hematomas e movia-se como se tivesse levado uma surra. Do outro lado da porta, fizera-se silêncio; o que quer que Lan tentasse, deviam estar seguras de que ela saberia lidar com a situação.

O mais absurdo é que surpreendeu-se agarrando o punhal que trazia à cintura. Com o Poder, seria capaz de imobiliza-lo como a uma criança, por maior que fosse, e no entanto... Não parecia furioso. Naqueles olhos de gelo não se via nenhuma exaltação. Teve vontade de recuar. Não havia fogo neles, mas um frio profundamente mortal. Aquela jaqueta negra com cruéis espinhos e melancólicos botões de rosa caía-lhe perfeitamente.

- Bukama morreu com um punhal enterrado no coração, – anunciou ele, calmamente, - e não faz nem uma hora que alguém tentou matar-me usando o Poder Único. A princípio pensei que devia ser Merean, mas quando a vi pela última vez, estava seguindo Iselle e, a menos que me tivesse percebido e quisesse desvanecer minhas suspeitas fingindo afastar-se, não teria tempo de fazer aquilo. Poucos conseguem ver-me quando não quero ser visto, e não creio que ela fosse capaz disso. Isso só me deixa uma possibilidade: você.

Moiraine encolheu-se e só em parte devido à certeza na voz dele. Devia ter previsto que aquela garota estúpida iria diretamente até Merean.



- Você ficaria surpreso ao saber o pouco que escapa a uma irmã. – respondeu. Sobretudo se a irmã estava cheia de Saidar. – Talvez eu não devesse ter pedido a Bukama que vigiasse Merean. Ela é muito perigosa. – aquela mulher pertencia ao Ajah Negro; tinha certeza disso, agora. As irmãs aplicavam castigos exemplares quando apanhavam alguém bisbilhotando, mas nunca matavam. O que podia fazer? Uma coisa era ter certeza e outra era possuir provas; provas incontestáveis que apresentar à Amyrlin Sé, sem que pudessem ser desmentidas. E se a própria Sierin fosse uma Negra... Bem, de que servia pensar naquilo agora? E porque Merean perdia seu tempo com Iselle? – Se você se importa com a garota, sugiro que a encontre o quanto antes e a mantenha longe de Merean.

- Todas as Aes Sedai são perigosas. – grunhiu Lan. – Iselle não corre perigo por ora. Avistei-a quando andava por aí, acompanhada de Brys e Dyrik. Dirigiam-se apressadamente a algum lugar. Por que Bukama morreu, Aes Sedai? Em que espécie de armadilha eu o meti por sua causa?

Moiraine ergueu a mão bruscamente para fazê-lo calar-se, e quase se surpreendeu que o moço obedecesse. Sua mente fervilhava de idéias. Merean com Iselle. Iselle com Brys e Dyrik. Merean tentara matar Lan. De repente, viu a manobra, perfeita em cada detalhe. Não fazia sentido, mas estava convencida de que era aquilo.

- Dyrik disseme que você era o homem mais afortunado do mundo, - disse, inclinado-se para Lan, com o olhar preso ao dele, - e pelo bem dele, espero que seja verdade. Onde Brys iria para gozar de alguma privacidade? Algum lugar onde não o vissem nem ouvissem? – tinha de haver um lugar onde se sentisse à vontade, mas que fosse afastado.

- Há um mirante na ala oeste do palácio. – respondeu Lan, lentamente. Então falou mais depressa: - Se Brys corre perigo, devo avisar a guarda. – voltou-se, já com a mão na aldrava da porta.

– Não! – Moiraine abraçava o Poder ainda e preparou uma trama de Ar para imobilizá-lo, se necessário. – O Príncipe Brys não veria com bons olhos o surgimento de guardas se Merean estivesse apenas conversando com ele.

- E se ela não estiver apenas conversando? – perguntou ele.

- Neste caso, não há tempo para alertar a Guarda, e mesmo se houvesse, quem

sabe se acudiriam? Não há nada contra ela, Lan. Seriam nossas suspeitas contra a palavra de uma Aes Sedai. – o moço desviou bruscamente a cabeça, resmungando algo sobre as Aes Sedai que Moiraine fingiu não ouvir. Se tivesse ouvido, teria de castigar-lhe a insolência, e não tinham tempo para aquilo. – Leve-me a esse mirante, Lan. Que uma Aes Sedai lide com outra Aes Sedai. E depressa! – se Merean estivesse mesmo apenas conversando, Moiraine duvidava que a conversa durasse muito.

Lan apressou-se e bastante, com as longas pernas movendo-se como raios. Moiraine não teve outra escolha senão erguer as saias e sair correndo atrás dele, fazendo pouco caso dos olhares e murmúrios que suas pernas à mostra arrancavam dos criados e outras pessoas presentes nos corredores, preocupada apenas que Lan não a deixasse para trás. Absorveu Poder à medida que corria, até que a doçura e o prazer quase se tornassem dor de tão intensos, e tentou planejar o que fazer, como lutar contra uma mulher mais forte que ela, uma mulher que já era uma Aes Sedai cem anos antes do nascimento de sua bisavó. Oxalá não sentisse tanto medo. Oxalá Siuan estivesse com ela.

A louca corrida conduziu-os através de aposentos reluzentes, ao longo de corredores ladeados de esculturas, e em breve encontraram-se ao ar livre, com os ruídos do palácio atrás de si, em um alto mirante de vinte passos de largura com anteparos de pedra, do qual se desfrutava de uma visão dos telhados, muitos metros abaixo. Um vento gelado, como de tempestade, sacudiu-lhe as saias. Merean estava lá, envolta no brilho do Saidar, e Brys e Dyrik, de pé junto à beirada, debatiam-se contra cordas e mordaças tecidas de Ar. Iselle fitava o príncipe e seu filho com o cenho franzido. E, quem diria, um pouco além estava Ryne, com os braços cruzados. Com que então, era mesmo um Amigo das Trevas.

- ... e dificilmente poderia ter trazido Dyrik sem seu pai. – dizia Iselle, aborrecida. – Assegurei-me de que ninguém percebesse, mas por que...?

Moiraine teceu um escudo de Energia e arrojou-o contra Merean, empregando até a última partícula de Poder que tinha dentro de si, esperando contra todas as chances afastar a mulher da Fonte. O escudo golpeou-a e fez-se em pedaços. Merean era poderosa demais, e estava absorvendo Poder até os limites de sua capacidade.

Sabia que apanhara a irmã Azul – a irmã Negra – de surpresa, mas Merean nem

sequer piscou.

- Você agiu bem ao matar o espião, Ryne. – disse tranqüilamente, tecendo uma mordada de Ar para tapar a boca de Iselle, assim como amarras que mantivessem a garota imóvel – Veja se pode ocupar-se do moço desta vez. Você me disse que era um espadachim melhor que ele.

Tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Ryne avançou correndo, com as sobrancelhas franzidas, fazendo tilintar as campainhas do cabelo. Lan conseguiu desembainhar a espada exatamente a tempo de enfrenta-lo. E antes que as lâminas se chocassem pela primeira vez, Merean golpeou Moiraine com a mesma trama que ela utilizara, mas mais forte. Moiraine compreendeu, horrorizada, que a Negra conseguia reter força suficiente para escuda-la, mesmo que estivesse cheia com todo o Saidar que podia absorver. Atacou freneticamente, com Ar e Fogo, e Merean gemeu quando os fluxos a atingiram. Na breve pausa que se seguiu, Moiraine tentou cortar os fluxos que imobilizavam Dyrik e os outros; mas antes que sua trama tocasse a de Merean, esta rompeu-a de golpe, e desta vez o escudo lançado por Merean atingiu-a antes que pudesse desfaze-lo. Sentiu que seu estômago se embrulhava.

- Você aparece muito amiúde, Moiraine. – disse a irmã Negra, como se estivessem simplesmente conversando. E agia como se assim fosse, serena e maternal, em absoluto perturbada. – Receio que deva perguntar-lhe como e porquê. – Moiraine conseguiu por pouco cortar uma trama de Fogo que lhe teria incendiado o vestido e talvez todo o corpo, e Merean sorriu, como uma mãe divertida com as travessuras das crianças – Não se preocupe, pequena. Vou Cura-la, para que você responda às minhas perguntas. E você irá responde-las. Aqui fora, ninguém ouvirá seus gritos.

Se Moiraine ainda tivesse dúvidas de que Merean pertencia ao Ajah Negro, aquela trama de Fogo teria acabado com elas. E teve mais provas nos instantes que se seguiram, com tramas que fizeram saltar chispas de seu vestido e arrepiaram-lhe os cabelos, tramas que a fizeram arquejar para tomar ar que parecia ter-se esvaído, tramas que não conhecia, mas que sem dúvida a teriam deixado destroçada e ensangüentada se a tivessem atingido, se não fosse capaz de desfaze-las...

A cada vez que tinha oportunidade, tentava cortar as amarras que prendiam Dyrik e os outros e escudar Merean, ou até deixá-la inconsciente de um golpe. Sabia que estava lutando por sua vida, que morreria se a outra mulher vencesse,

imediatamente ou durante o interrogatório que se seguiria, mas em momento algum pensou em aproveitar-se da pequena margem que lhe deixavam os Juramentos que a prendiam. Também ela tinha perguntas a fazer à outra, e das respostas podia depender o destino do mundo. Infelizmente, quase tudo o que podia fazer era defender-se, e sempre por pouco. Tinha um nó no estômago, mas parecia querer fazer-se outro. Mesmo mantendo três pessoas presas, Merean a igualava em poder, talvez até a superasse. Se Lan conseguisse distrair a mulher por um momento...

Um rápido olhar bastou para fazê-la compreender que não viria ajuda daquele lado. Lan e Ryne executavam os movimentos de luta e passavam de um para outro com graça felina, mas havia uma ligeiríssima vantagem em favor de Ryne. Lan tinha uma das faces ensangüentada.

Moiraine continuou lutando com todas as suas forças, sem desperdiçar a mínima concentração sequer para fazer caso omissos do frio. Trêmula, arremeteu contra Merean, defendeu-se e tornou a atacar, defendendo-se e atacando. Se conseguisse esgotar a mulher ou...

- Isso já está se prolongando demais, você não acha, pequena? – disse Merean. Dyrik ergueu-se no ar; o garoto debateu-se contra as amarras que não podia ver, enquanto flutuava sobre a balaustrada. Brys voltou a cabeça, seguindo a trajetória de seu filho, lutando contra a mordada invisível.

- Não! – gritou Moiraine. Lançou desesperadamente fluxos de Ar para trazer o menino à segurança do mirante. Merean cortou-os, enquanto soltava o que sustinha o menino. Gritando, Dyrik precipitou-se no vazio, e uma luz branca estalou na cabeça de Moiraine.

Abriu os olhos, atordoada, com o grito do garoto ainda ressoando em seus ouvidos. Estava deitada de costas no mirante, com a cabeça girando. Enquanto o aturdimento não passasse, tinha tantas possibilidades de abraçar o Saidar quanto um gato de cantar. Tampouco importava. Podia ver o escudo com que Merean a mantinha isolada do Poder, e até uma mulher mais fraca poderia mantê-lo, uma vez que estivesse colocado. Tentou levantar-se, caiu para trás, logrou erguer-se um pouco, apoiando-se sobre o cotovelo.

Só se haviam passado poucos segundos. Lan e Ryne continuavam envolvidos em sua dança mortífera, marcada pelo ressoar do aço. A rigidez de Brys devia-se a

algo mais que as amarras; fitava Merean com um ódio tão implacável, que parecia capaz de libertar-se com a mera força de sua raiva. Iselle tremia, sufocava, choramingava e fitava, com olhos arregalados, o ponto onde o garoto caíra. Dyrik. Moiraine obrigou-se a pensar no nome do pequeno e sentiu um aperto no coração ao recordar seu entusiasmo, seu sorriso. Apenas alguns segundos.

- Você terá de esperar um pouco, receio. – disse Merean, dando-lhe as costas. Brys elevou-se no ar. O rosto do homem não mudou de expressão, não deixou de mirar com ódio a Merean.

Com esforço, Moiraine conseguiu pôr-se de joelhos. Não podia canalizar; não lhe restava coragem nem força. Apenas determinação. Brys flutuou sobre a balaustrada. Cambaleando, Moiraine ficou em pé. Determinação. Com aquela expressão de puro ódio na face, Brys caiu sem soltar um grito. Aquilo tinha de acabar. Iselle flutuou no ar, contorcendo-se freneticamente, emitindo débeis sons, na tentativa de gritar apesar da mordaca. Aquilo tinha de acabar já! Andando aos tropeções, Moiraine mergulhou seu punhal nas costas de Merean até a empunhadura, e um jorro de sangue empapou-lhe as mãos. Caíram juntas sobre as lajes do mirante; o brilho que rodeava Merean apagou-se quando a mulher morreu, e o mesmo aconteceu com o escudo de Moiraine. Iselle gritou e tentou equilibrar-se onde as amarras rompidas de Merean a haviam deixado cair, sobre a balaustrada. Obrigando-se a mover-se, Moiraine engatinhou sobre o cadáver de Merean e agarrou uma das mãos de Iselle com as suas exatamente quando os sapatinhos da menina resvalavam e esta caía.

O tirão arrastou Moiraine, que se viu com o estômago sobre a balaustrada, fitando a garota, que segurava com as mãos escorregadias de sangue sobre um abismo que parecia interminável. A duras penas, conseguiu segura-la e segurar-se a si mesma; se tentasse puxar a menina para cima, ambas cairiam. Iselle tinha a expressão contorcida e sua boca era um rictus. Sua mão escorregava entre as de Moiraine, que tentou acalmar-se a Abraçar a Fonte, sem sucesso. Contemplar os telhados lá embaixo não contribuía para que sua cabeça deixasse de rodar. Voltou a tentar, mas foi como querer colher água com as mãos com os dedos abertos. Salvaria um dos três, ainda que fosse a menos importante. Lutando contra a tontura, esforçou-se por alcançar a Fonte. E a mão de Iselle escorregou entre seus dedos ensangüentados. A única coisa que pôde fazer foi ver como caía, com um longo grito penetrante que se foi perdendo à distância, com a mão estendida, como se acreditasse que alguém ainda pudesse salva-la.

Um braço afastou-a da balaustrada.

- Nunca contemple uma morte que você não tenha de ver. – disse Lan, erguendo-a. Seu braço direito pendia a seu lado; um longo talho fendia a manga empapada de sangue e a carne abaixo dela. Tinha outros ferimentos, além do corte no couro cabeludo que continuava vertendo sangue rosto abaixo. Ryne jazia de costas a dez passos de distância, e seus olhos mortos contemplavam o céu, surpresos. – Um dia negro – murmurou Lan, - um dos mais negros que já vi na vida.

- Espere um pouco. – pediu Moiraine, com voz trêmula – Ainda estou muito tonta para andar. – os joelhos vergaram-se-lhe ao aproximar-se do cadáver de Merean. Não haveria respostas. O Ajah Negro permaneceria oculto. Abaixou-se e tirou seu punhal das costas da mulher, limpando-o nas saias da traidora.

- Você é fria, Aes Sedai. – disse ele, inexpressivo.

- Tanto quanto tenho de ser. – respondeu ela. O grito de Diryk ainda ressoava em seus ouvidos, e continuava a ver o rosto de Iselle desaparecendo no vazio. Assim como durante a prova para o xale, sua calma era pura aparência, mas aferrou-se desesperadamente a ela. Se a perdesse, mesmo que por um instante, acabaria ajoelhada, chorando, gritando de dor. – Aparentemente, além de ser um Amigo das Trevas, Ryne estava enganado. Você é melhor do que ele.

- Não. – Lan meneou a cabeça, ligeiramente. – Ele era melhor, mas acreditou, ao ferir-me no braço, que estava tudo acabado. Nunca pôde compreender. Só devemos render-nos quando estivermos mortos.

Moiraine assentiu. Render-se só após a morte. Sim.

Custou-lhe algum tempo ter a cabeça firme o suficiente para Abraçar a Fonte, e teve de suportar a ansiedade de Lan por informar à shatayan que Brys e Diryk haviam morrido antes que lhe chegasse a notícia de que haviam encontrado os corpos nos telhados. Compreensivelmente, não estava tão ansioso por informar Lady Edeyn da morte de sua filha. Também Moiraine estava impaciente, mas não pelas mesmas razões. Deveria ter sido capaz de salvar a garota. Aquela morte era tanto culpa sua quanto de Merean.

Curou Lan logo que foi capaz, e o moço deixou escapar um grito abafado quando a complexa trama de Energia, Ar e Água fechou os ferimentos e sua

carne uniu-se sem deixar marcas, mas Moiraine não sentiu nenhuma satisfação pelo fato de ele finalmente ter demonstrado que também era humano. Ficara tão enfraquecido pelo processo de Cura depois do desgaste da luta, que teve de recobrar-se, apoiado à balaustrada de pedra. Passar-se-ia um bom tempo antes que pudesse ir correndo a qualquer lugar. Moiraine precisava assegurar-se de que Lan saberia o que dizer. E além disso, tinha outros planos para ele.

Cuidadosamente, elevou no ar o corpo de Merean com fluxos de Ar, passou-o sobre a balaustrada e baixou-o um pouco, próximo às rochas da encosta da montanha. Teceu tramas de Fogo e o cadáver da irmã Negra foi envolto por chamas incandescentes, tão abrasadoras que não produziam fumaça, apenas um denso resplendor no ar e alguns ruídos ao fender a rocha.

- O que você está...? – começou Lan a dizer, mas interrompeu-se a mudou a pergunta: - Por quê?

Moiraine deixou que seu corpo sentisse o imenso calor, que produzia correntes de ar mais próprias de um forno.

- Não há provas de que ela fosse do Ajah Negro, apenas que era uma Aes Sedai. – fez uma careta ao perceber seu próprio deslize. A Torre Branca precisava novamente de sua armadura de mistério, mais ainda do que quando Malkier desaparecera, mas não podia dizer-lhe isso. Ainda não. Entretanto, ele nem mesmo pestanejou diante da menção ao Ajah Negro. Na melhor das hipóteses, ignorava o que fosse, mas ela não apostaria nisso. Aquele homem era tão reservado quanto qualquer irmã. – Não posso mentir sobre o que aconteceu aqui, apenas guardar silêncio. Você também o manterá, ou facilitará o trabalho da Sombra?

- Você é uma mulher dura. – respondeu Lan, depois de algum tempo. Não disse mais nada, mas isso já bastava.

- Tão dura quanto for necessário. – repetiu Moiraine.

O grito de Diryk. O rosto de Iselle. Ainda devia desfazer-se do corpo de Ryne e do sangue que manchava o assoalho de pedra e suas roupas. Tão dura quanto fosse necessário.

# EPÍLOGO



O Palácio de Aesdaishar amanheceu de luto na manhã seguinte. Bandeiras brancas tremulavam em todos os lugares, e os criados usavam faixas brancas nos braços. Pela cidade já corriam boatos acerca dos prodígios que haviam antecipado as mortes, como cometas à noite e fogo nos céus. As pessoas sabiam como associar o que viam com o que sabiam e com o que desejavam ter visto. Os desaparecimentos de um simples mercenário, e até mesmo de uma Aes Sedai, passaram despercebidos diante da dor intensa que provocava o pranto até nos homens mais fortes.

Ao voltar da tarefa de destruir os pertences de Merean – depois de buscar inutilmente por alguma pista que levasse a outras irmãs Negras – Moiraine afastou-se para um lado para deixar passar Edeyn, que avançava pelo corredor vestida de branco e com o cabelo muito curto, como que tosquiado a tesouradas. Diziam que ia abandonar tudo e iniciar uma vida de retiro. A Moiraine, pareceu que já o fizera. Seus olhos, nos quais havia um olhar vazio, estavam fundos, envelhecidos. De certo modo, faziam com que Moiraine se lembrasse dos de sua filha na última vez que a vira, transbordantes de desespero e conscientes de uma morte próxima.

Ao entrar em seus aposentos, Siuan levantou-se de um salto da poltrona que ocupava, na saleta. Moiraine tinha a impressão de que não a via há semanas.

- Você mais parece um peixe que engoliu uma isca e deparou-se com um anzol. – disse sua amiga. – Bem, é lógico. Sempre odiei os duelos, quando conhecia



algum dos envolvidos. Seja como for, podemos ir quando você estiver pronta. Rahien nasceu em uma fazenda situada a mais de três quilômetros do Monte do Dragão. Merean não se aproximou dele desde esta manhã. Não creio que lhe faça mal por uma simples suspeita, ainda que seja do Ajah Negro.

Não era o menino. Por alguma razão, Moiraine já esperava por isso.

- Merean não fará mal a mais ninguém, Siuan. Ponha essa sua mente a trabalhar em uma charada. – sentou-se em uma poltrona e começou pelo fim, explicando tudo rapidamente, apesar das exclamações abafadas de Siuan e seus pedidos de mais detalhes. Foi como reviver tudo. Chegar ao que a tinha levado àquele enfrentamento foi um alívio. – Sobretudo, ela queria Diryk morto, Siuan. Matou-o em primeiro lugar. E tentou matar Lan.

- Isso é loucura. – resmungou sua amiga. – Que relação há entre um menino de oito anos e um crápula insensível como Lan? .

- A sorte. Diryk sobreviveu a uma queda que normalmente o teria matado, e todos dizem que Lan é o homem vivo com mais sorte, ou de outro modo a Chaga já teria acabado com ele há anos. Existe um padrão, mas parece-me absurdo. Talvez aquele seu ferreiro faça parte dele. E Josef Najima, em Canluum, pelo que sei. Também ele tinha sorte. Resolva este enigma, se puder. Acho que é importante, mas não sei porquê.

Siuan começou a andar de um lado para o outro, em passos largos que lhe faziam esvoaçar as saias, enquanto esfregava o queixo, resmungando acerca de “homens com sorte” e “o ferreiro que se fez notório de repente” e outras coisas que Moiraine não conseguiu entender. De repente, deteve-se em seco.

- Ela não se aproximou de Rahien em nenhum momento, Moiraine! O Ajah Negro sabe que o Dragão renasceu, mas o que não sabem é quando! Talvez Tamra tenha conseguido ocultar esse detalhe, ou talvez tenham sido brutais demais e morreu antes que conseguissem arrancar-lho. Têm de ser isso! – sua ansiedade transformou-se em espanto – Luz! Estão matando qualquer homem ou menino que poderia ser capaz de canalizar! Oh, malditas sejam, poderiam morrer milhares, Moiraine! Dezenas de milhares!

Fazia sentido; era terrível, mas fazia sentido. Os homens que canalizavam raramente sabiam o que estavam fazendo, pelo menos a princípio, e freqüentemente tomavam-nos apenas por pessoas afortunadas. Os

acontecimentos favoreciam-nos, e, como no caso do jovem ferreiro, cobravam importância quase da noite para o dia. Siuan tinha razão. O Ajah Negro iniciara uma matança!

- Mas não sabem que estão buscando um bebê. – disse Moiraine. Tão dura quanto devia ser. – Uma criança de colo não mostrará sinais visíveis. Dispomos de mais tempo do que pensávamos, ainda que não tanto para que nos descuidemos. Qualquer irmã pode pertencer ao Ajah Negro. Creio que Cadsuane pertence. Sabem que há outras procurando. Se uma das rastreadoras de Tamra localizar o menino e a encontrarem com ele, ou se decidirem submeter uma delas a um interrogatório antes de mata-la... – Siuan encarava-a fixamente – Ainda temos de ocupar-nos dessa tarefa. – concluiu.

- Eu sei. – respondeu Siuan, com vagar. – Só que nunca imaginei que... enfim, quando algo tem de ser feito, faz-se, seja puxar as redes ou limpar os peixes. – contudo faltava à sua voz a firmeza habitual – Podemos estar a meio caminho de Arafel antes do meio-dia.

- Você volta para a Torre. – disse Moiraine.

Indo juntas, não buscariam mais rápido do que se fosse só uma. E se tinham de separar-se, qual melhor lugar para Siuan trabalhar que com Cetalia Delarme, tendo acesso livre a todos os relatórios da rede de informantes do Ajah Azul? Enquanto ela procurava o menino, Siuan poderia inteirar-se do que se passava em cada país e, sabendo o que procurava, poderia localizar cada pista que apontasse para o Ajah Negro ou para o Dragão Renascido. Siuan aceitava quando se lhe apresentava um raciocínio lógico, mas daquela vez não foi tão fácil, e quando finalmente concordou, fê-lo de má-vontade.

- Cetalia me colocará a calafetar as juntas das paredes por ter partido sem sua permissão. – resmungou – Raios a partam! Vai pendurar-me num varal da Torre! Terei sorte se não me fizer açoitado! Moiraine, a política faz com que alguém comece a suar em pleno Inverno. Odeio-a! - entretanto, já procurava nos baús, para ver o que podia levar consigo na viagem de regresso a Tar Valon. – Suponho que você alertará aquele sujeito, Lan. Na minha opinião, ele merece o cuidado, ainda que pouco lhe há de servir. Contaram-me que partiu a cavalo para a Chaga há uma hora e se isso não o matar... Onde você está indo?

- Tenho assuntos pendentes com aquele homem. – respondeu Moiraine, sem

deter-se. Desde o dia em que o conhecera, tomara uma decisão sobre ele, caso não fosse um Amigo das Trevas, e estava disposta a leva-la adiante.

No estábulo onde guardava Flecha, distribuiu marcos de prata como se fossem cêntimos e conseguiu que a égua estivesse selada e encilhada quase antes que as moedas desaparecessem nas bolsas. Montou no animal sem importar-se que as saias subissem, deixando-lhe as pernas à mostra até os joelhos, bateu os calcanhares e saiu a galope do Palácio de Aesdaishar, em direção norte através da cidade, de modo que o povo tinha de afastar-se de um salto; em certo momento, fez Flecha saltar limpamente sobre uma carroça cujo condutor foi lento demais em tira-la do caminho. Às suas costas, foi deixando uma esteira de gritos e punhos cerrados que se agitavam no ar.

Na estrada que conduzia ao norte, deteve um pouco a marcha para perguntar a alguns carroceiros que vinham na direção contrária se haviam avistado um malkieri num garanhão zaino, e sentiu um imenso alívio quando a resposta foi afirmativa. O homem poderia ter tomado umas cinquenta direções diferentes depois de cruzar a ponte sobre o fosso. Tinha uma hora de vantagem... Mas havia de alcança-lo, ainda que tivesse de segui-lo para o interior da Chaga!

- Um malkieri? – o magro mercador, abrigado num manto azul-escuro, parecia sobressaltado. – Bem, meus guardas avisaram-me que havia um lá em cima. Gente perigosa, esses malkieri.

Voltou-se na boléia da carreta e apontou para uma colina relvada, a cem passos da estrada. No alto, viam-se claramente dois cavalos. Um deles era um animal de carga, e um fino fio de fumaça subia no ar.

Lan quase não ergueu o olhar quando Moiraine desmontou. Ajoelhado junto aos restos de uma pequena fogueira, remexia as cinzas com um pau. Coisa estranha, cheirava a cabelo queimado.

- Eu esperava que você não quisesse mais nada de mim. – disse.

- Pois está enganado. – respondeu ela. Está queimando seu futuro? Creio que sua morte na Chaga seria uma grande aflição para muitos.

- Queimo meu passado. – Lan ergueu-se. – Queimo recordações. Uma nação. A Garça Dourada não voltará a alçar-se jamais. – começou a jogar terra sobre as cinzas com a ponta da bota, mas depois deteve-se e agachou-se para apanhar um

punhado de terra úmida que lançou à sua volta, quase cerimoniosamente. – Ninguém chorará por mim quando eu morrer, porque todos que o teriam feito já se foram. E afinal, todos os homens morrem.

- Mas só os tolos escolhem morrer antes que chegue sua hora. Quero que você seja meu Guardiã, Lan Mandragoran.

Ele contemplou-a fixamente, sem piscar, e sacudiu a cabeça.

- Eu deveria ter adivinhado que era isso. Uma batalha me espera, Aes Sedai, e não tenho nenhuma vontade de ajuda-la a tecer as redes da Torre Branca. Encontre outro.

- Lutamos na mesma batalha, contra a Escuridão. Merean pertencia ao Ajah Negro. – e contou-lhe tudo, desde a Predição de Gitara na presença da Amyrlin e de duas Aceitas, até as conclusões a que haviam chegado ela e Siuan, as mortes das rastreadoras de Tamra... Tudo, absolutamente tudo. Se fosse outro homem, teria escondido a maior parte, mas não deviam existir segredos entre uma Aes Sedai e seu Guardiã. Se fosse outro homem, poderia ter suavizado as coisas, mas não achava que inimigos ocultos o assustassem, ainda que fossem Aes Sedai. – Você diz que queimou seu passado. Deixemos, pois, o passado em suas cinzas. É a mesma guerra, Lan, a batalha mais importante jamais travada nesse conflito. E esta, sim, você pode vencer.

Ele manteve o olhar preso ao norte, em direção à Chaga, por um longo tempo. Moiraine não sabia o que faria se a repelisse. Contara-lhe mais do que teria contado a qualquer um, salvo a seu Guardiã já vinculado.

Subitamente, Lan voltou-se, com a espada flamejante nas mãos e por um instante, Moiraine pensou que ia atacá-la. Entretanto, colocou um joelho na terra e susteve a arma desembainhada sobre suas mãos estendidas.

- Pelo nome da minha mãe, juro que a sacarei quando você ordenar que o faça, e embainharei quando você ordenar que a embainhe. Pelo nome da minha mãe, virei quando você me chamar e partirei quando você ordenar que me vá. – beijou a lâmina e ergueu o olhar para ela, expectante. Ainda ajoelhado, conseguia fazer com que um rei em seu trono parecesse submisso. Ela teria de ensinar-lhe um pouco de humildade, para seu próprio bem. E por causa do laguiño...

- Ainda falta uma coisa. – disse Moiraine, pousando as mãos sobre a cabeça do moço.

A trama de Energia era uma das mais intrincadas que as Aes Sedai conheciam. Envolveu Lan, penetrou nele e desapareceu. De repente, ela tornou-se consciente dele, como as Aes Sedai sentiam seus Guardiões. As emoções masculinas eram um pequeno nó em um canto de sua mente, todo ele inflexibilidade de aço e determinação, afiado como a lâmina da sua espada.

Moiraine percebeu a dor de velhas feridas, sufocada e ignorada. Poderia sustentar-se da força dele caso fosse necessário, encontra-lo por mais distante que estivesse. Estavam vinculados.

Ele ergueu-se com agilidade felina, embainhou a espada e deteve-se a observá-la, intensamente.

- Aqueles que não estiveram lá chamam-na de Batalha das Muralhas Resplandecentes. – disse inopinadamente. – Os que estiveram, chamam-na de Neve Ensanguentada. Só isso. Sabem que era uma batalha. Na manhã do primeiro dia, eu tinha sob meu comando quase quinhentos homens. Kandoreses, saldeanianos, domani... Pela tarde do terceiro dia, metade deles estavam mortos ou feridos. Se eu tivesse tomado outras decisões, alguns daqueles soldados estariam vivos e outros teriam morrido em seu lugar. Na guerra, faz-se uma prece pelos mortos e segue-se adiante, pois sempre há outra batalha em perspectiva, em outros horizontes. Diga uma prece pelos mortos, Moiraine Sedai, e siga adiante.

A surpresa de Moiraine foi tal que pouco faltou para que seu queixo caísse. Esquecera-se de que o fluxo do vínculo funcionava em ambos os sentidos. Também ele percebia suas emoções, e pelo visto, sabia interpreta-las muito melhor que ela às suas. Ao cabo de alguns segundos, assentiu com a cabeça, ainda que ignorasse quantas preces seriam necessárias para apaziguar seu espírito.

Lan estendeu-lhe as rédeas de Flecha.

- Onde vamos primeiro? – perguntou.

- De volta a Chachin. – respondeu-lhe. – E depois a Arafel, e... – restavam pouquíssimos nomes que fossem fáceis de encontrar. – Por todo o continente, se

for preciso. Ou vencemos esta batalha, ou o mundo perecerá.

Cavalgaram lado a lado colina abaixo e giraram para o sul. Atrás deles, o céu retumbou e começou a escurecer. Aproximava-se outra tempestade tardia, vinda da Chaga.

# Sobre o Autor

ROBERT JORDAN, pseudônimo de James Oliver Rigney Jr., nasceu em 1948 em Charleston, Carolina do Sul, onde viveu até sua morte com sua esposa, Harriet, em uma mansão construída em 1797. Aprendeu a ler com quatro anos, com a ajuda do irmão, e aos cinco já se atrevia com Júlio Verne e Mark Twain. Graduou-se em The Citadel, a Academia Militar da Carolina do Sul, com licenciatura em Física. Participou da guerra do Vietnam, tendo sido condecorado várias vezes por seu valor. Interessava-se por História e escreveu críticas de dança e teatro. Era aficionado por caça, pesca, navegação, pôquer, xadrez e bilhar americano, além de colecionar pipas. Começou a escrever em 1977, criando a bem sucedida saga A Roda do Tempo, traduzida para vários idiomas. Robert Jordan morreu em 16 de Setembro de 2007, vítima de amiloidose, doença contra a qual lutava há alguns anos, deixando sua grande obra inacabada.

# GLOSSÁRIO

**Aceita:** Grau de aprendizado atingido pelas iniciadas da Torre Branca, antes de tornar-se Aes Sedai. Ao passar o teste para Aceitas, as jovens passam a ter o direito de usar o anel da Grande Serpente. As Aceitas são identificadas por seus vestidos, brancos e barrados com uma banda de sete cores, correspondentes aos sete Ajah.

**Aes Sedai:** Ordem ou Irmandade de manipuladoras do Poder Único. Desde a época do Desmembramento do Mundo, todos os Aes Sedai sobreviventes são mulheres. Frequentemente inspiradoras de desconfiança, temor e até ódio entre o povo, muitos atribuem-lhes a responsabilidade pelo Desmembramento do Mundo, e existe a crença generalizada de que se envolvem em assuntos de Estado. Ao mesmo tempo, poucos são os governantes que não possuem uma conselheira Aes Sedai, mesmo em países onde tal fato deve ser mantido em segredo.

**Aiel:** Povo que vive no Deserto ou Ermo de Aiel. São duros e lutadores. Cobrem os rostos antes de lutar, o que deu origem ao provérbio “agir como um Aiel com o rosto coberto” para descrever alguém que age de forma violenta. Terríveis guerreiros com lanças, arcos ou no corpo a corpo, jamais tocam numa espada. Chamam a batalha de “Dança das Lanças”.

**Ajah:** Divisões entre as Aes Sedai. Cada Aes Sedai pertence a um Ajah concreto. Estes são designados por cores: Vermelho, Azul, Cinzento, Amarelo, Verde, Marrom e Branco. Cada qual segue uma filosofia específica e possui atribuições especiais. O Ajah Vermelho, por exemplo, dedica-se a encontrar e neutralizar homens que canalizem; o Ajah Marrom proíbe o compromisso com o mundo e consagra-se a aprofundar o conhecimento. O Ajah Amarelo dedica-se à cura; o Ajah Cinzento, à diplomacia e mediação de conflitos. O Ajah Verde é o Ajah de Batalha, e dedica-se à preparação para o Tarmon Gai'don; o Ajah Branco consagra-se ao exercício da Lógica e apologética; o Ajah Azul, à busca pela justiça. Correm rumores (furiosamente desmentidos pelas Aes Sedai e jamais mencionados na presença de uma delas) da existência de um Ajah Negro,



dedicado ao serviço do Obscuro.

**Amigos das Trevas:** Seguidores do Obscuro, que abrigam expectativas de ganhar poder e receber recompensas quando este se libertar de sua prisão. Também chamados de Amigos Sinistros.

**Amyrlin Sé:** Título da dirigente máxima das Aes Sedai, eleita em caráter vitalício pela Câmara do Conselho da Torre, que consta de três representantes de cada Ajah. A Amyrlin possui, pelo menos teoricamente, a autoridade absoluta entre as Aes Sedai, e seu status é equiparado (por exemplo) ao do Papa entre os católicos romanos. A Amyrlin usa uma estola com as cores dos sete Ajahs, para demonstrar que pertence a todos e a nenhum deles.

**Andor:** Reino situado a Noroeste do continente. O símbolo de Andor é um leão branco rampante sobre campo vermelho.

**Arafel:** Um dos reinos das Fronteiras. Seu brasão é formado por três rosas brancas em campo vermelho, esquartelado com três rosas vermelhas em campo branco.

**Caemlyn:** Capital de Andor.

**Cairhien:** Nação situada junto à Espinha do Mundo, e sua capital. A cidade de Cairhien foi incendiada durante a Guerra dos Aiel. Seu símbolo é um sol nascente elevando-se em campo azul.

**Canalizar:** controlar e tecer o fluxo do Poder Único.

**Chaga, A:** região situada nos confins do Norte, totalmente corrompida pelo poder do Obscuro. Morada de Trollocs, Myrdraal e outras criaturas da escuridão.

**Chama de Tar Valon:** O símbolo de Tar Valon e das Aes Sedai. Representação estilizada de uma chama; uma lágrima branca com a parte mais fina voltada para cima.

**Cinco Poderes:** O Poder Único possui várias aplicações e cada pessoa executa algumas mais facilmente que as outras. Tais vias de utilização recebem seu nome conforme o tipo de efeito que se obtém através delas: Terra, Ar, Fogo, Água e Energia, denominando-se, em conjunto Os Cinco Poderes.

**Dai Shan:** Na Língua Antiga, “Senhor Coroado com o Diadema de Guerra”. Um dos títulos dos Reis de Malkier.

**Desmembramento do Mundo:** Quando Lews Therin Telamon e seus Cem Companheiros encerraram novamente o Obscuro em sua prisão, a vingança deste foi infectar o Saidin. Finalmente, todos os homens Aes Sedai enlouqueceram completamente. Em sua loucura, aqueles homens capazes de utilizar o Poder Único em um grau agora desconhecido, modificaram a face da Terra. Provocaram terremotos, arrasaram cordilheiras de montanhas, ergueram outras, elevaram terras firmes em meio aos Oceanos e alagaram com Oceanos terras antes firmes. Muitas partes do mundo ficaram desabitadas e os sobreviventes tiveram de lutar por muito tempo contra as condições adversas. Tal destruição é recordada em relatos, lendas e na História como Desmembramento do Mundo, ou Despedaçamento do Mundo.

**Domani:** Habitante de Arad Doman, nação situada a noroeste do continente, às margens do Oceano Arício.

**Domar:** A ação realizada pelas Aes Sedai, de neutralizar os poderes de um homem capaz de canalizar. Isso é necessário, pois todo o homem que aprende a canalizar fatalmente enlouquecerá devido à infecção no Saidin, e provavelmente causará danos terríveis ao utilizar o Poder depois de perder a sanidade. Um homem que foi domado ainda pode detectar a Fonte Verdadeira, mas não consegue estabelecer contato com ela. A evolução da loucura detém-se com a doma, mas não é curada, e se a providência é tomada no início, é possível evitar a morte, que geralmente resulta dessa espécie de tratamento.

**Dragão, O:** Alcinha de Lews Therin Telamon, líder e mais poderoso Aes Sedai durante a Guerra da Sombra. Tomado pela mesma loucura que afetou todos os homens Aes Sedai, Lews Therin matou a toda a sua família e todos os seus entes queridos, merecendo o cognome de “Carrasco da Humanidade”.

**Dragão Renascido:** Segundo as lendas e profecias, o Dragão renascerá no momento em que a humanidade mais necessitar dele para salvar o mundo das garras do Obscuro. O povo não deseja que tal coisa ocorra, pois as profecias rezam que o Dragão Renascido produzirá um novo Desmembramento do Mundo.

**Era das Lendas:** A Era concluída com a Guerra das Sombras e o

Desmembramento do Mundo. Uma época em que os Aes Sedai, homens e mulheres, realizavam prodígios atualmente apenas imaginados.

**Espinha do Mundo:** Cordilheira de montanhas quase intransponível que separa o Ermo de Aiel da parte ocidental do mundo conhecido.

**Fonte Verdadeira:** A fonte do Poder Único, a força vital do Universo, que faz girar a Roda do Tempo.

**Grande Serpente:** símbolo do Tempo e da Eternidade, cujas origens remontam a uma época anterior à Era das Lendas, representada por uma serpente que morde a própria cauda. As Aes Sedai usam um anel representando a Grande Serpente, que lhes é entregue no momento em que passam de noviças a Aceitas.

**Guardiã das Crônicas:** Aes Sedai que possui a autoridade máxima após a Amyrlin Sé, a qual acessora. É escolhida pela Amyrlin e ocupa o cargo enquanto esta ocupar o seu. Amiúde, ambas pertencem ao mesmo Ajah.

**Guardião:** Um guerreiro vinculado a uma Aes Sedai. O laço que os une provém do Poder Único, e por meio dele, o Guardião recebe dons entre os quais contam-se a rápida recuperação de ferimentos, a capacidade de resistir a longos períodos de privação de comida, bebida ou descanso e a faculdade de detectar a contaminação do Obscuro a certa distância. Enquanto a Aes Sedai a quem estiver vinculado permanecer viva, o Guardião terá consciência disso, e se for morta, sentirá o momento e a maneira exata de sua morte. O vínculo indica-lhe também a distância em que ela se encontrar, e em qual direção. Enquanto a maioria dos Ajah sustentam que uma Aes Sedai pode dispor de um único Guardião vinculado a ela, o Ajah Vermelho rechaça qualquer ligação com um Guardião, e o Verde crê que uma Aes Sedai é livre para ter quantos Guardiões quiser. Eticamente, o vínculo só pode ser conferido com o consentimento expresso do homem, mas há relatos de casos em que foi imposto contra a vontade, o que pela lei da Torre, constitui um crime tão grave quanto um estupro. As Aes Sedai costumam chamar seus Guardiões de Gaidin, que na língua antiga significa Irmão na Batalha.

**Guerra dos Cem Anos:** Uma série de guerras sucessivas entre várias alianças de nações constantemente modificadas, precipitadas pela morte de Arthur Hawkwing e as lutas pela sua coroa que esta acarretou. Durou de 994 AL a 1117 AL. Esta guerra deixou despovoadas extensas regiões de países situados entre o

Oceano Arício e o Ermo de Aiel, e entre o Mar das Tormentas e a Grande Chaga. A destruição foi de tal alcance que mal se conservam alguns documentos dispersos sobre aquela época. O Império de Hawkwing fragmentou-se, dando origem às nações atualmente existentes.

**Guerra da Sombra:** Também conhecida como Guerra do Poder, pôs fim à Era da Lenda. Começou pouco depois de uma tentativa de libertar o Obscuro, e logo viram-se envolvidas nela todas as nações. Em um mundo onde até a lembrança da guerra caíra no esquecimento, redescobriram-se todas as suas faces, freqüentemente desfiguradas pela mão do Obscuro, que se fechava sobre o mundo. A Guerra da Sombra acabou quando Lews Therin Telamon e seus Cem Companheiros selaram novamente a prisão do Obscuro, embora sua ação tenha determinado a contaminação do Saidin e suas terríveis conseqüências.

**Guerra dos Trollocs:** Uma série de guerras que se prolongaram durante mais de três séculos, ao longo dos quais os Trollocs arrasaram o mundo. Finalmente, os trollocs foram derrotados e abatidos, ou obrigados a refugiarem-se na Chaga, mas algumas nações deixaram de existir, enquanto outras ficaram quase despovoadas. As informações sobre o período são extremamente fragmentadas.

**Hadori:** Faixa de couro trançado usada pelos homens malkieri depois de atingirem a maioridade.

**Hawkwing, Arthur:** Rei semi-lendário que uniu sob seu cetro todas as terras situadas a oeste da Espinha do Mundo, chegando a enviar expedições além do Oceano Arício, sob o comando de seu filho Luthair, embora todo o contato com esses exploradores tenha sido perdido. Inimigo ferrenho das Aes Sedai, sitiou Tar Valon durante mais de vinte anos, sem sucesso. Sua morte desencadeou a Guerra dos Cem Anos. Seu emblema era um falcão dourado em vôo.

**Filhos da Luz:** Ordem de cavaleiros com crenças ascéticas, consagrada à derrota do Obscuro e à destruição dos Amigos das Trevas. Fundada durante a Guerra dos Cem anos, por Lothair Mantelar para deter o crescente número de Amigos das Trevas, transformou-se numa organização de marcado caráter militar, de crenças extremamente rígidas, entre as quais a convicção de que são eles os únicos possuidores da verdade. Prefessam um profundo ódio pelas Aes Sedai, as quais consideram, assim como seus amigos e seguidores, Amigos das Trevas, pelo fato de canalizarem. São conhecidos, depreciativamente, por Mantos Brancos. Seu emblema é um sol dourado sobre fundo branco.

**Fronteiras, As:** Faixa de terra que bordeja a Chaga e as Terras Malditas, atualmente composta por quatro nações: Saldea, Arafel, Kandor e Shienar.

**Kandor:** Um dos Reinos das Fronteiras. A insígnia de Kandor é um cavalo vermelho em campo verde-claro.

**Ki'sain:** Ponto redondo que as mulheres malkieri pintam na testa, entre as sobrancelhas, simbolizando seu compromisso de enviar seus filhos a combater a Sombra. O ki'sain azul indica que a mulher é solteira; vermelho, que é casada, e branco, uma viúva.

**Malkier:** Nação que outrora fazia parte dos reinos da Fronteira, agora consumida pela Chaga. A insígnia de Malkier era uma garça dourada.

**Mantos Brancos:** V. Filhos da Luz.

**Marinos, os:** Também chamados Povo do Mar ou Atha'an Miere. Habitantes das Ilhas do Oceano Arício e do Mar das Tormentas. Vivem pouco tempo em tais ilhas, passando a maior parte de suas vidas em seus navios. A maior parte do comércio marítimo é realizada pelos Marinos.

**Murandy:** Nação situada ao norte de Andor. O emblema de Murandy é um touro vermelho sobre campo listado de azul e branco.

**Myrdraal:** Criaturas da Escuridão, que comandam os trollocs. Disformes descendentes dos trollocs, nos quais o material humano usado para criá-los retornou à superfície, mas contaminada pelo Mal que os gerou. Fisicamente, assemelham-se a homens, salvo pelo fato de não possuírem olhos, ainda que sua visão seja aguda, tanto de dia quanto à noite. Gozam de certos poderes emanados do Obscuro, entre os quais conta-se a faculdade de paralisar de terror com um olhar e de desaparecer, literalmente, nas sombras, usando-as como um portal para outros lugares. Um de seus poucos pontos fracos é seu temor à água corrente. Em vários países, são conhecidos por nomes diferentes, tais quais Semihomens, Seres de Órbitas Vazias, Homens de Sombra e Fados.

**Noviça:** Primeiro grau de aprendizado entre as estudantes da Torre Branca. As noviças vestem-se inteiramente de branco.

**Obscuro:** Nome mais comumente usado em todos os países para designar Shai'tan, a origem do Mal, a antítese do Criador. Preso pelo Criador no momento

da Criação em uma prisão em Shayol Ghul, uma tentativa de libertá-lo desencadeou a Guerra da Sombra, a contaminação do Saidin, o Desmembramento do Mundo e o fim da Era das Lendas. Acredita-se que o fato de pronunciar seu verdadeiro nome, Shai'tan, atraia sua atenção e acarrete desgraças e azar. Por isso, utilizam-se vários eufemismos, como Obscuro, Pai das Mentiras, Senhor da Escuridão, Perdição do Coração, Pastor da Noite, Senhor do Sepulcro, *etc.*

**Ogier:** Pacífica raça não-humana, caracterizada pela imensa estatura (cerca de três metros nos machos adultos), pêlos no corpo e feições características. Renomados construtores, preferem viver em bosques, chamados steddings, locais onde se respira paz e serenidade sobrenaturais, e onde, por alguma razão, o Poder Único não pode ser sentido ou absorvido.

**Poder Único, O:** O poder obtido da Fonte Verdadeira, a força vital do Universo, que faz girar a Roda do Tempo, e que algumas pessoas, poucas, podem aprender a absorver e manipular. Está dividido em Saidar (a metade feminina) e Saidin (a metade masculina), as quais interagem, colaborando e enfrentando-se ao mesmo tempo. Só uma mulher pode manipular o Saidar, e só um homem pode manipular o Saidin. Desde o final da Guerra das Sombras, o Saidin permanece corrompido pela maldição do Obscuro, e nenhum homem pode tocá-lo sem cair na loucura e numa devastadora enfermidade que faz com que os que dela padecem apodreçam vivos. Para uma mulher, a morte que sobrevém se não conseguir controlar sua capacidade é menos dolorosa, e não certa, mas também possível. As Aes Sedai empenham-se em encontrar meninas que possuam a capacidade de canalizar, tanto para salvar-lhes a vida como para incorpora-las às suas fileiras, e os homens, para doma-los e prevenir as desgraças que inevitavelmente causariam ao perder o juízo.

**Roda do Tempo:** O Tempo é uma roda de sete raios, cada um dos quais constitui uma Era. Ao girar da Roda, as Eras vêm e vão, deixando recordações que se tornam lendas e depois mitos, para cair no esquecimento muito antes do retorno da Era que lhes deu origem. A Trama de uma Era é ligeiramente distinta a cada vez que o dito período se reinicia e está sujeita a mudanças mais significativas à medida que se repete, mas as Eras sempre voltam a reproduzir-se.

**Saidar, Saidin:** V. Poder Único.

**Shayol Ghul:** A Montanha mais alta das Terras Malditas, onde está encarcerado

o Obscuro.

**Shienar:** Um dos reinos das Fronteiras. O emblema de Shienar é um falcão negro.

**Tar Valon:** A maior cidade do mundo conhecido, situada numa ilha do rio Erinin. Centro do poder das Aes Sedai, governado pela Amyrlin Sé.

**Tear:** Nação situada ao sul do continente, governada por um conselho de nobres chamados Grandes Senhores. O emblema de Tear são três luas crescentes, dispostas diagonalmente

**Ter'angreal:** Nome dado a diversos objetos originados na Era das Lendas, e que utilizam o Poder Único. Diferentemente dos angreal e sa'angreal, que aumentam a capacidade de canalizar, os ter'angreal foram criados para cumprir funções específicas. As Aes Sedai usam alguns deles, mas a utilidade da maioria foi esquecida e permanece ignorada. Pesquisas no sentido de descobrir sua utilidade são raras, pois alguns podem, acidentalmente, destruir a capacidade de uma mulher de canalizar.

**Torre Branca, A:** Palácio, sede e quartel-general das Aes Sedai, situada no centro da Ilha de Tar Valon.

**Três Juramentos:** As três promessas solenes prestadas pelas iniciadas da Torre Branca ao receberem o grau de Aes Sedai. São eles: 1) Nunca pronunciar uma palavra que não seja verdade; 2) Não usar o Poder Único para criar armas; 3) Não usar o Poder Único para ferir alguém, a não ser criaturas da Escuridão, ou como último recurso em defesa própria, de seu Guardião ou de outra irmã. Os Três Juramentos são prestados com o Bastão Juratório, que torna seu cumprimento compulsório.

**Trollocs:** Criaturas da Escuridão, criadas durante a Guerra da Sombra. De estatura elevada e extremamente depravados, são uma mescla disforme de animais e seres humanos, e matam por prazer. Astutos, enganosos e traidores, só são confiáveis quando amedrontados. Comem todo o tipo de carne, inclusive humana e de sua própria espécie. Sendo de origem parcialmente humana, podem cruzar com fêmeas humanas, embora o fruto tenda a ser natimorto ou morrer em poucos meses. São divididos em bandos de caráter tribal, entre os quais os principais são os Ahf'frait, Al'ghol, Bhan'sheen, Dha'vol, Dhai'mon, Dhjin'nen, Ghar'ghael, Ghob'hlin, Gho'hlem, Ghraem'lan, Ko'bal y Kno'mon.

**Tuatha'an:** Povo nômade, também conhecido como ciganos e Povo Errante, que vive em carroças pintadas de cores vivas e segue uma ideologia pacifista chamada Filosofia das Folhas. Os utensílios consertados pelos Tuatha'an costumam ficar novos em folha, mas o Povo Errante foi banido de algumas aldeias devido aos rumores de que raptam crianças e tentam converter os jovens às suas crenças.